

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

VICTOR FERREIRA PINTO

**NARRAR A GRANDE GUERRA (1914-1918):
Alberto Rangel entre escritos íntimos, testemunho e história**

FRANCA

2022

VICTOR FERREIRA PINTO

**NARRAR A GRANDE GUERRA (1914-1918):
Alberto Rangel entre escritos íntimos, testemunho e história**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista – campus de Franca, para a obtenção do título de Mestre em História.

Financiamento: CAPES

Área de concentração: História e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karina Anhezini de Araujo.

FRANCA

2022

P659n	Pinto, Victor Ferreira Narrar a Grande Guerra (1914-1918) : Alberto Rangel entre escritos íntimos, testemunho e história / Victor Ferreira Pinto. -- Franca, 2022 167 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca Orientadora: Karina Anhezini de Araujo 1. Historiografia. 2. Alberto do Rego Rangel. 3. Primeira Guerra Mundial. 4. Testemunho. 5. Diário - cartas. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

VICTOR FERREIRA PINTO

NARRAR A GRANDE GUERRA (1914-1918):

Alberto Rangel entre escritos íntimos, testemunho e história

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista – campus de Franca, para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Karina Anhezini de Araujo.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Prof.^a Dr.^a Karina Anhezini de Araujo, UNESP/ Franca

1º Examinador (a): _____

Prof.^a Dr.^a Daiane Vaiz Machado, UNESP

2º Examinador (a): _____

Prof.^a Dr.^a Sílvia Adriana Barbosa Correia, Universidade do Porto

Franca, 30 de novembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Karina Anhezini, por toda orientação, pelas palavras de incentivo, pelo apoio, pela paciência, pela disposição e ajuda nas leituras, sugestões e correções e, especialmente, por todos os ensinamentos nesta trajetória, dos quais ajudaram profundamente no meu desenvolvimento como pessoa e pesquisador, e levarei isso sempre comigo.

Agradeço a todos do grupo de pesquisa por todo o suporte, debates e leituras que com toda certeza ajudaram muito a enfrentar todos os desafios desse processo e que contribuíram muito para este trabalho.

Agradeço às professoras Daiane Machado e Sílvia Correia pela atenção, leitura e apontamentos durante o Exame Geral de Qualificação, contribuições muito importantes para o seguimento da pesquisa.

Agradeço à professora Ana Carolina Viotti, quem eu conheci como chefe do CEDAPH e tenho o prazer de chamar de amiga após todos esses anos de conversas, desabafos do dia a dia e por todo o auxílio e orientações quando precisei. Da mesma forma, agradeço ao Rodolfo Cruz, que me acolheu no primeiro ano de graduação e desde então se fez presente para todo apoio nos momentos dos quais mais necessitei em todas as fases desse caminho. Dos amigos, tenho a agradecer a uma lista de todos que se fizeram presente nestes anos muitas vezes ajudando na feitura do trabalho ou simplesmente por sua amizade: Rafael Gonçalves, Janaina Cardoso, Waslan Araújo, Gabriel Gurian, Vitória Amorim, Pedro Augusto Barbosa, Guilherme Cazelatti, Raphael Dias e Rafael Metidieri.

Agradeço aos meus pais, Mercedes e Carlos, por todo o amor, por nunca deixarem de me apoiar, me incentivar e aconselhar em todas as decisões, a eles sempre serei grato pela vida de ensinamentos, valores e responsabilidades. À minha irmã, Carol, meu maior exemplo e minha maior inspiração como pessoa e profissional, obrigado por todo o carinho e amor, por me acompanhar sempre e compartilhar dos momentos mais felizes. Agradeço também a Ana Paula por toda a ajuda destes anos.

Agradeço especialmente à Gislane Gomes, quem me acompanhou durante toda essa trajetória vivendo os mesmos desafios e fases, e esteve ao meu lado em todos os momentos bons e ruins, obrigado pelas leituras, revisões e discussões, por toda dedicação destes anos, das quais palavras não são suficientes para agradecer por fazer parte da minha vida.

Agradeço à UNESP Franca e aos seus funcionários por todo o suporte necessário para a realização deste trabalho, em particular, à Máisa de Araújo pelo auxílio necessário da Seção de Pós-Graduação da UNESP.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo período de bolsa concedida.

PINTO, Victor Ferreira. **Narrar a Grande Guerra (1914-1918): Alberto Rangel entre escritos íntimos, testemunho e história.** 2022. 167 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2022.

RESUMO

O século XX foi profundamente marcado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Compreendendo sua importância e suas consequências, muitos indivíduos se lançaram à escrita com intuito de registrar os acontecimentos da Grande Guerra e, a partir da produção resultante, muito se discutiu no campo historiográfico a respeito dos combates e dos testemunhos daqueles que foram impactados direta ou indiretamente por seus efeitos. Deste modo, o presente trabalho tem como objetivo investigar a percepção de Alberto do Rego Rangel (1871–1945) sobre a Grande Guerra que testemunhou enquanto viveu na França. Intelectual brasileiro vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e ao Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, experienciou diretamente o conflito, deixando por escrito suas reflexões e comentários acerca dos eventos, das situações que presenciou e daquilo que vivenciou. Tomando como base seu diário, suas correspondências e suas memórias, procuraremos analisar seu testemunho a fim de compreender como narrou e comentou a guerra. Considerando o caráter íntimo e pessoal identificado nos textos buscaremos examinar suas características específicas, bem como o papel do testemunho e sua relação com a escrita da história.

Palavras-chave: Alberto Rangel; Historiografia; Primeira Guerra Mundial; testemunho; diário; cartas;

PINTO, Victor Ferreira. **Narrate the Great War (1914-1918): Alberto Rangel between intimate writings, testimony and history.** 2022. 167 f. Dissertation (Master in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2022.

ABSTRACT

The 20th century was deeply marked by the First World War (1914-1918). Understanding its importance and its consequences, many individuals decide to write in order to register the events of the Great War and, from the resulting production, much has been discussed in the historiographical field about the combats and the testimonies of those who were directly or indirectly impacted by their effects. Thus, the present work aims to investigate Alberto do Rego Rangel's (1871–1945) perception of the Great War he witnessed while he lived in France. A Brazilian intellectual linked to the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro and the Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, he directly experienced the conflict, writing his reflections and comments on the events, the situations he witnessed and what he experienced. Based on his diary, correspondences and memories, his testimony will be analyzed in order to understand how he narrated and commented on the war. Considering the intimate and personal nature of the texts he has written, we will seek to examine its specific characteristics, as well as the role of testimony and its relationship with the writing of history.

Keywords: Alberto Rangel; Historiography; First World War; testimony; diary; letters;

PINTO, Victor Ferreira. **Narra la Grande Guerre (1914-1918): Alberto Rangel entre les écrits intimes, le témoignage et l'histoire.** 2022. 167 f. Mémoire (Master en Histoire) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2022.

RÉSUMÉ

Le XXe siècle est profondément marqué par la Première Guerre mondiale (1914-1918). Comprenant son importance et ses conséquences, de nombreux auteurs ont écrit pour enregistrer les événements de la Grande Guerre et, à partir de la production que en a résulté, de nombreux personnes a été discuté dans le champ historiographique à propos des combats et des témoignages de ceux qui ont été directement ou indirectement touchés par sa effets. Ainsi, le présent travail vise à enquêter sur la perception d'Alberto do Rego Rangel (1871-1945) de la Grande Guerre dont il a été témoin alors qu'il vivait en France. Intellectuel brésilien lié à l'Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro et à l'Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, il a expérimenté directement le conflit, laissant par écrit ses réflexions et commentaires sur les événements et les situations dont il a été témoin et vécu. Dès de son journal, de sa correspondance et de ses souvenirs, nous tenterons d'analyser son témoignage afin de comprendre comment il a raconté et commenté la guerre. Considérant le caractère intime et personnel identifié dans les textes, nous chercherons à interroger leurs spécificités, ainsi que le rôle du témoignage et sa relation avec l'écriture de l'histoire.

Mots clés: Alberto Rangel ; Historiographie; Première Guerre mondiale; témoignage; journal; cartes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - ENTRE DIÁRIO E CORRESPONDÊNCIAS: NARRAR O COTIDIANO E A GUERRA PELA ESCRITA ÍNTIMA	21
1.1 - O relato íntimo em perspectiva: Rangel no diário e nas correspondências.....	26
1.2 - Alberto Rangel: de literato a historiador a trajetória de um intelectual brasileiro	43
1.3 - O campo de batalhas do “soldado” Rangel	58
CAPÍTULO 2 - AS EXPERIÊNCIAS DIANTE DA CATÁSTROFE.....	65
2.1 - Estrangeiros que observam	68
2.2 - Rangel: uma testemunha da retaguarda.....	74
2.3 - “Dias históricos e sangrentos”: a guerra de Rangel	89
2.3.1 – Os riscos da modernidade	94
2.3.2 - Ataques ao inimigo invasor.....	98
2.3.3 - A tensão <i>campo</i> e <i>guerra</i> das <i>Quinzenas</i>	104
CAPÍTULO 3 - FRONTEIRAS DO TESTEMUNHO NA GRANDE GUERRA	109
3.1 - Representações do testemunho na Grande Guerra.....	112
3.2 - Ver, ouvir, poetizar e razoar: testemunhar por Alberto Rangel	121
3.3 – Experiências na literatura brasileira: a guerra do amigo Euclides da Cunha	132
3.4 - À confusão da verdade: literato, historiador ou testemunha?	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
FONTES	149
BIBLIOGRAFIA	160

INTRODUÇÃO

Isto passou-se com o oitavo anjo do Apocalipse. Tomou o turíbulo, encheu-o de fogo e despejou-o sobre a terra. O resultado foi o mundo encher-se de vozes, de trovões e raios, tremendo todo o planeta. Coube-nos assistir ao início desses horrores, entreabrir-se a página apocalíptica em que o homem, esmagado pelos males que suscitou, abre os olhos e como não quer crer no que vê.¹

A humanidade, alucinada e confrangida, terá, na expressão do seu asco e vingança, o ar daquela rainha oriental, majestosa e desfeita no infinito da sua dôr materna, sedenta de justiça e á procura de um castigo... O turíbulo, entornado pelo anjo do Apocalipse, ateou o incêndio; mas outros anjos hão de anunciar-lhe a extinção, com o estrangulamento da Besta surgida em Babilônia. A' espera dessa hora, é que nos prosternamos todos, dizendo o que vimos, revelando o que ouvimos, proclamando o que sentimos.²

As linhas acima foram retiradas do texto intitulado *O anjo e o turíbulo* escrito em 1943 por Alberto do Rego Rangel (1871-1945), publicado *post mortem* no ano de 1946.³ O primeiro excerto abre o texto enquanto o segundo o encerra, porém, ambos destacam uma relação fundamental para seu autor, isto é, o evento catastrófico da guerra e a escrita de sua história durante o acontecimento. Sua conclusão se traduz em um conselho às pessoas que sofrem com as tragédias: é fundamental o seu registro, dizer o que viu, revelar o que ouviu e proclamar o que sentiu.

O tom dado pelo autor ao referenciar a passagem bíblica do oitavo capítulo do livro do Apocalipse confrontando com os horrores da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ou seja, realizando uma correlação entre a imagem bíblica do fim dos tempos para a imagem vivida dos humanos que presenciam os horrores criados por eles mesmos determina apenas um dos estilos ou uma das maneiras de testemunhar que marcaram a primeira metade do século XX. No momento de escrita do artigo em questão, o testemunho se concretiza como um gênero literário, pondo-se em lugar de destaque nos principais debates do campo intelectual – histórico ou literário –, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, especialmente pelos eventos do Holocausto.⁴ Contudo, foi a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ou como conhecida

¹ RANGEL, Alberto. O anjo e o turíbulo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1946.

² RANGEL, Alberto. O anjo e o turíbulo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 07 de abril de 1946.

³ O artigo foi preparado com propósito de ser lido em uma conferência sobre a Segunda Guerra Mundial na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa no Rio de Janeiro, mas por não se concretizar, fora publicado em jornal sendo dividido em duas datas. RANGEL, Alberto. O anjo e o turíbulo. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 31 de março e 07 de abril de 1946.

⁴ O enaltecimento ao papel do testemunho foi realizado especialmente após a década de 1970 em razão da urgência de se combater os discursos que contradiziam os eventos históricos. HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 204.

popularmente em seu tempo, a Grande Guerra, que introduziu uma configuração ao gênero em vista da catástrofe apresentada ao mundo.

À maneira de outros intelectuais brasileiros ou estrangeiros, de indivíduos não-letrados, civis ou combatentes,⁵ ou qualquer um que tivesse o intuito de testemunhar, Alberto Rangel buscou registrar a sua perspectiva das guerras que experienciou: “Vivemos no Paris de duas guerras”⁶. Essa afirmação indica a posição em que esteve durante as duas tragédias mundiais; da capital francesa fez questão de narrar por meio de tipos de textos distintos a sua versão da história, ao menos aquilo que observou de perto. Nesta intenção de registrar veio a sua resolução traduzida em conselho aos outros por testemunhar ressaltando os sentidos, o que se vê, escuta e sente perante o acontecimento histórico. Teria, então, a voz da experiência, de alguém que já vivera não apenas uma calamidade, mas duas. Destas palavras redigidas em 1943 é de suma importância o significado e a representação entoados pelo autor para retratar a Segunda Guerra Mundial através de descritivas e terríveis imagens diante de um cenário catastrófico, pois os mesmos esforços característicos foram empregados três décadas antes, quando viveu diretamente os impactos da Primeira Guerra Mundial, e desta, pôs-se a escrever revelando o que viu, ouviu, sentiu e pensou desde o primeiro dia à sua conclusão. É sobre esta primeira experiência que discorreremos no presente trabalho.

Alberto do Rego Rangel nasceu em Recife em 29 de maio de 1871, fruto da relação entre Joaquim José do Rego Rangel e de D. Leocádia Rosa de Castro Araújo, e bisneto pelo lado materno do marechal Francisco de Arruda Câmara.⁷ Mudou-se com a família para São Paulo aos cinco anos de idade onde iniciou sua educação tendo aulas com o botânico sueco Alberto Loefgren (1854-1918).⁸ Anos mais tarde, o apelo às raízes o levou a ingressar na carreira de armas na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro em 1889 optando pela formação de engenheiro. Ali conheceu o também aluno e futuro grande amigo Euclides da

⁵ Entre os diversos casos, Sílvia Correia analisa a relação dos soldados portugueses, muitos não letrados, e a escrita de correspondências em meio ao cenário das trincheiras, revelando a perspectiva íntima da experiência destes combatentes na Primeira Guerra Mundial. CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Escrita de guerra como metáfora rememorativa da vida: uma análise das cartas dos soldados portugueses na Primeira Guerra Mundial. In: CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MARCELINO, Douglas Attila (orgs.). *Lugares e práticas historiográficas: escritas, museus, imagens e comemorações*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 207-222.

⁶ De acordo com Fabiana Tonin, autora responsável pela transcrição do documento, foi respeitado a forma original “no Paris”, da qual reproduzimos. RANGEL, Alberto. *Águas Reversas (1871-1900)*, vol. 1. In: TONIN, Fabiana. *Águas Reversas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 18.

⁷ VIANNA, Hélio. Centenário de Alberto Rangel. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 294, 1971, p. 237; RANGEL, op. cit., p. 45.

⁸ VIANNA, op. cit., p. 237.

Cunha (1866-1909).⁹ Enfrentou obstáculos – participou da *Revolta da Armada* onde foi ferido em combate, e foi temporariamente desligado em 1895 por razões questionáveis, de acordo com Hélio Vianna, da Escola Militar – que prolongaram o tempo de ensino formando-se apenas em 1899 como engenheiro militar e bacharel em Matemáticas e Ciências Físicas.

No ano seguinte demitiu-se do Exército em decorrência de sua insatisfação com a instituição provinda de anos anteriores que o levara, inclusive, aos seus primeiros passos nas letras com trabalhos de novelas e crônicas militares a partir de 1896 e, mais relevante, em ato de crítica à cúpula do exército com a publicação do panfleto *Fora de Forma*, em 1900. A ruptura com o militarismo da época marcou igualmente uma mudança de ideais políticos. Ao ingressar na Escola da Praia Vermelha, Rangel era partidário da ideologia republicana, simpatia reforçada nesse ambiente, mas após desilusões experienciadas ali rompeu bruscamente com seus princípios, sendo reconhecido mais tarde como um dos principais defensores da monarquia no Brasil tendo contatos próximos com figuras da família imperial.

Em 1901, Rangel já se encontrava ao norte do país, transferindo-se para a Amazônia a fim de exercer a profissão de engenheiro trabalhando na medição e demarcação de terras do tenente José Lucas Barbosa.¹⁰ Foi redator-chefe do jornal *Comércio do Amazonas* em Manaus onde também assumiu o cargo de diretor-geral da Repartição de Terras, Minas, Navegação e Colonização, de 1901 a 1904, para depois, a convite do governador Antônio Constantino Nery (1859-1926) se tornar secretário-geral do governo do estado do Amazonas, entre 1904 e 1905, tendo ali exercido importante missão na Europa. Sua experiência na terra amazônica rendeu-lhe a inspiração para a escrita de sua obra mais notória, a reunião de contos literários da região intitulado *Inferno Verde*¹¹, publicado em 1908 contando com o prefácio escrito pelo amigo Euclides da Cunha.

A obra lhe rendeu reconhecimento literário que proporcionou seu ingresso como sócio efetivo no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a eleição como sócio correspondente no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ambos em 1912. Enquanto esteve no Rio de Janeiro, manteve contato direto especialmente com o instituto da capital nacional, participando de eventos e, ao mesmo tempo, realizando palestras. Durante esses anos publicou ainda a obra *Sombras n'água: vida e paisagens no Brasil equatorial*¹² (1913).

⁹ Ibidem, p. 237.

¹⁰ DUTRA, Firmo. O Mito do Inferno Verde. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1966.

¹¹ RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Tours: Arrault & Cia, 1927.

¹² RANGEL, Alberto. *Sombras n'água: vida e paisagens no Brasil equatorial*. Leipzig: Imprensa de F. A. Brockhaus, 1913.

Em 1914 veio a grande mudança de ares ao emigrar para o Velho Continente nos primeiros meses do ano. A viagem realizou-se, sobretudo, para concluir as pesquisas iniciadas no Brasil a respeito do que viria a ser a sua primeira obra histórica contemplando a narrativa do romance da Marquesa de Santos e de D. Pedro I, algo que seria concluído e publicado em 1916, com o reconhecimento da crítica e intitulado *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*.

No entanto, meses após a sua chegada na França foi obrigado a enfrentar o início de um conflito que o fez interromper as pesquisas históricas e buscar refúgio em Cuissy, região interiorana ao sul de Paris, para de lá assistir o primeiro semestre da Primeira Guerra Mundial. Neste momento, aproveitou a fuga e a interrupção do trabalho para iniciar um novo texto, de caráter pessoal, narrando o dia a dia na região por meio de um diário, descrevendo o cotidiano de uma guerra em meio ao campo, comentando sobre as batalhas e os movimentos do conflito o qual seguia à distância. O resultado foi a obra *Quinzenas de campo e guerra*¹³, um registro íntimo e testemunhal, no qual registrou o que viu, ouviu, sentiu, pensou e vivenciou de agosto a dezembro de 1914.

Escrevendo entre “campônios astutos e ferretas, beterrabas, porcos e palhaes”¹⁴ e compreendendo o valor dos dias “históricos e sangrentos”¹⁵ de 1914, dedicou-se a uma narrativa dividida entre quinzenas do dia 1º de agosto ao dia 31 de dezembro, última data em que se manteve em Cuissy retornando para a sua moradia em Paris.

A estada na capital francesa durou até 1942 quando fora obrigado a fugir da ocupação alemã. Nos quase 30 anos de residência no Velho Continente continuou seu trabalho de pesquisador e historiador publicando obras de conteúdo histórico, especialmente, voltadas para o estudo da história do Brasil e da família imperial, bem como elaborou pesquisas a fim de coletar documentos em Arquivos europeus. Exerceu a partir de 1923 a função de auxiliar do Consulado em Paris, que durou até 1939 após se aposentar. Das obras publicadas e originadas nestes 28 anos, explorou múltiplos gêneros em suas edições, entre elas romances históricos, ensaios e contos, resultados de pesquisas, como por exemplo, a biografia de Gastão de Orleans, e vários outros textos escritos que foram publicados após seu falecimento em dezembro de 1945, como as suas memórias *Águas Revessas*.

¹³ RANGEL, Alberto. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire, França*. Tours: E. Arrault et Cie, 1915.

¹⁴ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnoille Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁵ RANGEL, Alberto. “Na anteporta”. In: _____. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire, França*. Tours: E. Arrault et Cie, 1915, p. VI.

Os últimos anos de sua vida foram marcados por tragédias familiares como a perda de dois filhos: Flávio em 1938 e Alberto, por doença, após a volta ao Brasil. As palavras de Alberto do Rego Rangel em suas memórias deixam-nos um esboço do que foi sua vida, especialmente dos eventos que testemunhou: da abolição da escravidão no Brasil às tragédias de duas guerras mundiais.¹⁶

Nas palavras de Fabiana Tonin, pesquisadora responsável pelo estudo e publicação de parte das memórias do autor, Rangel foi um “ilustre desconhecido”¹⁷. De seu trabalho intelectual o autor pernambucano foi pouco lembrado e quando o foi, fora tratado como um discípulo de Euclides da Cunha. Alberto Rangel foi estudado, sobretudo, pela ótica literária, em particular pelo livro ficcional *Inferno Verde*. A repercussão da obra deve-se igualmente ao amigo dos tempos da Escola Militar da Praia Vermelha e escritor do prefácio. Essa relação foi objeto de estudos para muitos autores da literatura amazônica buscando compreender o diálogo entre os dois e a participação do autor fluminense nos trabalhos literários de Rangel. As semelhanças de estilo narrativo em *Os Sertões* e no conto amazônico tornaram-se principal razão de debate questionando então uma influência de Euclides da Cunha ou um estilo específico de Rangel.

Ainda que não seja nosso objetivo tratar da obra *Inferno Verde*, não podemos ignorá-la e por isso ressaltamos a análise realizada por Rafael Voigt Leandro acerca do projeto literário amazônico de Alberto Rangel que credita ao livro uma preocupação de realizar uma história da região.¹⁸ Ao estabelecer que os projetos literários amazônicos dos dois amigos podem ser tratados de maneira conjunta ainda que independentemente de imagens contrárias do espaço, Leandro observa que Cunha parte de uma perspectiva científica em seus estudos enquanto Rangel toma para si o cuidado do viés artístico, demonstrando a atenção com a história da Amazônia realizada pelo segundo, apontando então uma tendência histórica nesta obra literária.

Considerado “uma das forças da nossa literatura regional”, em vista da sua visão “superiormente artística do Amazonas”¹⁹, o reconhecido literato decidiu arriscar-se no âmbito da História com a publicação de *D. Pedro e a Marquesa de Santos*. A repercussão, no entanto, foi cercada de polêmicas e críticas. De positivas, por um lado, vieram comentários como o de

¹⁶ RANGEL, *Águas Revessas*, vol. 1, op. cit., p. 20.

¹⁷ TONIN, Fabiana. *Águas Revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p. 8.

¹⁸ LEANDRO, Rafael Voigt. *Alberto Rangel e seu projeto literário para a Amazônia*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

¹⁹ GRIECO, Agrippino. Alberto Rangel. In: _____. *Gente nova do Brasil – veteranos e alguns mortos*. São Paulo: José Olympio, 1948, p. 398.

Capistrano de Abreu exaltando os “alicerces tão profundos e seguros”²⁰ realizado pelo recém historiador pernambucano através de documentação forte e profunda. Por outro lado, vieram também críticas negativas, uma em especial feita por Oliveira Lima, menos pelo estilo utilizado ou por outras características de âmbito narrativo e mais pelos esforços de trazer para a cena da historiografia brasileira a imagem de Domitila de Castro Canto e Melo.²¹

Por meio da troca epistolar entre Alberto Rangel e Afonso d’Escragnolle Taunay (1876-1958), Karina Anhezini examina a história da formulação da pesquisa que resultou em uma narrativa de caráter biográfico iniciada por Rangel em 1913 e concluída em 1916.²² Compreendendo a composição da obra histórica, investiga os fatores e os processos que englobam o trabalho historiográfico do início do século XX, como o tempo e o esforço da busca documental, a formação do arquivo, a realização da narrativa, a inclusão de documentos pessoais, os elementos que giram em torno deste tratamento em relação a uma figura polêmica na história e historiografia brasileiras, e, mais do que isso, o significado de escrever um trabalho voltado à figura de uma mulher naquele contexto, compreendendo, sobretudo, as disputas e os debates daquilo que era buscado para o fazer história.²³

A inversão de papéis entre os amigos, no caso Taunay se aproximando do papel de auxiliar de pesquisa enquanto Rangel exercia a função de historiador, demonstra ainda as dificuldades que o pesquisador pernambucano enfrentava nos primeiros meses da nova estadia europeia quando foi obrigado a interromper temporariamente o trabalho e refugiar-se em Cuissy. Observando a recepção da obra e examinando as suas críticas, especialmente a de Capistrano de Abreu, compreende-se a maneira que Alberto Rangel buscou combater uma memória alterada pelo esquecimento, utilizando-se de uma forma de escrever uma história que privilegiava os documentos como uma forte base e como uma prova histórica, com objetivo de retratar a verdade.

A publicação de outra obra de cunho histórico, em 1919, com o *Quando o Brasil Amanhecia*, levantou mais uma vez o debate a respeito de seu talento como literato e historiador. Em comparação com a obra de história e sua principal obra de ficção, Alceu Amoroso Lima observou justamente as diferenças resultantes em cada uma ressaltando em sua

²⁰ ABREU, Capistrano. Um livro sobre a Marquesa de Santos. *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*. 2ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976, p. 98.

²¹ VIANNA, op. cit, p. 241.

²² ANHEZINI, Karina. Desnudar a historiografia na Primeira República: Alberto Rangel e Afonso Taunay na construção da Marquesa de Santos. In: BENTIVOGLIO, Júlio; NASCIMENTO, Bruno César (Org.). *Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. 1 ed. Vitória: Editora Milfontes, 2017, p. 189-205.

²³ Ibidem, p. 190.

crítica a capacidade e o talento observado em *Inferno Verde* onde é “por vezes incomparável e sempre admirável a riqueza, a variedade, a vivacidade e o destempero de um estilo colorido e impetuoso, incorreto e inovador”²⁴. No entanto, os esforços como historiador lhe renderam uma crítica contrária:

Na obra de história, em que a exposição dos fatos, o julgamento das ações e a própria descrição do meio, exigem ordem e clareza na expressão, sacrifica, em grande parte, o estilo incorreto, confuso e sobretudo de péssimo gosto do Sr. Alberto Rangel, o esforço do historiador. [...] E a expressão de idéias que não seja simples e cristalina traduz geralmente, no pensador que as exprime, pobreza e anarquia de espírito.²⁵

Apesar desta dura crítica, Rangel também recebeu novos elogios relativos ao trabalho de pesquisa nos arquivos europeus e ao apego a uma documentação sólida. Destacam-se as palavras do crítico literário Agrippino Grieco sobre a publicação *Textos e pretextos*²⁶ (1926), produto de sua ida ao Castelo d’Eu: “a sua erudição no caso é simplesmente aterradora. Nada lhe escapou à curiosidade tentacular. Viu todas as cartas, todos os processos forenses, todos os documentos genealógicos, cardápios, brasões, testamentos, crônicas públicas ou secretas”²⁷.

Esse enfoque voltado aos críticos literários e seus comentários auxiliam justamente a reforçar o clichê mencionado por Fabiana Tonin, demonstrando ainda uma certa preferência dos estudos em focalizar um Rangel literato, principalmente pela obra *Inferno Verde*. A fim de valorizar a figura de Alberto Rangel, Tonin apresenta em sua dissertação as memórias, até então não publicadas, *Águas Revessas*. A autora enxerga no relato redigido no fim da vida um texto que propõe realizar ao mesmo tempo um tipo de construção histórica, tanto pela voz da testemunha que retrata seu passado quanto o de documentar.²⁸ Ela observa então a importância que o historiador deu às guerras que viveu em suas memórias. Embora foque no registro até o início de sua fase adulta – ou seja, não abrange o período de sua estadia na Europa –, os conflitos mundiais surgem no relato por um narrador que faz as escolhas do que quer recordar.²⁹ Além da experiência da fuga de 1942 vale lembrar a sua primeira vivência frente a conflagração:

Embora não tenhamos aqui embasamento suficiente para confirmar se se trata de trauma, não há dúvidas que fora uma experiência angustiante: bater em retirada de Paris e isolar-se em Maine, onde escreverá suas *Quinzenas de*

²⁴ LIMA, Alceu Amoroso. No limiar do Brasil. In: _____. *Primeiros Estudos: contribuição à história do modernismo literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1948, p. 235.

²⁵ Ibidem, p. 235.

²⁶ RANGEL, Alberto. *Textos e pretextos: incidentes da chronica brasileira à luz de documentos conservados na Europa*. Tours: Typographia de Arrault e Comp, 1926.

²⁷ GRIECO, Agrippino. História e biografia. In: _____. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933, p. 185.

²⁸ TONIN, op. cit., p. 18.

²⁹ Ibidem, p. 55.

Campo e Guerra, diário das percepções e vivências de um país em meio à guerra.³⁰

Voltando mais uma vez ao âmbito da crítica literária da época, o diário de 1914 e o já reconhecido literato foram objetos de considerações nas quais se destacaram seu estilo “nervoso e pulso forte”, descrevendo a obra como uma forma de crônica e de comentários dos principais acontecimentos da Grande Guerra realizado com as “qualidades mais apreciáveis de um verdadeiro homem de letras”³¹.

Estudo solitário a respeito da obra *Quinzenas de campo e guerra* e com a premissa de discutir a respeito de intelectuais que trataram sobre a “violência no processo civilizatório”³², Francisco Foot Hardman buscou analisar o texto inserindo Rangel como principal objeto de seu estudo no artigo *Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização*, mencionando igualmente o texto *O anjo e o turíbulo*.

O autor examina os principais aspectos narrativos desse “livro de narrativas sob forma de diário”³³. Para Hardman, o momento no qual o livro é produzido reflete a percepção de Rangel em situar-se num período de ruptura de gerações com direção à modernidade. Dessa forma, aponta a maneira que ele nos traz a sua perspectiva de um relato acerca da guerra:

A consciência de sua fatura pelo narrador, a manifestação precisa da especificidade do lugar de que fala, desde o preâmbulo, anuncia um texto moderno, que entremeia acintosamente os gêneros, entre crônica, memória, ensaio político, diário e, afinal, romance, no sentido de uma mescla de vozes e pontos de vista intencionalmente arquitetada, nascida dessa tensão entre “campo” e “guerra” que, se por um lado, revela-se historicamente sem saída, insolúvel, mostra-se, por outro lado, literariamente fértil, porque fornecendo à trama ficcional que se propaga nessas contaminações discursivas o elo trágico e o andamento dramático que dão ligadura a toda a narrativa.³⁴

Em sua compreensão, as qualidades de monarquista e conservador nos âmbitos políticos, sociais e literários justificam a posição de Rangel na crítica que faz em relação a essa nova era, a modernidade. Em *Quinzenas de campo e guerra* defende a necessidade de tempos de paz denunciando as atrocidades do homem e da guerra. Para Rangel, os novos aspectos implementados pela Grande Guerra, como os meios tecnológicos, legitimam o papel da modernidade como culpada pela dimensão dos conflitos. Hardman resume a obra da seguinte

³⁰ Ibidem, p. 55.

³¹ DUQUE-ESTRADA, Osório. Registro Literário: Quinzenas de campo e guerra de Alberto Rangel. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1915.

³² HARDMAN, Francisco Foot. Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização, In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998, p. 185-186.

³³ Ibidem, p. 188.

³⁴ Ibidem, p. 189.

forma: “uma viagem pela consciência do horror da guerra, pelo absurdo jogo diabólico, historicamente real, que a lógica perversa da modernidade desencadeou. Sua crítica, aí, é radical, não tem lado, personagem ou argumento a salvar.”³⁵

A publicação realizada em 1915 foi acompanhada de uma narrativa paralela de caráter íntimo e particular restrita somente aos amigos presentes na terra natal. As correspondências demonstraram-se como um suporte onde a guerra e suas preocupações continuavam a ter espaço nos seus escritos, seja em Paris, moradia sua e da família, ou nas viagens a diversas regiões, pelos anos que o conflito se estendeu, e, além disso, pelo tempo que os efeitos da Grande Guerra perduraram na sociedade.³⁶ Assim como o diário, as correspondências tratam de uma narrativa que pertence a perspectiva singular que engloba a visão pessoal, o âmbito íntimo, um espaço restrito aos amigos e aberto a conversas, assuntos e tratamentos distintos do público, fazendo parte do conjunto documental de arquivos pessoais denominado de *escrita de si*.

Com intuito de buscar compreender a perspectiva de Alberto Rangel em relação a Grande Guerra, além do diário dedicado exclusivamente ao evento iniciado em 1914, o levantamento inicial das correspondências presentes em seu acervo no Arquivo Nacional abrangeu em torno de 1200 páginas de documentos sendo selecionadas apenas as cartas que tratassem da guerra de alguma maneira, resultando em 153 correspondências do arquivo no Rio de Janeiro e mais 4 epístolas retiradas do Arquivo Permanente do Museu Paulista (presentes no Museu Paulista), totalizando 157 documentos que compõem o corpus documental da dissertação.

A análise dos documentos indicou ainda um novo enquadramento para o recorte temporal da pesquisa. Em razão do caráter de imprevisibilidade de suportes como esse, na qual a conversação pode assumir rumos incertos em vista dos temas e assuntos que surgem entre duas pessoas, foram selecionadas cartas que ultrapassam o mês e o ano de novembro de 1918 – data que marca oficialmente o fim da guerra com a assinatura do armistício –, por tratarem do evento ou por mencionarem os efeitos que a Primeira Guerra Mundial continuou infligindo na sociedade francesa e mundial mesmo após o seu encerramento.

A investigação sobre a rede de sociabilidade de Alberto Rangel levou ainda ao mapeamento de seus correspondentes sendo selecionadas cartas enviadas a ele por Luís Gastão

³⁵ Ibidem, p. 195.

³⁶ É possível mensurar a Primeira Guerra Mundial por via de uma unidade temporal que compreende sua continuidade nos anos 1920 e até a Segunda Guerra Mundial, em razão de seus efeitos, ainda que tenha sido encerrada oficialmente em novembro de 1918. BECKER, Annette. A Primeira Guerra Mundial, um laboratório para o século. In: CORREIA, Sílvia; MORELI, Alexandre (org.). *Tempos e espaços de violência: a Primeira Guerra Mundial, a desconstrução dos limites e o início de uma nova era*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 243.

Escragnolle Dória (1869-1948) e Washington Luís (1869-1957), mas, principalmente de correspondências formuladas pelo historiador pernambucano e enviada aos intelectuais: Afonso d'Escragnolle Taunay, Martim Francisco Ribeiro de Andrada (1853-1927), Capistrano de Abreu (1853-1927), José Félix Pacheco (1879-1935), Gastão Cruis (1888-1959), Antônio Pacheco Leão (1872-1931), José Leopoldo Bulhões Jardim (1856-1928), Tobias do Rego Monteiro (1866-1952), Severiano de Rezende (1847-1920), Francisco Venâncio Filho (1894-1946), Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) e João Lúcio de Azevedo (1855-1933).

Desta forma, pretendeu-se compreender, a partir deste primeiro passo da pesquisa, a relação da narrativa testemunhal de Alberto Rangel sobre a Grande Guerra, tendo como objetivo analisar os elementos que englobam as discussões possíveis dos seus registros sobre a conflagração. Para o exame da perspectiva pessoal de Rangel acerca do evento procuramos investigar o que os elementos e a *escrita de si* podem nos revelar acerca de suas escolhas. A análise sobre a construção do testemunho do historiador nos apontou a necessidade primária de examinar a própria experiência de Rangel e o modo que as trouxe para o discurso íntimo e, por consequência, de investigar a fundo as discussões a respeito do papel do testemunho e a relação com o fazer história do início do século XX.

Assim, o primeiro capítulo intitulado *Entre diário e correspondências: narrar o cotidiano e a guerra pela escrita íntima* tem o intuito de compreender os elementos que constituem a escrita de si no testemunho de Rangel. Foram observados nas correspondências e no diário os esforços do autor em construir uma narrativa de si vinculada ao evento mundial. A experiência foi posta em palavras de foro íntimo e pessoal, algumas abertas ao público – pelo diário – e outras mantiveram-se restritas aos amigos correspondentes. Isso proporcionou uma análise cujo foco foi direcionado ao *como* Rangel testemunhou, abarcando, sobretudo, a singular escolha dos suportes utilizados, as semelhanças e as diferenças que ambos proporcionam, a posição de Rangel como epistológrafo e/ou diarista e os assuntos que selecionou e com quem tratou do tema. A investigação de sua perspectiva sobre a Grande Guerra compreendeu também os fatores biográficos e bibliográficos do autor especificamente no momento em que compôs as *Quinzenas* e as missivas, frente ao contexto da guerra, buscando entender quem foi o autor até o ano de 1914 e como esses fatores podem refletir nos elementos da narrativa. Além disso, fora analisado o processo de construção da obra descrito nas correspondências: as sugestões de títulos, os intuitos do registro, a projeção do recorte temporal, as suas avaliações da feitura e do resultado, e as expectativas de recepção.

A partir desta óptica inicial, o segundo capítulo segue o objetivo de compreender a perspectiva de Rangel sobre a guerra, desta vez, apresentando e investigando as suas

experiências principais frente aos efeitos que a Grande Guerra impôs ao seu cotidiano. Com intuito de pôr a testemunha civil no cerne da questão buscamos expor suas vivências questionando quais foram os impactos sofridos por ele e como os enfrentou, quais assuntos foram mais relevantes a ponto de serem registrados em seus textos e como trabalhou em palavras suas impressões cotidianas. Ou seja, investigar alguns dos principais obstáculos de sua trajetória nesse período. A obra *Quinzenas de campo e guerra* ganha um espaço destacado em vista de seu caráter de publicação, e, conseqüentemente, pelas suas formulações, escolhas literárias e ferramentas linguísticas apresentadas pelo historiador indicando uma resposta para a questão guia: “que guerra foi essa vivenciada por Alberto Rangel?”.

Os apontamentos relativos à testemunha estrangeira civil e suas principais vivências diante da catástrofe nos levam a importante indagação no terceiro capítulo sobre as fronteiras entre o testemunho/testemunha e a história/historiador. Se tomou para si a condição de observador registrando sua versão dos fatos históricos e cotidianos, como ficou a perspectiva do historiador em formação, partindo, evidentemente, da distinção pressuposta entre as duas categorias? Contudo, antes disso, é preciso compreender a noção de testemunho para a época tendo em vista as mudanças conceituais que a mesma sofreu nas décadas posteriores, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial. Em tais aspectos, compõem essa linha de raciocínio a importância de saber quem poderia ou não depor naquele período, ou seja, qualificar a testemunha e o próprio gesto de testemunhar, valores associados a função dos sentidos, da visão e da audição, e propriamente do ato da escrita. Este exercício comparativo nos leva a categoria de Rangel como civil, o que significaria a desqualificação de seu testemunho, aceito apenas os dos soldados segundo uma concepção teórica. Isto, porém, não impede de tratá-lo como testemunha e nem desconsiderar seu relato, pois experienciou, se não as batalhas, os efeitos da Grande Guerra na retaguarda e de lá registrou a perspectiva pessoal do que foi a sua guerra. Vale ressaltar ainda que, embora o presente estudo volta-se às narrativas de guerra, o enfoque dado tem como prioridade menos o conflito e mais a narrativa. Para tanto, investigaremos casos relevantes no contexto historiográfico a fim de compreender melhor as possibilidades que serviram aos argumentos, aos recursos, a manifestação textual, tendo em vista as condições fundamentais para o fazer história de acordo com o historiador pernambucano.

O relato de Alberto Rangel produzido nos diários e nas correspondências, somados a outros documentos redigidos em sua vida como seus livros e memórias, denotam o olhar para a vida do intelectual brasileiro em conjunto com a sua experiência diante do evento histórico que marcou o início do século XX, uma investigação que compreende a perspectiva maior de como Rangel representou a sua realidade vivida perante a Primeira Guerra Mundial.

CAPÍTULO 1

ENTRE DIÁRIO E CORRESPONDÊNCIAS: NARRAR O COTIDIANO E A GUERRA PELA ESCRITA ÍNTIMA

Sábado, 20 de junho de 1942

Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.³⁷

Estou ajuntando minhas cartas, para fazer d'ellas os devidos extractos. Se V. as tiver reunidas (o que é uma presumpção ridicula) mande-m'as para o que intento.³⁸

Acima estão presentes dois excertos, extraídos de períodos diferentes, em espaços distintos, onde seus autores não possuem semelhanças identitárias e muito menos uma relação contextual, mas, apesar de tudo, abordam a mesma preocupação doravante de similar experiência pessoal: a escrita íntima. Das distinções temos que enquanto o primeiro trecho é datado de 1942 diretamente da Holanda e redigido por Anne Frank (1929-1945), jovem alemã de origem judaica e vítima do Holocausto, o segundo remonta ao ano de 1944, escrito no Brasil por Alberto do Rego Rangel, intelectual brasileiro e reconhecido autor ao tempo da redação. Ressalto, as distinções são contrastantes e enfáticas tanto na identidade dos autores quanto nas circunstâncias das narrativas e, evidentemente, passa longe de nosso objetivo formular qualquer comparação neste sentido. Contudo, embora as possibilidades sejam inúmeras, a preferência por abrir o presente capítulo com as notas do *O diário de Anne Frank* ao lado de Rangel não é à toa e possui a intenção de iniciarmos uma reflexão que remete muito mais ao que podemos chamar de detalhes perante todo o envolto aludido, dos quais buscamos reparar e dar valor ao suporte narrativo de ambos e a preocupação neles mencionada, isto é, lançamos mão das semelhanças proporcionadas pela escrita de si.

Mas, aliás, qual seria esta preocupação? Mais do que a estranheza de redigir um diário ou a vontade pessoal para fazê-lo para arquivar os pensamentos do presente, entra em cena o receio da leitura futura, seja o leitor o próprio autor ou uma outra pessoa alheia àquelas páginas, receio ilustrado por Anne Frank ao se perguntar sobre os motivos de iniciar a escrita de seu

³⁷ FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019, p. 18.

³⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Nova Friburgo, 5 de agosto de 1944. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

diário tendo em vista o possível desinteresse sobre os “pensamentos de uma garota de 13 anos”, ou de Rangel, aos 73 anos quando afirma na correspondência as razões de arquivar seus documentos pessoais, pois quem de seus correspondentes faria o esforço de guardar suas correspondências almejando o possível interesse no futuro.

Evidente que a questão suscitada não revela uma indagação inocente ou ingênua de ambos, embora saiba-se hoje a importância e o valor de publicações destes gêneros, ela é decorrente de um processo longo e muito anterior que ganha forma com a configuração do “foro íntimo”, ou melhor, a gradativa individualização do controle da vida e do tempo.³⁹ Somente com a efetivação do indivíduo moderno – tanto na acepção do cidadão moderno, obtentor de direitos civis e políticos a partir do século XVIII, quanto do homem “comum” que relaciona-se de outra maneira com o espaço íntimo, pessoal e particular – nas sociedades ocidentais e o modo que este passou a se relacionar com seus próprios documentos caracterizou o que pode-se chamar de *escrita de si*,⁴⁰ ou seja, a produção e/ou o arquivamento de documentos pessoais que revelam não somente a identidade de seus autores por uma narrativa de si, mas a forma que associam a sua realidade sem renunciar a própria perspectiva e posição perante ela.⁴¹ Documentos como diários e correspondências ainda que datem e sejam praticados há muito tempo, ganham um novo valor a partir do século XVIII, de acordo com Ângela de Castro Gomes, período em que os “indivíduos “comuns”, passaram a produzir, deliberadamente uma memória de si”⁴². Por fim, e com o intuito de responder a indagação de ambos os autores supracitados, a datação não marca somente a valorização documental, mas igualmente revela o interesse e dá importância àquele quem a redige ou arquiva, a partir da legitimidade do processo da narrativa de si do sujeito comum e não somente a do “grande” homem, reconhecido publicamente.⁴³

Na esteira deste processo, as correspondências destacaram-se no mercado de publicação de obras do gênero – principalmente aquelas de autores romancistas – difundindo um novo papel que esses documentos tomam a partir desse período.⁴⁴ O momento representou igualmente a reconfiguração da narrativa epistolar, quando o modelo de sua redação afasta-se

³⁹ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 259.

⁴⁰ GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 7-24.

⁴¹ *Ibidem*, p. 10-12.

⁴² *Ibidem*, p. 11.

⁴³ *Ibidem*, p. 12.

⁴⁴ Cf. GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004; DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2016.

do conceito oficial de etiquetas das quais possuíam até então e passam a ser redigidas sob o paradigma que não assumia mais fronteiras pré-estabelecidas de sua escrita ou formato, priorizando, assim, a liberdade e o uso da imaginação de seu autor. Normas similares – tal qual a forma livre, independência de linguagem e estilos permitidos – são transpostas para a feitura do *diário*, principalmente a partir do século XVIII ocasião em que, em conjunto das missivas, conquistam nova importância e utilidade para o sujeito, possibilitando aqui uma maneira de memorizar ou acompanhar um momento da vida.⁴⁵

Se é correto afirmar que houve inicialmente um elevado número de leitores atraídos por ler e se entreter tanto quanto se inspirar por esses textos íntimos dos outros, o *uso* desses documentos no campo da História não relatou apego semelhante. A narrativa de si fora mantida em segundo plano enquanto fonte de pesquisa limitando-se muitas vezes a finalidade de suporte para informações de um determinado contexto ou evento histórico, ao passo que em outras auxiliavam para o intento biográfico, como compreender trajetórias da vida de autores ou de suas obras. Para tanto, qualquer evidência escrita ou registro de caráter íntimo e particular logo seria destinada a tal propósito e designadas ao espaço composto por cartas, diários, relatos autobiográficos, memórias, cadernetas, imagens, bilhetes, em outros termos, seja qual fosse o *vestígio* de uma vida estaria qualificado ao conjunto de arquivos que constituem a *escrita de si*.

Foi somente durante as últimas décadas do século XX que os historiadores, motivados por novas questões e possibilidades no campo historiográfico, enxergaram a *escrita de si* por diferentes contornos.⁴⁶ Prova disso é o aumento dos números de estudos no Brasil tratando destes arquivos como *objeto* ou *fonte*, expandindo então o campo de pesquisa que privilegia as narrativas pessoais de um indivíduo ou comunidade. De maneira gradual, esse fluxo ocorreu principalmente voltando-se aos trabalhos relativos à figura do *intelectual* do século passado – tal como políticos, jornalistas, historiadores, professores, escritores –, possibilitado especialmente pela abertura de acervos e arquivos particulares e da disponibilização de documentos pessoais permitindo então aos pesquisadores contemplarem diretamente dentro de uma perspectiva tão particular a vida íntima e/ou profissional destas figuras.

As correspondências, memórias, diários e os relatos autobiográficos de personagens distintos da historiografia nacional bem como seus acervos pessoais são examinados com a pretensão de orientar os estudiosos a respeito do âmbito da produção historiográfica em uma determinada época. A partir da *escrita de si* pôde-se formular questões e buscar respostas que envolvam tanto a prática do historiador quanto a de seu campo, das quais multiplicam-se

⁴⁵ LEJEUNE, op. cit., p. 261.

⁴⁶ GOMES, op. cit.

exemplos de estudos que abordem a discussão de ideias e o diálogo profissional pelas cartas, a relação entre produção e conversação, o mapeamento da rede de sociabilidade, o fluxo de produção de obras, tais como as críticas internas de obras próprias ou de seus pares, as sugestões de títulos e alterações, revisões e observações, entre outros.

Por propiciar ao pesquisador a visão distinta e pessoal através do relato cotidiano (ou memorial, como aqueles escritos com intenção de resgatar lembranças, principalmente realizados ao fim da vida), a narrativa de si oferece igualmente a interpretação da experiência individual específica à época, ao evento/fato marcante ou ao lugar, a partir do olhar de quem narra. É, por exemplo, o que diz a historiadora Ângela de Castro Gomes ao questionar os estímulos a momentos históricos que podem levar a prática destes textos, dos quais: “sejam, diários, memórias ou cartas – que se voltam para o registro de fases específicas de uma vida, como viagens, estadas de estudo e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão, enfim, um período percebido como excepcional”⁴⁷.

Entretanto, dadas as possibilidades, como refletir então sobre as correspondências e o diário de um intelectual brasileiro presente na França e que descrevem a experiência dos dias históricos da Grande Guerra (1914-1918)? Em vista que o testemunho é feito pelo historiador e literato pernambucano Alberto Rangel, poucos meses após se instalar na capital francesa, é possível questionar como narrou sua experiência cotidiana? Quais assuntos lhe chamaram atenção em meio a toda conflagração? Qual modo se colocou e se posicionou perante o registro epistolar e diário frente a guerra? Quem, aliás, era Alberto Rangel neste momento enquanto profissional e se, a partir de sua trajetória, seria possível estabelecer vínculos que justifiquem elementos da narrativa? Quais imagens literárias criadas pelo autor? Com quem tratou do tema nas missivas? Por fim, tratando-se das escolhas do autor, isto é, optar pelas missivas e pelo diário como meio de registrar a guerra em sua vida, o que esses suportes podem nos indicar ou propiciar enquanto categoria?

Publicada em 1915, a obra *Quinzenas de campo e guerra (journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire)* respeita o caráter de narrativa pessoal sobretudo por estar de acordo com o que definimos acima, o diário retrata o *subjetivo*, ou seja, retrata a perspectiva do indivíduo, no caso Rangel, diante do mundo ao seu redor, revelando a intenção do autor em descrever aquilo que observa, ouve e argumenta sobre o conflito ao leitor desconhecido. Além do mais, respeita igualmente o elemento capital que define o diário e que o diferencia de outros textos:

⁴⁷ Ibidem, p. 18.

a administração do tempo por intermédio do *registro/entrada*⁴⁸ obedecendo obrigatoriamente a inclusão da data, neste caso, especificamente os cinco meses em que se dedicou, com início em agosto e seu fim em dezembro de 1914. Todavia, se o livro abarca somente o primeiro semestre da guerra, as correspondências preservadas do autor vão além e têm algo a mais a dizer. Para melhor compreender a experiência e o relato de Rangel sobre a guerra foram selecionadas as cartas que tratam de alguma forma o cotidiano e a Grande Guerra.⁴⁹ Discorremos então a partir dessas possibilidades,⁵⁰ visando o conjunto do relato íntimo – diário e correspondências – acerca da perspectiva do indivíduo sobre o evento traumatizante e histórico do início do século XX.

É preciso ainda dar atenção especial às problemáticas que o *corpus documental* propicia, particularmente aos traços específicos e similares pressupostos de cada suporte, ou melhor, diários e correspondências possuem *singularidades* e, antes de mais nada, é preciso levá-las em conta em nosso trabalho. Contudo, se os suportes possuem diferenças entre eles, é certo afirmar que dispõem igualmente de semelhanças. Para o presente estudo, ambos são tratados como fontes de questões originando debates que servirão de auxílio para a presente proposta. Tendo isso em vista, nota-se aquilo que Geneviève Haroche-Bouzinac afirma sobre a relação entre as cartas e a obra (no nosso caso, diário/*journal*), na qual é preciso retomar as possibilidades existentes a fim de estabelecer novos resultados:

Em geral considerada como algo “antes” e “ao lado” da obra, a correspondência de um escritor é usada como base para os estudos das fontes

⁴⁸ Registro ou entrada refere-se a tudo aquilo que está descrito num único dia. Conforme Lejeune, a datação é algo crucial para a realização do diário, pois sua administração equivale àquilo que define o suporte e o diferencia de qualquer outro: “Um diário sem data, a rigor, não passa de uma simples caderneta. A datação pode ser mais ou menos precisa ou espaçada, mas é capital. Uma entrada de diário é o que foi escrito num certo momento, na mais absoluta ignorância quanto ao futuro, e cujo conteúdo não foi com certeza modificado. Um diário mais tarde modificado ou podado talvez ganhe algum valor literário, mas terá perdido o essencial: a autenticidade do momento. Quando soa a meia-noite, não posso mais fazer modificações. Se o fizer, abandono o diário para cair na autobiografia.” LEJEUNE, op. cit., p. 260.

⁴⁹ O levantamento inicial da pesquisa abarcou cerca de 1200 páginas de documentos, das quais após o processo de seleção das cartas que interessam a pesquisa foram mapeadas 157 correspondências que abordassem de alguma forma a Primeira Guerra Mundial, entre cartas ativas de Alberto Rangel ou por outros, como as de Washington Luís e Luís Gastão Escagnolle Dória, mas endereçadas a Rangel. Foram encontradas correspondências para além do período da Grande Guerra que mencionam o evento de alguma maneira ou, ainda, pela forma que o autor descreve as consequências dos conflitos nos anos seguintes. De todo o volume, dois correspondentes se destacam pela quantidade de cartas que Rangel tratou do tema: Afonso Taunay e Martim Francisco de Andrada.

⁵⁰ O presente trabalho dialoga com as possibilidades que os estudos da historiografia da Grande Guerra trouxeram para o cerne do debate a partir da perspectiva *cultural* da guerra, ou seja, compreender a conflagração a partir de novos objetos, trazendo a perspectiva do combatente, dos civis, dos intelectuais, do âmbito destes e suas representações da guerra naquele momento. Sobre a historiografia da guerra de 1914 e suas fases durante os cem anos que marcam o fim do conflito, conferir o trabalho da historiadora Sílvia Correia. CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 652, jul./dez. 2014; CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Escrita de guerra como metáfora rememorativa da vida: uma análise das cartas dos soldados portugueses na Primeira Guerra Mundial. In: CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MARCELINO, Douglas Attila (orgs.). *Lugares e práticas historiográficas: escritas, museus, imagens e comemorações*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 207-222.

ou para resolver problemas de datação da gênese do texto. Ela permitiria assim entrever as fundações subterrâneas de uma obra erigida em monumento. Não há dúvida de que a relação da carta com a obra é infinitamente mais complexa do que a relação instaurada pela crítica entre subsolos e andares nobres da literatura. Antes disso, cumpre lembrar uma evidência: a relação interna que se estabelece entre obra e correspondência oferece sutis diferenciações, específicas a cada escritor.⁵¹

Diante disso, pensamos nessas e novas questões do testemunho de Rangel pela troca epistolar e pela *Quinzenas*. Por fim, vale ressaltar ainda que o caráter de imprevisibilidade decorrente dos rumos incertos que as conversações entre duas pessoas possam tomar nas correspondências transpuseram o recorte temporal previamente estabelecido, novembro de 1918 (quando é declarado o armistício entre as nações), para os meses e anos posteriores no momento em que nos deparamos com a continuidade do tema *guerra* nestes documentos. Isto significa que o fim do evento não determina obrigatoriamente o encerramento de um assunto e, além do mais, o próprio armistício não resulta seu fim em vista dos efeitos contínuos que seguem a afligir o mundo e a Europa. Logo, na prática, Rangel tratou com seus correspondentes a respeito da guerra e seus impactos diretos posterior a novembro de 1918, relatando, por exemplo, as consequências sociais, econômicas, políticas e culturais da conflagração na Europa.

Em outras palavras, lançamos mão dos frutos gerados pelas motivações de Rangel, intelectual brasileiro que atravessou o Atlântico para dar continuidade a pesquisa histórica sobre a Marquesa de Santos e, pouco tempo após chegar ao Velho Continente, se deparou com o estourar da conflagração mundial obrigando seu refúgio às margens do rio Loire e dele propôs-se a escrever sobre o momento que vivia e testemunhava. Se, ainda assim, as *Quinzenas* se limitam a narrar o primeiro semestre do conflito mundial, as correspondências soam como a extensão do seu relato, tratam da guerra e do seu cotidiano em quase todos os meses de sua duração.

1.1 - O relato íntimo em perspectiva: Rangel no diário e nas correspondências

1º de Agosto de 1914 – O sol precipita a quadriga, rolando no poente de estio a uma caverna de concreções transitórias, vermelhuscas e tufosas. Noto o aspecto de deserto nas terras de lavrança. Regresso do passeio, embaraçado a cada passo em lianas invisíveis e de um sinistro insuperável. À porta de certa vivenda rural, quatro mulheres louras, fortes, morenadas pelo soalhal e desfeitas de emoção, enquadram um homem, ainda moço, que tem o ar decidido dos bandidos do Renascimento, mas os olhos cheios d'água de um viúvo de fresco. As camponesas soluçam. Uma criança olha o grupo de commovidos com fixidez ignorante. A voz do conscripto e seareiro treme no

⁵¹ HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016, p. 161.

império da surpresa que o estarrifica, por se vêr colhido para a Morte, em pleno borbotar da Vida, por intermédio de um edito governamental de tão poucas linhas!

Que é esse alvoroço, que são essas lágrimas? É a mobilização, tal a peste negra, a família desfalcada e o campo vazio, pelo derredor das granjas, ao cahir virgiliano da tarde...⁵²

A passagem acima marca as primeiras linhas das *Quinzenas de Campo e Guerra* escritas por Alberto do Rego Rangel e de início é possível notar certos atributos que, como serão destacados aqui, além de repetirem-se durante toda a obra, simbolizam igualmente as singularidades deste trabalho escrito em 1914 e publicado em 1915. A princípio nele são observadas o *testemunho*⁵³ do autor enquanto viveu nos campos de Cuissy, região caracterizada pela vida rural ao sul de Paris, com estadia iniciada no primeiro dia de agosto e mantida até o último dia de 1914.

No entanto, aliás, o que está sendo narrado? Do que se trata este relato em primeira pessoa com descrições detalhadas da paisagem que o cerca e das ações humanas que traz em cena? Tais questões podem ser respondidas pela relevância da data que abre o registro, pela mobilização que menciona e, por fim, por aquilo que o título sugere, o *campo* e a *guerra*. Os três parágrafos ressaltam a experiência vivida por Rangel no primeiro dia de agosto, quatro dias após as primeiras declarações de guerra entre as nações que fariam parte da Primeira Guerra Mundial e cerca de três dias antes da entrada oficial da França no conflito, registrando então o que seria o anúncio da mobilização dos homens da França, em um final de tarde quando volta de seu passeio pelas ruas da região. Antes de descrever a comoção das mulheres pela partida do jovem (“em pleno borbotar da vida”), ele traz inicialmente um importante elemento que se destacará por todo o seu trabalho diário: a natureza. Neste instante enquanto contexto de uma cena pintada pelo literato, com a figura representada pelo sol que surge como pano de fundo para suas anotações e, ainda, o aspecto de deserto nos campos – semelhante a antítese do movimento e trabalho da força braçal – justificado pelo “sinistro” que sente, sensação pessoal explicada justamente por este evento mobilizacional que interrompe a rotina do campo.

Entretanto, se a natureza foi escolhida por Rangel como elemento prestigiado da narrativa, evidenciado no título e nas linhas inaugurais do diário, é ao lado de outro, igualmente presente no nome e que contextualiza a importância do dia e do acontecimento narrado, aquele quem o autor optou para contrastar com o campo, isto é, a conflagração mundial que se inicia,

⁵² RANGEL, Alberto. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire, França*. Tours: E. Arrault et Cie, 1915, p. 1-2.

⁵³ Embora o termo *testemunho* seja utilizado, não pretendemos problematizar neste capítulo os significados e o amplo debate sobre o *papel do testemunho*. Para tanto, o segundo e o terceiro capítulos terão como proposta adentrar no tema e pensar em questões que discutam o depoimento testemunhal de Rangel.

aparente no testemunho por seus impactos e efeitos diretos na vida civil em Cuissy. A sequência mantém o foco no relato do cotidiano e na reflexão sobre as cenas marcantes observadas, que vão além das consequências de uma guerra, logo, são danos sentidos, inclusive, por este estrangeiro pouco familiar no país e, por fim, ao encerrar a primeira entrada com considerações um tanto negativas daquilo que sentiu desta sua primeira experiência.

O registro seguinte dá-se de forma idêntica ao da abertura: após a indicação datal, Rangel inicia em primeira pessoa a descrição de sua caminhada seguida das observações e cenas da comoção criada pelo comunicado oficial – notando aquilo que o soldado deve levar –, bem como os primeiros boatos do conflito na França e, conseqüentemente, as críticas aos políticos da nação. A narrativa traz mais uma vez a sua realidade na qual são descritos as imagens do rio Loire e os efeitos da guerra repetindo a tensão entre os elementos. A esta altura, saltam aos olhos a singularidade do diário *Quinzenas de campo e guerra*, ou melhor, a forma narrativa escolhida por seu autor na qual, ao abordar a escrita no papel de primeira pessoa – equivalente a um guia observador ao leitor –, com intuito de apontar a ação dos outros, daqueles a quem observa, das ações humanas ou do ambiente mesclando reflexões íntimas e opiniões, distancia-se a princípio do diarista tradicional cujo diário possui a função de confidente, espaço em que a escrita tende a relatar a realidade vivida e as experiências pessoais sentidas, similar ao desabafo ou a exposição das expectativas, um lugar de destaque para o eu, para o íntimo, afastado do público como, por exemplo, Anne Frank trata a feitura e a função deste em sua abertura: “Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda”⁵⁴.

Isto não significa que não exista um eu, uma constituição da memória de si do presente para o futuro na obra de Alberto Rangel, sobretudo, por deixar evidente a própria posição na narrativa especialmente nos trechos em que repassa sentidos e comentários críticos. No entanto, o modo que abre o registro inaugural nos aponta a distinção deste para outros, como de Anne Frank, quando não privilegia a expressão de si pelo relato das expectativas ou confidências, mas sim ao focar na memória de uma experiência tão específica, ou seja, iniciar com aquilo que intenta: o registro histórico da Grande Guerra enquanto testemunha. A guerra e o campo vão além de contextos de um diário pessoal e particular cuja função seja proteger do esquecimento os dias em que viveu os cinco meses finais de 1914, ambos assumem, ao lado do cotidiano, o posto central da obra, são as memórias de Rangel, do campo e da guerra, logo, tanto o eu quanto o momento possuem relativa importância.

⁵⁴ FRANK, op. cit., p. 12.

Embora trate aqui como uma singularidade do *Quinzenas*, vale ressaltar ainda que – e abrindo para o debate bibliográfico acerca da narrativa de si, particularmente referente aos *diários* –, podemos abarcar cada texto como singular ou distinto a qualquer outro em razão das características e dos princípios que definem o diário, ou seja, enquanto uma narrativa livre, sem gêneros ou formas obrigatórias, com apenas a restrição de que seu autor respeite a gestão do tempo registrando as datas e ao escrever os acontecimentos referentes as mesmas, sem qualquer tipo de interferência futura naquilo já elaborado. Contudo, cada diarista estabelece sua própria forma, dedicando atenção especial às preferidas formas de linguagem determinando um certo tipo de regularidade ao texto, ainda que cada entrada seja distinta da outra, conforme afirma Philippe Lejeune. Assim como buscamos demonstrar brevemente apresentando os assuntos tratados somente nos dois primeiros registros da *Quinzenas*, a forma que o historiador optou pelo seguimento do registro demonstra um tipo de regularidade observado igualmente na divisão interna dos assuntos, onde, em grande parte da obra, a separação temática em cada fragmento (as entradas diárias) foi separada por parágrafos, recurso que possibilitou a Rangel o registro da diversidade de temas em que pudesse dar atenção.

O primeiro anúncio do intento de Rangel foi feito em correspondência que data de 15 de agosto de 1914, logo, duas semanas após sua criação, onde relata ao amigo Afonso d'Escragnolle Taunay⁵⁵ a respeito deste “apocalypse em ação” do mundo e que aguarda das “velhas cedras de Cuissy” esse “cahos do horror” aproveitando o momento para então anotar “impressões cotidianas” recheando-as do que seriam “linhas d'ecloga”. Pois, se o plano seria aguardar o fim da guerra ou ao menos algum desenvolvimento para sua conclusão – o que, é evidente, tenha ultrapassado qualquer expectativa de previsão da época –, Rangel respeitou sua écloga quando se limitou a registrar apenas o período de sua estada em Cuissy, isto é, manteve-se fiel na escrita ambientada pela natureza, concluindo o projeto dia 31 de dezembro de 1914 dia precedente a volta para Paris. Com exceção de uma única data,⁵⁶ todos os dias compreendidos entre estas datas foram registrados e comentados nas *Quinzenas*, portanto, manteve o projeto do *journal* fiel às suas intenções primárias descritas aos amigos distantes.

Afinal, por que tratar a obra como um *journal*? Primeiro, uso a definição de *journal* respeitando o subtítulo da obra (“*journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire*”). A tradução do termo em francês abre para possíveis interpretações tanto do sentido de “jornal” como

⁵⁵ Afonso d'Escragnolle Taunay (Nossa Senhora do Desterro, SC, 1876 – São Paulo, SP, 1958) foi historiador, romancista e professor brasileiro. Participou do IHGB e do IHGSP bem como da Academia Brasileira de Letras e foi diretor do Museu Paulista. Entre suas obras destaca-se a História Geral das Bandeiras Paulistas, publicada em onze tomos.

⁵⁶ Percebeu-se durante o exame do diário que o dia 20 de setembro de 1914 não consta.

“diário”. Tendo em vista o formato textual da obra, com conteúdos do cotidiano e informações diárias, aqui utilizo o sentido de diário, aproximando-se da definição de Francisco Foot Hardman ao interpretar a obra como um “livro de narrativas sob forma de diário”⁵⁷. Segundo Lejeune, ao questionar o que é um diário – defini-o como uma escrita cotidiana ou uma “*série de vestígios datados*”⁵⁸ –, apoia-se tanto na etimologia do termo como num breve histórico de traduções em outras línguas – que reforçam o caráter cotidiano – e usos na França. O modo *journal intime* é utilizado neste país como uma forma de diferenciar (com a inclusão do “íntimo”) da imprensa quotidiana, confusão que ocorre somente ali. Além do mais, o histórico do termo aponta para mudanças como a recente inclusão do *intime* – embora, segundo ele, fosse mais apropriado *personnel* –, a existência apagada de *diaire* no século XVI e, por fim, o ensaísta francês ressalta o significado de *journal*, no qual após transformações manteve-se aproximado com a origem: um adjetivo equivalente a cotidiano. Portanto, a análise de Lejeune salienta o problema e a confusão gerada pela definição de diário particularmente no caso francês, algo valioso para a presente questão em vista da escolha do subtítulo por Rangel, e quanto a sua obra, reforçamos então o tratamento como diário, em vista tanto da interpretação de Hardman, quanto as ressalvas formuladas em sequência pelo histórico do termo.

Assim, definir as *Quinzenas de campo e guerra* neste sentido pré-definido do cotidiano aproxima-a e reforça daquilo que Rangel diz formular a Taunay: as tais “impressões cotidianas” em meio a região de Cuissy. Se a permanência no campo parecia trazer algum tipo de segurança ao autor e a sua família, a vida afastada da capital francesa e de suas comodidades o proporcionaram as dificuldades acerca da feitura do diário, ao menos, naquilo que o historiador aponta fazer falta no desenvolvimento deste: “Gozando da estupidez do que me rodeia, continuo a excretar pedacinhos de prosa para meu jornal, sem a ajuda de qualquer livro, aqui mais raro nestes fenos e silos de batatas, que entre os garimpos do rio das Velhas”⁵⁹. *A priori* saltam aos olhos a atenção que Rangel dedica à relevância de outros livros na colaboração para a escrita de uma narrativa que perpassa o registro cotidiano, por notas daquilo que observa diariamente e as razões que levam a crer a importância de outras leituras para uma narrativa de si. A associação recorda-nos do que Foucault discorreu a partir da leitura do filósofo estoico Sêneca (ca 4 a.C. – 65) a respeito da escrita de si – sentido distinto do que conhecemos hoje e anterior

⁵⁷ HARDMAN, Francisco Foot. Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra (org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998, p. 188.

⁵⁸ LEJEUNE, op. cit., p. 259

⁵⁹ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnoille Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

as formas tomadas pela literatura cristã –,⁶⁰ onde o cuidado do eu está previsto na relação entre a escrita e a leitura, especificamente ao equilíbrio entre elas, quando seria possível dar-se a conhecer pela primeira enquanto seria a partir da feitura da *hypomnemata*⁶¹ (caderno de notas), que a segunda assume papel importante como um auxílio dos outros por implicar aquilo que o próximo, por meio de suas obras e textos, possam auxiliar a compreender a si mesmo.⁶²

Isto não significa que a *hypomnemata* se aproxime do diário íntimo visto que, conforme Foucault, ela não estabelece uma narrativa de si e posiciona-se justamente ao seu inverso, revelando aquilo dito de antemão ao invés do incógnito, muito menos a perseguição pelo oculto ou pelo indizível,⁶³ entre outras razões, fixando um passado como uma forma de resgate e nunca a escrita voltada como preocupação para o futuro.⁶⁴ Desta forma, a correlação soa apenas como uma possibilidade, uma provocação para o debate encerrando-se longe de responder à questão da utilização de obras no diário de Rangel da qual, de fato, não parece ser o caso. A solução na verdade, embora incerta, figura na simplicidade se tomarmos então o que o literato pernambucano afirma ao fim de sua vida quando menciona mais uma vez obstáculos relativos à feitura de outra narrativa de si formulada por ele, as memórias *Águas Revessas*⁶⁵: “As minhas memórias continuam encalhando ora aqui ora alli, principalmente pela falta de jornaes locais. Os meus meios são bem parcos de corrigir datas e precisar situações”⁶⁶; repetindo a situação em outra correspondência queixando-se encalhar nas memórias pela falta de dados e “certos elementos indispensáveis à recordação”⁶⁷. O trabalho da rememoração está associado, evidentemente, menos ao diário do que nas memórias, mas o cuidado e a atenção de Rangel no intuito de revisar as datas e indicar acontecimentos ao fim da vida parece razoável com a lamentação encontrada em 1914, principalmente nos destacados trechos de *Quinzenas* em que a história está presente através de informações históricas e geográficas de personagens e nações.

⁶⁰ FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor*. Lisboa: Nova Vega, 2012, p. 129-160.

⁶¹ A *hypomnemata* seria similar ao caderno de notas da qual possuía como objetivo, segundo Foucault: “[...] desenvolvia-se uma ética muito explicitamente orientada pelo cuidado de si para objectivos definidos como: retirar-se para o interior de si próprio, alcançar-se a si próprio, viver consigo próprio, bastar-se a si próprio, tirar proveito e desfrutar de si próprio. Tal é o objectivo dos *hypomnemata*: fazer da recollecção do *logos* fragmentário e transmitido pelo ensino, a audição ou a leitura, um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo próprio tão adequada e completa quanto possível”. Ibidem, p. 138.

⁶² Ibidem, p. 138-139.

⁶³ Ibidem, p. 137.

⁶⁴ Ibidem, p. 140.

⁶⁵ RANGEL, Alberto. *Águas Revessas (1871-1900)*, 2v. In: TONIN, Fabiana. *Águas Revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

⁶⁶ Carta de Alberto do Rego Rangel a Hélio Vianna, 19 de junho de 1937, Bourg la Reine – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

⁶⁷ Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, 22 de junho de 1937, Bourg La Reine – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5

Se os problemas enfrentados perpassaram a falta de obras, Rangel as superou deixando por escrito no relato diário os dias de sua experiência em Cuissy com opiniões sobre os rumos do conflito, baseando-se na erudição para prover referências históricas e geográficas quando fosse necessário. Mais do que isso, além do vivido e das reflexões, a sua saída foi tomar notas dos boatos, das informações que chegavam por meio de cartas, jornais, notícias que vinham de outras cidades, as histórias de refugiados, bem como aqueles não revelados – momentos que diz “chegam”, “ouve-se”, entre outros termos generalizantes e não-esclarecedores –, são descritos como as fontes utilizadas para a obra e, claro, tomado como consequência da preocupação diária dos rumos das batalhas.

O uso dos termos e o comentário sobre a origem das informações foram utilizadas na narrativa por outras motivações em diversas passagens. Antes, empregadas no sentido de comprovar o testemunho direto, isto é, relatar de onde escutou ou viu algo com o propósito de fornecer autenticidade ou veracidade ao registro, em outras ocasiões elas surgem como introdução a um novo debate ou assunto, seja por sua informação ou para apresentar a opinião de Rangel. Isso ocorre, por exemplo, na entrada de 4 de setembro:

Passam uns após outros os automóveis com fugitivos de Paris. Uma carta de Chartres anuncia-nos os supplicios e o fuzilamento do general Percin e de sua esposa, tidos como traidores. Traição é o nome com que se procura explicar facilmente em França as suas más saídas militares. Substituem a vergonha da derrota pelo sucesso de infâmia e sem melhor êxito.⁶⁸

Especificamente a este registro, o balanço de assuntos conclui-se assim: de seu testemunho comenta os problemas políticos, a moral, a traição, o sistema militar francês e a comparação do comportamento social e civilizacional entre franceses e brasileiros. A mudança de parágrafos, em maior parte, denota as mudanças de temas os quais aparentam não possuir relação, mas que, ainda assim, enquanto fragmentos constituem uma unidade, a do registro do diário.⁶⁹ O *journal* de Rangel segue, deste modo, o caráter da imprevisibilidade – entre cotidiano, guerra, reflexão, testemunho – característico de textos referentes a narrativa de si.⁷⁰ A escrita remete aos eventos inesperados dos dias que se sucedem. Cabe ao autor filtrar e selecionar aquilo que merece destaque ou aquilo que lhe chamou atenção. A princípio, além dos efeitos imprevisíveis da guerra, o inesperado faz-se presente no dia-a-dia do escritor, tendo

⁶⁸ RANGEL, Alberto. *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 69.

⁶⁹ LEJEUNE, op. cit., p. 295.

⁷⁰ Francisco Foot Hardman descreve a respeito da cronologia e o esforço de Rangel na obra: “Esta é cronologicamente muito precisa, tendo início a 1º de agosto e finalizando em 30 de dezembro de 1914. Para cada capítulo, uma quinzena, e dentro de cada um deles, fragmentos sucessivos separados para cada dia. Trata-se de engenhosa concatenação, ordenada no calendário, mas abrigando uma narrativa desordenada e descontínua quanto a gênero, pertinência factual ou tonalidade discursiva. Esta é a primeira experiência do exímio prosador Rangel na direção de um texto mais fragmentário”. HARDMAN, op. cit., p. 189.

em vista que a entrada do diário se refere somente aos acontecimentos do dia presente, sem qualquer possibilidade de previsão ou continuidade direta com o futuro, que pudesse relacionar ao registro posterior. Contudo, o processo de filtragem, segundo Lejeune, representa o diário como uma ilusão, ou melhor, enquanto fragmento do dia que ele procura representar, filtrando uma parcela de um todo, transpondo somente as seleções do autor e as descontinuidades do tempo, distanciando-se do que de fato gostaria de poder fazer, ou seja, constituir uma superfície que espalhasse toda a realidade.⁷¹

O instante relatado pela escrita epistolar e diária tem por relação o tempo e os interesses pessoais representados no diálogo. Esse tipo de narrativa são símbolos de registros fixados de um dia específico e, por isso, isoladas, ou melhor, tratam-se de narrativas pessoais formuladas no cotidiano e que abarcam as preocupações individuais daquele momento (nem sempre regular ou esperado tendo em vista os lapsos temporais causados das trocas de missivas), dos quais são apresentadas pelos assuntos tratados. Apesar das lacunas, esses vestígios íntimos fornecem informações históricas e biográficas. As cartas são *fragmentos* de vida – do *eu* e do tempo.⁷²

Com poucas diferenças em relação aos diários, as correspondências seguem os mesmos valores tanto como fragmento do dia, quanto no quesito de assuntos e temas decorrentes e as formas que são sobrepostas. A divisão temática em formato de uma separação por parágrafos varia o assunto do diálogo, que perpassa pela saúde ou relatos íntimos convertendo-se em algum fato ou opinião política e profissional. Embora similar ao registro cotidiano neste sentido, a correspondência possui duas características que a diferem do mesmo: a presença direta do *outro*⁷³ e o intervalo de tempo causado pela espera de novas correspondências e diálogos.⁷⁴ Por conta do tempo de viagem das missivas – dificultado pelos obstáculos no período da guerra –, e da consciência dos epistológrafos referente ao intervalo da troca,⁷⁵ cabe aos mesmos a função

⁷¹ LEJEUNE, op. cit., p. 296.

⁷² DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, abr. - jun. 2014, p. 235.

⁷³ Isto não significa que não exista a presença do outro no diário, ele existe, porém está representado pela figura do leitor futuro e desconhecido muitas vezes, possivelmente o próprio autor no futuro tal qual algum parente. Contudo, no caso de Rangel, a figura do leitor é certa, o público brasileiro e ele mesmo, como veremos mais para frente.

⁷⁴ Cf. DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, abr. - jun. 2014, p. 233-240.

⁷⁵ Embora conscientes, possíveis interrupções ao ritmo da troca, comum ao cenário da guerra, potencializam angústias aos seus remetentes, especialmente aos combatentes presentes nas trincheiras que enxergavam nas epístolas um modo de diminuir a distância geográfica e temporal causada pelo conflito. CORREIA, 2021, op. cit., p. 208.

de suprir à quantidade de informações experienciadas ao longo da espera, diferente da escrita do diário que permite explorar melhor o presente.⁷⁶

Na carta de 12 de agosto de 1915, Rangel expõe uma variedade de notícias a respeito de seu cotidiano a Antônio Pacheco Leão⁷⁷. Iniciado pela descrição da viagem de retorno à Europa depois de aproveitar um período no Rio de Janeiro, e os percalços sofridos na conturbada travessia do Atlântico, o diálogo aborda sua ida a Cuissy e o reencontro com a mulher, os filhos e a casa na qual vivera no ano anterior, bem como as personagens presentes nesta. Primeiro, descreve as impressões sobre o retorno à casa e, depois, faz um desabafo das emoções que sente realçando os mesmos elementos presentes em passagens do diário da vida nas margens do rio Loire. Diferente da obra projetada para o público brasileiro, a presença do *outro* conhecido e familiar, caracteriza na correspondência a possibilidade de se ater aos elementos mais íntimos, como o próprio desabafo da travessia e os sentimentos e emoções vivenciados no retorno.

Apesar das variações dos temas – a viagem, o retorno ao campo, a economia europeia – tal qual o *Quinzenas*, o diálogo epistolar parece inserir a guerra nos assuntos cotidianos de algum modo, especificamente na travessia do oceano pela experiência no navio e o medo dos submarinos inimigos nestes “mares nunca dantes tão ameaçados”⁷⁸; a chegada em Cuissy pela lembrança da época que se refugiou ali em 1914 e o registro da criança que passou a temer mais a imagem do soldado; e, por fim, as sequelas na economia francesa causadas pela invasão alemã a Varsóvia. Antes das saudações finais um pequeno comentário relativo ao Brasil enquanto nas despedidas são relatadas as “saudades” e os “abraços” do encerramento seguidas de sua assinatura. A partir deste exemplo específico pode-se observar a versatilidade presente em documentos do gênero. Embora a fonte selecionada seja característica do diálogo entre dois amigos, a correspondência é flexível para o tratamento de qualquer função ou necessidade, seja profissional, pessoal ou cordial. Ainda que as formalidades e as normas pré-estabelecidas para a feitura da correspondência e que a definem como tal – bem como data, local, assinatura, saudações iniciais e finais, entre outras – a sua escrita e o conteúdo presente no documento destacam seu caráter *híbrido*, isto é, sem fronteiras de gêneros ou estruturas. A escrita de si, seja pelo suporte epistolar ou diário possibilitam ao seu epistológrafo/diarista abordar a variedade de assuntos da qual se sentir disposto expondo do modo que bem entender. A narrativa pode representar a conversação presencial, tanto quanto possui o direito de guiar os

⁷⁶ Para Brigitte Diaz: “Deste tempo já perdido, o diário dá conta melhor do que a carta, já que esta se volta mais para a vida sonhada e para a vida vindoura do que para a vida passada. DIAZ, 2014, op. cit., p. 235.

⁷⁷ Antônio Pacheco Leão (1872 - 1931) foi médico e professor brasileiro.

⁷⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Cuissy, 12 de agosto de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

assuntos de forma livre, explorando além dos limites e fronteiras encontrados nos gêneros como da literatura.⁷⁹

Tanto as correspondências quanto o diário de Rangel se caracterizam dessa maneira por explorar as possibilidades abertas que ambos os gêneros permitem. Apesar da intimidade e do conhecimento pessoal de seus correspondentes (no caso da primeira), o epistológrafo/diarista explora nos relatos a multiplicidade de assuntos que o próprio considera relevante no presente da escrita. A perspectiva é apresentada e descrita sem padrão específico, em outras palavras, significa que cada carta é singular e por isso não são semelhantes entre elas naquilo que as compõem, das formas que os assuntos são tratados, nem dos quais serão postos à tinta.⁸⁰ No diário, isso é observável pelo caráter imprevisível dos conteúdos que surgem na obra, como das notícias repentinas no cotidiano. Isso explica também a razão do tema *guerra* ser tratado com mais correspondentes do que outros. A presença de tópicos relacionados a saúde, a profissão, a família, aos livros, as notícias, embora comuns, são tratados de diferentes formas com cada destinatário.

Assim, as cartas enviadas a Martim Francisco de Andrada⁸¹, Afonso d'Escragnoille Taunay, Capistrano de Abreu⁸², Tobias do Rego Monteiro⁸³, José Félix Pacheco⁸⁴, Gastão Cruls⁸⁵, Antônio Pacheco Leão, João Lúcio de Azevedo⁸⁶, José Leopoldo Bulhões Jardim⁸⁷,

⁷⁹ “Ao ignorar, com pretensão, os imperativos retóricos da disposição e da argumentação, a carta se debruça sobre todos os assuntos. Desde a reflexão moral até a crítica literária, passando pela introspecção autobiográfica, não existem campos que a sonda epistolar não se dê ao trabalho de explorar. O estatuto genérico vago da carta a abre para todos os horizontes epistemológicos”. DIAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nomade*. São Paulo: Edusp, 2016, p. 46.

⁸⁰ HAROCHE-BOUZINAC, op. cit., p. 101.

⁸¹ Martim Francisco Ribeiro de Andrada (São Paulo, SP, 1853 - Rio de Janeiro, RJ, 1927) foi escritor, político e advogado brasileiro. Era neto de mesmo nome do conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

⁸² João Capistrano Honório de Abreu (Maranguape, CE, 1853 - Rio de Janeiro, RJ, 1927) foi historiador brasileiro. Foi bibliotecário da Biblioteca Nacional tendo também lecionado no Colégio Pedro II e sócio do IHGB. Deixou por escrito diversas obras, da qual, destaca-se o *Capítulos de História Colonial*.

⁸³ Tobias do Rego Monteiro (Natal, RN, 1866 - Petrópolis, RJ, 1952) foi jornalista, político e historiador brasileiro. Entre as obras publicadas destaca-se a *História do Império: o primeiro reinado*.

⁸⁴ José Felix Alves Pacheco (Teresina, PI, 1879 - Rio de Janeiro, RJ, 1935) foi jornalista, poeta e político brasileiro. Nos anos de 1922 a 1926 foi Ministro das Relações Exteriores. Também fora membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸⁵ Gastão Cruls (Rio de Janeiro, RJ, 1888 - Rio de Janeiro, RJ, 1959) foi médico, romancista e escritor brasileiro. Entre seus textos publicados, destaca-se o conto amazônico *A Amazônia Misteriosa*.

⁸⁶ João Lúcio de Azevedo (Sintra, 1855 - Sintra, 1933) foi historiador português. Das obras publicadas por ele, destacam-se *O Marquês de Pombal e sua época* e *História dos Cristãos-Novos Portugueses*.

⁸⁷ José Leopoldo de Bulhões Jardim (Goiás, GO, 1856 - Petrópolis, RJ, 1928) foi advogado e político brasileiro. Como cargo político foi Ministro da Fazenda e também senador e deputado federal.

Edgar Roquette-Pinto⁸⁸, Severiano de Rezende⁸⁹, Francisco Venâncio Filho⁹⁰, bem como outros, tanto quanto as passagens das *Quinzenas de campo e guerra*, expõem igualmente a divisão interna pela variedade de temas e a forma livre que são expostos pelo autor. Apesar das diferenciações, isto é, do Rangel que envia notícias aos amigos, ao autor que escreve diariamente o relato abrindo ao leitor desconhecido e público, a maneira de tratar suas reflexões, comentários, críticas, informações e experiências vividas no cotidiano se assemelham por sua elaboração: a mudança repentina cabendo ao leitor – íntimo ou não – o cuidado e a atenção de acompanhá-la.

Segundo Geneviève Haroche-Bouzinac, cada correspondência pode assumir sua própria *tópica*, ainda que inspirada por outras, resulta na experiência única em cada caso. Nas palavras da autora:

Cada correspondência elabora uma *tópica* própria, histórica e socialmente determinada. Inspira-se no arsenal disponibilizado pela mais antiga retórica e a completa com temas próprios. Assim se cria a poética de cada troca epistolar. Nenhuma carta poderia ser a soma desses *topoi*, assim como não poderia ser idêntica a nenhuma outra. Porém, o leque de situações é restrito. Esses limites fazem surgir uma arte epistolar de variação, que se deixa expressar livremente, de forma consciente e controlada por uns e de forma totalmente espontânea por outros. A escolha e a disposição desses temas são reveladoras da qualidade da troca de cartas.⁹¹

Independentemente se houve ou não intenção a princípio de publicar as quinzenas,⁹² nota-se o esforço do historiador pernambucano em estruturá-la no formato de um *diário* tendo como principal aspecto o seu testemunho, a partir da perspectiva pessoal da vida em Cuissy em tempos de conflito – que explica o subtítulo da obra, o *journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire*. Logo, pode-se compreender a escolha em situar o ponto de vista pessoal no primeiro plano da obra ao lado dos elementos que compõem o diário, a guerra e o campo.

⁸⁸ Edgar Roquette-Pinto (Rio de Janeiro, RJ, 1884 - Rio de Janeiro, RJ, 1954) foi médico, professor e ensaísta brasileiro. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Publicou também diversas obras de antropologia e etnologia.

⁸⁹ Severiano Nunes Cardoso de Rezende (São João del-Rei, MG, 1847 - São João del-Rei, MG, 1920) foi escritor, advogado e professor brasileiro. Fez carreira também na política.

⁹⁰ Francisco Venâncio Filho (Campos, RJ, 1894 - São Paulo, SP, 1946) foi engenheiro e professor brasileiro. Foi também um dos fundadores da Associação Brasileira de Educação e professor do Colégio Pedro II.

⁹¹ HAROCHE-BOUZINAC, op. cit., p. 101.

⁹² Ressalto a questão da *intenção* para reforçar que por tratar-se de um escrito e um relato de perspectiva subjetiva daquele indivíduo, a produção do “eu” pode levantar a pergunta sobre as intenções deste embora nunca possa respondê-las por conta deste plano subjetivo. Cabe ao historiador analisar a construção, ou seja, o *como* tal narrativa foi formulada ou como os documentos da escrita de si foram organizados. Vale notar aquilo que Ângela de Castro Gomes afirma ao examinar a correspondência entre dois intelectuais brasileiros, Mário de Andrade e Gustavo Capanema, sendo que o primeiro buscou “consciente ou inconscientemente, não importa, construindo sua imagem para si e para os outros, em muitos tempos e na história.” GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, 1998, p. 126.

Portanto, tanto o diário como as correspondências, por possuírem tais características embasadas por normas específicas cada uma a seu gênero, fazem parte do conjunto de documentos da escrita de si e dispõem, deste modo, de qualidades comuns – tal qual a presença do íntimo ou a visão pessoal da realidade experienciada.⁹³ Mas, quando comparados, estes dois documentos denotam individualidades, distintas particularmente a maneira em que o íntimo está presente e se expressa. Seja pela abertura ao leitor desconhecido ou por apresentar a opinião sobre a guerra numa edição de livro, bem como a presença do *outro* no diálogo das correspondências, soam como justificativas para distinguir os dois suportes.

Se as *Quinzenas* descrevem o cotidiano de Rangel, pelos passeios na região, o dia-a-dia dos trabalhadores do campo, o clima, as novidades diárias, a rotina no casarão e as anedotas das pessoas ali presentes, entre familiares e conhecidos, as missivas tratam de respectivos assuntos, mas com um tom distinto. Nelas, Rangel responde diretamente a preocupação dos amigos distantes do Brasil, por exemplo, relatando as novidades familiares acrescentando as emoções vividas e os seus sentimentos. As correspondências trazem notícias do autor e de sua família junto da comoção sentida por elas. É o que acontece, por exemplo, quando seu quarto filho nasce em agosto de 1918, sendo anunciado ao amigo Martim Francisco de Andrada sua surpresa: “[...] pois é um outro filho com que a Guerra pilhericamente me mimosaeia a penúria e o declínio...”⁹⁴.

As notícias dos parentes são bem comentadas nas cartas enviadas ao mesmo amigo. Característica, aliás, nenhum pouco exclusiva dos envios ao advogado paulista, tendo em vista que manteve constante as atualizações de seu cotidiano aos conhecidos distantes durante os anos. Nota-se, como o caso acima, a forma que tratou do tema doméstico relacionando-o ao contexto perturbador da guerra. Ao próprio Martim Francisco de Andrada enviou certa correspondência que contava sobre o filho mais velho, mais especificamente a respeito de seu crescimento nos últimos anos. Com a fotografia do filho colada no papel e, depois de comentar a respeito de sua irritação quanto as notícias das declarações do Brasil contra a Alemanha, Alberto Rangel escreve sobre o “pirralho” e as perspectivas do seu futuro:

Nestes tempos de idealização e realização da violência, que melhor cousa que o musculo e a marrada! O rapazinho com os carinhos recuperativos d'este sol de esplendor, de alegria e de saúde, e o qual verdadeiramente lembra o da outra banda e nos beijou ao nascermos, irá remontando as éras, a começar pela

⁹³ “Trata-se de *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta”. MALATIAN, Teresa. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195.

⁹⁴ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Saint-Jean de Monts, 10 de agosto de 1918. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

a que o persegue desde que abriu os olhos na terra e fundiu as balas com que o metralham dos ares, quando se canta o hymno á criança e se corre em favor da Velhice Desamparada...⁹⁵

A exposição dos sentimentos nem sempre foram acompanhadas de notícias do gênero. As lamentações estão presentes igualmente nas passagens nas quais se diz preocupado com o conflito mundial, inclusive nos momentos em que procurou evitar tratar do assunto. A inquietação aparece de maneira sutil no encerramento da correspondência enviada a Venâncio Filho em novembro de 1915, em documento recheado de comentários tratando majoritariamente sobre o Brasil, a situação política atual, os trabalhos em andamento e o Grêmio Euclides da Cunha, encerrando então: “Não lhe falo em guerra. O mundo pare impossíveis...”⁹⁶.

Como epistológrafo coube somente a Rangel a opção de tratar do assunto *guerra* nos diálogos. Ressaltando, mais uma vez, a presença direta do destinatário, isto é, aquele *outro* que faz parte da conversação, e responsável pela preservação e continuação desta, a carta não possui o mesmo comprometimento em dedicar-se à conflagração quando comparado a narrativa publicada. O diarista, neste caso, teve como motivação comentar sobre os dias sangrentos de 1914 e, por isso, ressaltou as diversas faces da guerra em todos os dias, ao menos nesta primeira fase da guerra.⁹⁷ Contudo, para realizar seu projeto houve no mínimo dois tipos de dedicação e responsabilidade do diarista: o primeiro seria do comprometimento da escrita diária (notado como as dificuldades encontradas por qualquer diarista), isto é, dedicar-se neste período de sua vida em escrever com regularidade e frequência cada dia que segue enfrentando os obstáculos, tal qual a vontade e o esforço para dar continuidade, bem como o desafio do tempo, ou melhor, processar as emoções e os acontecimentos e transpor para uma folha de papel ou um caderno;⁹⁸ e, segundo, por unir esse cuidado com uma temática específica, no caso a vontade de narrar sua experiência cotidiana durante os meses iniciais da guerra, ressaltando a constituição de fragmentos descontínuos que são os registros visando uma narrativa que somente a realidade lhe dará o conteúdo, uma obra com começo e meio e sem fim, visto, em seu caso, que não

⁹⁵ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 25 de maio de 1917. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

⁹⁶ Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 17 de novembro de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

⁹⁷ Conferir: WINTER, Jay. 1918 e a segunda Grande Guerra. In: CORREIA, Sílvia; MORELI, Alexandre (orgs.). *Tempos e espaços de violência: a Primeira Guerra Mundial, a desconstrução dos limites e o início de uma era*. Rio de Janeiro: Autografia: PPGHIS, 2019, p. 21-43; HORNE, John. Entre expérience et mémoire: les soldats français de la Grande Guerre. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n. 5, 2005, p. 903-919.

⁹⁸ LEJEUNE, op. cit.

abarca toda a guerra, mas sim, apenas o período de uma viagem, quando esteve no refúgio de Cuissy.

Embora nosso objetivo tenha sido discutir as distinções entre os dois suportes, é preciso levar em conta algumas das singularidades presentes em ambos. Particularidades que, neste caso, podem ser consideradas similares aos tipos de dificuldades que tanto o epistológrafo, quanto o diarista – compreendendo, é claro, Rangel nas duas funções – usualmente sofrem por sua prática, mas atentando-se também ao momento singular. *Quinzenas* enquanto relato cotidiano destaca-se pelo cuidado e pela dedicação do autor na escrita diária durante cinco meses. O refúgio em Cuissy e a eventual interrupção da pesquisa histórica releva a atenção dada as impressões cotidianas. O *desafio*⁹⁹ da escrita diária, seja no âmbito íntimo ou voltado ao público, conta com a necessidade que vai além da dedicação a narrativa, sendo importante para o autor manter-se atento e buscando informações que ajudassem a compor as linhas do livro.

Se a feitura do diário suporta tais obstáculos, o tratamento com as correspondências evidencia aspectos semelhantes. As dificuldades perpassam pelas complicações em manter constante a conversação com seus correspondentes onde a troca epistolar expõe as reclamações de Rangel ao relatar as adversidades enfrentadas no envio ou na espera das missivas em meio a guerra. Principal transporte para a travessia dos mares, os navios sofreram com constantes ameaças de submarinos inimigos durante o período do embate. Outro aspecto relatado foi a desorganização dos governos francês e brasileiro frente ao evento relativo ao controle de entrega, destacando também o papel do controle governamental, algo, aliás, frequente entre os relatos de civis ou soldados em tempos de guerra. Aos presentes no Brasil, ficou a lamentação do exercício referente aos conteúdos enviados/recebidos, bem como de trabalhos ou revistas que recebia de lá:

Escrevo-lhe indignado com esta tremenda borracheira de guerra, que não contente de me ter posto tanta correspondência nos depósitos algaceos do refugio da Atlantida, agora mette mil embaraços para que as Revistas do Instituto Histórico saiam da alfandega. O paiz mais intellectual da terra, cela va s'en dire, tem medo que os meus volumes sejam o cavallo de Troia que soaberto um d'elles pule de dentro um Regimento de pomeranios! Ora, quem pode conceber que da prosa de nosso “perpétuos” mais pacíficos que emboás se extraia algum derivado trinitrade de phenol? Em qualquer das hypotheses é até onde pode ir e chinezismo administrativo, que por todo este mundo é eternamente o mesmo, inclusive o Brasil sempre tendido ao “venha logo mais” e disposto ás exigencias do “regulamento de 1500, que não permite...”¹⁰⁰

⁹⁹ Segundo Diaz, a feitura do diário e sua prática são um desafio pelo comprometimento a escrita diária e pela importância de se manter fiel e verdadeiro sobre si. DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, abr. - jun. 2014, p. 240.

¹⁰⁰ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 2 de abril de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Os percalços de se viver no país em guerra foi assunto recorrente nas correspondências durante 1914 a 1918, assim como nos anos seguintes, nos quais a Europa ainda sofria com as consequências das batalhas. Enquanto viveu sob a tragédia da conflagração, Rangel manteve contato com outros intelectuais presentes no Brasil onde foi possível manifestar suas preocupações e reflexões, relatar seu dia após dia, as pesquisas em execução, entre outras temáticas. Por outro meio, na obra *Quinzenas de campo e guerra* comentou sobre o cotidiano do campo e a crueldade da guerra.

É possível então compreender as motivações do historiador em narrar/comentar sua experiência? Não é certo, mas existem caminhos que possam indicar suas intenções. Para Christophe Prochasson¹⁰¹, por exemplo, ao dissertar a respeito das ações dos intelectuais franceses durante e após a Primeira Guerra Mundial, muitos combatentes (ou não) se dedicaram à escrita de testemunhos numa gama de formatos, como relatos minuciosos da experiência nas trincheiras, obras literárias, ficções, romances e, diários, conscientes de estarem experienciando um evento marcante na história.¹⁰² O caso de Rangel parece ser este, tendo em vista o que afirma na missiva enviada a Taunay no dia 15 de agosto de 1914, na qual diz anotar as impressões cotidianas desde o início do conflito. Outra dúvida gerada por tal incerteza gira em torno da expectativa em publicar o livro no Brasil levando em conta os debates calorosos entre os intelectuais brasileiros sobre a guerra que acontecia na Europa.¹⁰³ O autor esteve preocupado com a recepção das *Quinzenas* em território brasileiro, mas sem deixar evidente se isso fazia parte da manifestação assumida diante das disputas e opiniões daquele momento.

Enquanto epistológrafo, procurou manifestar-se criticando a tragédia que a guerra proporcionava às suas vítimas englobando combatentes e civis¹⁰⁴. Destacou as dificuldades de viver sob a política, a economia e na sociedade ditadas pelo conflito. Em 1916, enviou a Martim

¹⁰¹ PROCHASSON, Christophe. Los intelectuales franceses y la Gran Guerra. Las nuevas formas del compromiso. *Ayer*, vol. 91, n. 3, p. 33-62, 2013.

¹⁰² “Sus testimonios se presentaron bajo formas extremadamente variadas, dirigiéndose a círculos más o menos amplios. Los formatos fueron adaptados a la situación”. *Ibidem*, p. 55.

¹⁰³ A respeito das disputas intelectuais e as opiniões formuladas pelos intelectuais brasileiros durante a Grande Guerra no Brasil e sobre os temas que circundaram esse debate, conferir: COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014; ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. *A Grande Guerra (1914-1918) e os boletins semanais de Júlio Mesquita*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017; PIRES, Livia Claro. *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

¹⁰⁴ AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. Violência e consentimento: a “cultura de guerra” do primeiro conflito mundial. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 237-256.

Francisco de Andrada que não se aproximasse da região, pois: “Aqui ainda há fogo e sangue, duas cousas igualmente preciosas e vivas”¹⁰⁵.

No diário o discurso é elaborado de forma semelhante por passagens críticas que julgavam os rumos sem precedentes da Grande Guerra propiciados pelos elementos inéditos, como a utilização de armas geradas pelo progresso técnico e moderno, responsável por causar o elevado número de baixas nas tropas e as perdas civis. Apesar de destacar a crueldade humana e soar como, segundo Francisco Foot Hardman, um “belo manifesto pacifista”¹⁰⁶, o diário anuncia o discurso esperado por alguém que se encontra presente na França e sofre de lá as ameaças e os ataques do inimigo alemão. A posição de Rangel presente no diário e presente nas correspondências, enquanto narrativas de si, denotam seu envolvimento e a crítica a guerra, quando relacionado ao contexto brasileiro do embate de opiniões, pode-se situar a posição de Rangel àquela dos indivíduos/grupos que defendem o lado francês e enxergam na Alemanha a responsabilidade pela guerra e suas crueldades.¹⁰⁷ Embora possua momentos que esboçam o tal manifesto pacifista, o diário é marcado pelas críticas negativas aos “bárbaros” condizente com os intelectuais brasileiros de semelhante posicionamento. Nas palavras do próprio autor enviadas a Taunay, o livro seria “de uma francophilia inseparável e gralhas bem razoável, inclusive um *journal* bem na cara”¹⁰⁸.

Independentemente das motivações/intenções do “exilado” historiador, o exame formulado acerca dos suportes escolhidos por ele para narrar sua experiência, bem como as formas elaboradas neles – tanto nas quinzenas quanto nas correspondências –, destacam a

¹⁰⁵ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 30 de outubro de 1916. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

¹⁰⁶ No artigo dedicado à obra *Quinzenas de campo e guerra* de Rangel, Francisco Foot Hardman examinou os aspectos literários e as representações formuladas pelo historiador pernambucano. A respeito do discurso manifestado no diário: “Não nos iludamos. Rangel, conservador, deixa escapar algumas tiradas com traços de anti-semitismo, antimarxismo, desprezo às tradições anarquista e socialista do movimento operário, lances de nacionalismo xenófobo ou de aristocratismo pedante. Mas, no mais das vezes, a narrativa de *Quinzenas* perfila-se na linha de um formidável e belo manifesto pacifista, dominado por imagens muito bem construídas, que retomam, de certa forma, o ideário estético simbólico-impressionista de sua formação literária [...]”. HARDMAN, op. cit., p. 193.

¹⁰⁷ “As disputas em torno das representações da guerra e o caráter que assumiram na imprensa brasileira permite identificar alguns aspectos do conflito em si e da vida intelectual brasileira. Primeiramente, havia no contexto da Primeira Guerra, por sua aura de “guerra justa”, a necessidade de se apontar um responsável definitivo por sua eclosão. Os desdobramentos violentos e sua extensão por quatro anos, os interesses em voga, e a ambiência de um conflito massificado pelos jornais delegaram aos indivíduos envolvidos, em especial, os homens de letras, em estabelecer a conquista da opinião pública, elegendo uma razão, um motivo, um algoz e uma vítima. Aos brasileiros, distantes do teatro de guerra, cabia a imaginação do que seriam os horrores dos campos de batalha, informados pelos telegramas das agências de notícias e pelos comentários escritos por seus mediadores culturais. Assumindo posicionamentos, a intelectualidade pleiteava os olhares, a adesão da opinião pública brasileira ainda em vias de formação, pois, no século XX, não bastavam ser ouvidos por seus pares, mas lidos pela sociedade de massa, corroborando suas palavras e seu prestígio.” PIRES, op. cit., p. 56.

¹⁰⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnonne Taunay, Paris, 8 de abril de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

escolha de Alberto Rangel em representar sua vivência na guerra através dos relatos íntimos, ou seja, pela perspectiva pessoal daquilo que testemunhou entre o cotidiano e a guerra. A sua inclinação pela narrativa de si ao comentar a guerra de 1914 a 1918 fazendo uso da obra e das cartas sugerem uma representação daquilo que escreveu no preâmbulo da obra onde “Razoa-se por instantes”¹⁰⁹ – e por que não nas cartas. O termo “razoar” pode ser aberto ao sentido de argumentar, comentar, julgar, e expor o seu ponto de vista. Justamente por isso, a escrita íntima permitiu a Rangel expor a Grande Guerra a partir do seu ponto de vista, onde observou de perto, sentiu seus efeitos, e comentou de longe a experiência e os rumos do conflito e além do mais, consciente de sua posição,¹¹⁰ se propôs igualmente a declarar sua perspectiva ao *outro* desconhecido pelo diário e o *outro* conhecido no Brasil. A escrita íntima, neste caso, apresenta-se então como a sua possibilidade para representar o conflito, para memorizar este período da guerra e a conflagração em si sob o ângulo pessoal.

Embora saiba-se atualmente que as correspondências dos intelectuais brasileiros que viveram no período trataram da situação mundial de alguma forma, é preciso levar em conta que os embates daquele momento sobre o conflito europeu foram dedicados em sua maioria aos jornais. Enquanto as opiniões mantiveram-se destacadas na imprensa da época durante os quatro anos da Grande Guerra,¹¹¹ algumas questões marcaram as preocupações daqueles grupos, como: qual seria a participação do Brasil no conflito; as posições entre *aliadófilos*, *germanófilos*, *francófilos*, *neutralistas/pacifistas*,¹¹² e com isso, a manifestação em defesa ou ataque a Alemanha, a França, a Inglaterra, e os outros países envolvidos; a importância cultural e civilizacional das nações, tomadas no contexto como argumento para a escolha de lados (por exemplo, a maioria dos intelectuais preferiam defender os Aliados por aproximação com a França, entendida como *civilização* da humanidade¹¹³); entre outros, como a presença alemã no Brasil, as crueldades da guerra.¹¹⁴

¹⁰⁹ RANGEL, Alberto. Na anteporta. In: _____. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estrangeiro em Cuissy sobre o Loire*, França. Tours: E. Arrault et Cie, 1915, p. V e VI. (Data – 1 de janeiro de 1915)

¹¹⁰ HARDMAN, op. cit., p. 189.

¹¹¹ A imprensa foi o lugar de destaque do debate, contudo, obras, folhetos, testemunhos, conferências foram realizados e publicados no período tratando da guerra iniciada em 1914. Cf. COMPAGNON, op. cit.; ALMEIDA, op. cit.

¹¹² Não pretendemos problematizar a categorização dos termos e nem seus usos. Mencionamos desta maneira por tratar-se de termos utilizados por parte da bibliografia bem como pelo próprio Rangel em suas correspondências. Livia Claro Pires sugere na introdução de seu trabalho que o uso das categorias seja problematizado. Cf. PIRES, op. cit.

¹¹³ Essa noção associada ao ápice do progresso de uma sociedade transmitida pela imagem da França foi justificada pelo conhecimento íntimo dos intelectuais brasileiros aos valores franceses e seu campo intelectual. OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990, p. 119.

¹¹⁴ Olivier Compagnon justifica que entre as causas para as elites intelectuais defenderem a França e a Grã-Bretanha no conflito foi em parte pelas relações econômicas com os países, bem como as notícias que chegavam

Alberto Rangel, enquanto “estranho em Cuissy” pôde testemunhar diretamente o conflito e desta experiência escolheu a narrativa *pessoal e íntima* como forma de manifestar e discursar contra as tragédias da guerra. Formular um diário cujo tema central perpassa a experiência do eu frente ao período tão relevante para a história tratando da mesma de modo semelhante na troca epistolar ressalta a escolha singular do historiador nesta memorização da sua realidade sem renegar o espaço de si. Como ressaltamos, investir na escolha dos suportes, bem como nas qualidades destes documentos, evidenciaram igualmente reflexões e considerações para o presente trabalho. Portanto, definir *Quinzenas de campo e guerra* em seu caráter de diário e as missivas por suas especificidades trouxe à tona mais sobre a narrativa de Rangel entre os anos da qual tratou da Grande Guerra. Cabe agora questionar a respeito deste *si* da escrita, em outras palavras, saber quem foi Alberto Rangel tanto neste momento de sua vida, quanto outros aspectos de sua carreira profissional observando especialmente *se* ou *como* é possível estabelecer correlações entre o modo que relatou a guerra e sua trajetória.

1.2 - Alberto Rangel: de literato a historiador a trajetória de um intelectual brasileiro

Estou afivelando as malas, D. Taunay. Faltam dous meses e meio para sacudir o pó carioca d'estas botas Clark. Quero beber a taça do exílio; tem o amargo agradável de certas bebidas aperitivas.¹¹⁵

O excerto acima foi retirado das correspondências de Alberto Rangel enviadas a Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958) e conta um momento de mudanças na vida de Rangel, a preparação de sua despedida do Brasil, mais especificamente do Rio de Janeiro, de partida para sua nova moradia no Velho Mundo, em Paris. A carta escrita e enviada em outubro de 1913 relata, entre outros assuntos, a expectativa e o anseio pelo seu “exílio” enfim realizado nos fins de fevereiro do ano seguinte. Da pretensão da viagem à chegada na capital francesa nos meses posteriores, as cartas expõem toda a jornada relatando aos amigos sua passagem por outros cantos da Europa, como a visita ao Porto e a ida a Vittel, no nordeste da França – lugar, aliás,

sobre as atrocidades que o exército alemão cometia, tal como a presença das colônias alemãs no Brasil e na Argentina. Porém, outro aspecto aparece como destaque para a defesa da França na conflagração: “o afrancesamento tradicional das elites latino-americanas nem por isso deixa de aparecer como a principal matriz, a ponto de a causa aliada não raro se confundir, no discurso, com uma francofilia que beira a devoção.” COMPAGNON, op. cit., p. 82.

¹¹⁵ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1913. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

importante devido às propriedades terapêuticas de suas águas onde pôde tratar-se das moléstias nos rins.¹¹⁶

Após o tratamento e cerca de poucos meses após o desembarque em Portugal, o intelectual brasileiro chega em Paris para estabelecer-se e dar sequência à uma das razões de sua mudança: o desenvolvimento da pesquisa histórica referente a Marquesa de Santos e a relação com Dom Pedro I,¹¹⁷ momento que esperava com anseio como descreveu ao amigo Taunay. Na verdade, o interesse de Rangel pela figura de Domitila de Castro do Canto e Melo iniciara muito antes de sua ida a Europa. Em *Águas Revessas*, Rangel descreve o primeiro contato que teve com as histórias da Marquesa aos seus 12 anos de idade diretamente do palacete em São Paulo, durante as festas de Santo Antônio escutando um grupo de mais velhos comentando das antigas festas no casarão e das impressões passadas da amante de D. Pedro I:

Teria nascido daí a preocupação que faria do menino, trinta e tantos anos mais tarde, o primeiro historiador dessa mulher, aproveitada, vilipendiada e ignorada, cortesã em chinelas e fitão de Santa Isabel, que o Brasil, exagerado e inclinado a imitações francesas, pretendeu transformar numa pródiga Pompadour...

Seria, com efeito, por volta de 1912 que, subpretencialmente sugestionado pela recordação dessa remota festa de Santo Antônio, me decidi a incursar nos domínios limitado e refletidos da História, ajuntando o que houvesse de verídico no relato dessa ligação entre o primeiro Imperador e a sua conhecida amásia. O assunto parecia-me digno de exame pela novidade do tema, numa terra aliás sempre infensa às descobertas da Verdade, mas muito disposta e caroável ao cochicho de alusão maliciosa, na esquina, às fraquezas dos seus grandes homens e mulheres de melhor reputação.¹¹⁸

A curiosidade da infância transformou-se em objeto de estudo três décadas depois, quando Rangel, a partir de 1912 se debruçou em documentos e arquivos em busca de informações sobre a personagem marcante e polêmica dos anos da Independência. A iniciativa marca os primeiros passos para sua obra inaugural de cunho histórico, logo, sua função de

¹¹⁶ Como o próprio descreve nas correspondências, Rangel sofria de dores constantes devido os cálculos renais, o que levou, inclusive, a passar um tempo em Vittel para tratamento nas águas da região antes de fixar estadia na capital francesa. “Não é sem muita emoção de saudade, que lhe escrevo, depois das peripécias de uma travessia entre cólicas de rins e engulhos de enjôo. Cinco agulhadas de morfina por pulso de medico alemão, orça por essa conta o que Príncipe Negro da Diurese apanhou no vagalhão atlântico, ultimando os seus sofrimentos um desembarque á noite e á chuva em leixões, entre pragas de catraieiros e apalpadelas de guardas fiscaes”. Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, 30 de março de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹¹⁷ Sobre o trabalho histórico e a relação entre Rangel e Taunay a respeito do livro *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*, conferir: ANHEZINI, Karina. Desnudar a historiografia na Primeira República: Alberto Rangel e Afonso Taunay na construção da Marquesa de Santos. In: BENTIVOGLIO, Júlio; NASCIMENTO, Bruno César (org.). *Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. 1 ed. Vitória: Editora Milfontes, 2017, p. 189-205.

¹¹⁸ RANGEL, Alberto. *Águas Revessas (1871-1900)*, vol. 1. In: TONIN, Fabiana. *Águas Revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 365.

historiador. O resultado seria publicado somente em 1916 e intitulado *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*¹¹⁹.

Os esforços para a investigação histórica são observados principalmente pelas trocas de correspondências com Afonso Taunay e Capistrano de Abreu, mas também observados com outros, nas quais são solicitadas indicações de documentos, formuladas dúvidas ou feitas constantes atualizações dos passos da pesquisa. Ambos os intelectuais tiveram grande participação no auxílio ao novato historiador, tendo sido Capistrano de Abreu o primeiro a quem Rangel recorreu durante reuniões de amigos no Rio de Janeiro aproveitando o espaço para indicar a documentação até então disponível sobre o tema. Não sem menos importância foi a participação de Taunay: foi ele quem recepcionou Alberto Rangel no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1913 estando presente em todos os avanços da pesquisa até sua conclusão, sendo fundamental ainda como auxiliar da pesquisa quando o trabalho precisou tomar novos rumos, isto é, migrar para a Europa. É neste momento que chegamos ao trecho da correspondência que abrimos esse texto, a viagem para Paris em 1914. As fontes localizadas no exterior demonstraram-se cruciais para o desenvolvimento do trabalho levando Rangel para uma estada além-mar, a fim de ter o acesso direto a documentação nos arquivos europeus. As cartas revelam que com a mudança Taunay assume um novo papel tornando-se um auxiliar de pesquisa, com o qual Rangel pôde contar efetivamente naquilo que precisasse diretamente do Brasil.

A razão da viagem revelou também um princípio muito valorizado por seu autor. Desde o início da investigação histórica, Rangel demonstrou preocupar-se com um dos elementos essenciais para a História, ou melhor, a importância da documentação e de fontes que embasassem qualquer informação, dando à luz novos documentos que pudessem apoiar os fatos da história.¹²⁰ Não à toa, seus esforços foram reconhecidos por Capistrano de Abreu em crítica após a publicação do livro:

Quando se anunciou que Alberto Rangel preparava uma monografia sobre a Marquesa de Santos, a notícia foi acolhida com a simpatia e curiosidade devidas ao escritor já tão vantajosamente conhecido. Apenas podia haver dúvida se, votado até aqui a obras de fantasia, saberia subordiná-la ao estudo de áridos papéis velhos. Agora o receio perdeu a razão de ser: o livro saiu com documentação forte e sólida; dificilmente se encontraria trabalho nacional

¹¹⁹ RANGEL, Alberto. *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos: a vista de cartas intimas e de outros documentos públicos e particulares*. Paris: Arrault, 1928.

¹²⁰ Alberto Rangel destacou a importância dos documentos na História em outros momentos de sua vida, como, por exemplo, trinta anos depois da publicação da obra em questão nas páginas iniciais que abrem o livro *No Rolar do Tempo (opiniões e testemunhos respigados no Arquivo do Orsay – Paris)* (1937): “O oceano de informações bate com suas vagas os menores recantos de nosso passado. E é sempre propicia a hora de dar aos factos antigos o apoio dos documentos novos”. RANGEL, Alberto. *No rolar do tempo (opiniões e testemunhos respigados no Arquivo do Orsay – Paris)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937, p. 3.

lançado em alicerces tão profundos e seguros como D. Pedro I e a Marquesa de Santos.¹²¹

Os elogios de Capistrano de Abreu fazem contraste com outra experiência apontada por Rangel em suas memórias quando comentou que o Brasil seria a “terra aliás sempre infensa às descobertas da Verdade”¹²², sendo mais enfático na crítica aos métodos de seus colegas historiadores no campo da História no Brasil de seu tempo, quando, em 1937, deixou registrado nas primeiras páginas da obra *No rolar do tempo*¹²³:

Nada mais proprio a restabelecer os quadros soterrados no desmoronamento dos tempos. No Brasil, com a repetição das mesmas arias, molinhamos a mesma solfa, batemos no mesmo teclado. Não saímos quasi das chapas com que illustramos os nossos fastos e edificamos a fama dos nossos homens. Precisamos arejar a visão de nosso passado, procurar renovar-lhe a projecção das sombras melancolicas; levar a luz prescrutadora aos bastidores do theatro, de que nos ficaram apenas restos de dialogos, uma intriga mal desenleada ou então as mascaras dos actores succumbidos no papel de quem deu mal ou bem o seu recado... Como para restaurar uma causa sucessivamente falseada, é necessario restabelecel-a nas suas verdadeiras modalidades, nas suas origens reaes; como para verificar o diagnostico de males corporaes internos o radioscopista lança um feixe de raios X através da pelle do doente.¹²⁴

Embora o trecho acima tenha sido escrito três décadas após a publicação de *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* o comentário recheado de denúncias à maneira de se fazer história no Brasil evidencia aquilo que Rangel teve de suportar – e disputar – desde 1916 quando sofrera com críticas semelhantes quanto a recepção da obra, ou anteriormente ao apresentar um capítulo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1913.¹²⁵ Por tratar-se dos seus primeiros esforços de narrativa histórica e voltada propriamente ao grupo de historiadores padecera com desaprovações por seu estilo, bem como por seu empenho por recuperar a imagem manchada da Marquesa de Santos. Entre as polêmicas desse último parecer, um caso notório foi a “cutucada” que o historiador Oliveira Lima (1867-1928), seu primo em segundo grau¹²⁶, deixou em suas *Memórias* postumamente publicadas: “[...] nosso primeiro reinado da Marqueza de Santos, que o Snr. Alberto Rangel quiz transformar n'uma patriota esclarecida quando não era

¹²¹ ABREU, Capistrano. Um livro sobre a Marquesa de Santos. *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*. 2ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976, p. 98.

¹²² RANGEL, *Águas Revessas...*, vol. 1, op. cit. p. 365.

¹²³ A obra é resultado da pesquisa de Rangel no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros da França e foi publicada em 1937. RANGEL, *No rolar do tempo...*, op. cit.

¹²⁴ RANGEL, *No rolar do tempo...*, op. cit., p. 3-4.

¹²⁵ Os resultados iniciais da primeira obra histórica do autor já haviam sido publicados na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1913. RANGEL, Alberto. Pedro I e a Marqueza de Santos (excerpto). *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXXVI, parte I, 1913, p. 3-19.

¹²⁶ Rangel comenta do parentesco em suas memórias: “Eram ambos, o Luís e o Manuel, netos por parte materna de uma irmã de meu avô Porfírio [...]”. RANGEL, *Águas Revessas...*, op. cit., vol. 1, p. 118.

mais do que uma corteza venal”¹²⁷. Ainda em 1937, queixou-se com sarcasmo a Hélio Vianna do ocorrido defendendo que seria preciso: “ser destituído da menor parcela de um julgamento razoável, para achar que eu tenha feito da pobre Domitila uma espécie de Clara Camarão. Ora, eu limitei-me a provar que ela não chegava aos pés da Pompadour, de quem não tinha nem a influência, nem a prodigalidade”¹²⁸.

Apesar das polêmicas, *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* viria a ser reconhecido como um dos trabalhos mais notáveis de Rangel ao lado de outro, o *Inferno Verde*¹²⁹ (1908) livro a partir do qual conquistou reconhecimento, sobretudo, pelo conteúdo e seu estilo literário.¹³⁰ O prestígio do conto literário amazônico merece ser destacado, pois foi justamente essa obra que lhe rendeu a vaga de sócio em dois institutos de suma importância: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com sede no Rio de Janeiro,¹³¹ e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

A sua participação foi efetivada no IHGB a partir de 6 de junho de 1912, quando foi eleito sócio efetivo. Dois meses depois, em 5 de agosto, o nome de Rangel também foi aceito no IHGSP como sócio correspondente. Nos discursos de recepção apontou a importância de ambas as instituições, especialmente no que se refere ao papel que estas assumem no campo da História no Brasil, além de prestigiar seus novos pares. Entre as modéstias do discurso, como aquelas sobre o passaporte que lhe rendeu a vaga nos institutos – o *Inferno Verde* –, foi na recepção no IHGB que o autor anunciou seu trabalho a porvir fazendo questão de ressaltar que o objetivo era restaurar a imagem de D. Domitila, uma imagem manchada por uma história formulada na inexatidão:

¹²⁷ LIMA, Manuel de Oliveira. *Memórias (estas minhas reminiscências...)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937, p. 135.

¹²⁸ VIANNA, Hélio. Centenário de Alberto Rangel. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 294, 1971, p. 241.

¹²⁹ RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. Tours: Arrault & Cia, 1927.

¹³⁰ Entre as características do estilo literário de Alberto Rangel está a invenção de palavras e termos. Isso lhe rendeu um elucidário e um glossário de suas obras feitas por L. G. de Simas: SIMAS, L. G. Elucidário de *Inferno Verde*. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ano XVI, n. CXXVII, p. 127-230, set. 1949; SIMAS, L. G. *Glossário do livro de Alberto Rangel 'D. Pedro I e a Marquesa de Santos'*. Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1959.

¹³¹ É curioso aquilo que Rangel escreve em suas memórias sobre seu ingresso no IHGB: “Ao próprio Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro nunca me fiz candidato. Aliás nenhum direito me davam a isso esses contozinhos do “*Inferno Verde*”, que não cheiravam de modo algum a títulos históricos, ou geográficos indispensáveis a tal investidura. Se lá entrei com essa bagagem, é responsável a surpresa de saber o meu nome proposto à minha revelia e aprovado no conclave da comissão de História e de Admissão de sócios desse “soldalício”, por uma benignidade de julgamento que ultrapassa as raias do possível. Dado o beneplácito ao novel escritor, não quis levar a intolerância à impolidez de tão obsequiosos, lisonjeiros e espontâneos sectários, que usavam e abusavam da tradição do São Leopoldo e do Varnhagen, através das manigâncias do Max Fleuiss. RANGEL, Alberto. *Águas Reversas (1871-1900)*, vol. 2. In: TONIN, Fabiana. *Águas Reversas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, p. 191.

Ora, parece que a boníssima senhora não foi vítima de um amor, foi vítima de uma jacobinagem. Se o coração que palpitou pela gentil paulista, de 1822 a 1829, não morasse no peito imperial, a política não encontraria lamas para o enxovalho, porque disso não precisaria o partido para, atentando contra a pessoa de um soberano constitucionalmente inviolável e sagrado, demolir o homem que soube ser um forte.

Sempre fomos uns tímidos ou uns exarcebados. De sorte que quem mais grita é quem mais tem razão. A paixão política, montada em preconceitos, exagerou e torceu os fatos: conviria não a deixar de tal forma desvirtuando a memória perdoável de uma dama, a quem se aumentaram consideravelmente os erros e pouco se atendeu às qualidades cordiais numa mulher.¹³²

Em pouco tempo os pares do Instituto tiveram a oportunidade de observar os primeiros esforços de Rangel, quando em 1913 o até então literato dava seus primeiros passos como historiador com a publicação na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* de um excerto da prometida obra.¹³³ No mesmo volume também publicou o artigo *Aspectos Geraes do Brasil*¹³⁴, um estudo sobre o Brasil, onde separou as regiões brasileiras a partir de uma perspectiva geográfica original, decorrente das conferências promovidas no Rio de Janeiro.¹³⁵

Dois anos após sua entrada no instituto com sede no Rio de Janeiro participou de reuniões¹³⁶ e ainda atuou na Comissão Executiva do Primeiro Congresso de História Nacional em 1914 realizada pelo IHGB.¹³⁷ As atividades de Rangel não se limitaram somente a sua atuação nos Institutos, pois no mesmo período o historiador proferiu ainda outras duas

¹³² RANGEL, Alberto. *Rumos e perspectivas (discursos e conferências)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934, p. 121-122

¹³³ RANGEL, Alberto. Pedro I e a Marquiza de Santos (excerpto). *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXXVI, parte I, 1913, p. 3-19.

¹³⁴ RANGEL, Alberto. Aspectos gerais do Brasil. *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXXVI, parte I, 1913, p. 453-518.

¹³⁵ A respeito da iniciativa promovida pelo IHGB, conferir o trabalho de Lúcia Maria Paschoal Guimarães. “O primeiro evento promovido consistia num conjunto de cursos abertos à comunidade, à semelhança de certos projetos pedagógicos desenvolvidos hoje em dia, voltados para a atualização de conhecimentos. A programação obedecia a uma diretriz didática bem definida: num primeiro momento, esboçava-se um panorama geral do país e, em seguida, partia-se para o exame de questões mais pontuais, o que de certo modo se assemelhava à proposta de Alberto Torres. O programa iniciou-se em dezembro de 1913, com a temática Aspectos gerais do Brasil, apresentada em quatro conferências, proferidas pelo engenheiro e geógrafo Alberto Rangel”. GUIMARÃES, Lúcia M. P. *Da Escola Palatina ao Silogeu: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938)*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2007. Bem como a tese de Gerson Coppes Jr.: COPPES JR. Gerson Ribeiro. “*Um problema histórico-geográfico*”: Emergências de um saber geográfico no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Uma geografia para e das bandeiras. (1894-1954). 2021. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2021.

¹³⁶ As cartas, como poderia se esperar vindas de um intelectual brasileiro e a rede de sociabilidade de outros sócios pertencentes aos Institutos, trazem um pouco sobre sua relação e os debates sobre as reuniões que participará, mas também pedidos de atualizações a respeito dos encontros em que esteve ausente e informações sobre documentos. Logo, a partir dessas missivas o historiador pode observar o meio intelectual brasileiro no início do século XX.

¹³⁷ Se foi encontrado uma gama de informações sobre a sua participação no Instituto da então capital federal, as atividades do autor em São Paulo são mais escassas com destaque para seu discurso de admissão presente no *Rumos e Perspectivas (Discursos e Conferências)* da segunda edição, publicada em 1934.

conferências: *Os Sertões Brasileiros* (1913) na Biblioteca Nacional e outra intitulada *A Sociedade Brasileira no Primeiro Reinado* a convite do Grêmio “Euclides da Cunha”.¹³⁸

A publicação de pesquisas históricas e geográficas, a busca por documentos para constituir a obra *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*, as participações em reuniões e conferências e o diálogo com historiadores conhecidos do início do século XX indicam parte de suas realizações. Se Rangel já possuía o talento reconhecido na literatura, o ano de 1912, simboliza os primeiros passos para sua introdução formal na função de historiador com o ingresso nos principais espaços do fazer histórico da época e pela publicação do livro da figura monárquica.

Mas, aliás, quem era Alberto Rangel em 1912 quando ingressou nos principais Institutos do país iniciando seu papel de historiador? A trajetória que se inicia em 1871 em Recife demonstra além do costume com as mudanças, a circulação em diversas funções que aderiu e até mesmo em participações em eventos históricos do Brasil. Embora tenha nascido em Pernambuco, ainda jovem se mudou para São Paulo onde passou a maior parte da infância. Era filho de funcionário da Imigração e bisneto do Marechal Francisco Arruda Câmara.¹³⁹ Aos 18 anos uma nova mudança, agora para o Rio de Janeiro, onde seguindo os passos do familiar ingressou na carreira militar na Escola da Praia Vermelha em Niterói.

Escolheu nela a função de engenheiro militar e formou-se somente em 1899 após superar obstáculos que postergaram sua formação: além do período de reformas no ensino militar houve ainda, segundo Hélio Vianna, um desligamento temporário forçado após a revolta da Escola da Praia Vermelha em 1895, confusão em que Rangel fora injustiçado.¹⁴⁰ Nos anos em que foi aluno na escola, participou das batalhas da *Revolta da Armada*¹⁴¹ liderando uma bateria de artilharia presente na Fortaleza da Laje, sendo em 30 de novembro atingido por estilhaços no rosto e nos pés em pleno ataque do couraçado *Aquidabã*. O episódio foi lembrado algumas vezes por outros escritores que muitas vezes destacaram a bravura do aluno no episódio, demonstrando ainda como Rangel: “tornou-se o exemplo vivo da bravura e da dedicação, o expoente daquela mocidade, que nos dias sombrios de setembro de 1893 a março

¹³⁸ As duas conferências estão presentes em *Rumos e Perspectivas* junto com os discursos de admissão nos institutos de São Paulo e o nacional e outros textos de sua autoria. RANGEL, Alberto. *Rumos e perspectivas (discursos e conferências)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

¹³⁹ VIANNA, Hélio. Centenário de Alberto Rangel. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 294, 1971, p. 237.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 237-238.

¹⁴¹ A Revolta da Armada foi uma rebelião ocorrida no Rio de Janeiro pela Marinha entre os anos 1891 a 1894 contra o fechamento do Congresso e outras medidas impostas pelos governos republicanos de Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto.

de 1894, enfrentaria as insidias dos reacionários e os assaltos dos monarquistas escravocratas”¹⁴².

Durante sua estadia na Escola da Praia Vermelha o pernambucano aproximou-se mais dos ideais republicanos. Visto que, antes mesmo da proclamação da República, a escola já era conhecida por defender o republicanismo, inspirado em ideias do positivismo e do evolucionismo algo que não mudou após 1889, mantendo-se fiel aos posicionamentos de Benjamin Constant. Leal ao seu ambiente de formação, durante o período em que esteve no exército Rangel apoiou a República e o próprio positivismo. Como confirma seu amigo Firmo Dutra em nota do jornal *Correio da Manhã*:

E' necessário dizer que Rangel vinha dos tempos da pregação republicana por Benjamin Constant; fôra companheiro de Euclides da Cunha e assistira o grave incidente com o ministro Tomás Coelho, quando Euclides quebrou o sabre e atirou-o aos pés do ministro. Tôda sua formação era da filosofia comteana, vertical e positiva, que o situava numa espécie de nimbo, inatingível pelos que não conheceram o periodo heroico das esperanças revolucionárias.

Antes de destacar a importante relação de amizade com Euclides da Cunha que Dutra nos traz, vale ressaltar a virada dos ideais republicanos na vida de Alberto Rangel. Embora o apego ao republicanismo tenha se concretizado nos anos de escola militar foi ao final do curso que Rangel sentiu as decepções a respeito do exército e da República demitindo-se em 1900, um ano após sua formação. O autor seria anos mais tarde um dos notáveis defensores da monarquia no Brasil, mantendo contato e trabalhando em arquivos a serviço da família imperial transformando sua defesa em diversas obras sobre o período do Império ou de suas figuras de destaque quando, por exemplo, escreveu a biografia do conde d'Eu em 1936. Deixou evidente dos ataques que sofreu por tal:

Tem-me bastante aborrecido também a irrupção de um bando de imbecis de imprensa que para defenderem a defunta republica me atacam e á famillia Imperial. Borradores de papel, gosmam na injuria e na ignorancia tudo o que lhes reçuma da inconsciencia. Sem educação e covardemente afrontam a penna independente do velho solitario e a familia decente que é a viva tradição de nossos melhores tempos, aproveitando-se da occasião em que a ordem é resonar... Ha um ditado no Brasil que compendia todos os sentimentos de honra no momento de serem perdidos: “Não se dá em homem deitado”. Arrojado ao solo pelo maior terremoto politico que tenha destruido a ordem publica a nossos olhos e amordaçado pela violencia emigida em governo, esses mesquinhos sabotadores da cultura, que ainda pode nos restar, entreabrem as barreguilhas e mijam-me nas botas.¹⁴³

¹⁴² DUTRA, Firmo. O conde d'Eu visto por Alberto Rangel. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958.

¹⁴³ Carta de Alberto Rangel a Francisco Venâncio Filho, Nova Friburgo, 19 de dezembro de 1944. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

A insatisfação do alferes-aluno em 1900 fora tanta que Rangel publicou suas despedidas criticando o exército em um panfleto denominado *Fora de Forma*. Firmo Dutra, em outra nota de jornal diz sobre o panfleto: “[...] critica candente à cúpula militar, que despertou séria reação pró e contra, mas influiu nas modificações posteriores feitas na administração da Guerra”.¹⁴⁴

A denúncia do experiente aluno referia-se principalmente a alta cúpula do exército e sua crítica dirigia-se aos cargos principais como o do próprio ministro de guerra. As exigências eram de que algo deveria mudar no sistema militar sendo preciso combater os males do exército a começar por esses altos cargos, e para isso era necessária a intervenção do governo: “Ao governo assim disposto caberia sondar os males do exercito, ausentar essa corporação para sentir-lhe os defeitos de circulação, as quebras do seu aparelho, a ankylose dos seus órgãos...”¹⁴⁵. A análise de Rangel é formulada a partir de sua experiência nos anos em que esteve na Escola da Praia Vermelha. O ambiente da escola era conhecido por permitir o contato direto de homens com as patentes baixas e alunos com a alta cúpula, indivíduos que possuíam as maiores responsabilidades. Por conta disso, ele pôde observar de perto o sistema militar integralmente, o que significou também que pôde sofrer com os problemas gerados por ele.¹⁴⁶ A desilusão de Rangel vem daí, representada, mais especificamente, ao causo que traz no panfleto quando no dia da formatura de sua classe a ansiedade e a felicidade tornaram-se sentimentos opostos ao serem desprezados pelo ministro da guerra em reunião com ele:

Sahimos. Aquelle grupo de rapazes, depois de nove annos de estudos, tendo-se batido em entrincheiramentos, occupando o tom badiho armado de navios, tiroteado nos campos do Rio Grande e Paraná, retirava-se da presença do supremo representante do exército como um desprezível banco de cornetas insubordinados e relapsos.

Foi de certo uma desillusão excepcionalmente amarga. Aquelles officiaes sentiram-se como varridos a pedradas. Mas, se na antesala desse gabinete houvesse um cabide para depositar fardas ultrajada e para que quem as vestisse regeitasse o enxovalho, certamente os continuos de s. ex. recolheriam nessa tarde vinte e tantos uniformes de officiaes que por tal forma se desaggravariam...¹⁴⁷

A despedida do exército de maneira conturbada e em forma de protestos é semelhante à de outro intelectual de destaque que igualmente cursou a Escola da Praia Vermelha, local em

¹⁴⁴ DUTRA, Firmo. O Mito do Inferno Verde. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1966.

¹⁴⁵ RANGEL, Alberto. *Fóra da Forma. A Federação: Orgão do Partido Republicano Federal*, Amazonas, 5 de outubro de 1900.

¹⁴⁶ Sobre sua experiência na escola militar, conferir: RANGEL, Alberto. *Águas Reversas (1871-1900)*, vol. 2. In: TONIN, Fabiana. *Águas Reversas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

¹⁴⁷ *Semana política. Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1901.

que conheceu Rangel, no caso, o autor de *Os sertões*, Euclides da Cunha (1866-1909).¹⁴⁸ A amizade que se iniciou na escola militar no Rio de Janeiro durou até a morte de Euclides em 1909. A grande intimidade entre os dois manteve-se mesmo à distância quando Alberto Rangel mudou-se para o Amazonas para exercer a função de engenheiro, para logo em seguida assumir o cargo de diretor-geral da Repartição de Terras, Minas, Navegação e Colonização de 1901 a 1904 e, posteriormente, em 1905, a função de secretário-geral do governo do estado do Amazonas.¹⁴⁹ Foi a partir de sua experiência no Amazonas que Rangel decidiu escrever um livro de contos literários amazônicos podendo contar com o prefácio do amigo e já consagrado autor. Até então, Rangel não possuía grande prestígio na literatura, tendo publicado além do panfleto *Fora de Forma*, alguns outros textos em jornais como crônicas, novelas literárias e outros de cunho militar durante os anos finais do século XIX. A proximidade e o prefácio de nome na obra foi objeto de estudo e críticas quando muitos creditaram o estilo de Rangel e a importância da obra ao nome de Euclides. Embora sujeita a polêmicas, a obra *Inferno Verde* ganhou destaque e recebeu boa recepção prestigiando o nome de Rangel no período, sendo inclusive, como já mencionamos, a obra de destaque da carreira de Rangel ao lado de *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*. A recepção foi bem vista pelo amigo prefaciador que escreveu a Rangel pouco tempo depois da obra chegar às livrarias:

O Inferno verde ajitou um pouco o sangue frio destes batraquios, porque é um parente mais novo e mais vivo dos Sertões. Disse-o grande mestre Araripe Junior; e o parecer do nosso unico ensaista, escandalizando furiosamente a cabotinagem covarde, encheu-me do mais justificado orgulho. Estás longe. Não podes avaliar a espessura do silencio calculado que o teu livro rompeu. Mas para isto não contribuiu o prefacio, sinão a vizão superior de um Araripe, a alma vibratil de um Felix Pacheco e a sinceridade de alguns raros plumitivos, que ainda realizam o milagre da posse de alguma seriedade neste meio. Quero que escrevas ao Araripe e ao Felix (Jornal do Comercio), agradecendo-lhes porque na realidade foram os dois maiores reveladores do teu grande valor literario.¹⁵⁰

Infelizmente o prefaciador não pôde ver Rangel colher os frutos da obra ao se tornar sócio do IHGB e do IHGSP em 1912. Após a tragédia que resultou na morte de Euclides da Cunha em 1909, os amigos e admiradores criaram um Grêmio e uma Revista que levaram seu nome da qual Rangel fez parte como presidente honorário. Além das homenagens feitas no

¹⁴⁸ A relação entre a saída do exército dos dois amigos Rangel e Euclides e o *Inferno Verde* foi inspiração para o *Dois Egressos de Farda*, homenagem feita por Felix Pacheco publicada em 1909. Rangel descreve o contato com Euclides da Cunha nos da Escola da Praia Vermelha em seu segundo volume de *Águas Revessas*.

¹⁴⁹ Durante a gestão de Antônio Constantino Nery. Nele se destacou por negociar com êxito um empréstimo na Europa ao estado do Amazonas. Foi nesse mesmo período que o pernambucano trabalhou no jornal *Comércio de Amazonas*, em Manaus, onde foi redator-chefe.

¹⁵⁰ Carta de Euclides da Cunha a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1908. In: VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides e seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 216.

aniversário de morte, no dia 15 de agosto, realizou uma conferência a pedido do Grêmio em 1913 intitulada *Euclides da Cunha (um pouco do coração e do caráter)*. A partir de 1914 Rangel manteve-se em contato com os responsáveis pelo grêmio e mesmo à distância, após sua partida para a Europa, enviava seus discursos para as homenagens.

Após o sucesso de *Inferno Verde* não abandonou a região amazônica como tema em sua produção literária. Ainda em 1913 publicou outra obra intitulada *Sombras n'água: vida e paisagens no Brasil equatorial*. Porém, com a entrada nos institutos e a mudança para o Velho Continente, o historiador e literato parece ter se dedicado à história do Brasil. Rangel viveu em Paris até 1942, mas não abandonou as publicações e os trabalhos com documentos o que o destacou por seus serviços em arquivos internacionais. Assim que fez moradia em França ele e sua família tiveram que lidar com o imprevisto, a guerra de 1914. Escreveu sobre o primeiro semestre da guerra no *Quinzenas de Campo e Guerra* publicando-o em 1915. A história do Brasil voltou a ser tema recorrente a partir de 1919 na literatura histórica do *Quando o Brasil amanhecia*.

Além das publicações e das rendas retiradas com as vendas dos livros, enviadas do Brasil não se sabe ao certo se exerceu outra função remunerada além da escrita, no período entre sua exoneração do cargo de secretário-geral do Amazonas em 1905 a 1923 quando assumiu a posição de auxiliar do Consulado em Paris até se aposentar em 1939. Além do consulado, trabalhou em arquivos europeus como copista, segundo Vianna, estando a serviço da família imperial no Castelo d'Eu (Arquivo da Casa Imperial do Brasil), no *Foreign Office* (Foreign, Commonwealth & Development Office) em Londres e em Viena.¹⁵¹ Bem como no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros de França, no Cais d'Orsay, na capital francesa que resultou na pesquisa *No Rolar do Tempo*.

A distância não impediu que Alberto Rangel se mantivesse próximo do Brasil para além das publicações, viajando sempre que podia para a terra natal, colhendo informações com os amigos questionando sobre a situação do país pelas correspondências ou por revistas que chegavam. Foi somente em 1942 que o autor voltou em definitivo a sua terra natal, após 28 anos vivendo em Paris período em que publicou 10 livros, entre eles: *Livro de figuras*¹⁵² (1921), a respeito de personagens históricos; *Lume e Cinza*¹⁵³ (1924), composto por ensaios e contos

¹⁵¹ VIANNA, Hélio. Centenário de Alberto Rangel. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 294, 1971, p. 243.

¹⁵² RANGEL, Alberto. *Livro de figuras*. Tours: E. Arrault, 1921.

¹⁵³ RANGEL, Alberto. *Lume e cinza: fantasias, contos e recontos, fructos da terra*. Rio de Janeiro: Livraria Científica Brasileira; Sussekind de Mendonça, 1924.

de elementos representativos brasileiros; *Textos e pretextos*¹⁵⁴ (1926), resultados de sua ida nos arquivos do Castelo d'Eu; *Papeis pintados*¹⁵⁵ (1928) onde são feitas homenagens aos amigos distantes do Brasil entre outros indivíduos; em *Fura-Mundo!*¹⁵⁶ (1930) um romance histórico que trouxe São Paulo como centro de uma novela bandeirística; uma biografia decorrente do contato com os documentos presentes no arquivo da família imperial em *Gastão de Orléans - o ultimo Conde d'Eu*¹⁵⁷ (1935); e o supracitado *No rolar do tempo* (1937).

Antes de falecer em dezembro de 1945 lançou nas livrarias outras duas obras, *Trasanteontem*¹⁵⁸ (1943) e a sua última em vida *A educação do Príncipe - esboço crítico e histórico do ensino de D. Pedro II*¹⁵⁹ (1945). Cerca de uma década antes, Rangel já tratava com seus correspondentes e anunciava a escrita de suas memórias a princípio pensada para 3 volumes tendo cada um título específico: *Águas Passadas*, *Águas Revessas* e *Águas Paradas*. Por fim, escolheu somente o segundo para dar nome a todos os volumes, porém o autor faleceu antes de conseguir publicá-la em vida. A divulgação dos dois primeiros volumes (Rangel escreveu cinco ao todo) foi feita por Fabiana Tonin em sua dissertação, *Águas revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel* (2009)¹⁶⁰.

Narrar a própria história a partir de suas memórias foi uma oportunidade que Rangel encontrou de contemplar também a história do Brasil e do mundo, a qual ele pôde experimentar. Registrar para além de sua infância e juventude significou marcar posições contra ideias que combateu durante a vida e manifestar mais uma vez suas críticas ao Brasil da República e daqueles anos de Estado Novo. É o que disse ao amigo Venâncio Filho em 1936 a respeito dos objetivos do *Águas Revessas*:

Meu Venancio. Acabei o primeiro volume das minhas memorias, que constarão de tres segundo os meus calculos. Realizo isso por dous motivos, vendo que é chegada a hora das despedidas e offerecer um testemunho ao processo de minha geração, victima e culposa dos erros que botaram o nosso querido Brasil ao estado em que se acha. Olhando para o passado tenha na bocca o gosto de cinza e o coração horrizado das tristezas a que fui dado assistir. Espero que as minhas derradeiras palavras neste mundo tenham ao

¹⁵⁴ RANGEL, Alberto. *Textos e pretextos*: incidentes da chronica brasileira à luz de documentos conservados na Europa. Tours: Typographia de Arrault e Comp, 1926.

¹⁵⁵ RANGEL, Alberto. *Papeis pintados (avulsos e fragmentos)*. Paris: Duchartre & Van Bugghoudt, 1928.

¹⁵⁶ RANGEL, Alberto. *Fura-mundo! (1773-1794)*. Paris: Duchartre & Van Bugghoudt, 1930.

¹⁵⁷ RANGEL, Alberto. *Gastão de Orleans, o último conde d'Eu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

¹⁵⁸ RANGEL, Alberto. *Trasanteontem (episódios e relatos históricos)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

¹⁵⁹ RANGEL, Alberto. *A educação do príncipe (esboço crítico e histórico do ensino de D. Pedro II)*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.

¹⁶⁰ TONIN, Fabiana. *Águas Revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

menos um interesse social e aproveitem não á minha reputação de escriptor mas exclusivamente ao Brasil futuro.¹⁶¹

A consciência da “hora das despedidas” e trabalhar para “oferecer um testemunho ao processo de minha geração” soam como possíveis respostas a outro tipo de serviço que Rangel prestou no final de sua vida: a realização do arquivo pessoal pedindo aos colegas e amigos que enviassem as cartas trocadas que possuíam até então e armazenando outros documentos relevantes. Em 1944 diz: “Estou ajuntando minhas cartas, para fazer d'ellas os devidos extractos. Se V. as tiver reunidas (o que é uma presumpção ridicula) mande-m'as para o que intento”¹⁶².

A constituição do arquivo particular com correspondências e com as memórias trazem também as lamentações que o historiador testemunhou, as tais “tristezas a que fui dado assistir”. A sentença presente na carta a Venâncio Filho assemelha-se as “catástrofes tremendas” que menciona na narrativa autobiográfica ainda que através dessa que descreveu ao seu leitor exemplos das tristezas:

As catástrofes tremendas, a que pessoalmente assisti, no decurso de minha longa existência, foram das rosas da abolição dos escravos, no Brasil, aos terríveis espinhos da ocupação da França pelas hostes do nazismo. Tendo já bastante vivido, não supponho que maiores e mais impressionantes me seja dado assistir no resto de meus dias.¹⁶³

A geração do pernambucano testemunhou mudanças cruciais na sociedade do mundo moderno, bem como as transformações sociais, políticas, culturais e econômicas que o Brasil sofreu entre a década de 1870 a 1940. O memorialista menciona, entre os grandes eventos, a abolição da escravidão e a invasão nazista a Paris, mas poderia facilmente incluir outras de suma importância como a Primeira Guerra Mundial ou a Proclamação da República, assunto que já demonstramos ter sido fonte de reflexão e críticas para ele. Mas, foi justamente a invasão nazista a Paris motivo de grande preocupação, já que devido a ela Rangel foi obrigado a fugir da França em 1942. A fuga para o Brasil foi narrada e publicada em jornal sob o título *O Anjo e o Turíbulo*¹⁶⁴ onde criticou as potências europeias por mais uma guerra e relatou o cotidiano sob uma Paris governada pelos alemães. No Incipit da *Águas Revessas* não deixou passar o fato:

Curti momentos amargos, com os meus olhos vi e com a minha mulher e os meus filhos sofri do seu jugo. Trazia o prusso, continuado do huno, a fome e a crueldade nos seus armões e mochilas, semeando as terras opulentas e mais

¹⁶¹ Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, 28 de novembro de 1936. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

¹⁶² Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Nova Friburgo. 5 de agosto de 1944. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

¹⁶³ RANGEL, *Águas Revessas...*, vol. 1, op. cit., p. 20.

¹⁶⁴ RANGEL, Alberto. O anjo e o turíbulo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 de março e 07 de abril de 1946.

felizes do que mereciam, dos horrores do roubo, da fome, do frio, da denúncia, da corrupção, da traição, do sangue e da explosão.¹⁶⁵

A fome, o frio, o sangue e as explosões, bem como a fuga, embora estejam descrevendo a experiência da Segunda Guerra Mundial, o relato assemelha-se facilmente a mesma experiência que Rangel e sua família sofreram cerca de três décadas anteriores. Não foi a primeira vez que sofreu com a fome, o frio, o roubo causado pelo “huno”. Ainda em 1914, poucos meses após chegar a sua nova estadia, momento do qual já tratamos no início desse capítulo, o historiador foi obrigado a fugir de Paris e se refugiar em Cuissy com o início do confronto mundial. Diferente de 1939, as tropas alemãs não invadiram a capital francesa e as batalhas mantiveram-se à distância. Porém, podemos dar-lhe crédito quando afirma que a sua vivência seria ao de “Ferido mais que nenhum outro por estas malditas guerras [...]”¹⁶⁶. Em tom semelhante embora composto por um sentimento de alegria e felicidade ao saber da retomada de Paris pelos Aliados em 1944 escreveu a Hélio Vianna que:

Soltei hoje, de casa, meia dúzia de foguetes, no intuito, ao menos, de embirrar com esta alemoada que me cerca, e, agora, anda toda, toda tolhida nestas enconstas da Serra, se fazendo de muito quieta e inofensiva, quando, há pouco tempo, alardeava o entusiasmo pelas vitórias de Hitler. Esses pobres foguetes de adro de igreja da roça tinham grande significação. Representavam a alegria da casa brasileira, que, mais do que nenhuma outra, sofreu do colapso da França. Meu lar partido, minha pouca fazenda sem segurança, meu pêlo maltratado e enxotado, afinal, de onde me aprazia viver. Esta (carta) se lhe fosse significar por completo a minha alegria, não teria fim.¹⁶⁷

Marcante na narrativa de Rangel, portanto, foi o período no qual teve a experiência de viver na França os conflitos da Primeira e da Segunda Guerra Mundial. Os dois combates obrigaram o autor a se afastar de sua residência em Paris nos momentos de eclosão da guerra. Sobre os dois conflitos deixou por escrito suas impressões, um artigo escrito em 1943 e um diário com a duração de cinco meses. É sobre o *journal* escrito em 1914 que gostaria de me dedicar e retomar mais uma vez o período que tratamos nas linhas iniciais quando falamos da pretensão da viagem para a Europa e o anseio para continuar a desenvolver a obra histórica da figura monárquica, a D. Domitila. Após cerca de um ano, Rangel envia outra correspondência a Taunay explicando o que vivia e apresentando uma novidade em meio ao conflito:

Que situação a do mundo, meu prezado Taunay. O apocalypse em ação! Aguardo no socego de velhas cedras de Cuissy a aurora sobre esse cahos de horror. Anoto desde o começo da guerra as impressões diárias e as páginas

¹⁶⁵ RANGEL, *Águas Revessas...*, vol. 1, op. cit., p. 20.

¹⁶⁶ Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Nova Friburgo, 15 de setembro de 44. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

¹⁶⁷ VIANNA, op. cit., p. 251.

que encho são linhas d'ecloga. Sacy do lyrismo estou a mandolinar n'um braseiro.¹⁶⁸

No pouco tempo que se estabeleceu na capital francesa, Rangel e sua família precisaram lidar com outro tipo de imprevisto observável na citação acima, o estourar da guerra de 1914 mobilizando milhares de soldados e civis, provocando um elevado número de vítimas. O trecho foi escrito em meados do mês de agosto de 1914 e denotam linhas de desabafo deste intelectual sobre esse “apocalypse em ação” relatando sua fuga para Cuissy, região ao sul de Paris, estadia que se estenderia pelos próximos cinco meses.

Na mesma missiva o autor faz sua confissão ao “caríssimo” Taunay. Primeiro por justificar a impossibilidade de sua participação das homenagens a Pedro Taques no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro ocorrida no mês anterior, da qual o destinatário apresentou um discurso sobre o historiador paulista,¹⁶⁹ sendo que “infelizmente não me foi possível fazer de scintilha electrica e da plena deflagração européa pular a sala das sessões do Instituto e ouvir uma flor de raça e de intelectualismo pátrio discorrer sobre o velho chronista das Bandeiras”¹⁷⁰. A segunda razão deve-se à guerra instaurada no país, “o cahos do horror”, esse braseiro da qual Rangel assiste dos campos de Cuissy e diz estar registrando diariamente suas impressões.

Essas anotações diárias se tornam assunto de outra correspondência enviada de Cuissy a Taunay no mês posterior. O autor explica a ambição do relato cotidiano que faz da conflagração ainda sem a garantia de publicá-las, mas já aproveitando o espaço para rascunhar a primeira titulação: “Continuo a escrever meu jornal, que talvez publique dando-lhe o titulo inocente e prolixo que o explica e resume: “O espectro da guerra n'uma casa de campo”¹⁷¹. Se com o passar de um mês Rangel deixa por escrito as primeiras informações da obra, a sequência destas linhas expressa a perspectiva daquilo que espera realizar, bem como a preocupação com o futuro da região: “Farei uma pequena edição, um pequeno tomo para ler no bond como os da “Histoire d'Israel” de Ledrain, se no fim de tudo isso ainda houver prelo, papel, livraria e bonds....”¹⁷².

¹⁶⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 15 de agosto de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁶⁹ Sobre as homenagens ao historiador paulista, conferir: ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.º 32, 2003, p. 51-70.

¹⁷⁰ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 15 de agosto de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁷¹ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 3 de outubro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁷² Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 3 de outubro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

As missivas entre Rangel e Taunay registram as alterações do livro em construção. Modificações do título, os cuidados do relato diário, os significados relacionados ao mesmo, a preocupação com a recepção, os percalços e o contexto de sua escrita, os pedidos e convites de leitura aos seus destinatários e, em meio as conversações da escrita *íntima*, o próprio relato do seu cotidiano no conflito. Enfim, elementos a respeito do livro publicado em 1915 intitulado *Quinzenas de Campo e Guerra (Journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire, França)*.

As tais correspondências destacam os passos em que a obra vai sendo formulada por seu autor, algo que podemos associar principalmente por tratar-se do mesmo correspondente, a quem Rangel recorrerá para lhe auxiliar na pesquisa histórica, o trabalho iniciado em 1912, mas de interesse desde a juventude a respeito da Marquesa de Santos. O trabalho que já se encontrava bem desenvolvido¹⁷³ foi obrigado a ser interrompido por causa da guerra e pelos meses seguintes ao seu início o refúgio de Rangel no Cuissy. De lá aproveitou então para a iniciar outra obra com um caráter e de método diferente. A *Quinzenas de campo e guerra* fora fruto da imprevisibilidade do evento que deixou marcas na vida de Alberto Rangel. É, por isso, que quando traçamos, de forma breve e cheia de ausências, é claro, a trajetória pessoal e intelectual do historiador damos destaque ao contexto que o *journal* surge, entre elementos que serão ressaltados e trazidos com mais vagar em outro momento para novas discussões.

Mais uma vez, tal contexto de publicações e funções exercidas por Rangel no âmbito historiográfico põe em destaque um livro não planejado de um evento imprevisível e num período relevante na vida particular e intelectual do autor. Nas cartas a Taunay, o autor relata a preocupação com o início da conflagração e a fuga a Cuissy. É, também, no prefácio das *Quinzenas* que o mesmo afirma:

Entre as ferteis pradarias do Loire, attentando para o andamento de machinas agrícolas, de lagartas e de carrocins, foi-se forçado a olhar a marcha dos belligerantes; reparando purpurizar-se a vinha virgem, assistiu-se de perto enfumaçar-se um continente; mordendo os pecegos succulentos de um vergel, sentiu-se que os afeleava a crise universal.¹⁷⁴

1.3 - O campo de batalhas do “soldado” Rangel

¹⁷³ Rangel escreveu em março de 1914 que “A minha moléstia tem-me trazido um desanimo horroroso. Se a Marqueza não estivesse no ponto em que está, acredito bem que não a levaria avante”. Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnoille Taunay, Porto, 30 de março de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁷⁴ RANGEL, Alberto. Na anteporta. In: _____. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire, França*. Tours: E. Arrault et Cie, 1915, p. V.

As *Quinzenas de campo e guerra* foi assunto nas correspondências dos meses seguintes à produção¹⁷⁵, mais especificamente em carta enviada a Francisco Venâncio Filho em setembro de 1915. Embora pouco revisitado após a publicação,¹⁷⁶ a obra aparece destacada pela reflexão que o autor faz a respeito dela e de si. De volta ao lar das *Quinzenas*, Rangel traz sua perspectiva quando aproveita para reler seu conteúdo:

A lembrança de ler as linhas das Quinzenas junto aos frios despojos do Sertanographo enteneceu-me. Nunca pensei que serviriam ellas a compor a corajosa oração, reitada por labios crentes de um moço. Havião sahido da penna amarga do desilluso; receberam o melhor premio a sinceridade com que as repassei e á revolta com que as fiz nascer.¹⁷⁷

Essa passagem, embora breve, revela o esforço do literato ao escrever tais linhas que narram o cotidiano tendo por pano de fundo a guerra, recheando-a com críticas e comentários diversos. Rangel parece surpreso reconhecendo nelas a “corajosa oração” divulgando o estado que a compôs: vindas de “lábios crentes de um moço”, “sahido da penna amarga do desilluso”, e geradas a partir da “revolta”. Como já ressaltamos, tal qual a escolha da feitura de um diário para o relato, quanto parte de sua trajetória profissional, demonstram o contexto e a importância que o mesmo possui e está presente no conteúdo da obra, destacado no excerto acima, pela posição de escritor em 1914 a este momento de 1915, visto como um leitor crítico ao trabalho, reconhecendo seu esforço, ao menos nas qualidades dadas entre coragem e sinceridades – inclusive, possíveis motivações para enfrentar seus anseios¹⁷⁸ –, embora partidas da desilusão e da revolta, provavelmente por este acontecimento que foi o surgimento não planejado do diário frente a Grande Guerra.

Aparentemente, o regresso às origens do diário serviu como motivação ao literato a explorar mais uma vez suas páginas. Embora o registro fuja da prática comum aos diaristas ao propor, desde o princípio da publicação, a abertura ao público de toda organização –

¹⁷⁵ Se nos utilizarmos da noção de que as correspondências apresentam por seus assuntos as preocupações do determinado momento de sua escrita e adequarmos os *fragmentos de vida* ao intuito de investigar a relação entre carta e obra/diário caminhamos para aquilo denominado de *diário da obra*. Segundo Haroche-Bouzinac: “O escritor faz a crônica da obra que se encontra em andamento. Na carta, comenta suas dificuldades e elenca impressões que cercam a elaboração do livro, da alegria ao desânimo, da exaltação ao abatimento”. HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016, p. 164.

¹⁷⁶ Durante o levantamento das correspondências foi constatado que o tema *Quinzenas de campo e guerra* não foi frequentemente revisitado por Rangel no período posterior a sua publicação. Vale ressaltar, igualmente, os problemas e as dificuldades de tratar documentos pessoais e a constituição destes acervos particulares, dos quais deve-se levar em conta as lacunas deixadas pela falta de documentos, neste caso, de correspondências. Muitas, é de se esperar, podem ter sido descartadas ou não-preservadas pelos destinatários de Alberto Rangel ainda na época – tendo em vista os pedidos do historiador aos seus amigos que enviassem as correspondências ainda guardadas.

¹⁷⁷ Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Cuissy, 10 de setembro de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

¹⁷⁸ De acordo com Lejeune, o diário pode trazer coragem e apoio, citando, inclusive, o diário feito por Anne Frank. LEJEUNE, op. cit., p. 263.

distinguindo-se da narrativa feita no âmbito íntimo e fechado – Rangel assume uma nova óptica: a de leitor. Nesta perspectiva enfatiza os esforços do escritor de 1914, principalmente pela “corajosa oração” e pelo princípio de sinceridade que a criou, ainda que o contexto se mantinha similar no ano posterior. Diferente do que ocorrera no passado, o retorno a Cuissy não foi decorrente da fuga e da surpresa da guerra, mas por diferentes razões como a visita aos amigos e a região. Independentemente dos motivos, é importante ressaltar que o pano de fundo continuava semelhante ao vivido doze meses atrás e as linhas sobre o campo e a guerra vividas pelo *estranho em Cuissy* de 1914 se assemelham a vida nos campos sob o durar dos conflitos em setembro de 1915.

A troca de missivas demonstram outro aspecto relacionado a experiência da escrita do diário, ou seja, pode-se observar um tipo de crônica formulada por Rangel aos seus destinatários.¹⁷⁹ Durante o período de sua feitura, ele comentou de maneira frequente a respeito da elaboração do *journal*, descrevendo o ambiente de sua estadia, ressaltando a natureza ao seu redor, dando destaque a vida no campo, as plantações e os animais, enquanto ressalta as dificuldades enfrentadas para elaborar o diário, por exemplo a ausência de outra obra,¹⁸⁰ quando afirma dar sequência ao projeto “sem a ajuda de qualquer livro”¹⁸¹. A continuação traz os objetivos do projeto previsto para ser concluído em 31 de dezembro justificado pelo fim da estadia nas terras do Loire, esse seu “refugio de vegetação e chiqueiro em que me surpreendeu a aventura mavortica do teuto”¹⁸².

O autor aproveita-se nesta correspondência enviada a Taunay, datada dos finais de 1914, para desenvolver o significado da trajetória que foi escrever cotidianamente os cinco primeiros meses da guerra europeia. Ainda que Rangel tenha experienciado a guerra como um civil, distante dos campos de batalhas e das trincheiras que fizeram múltiplas vítimas, aproveitou-se no estilo narrativo para então conceber uma imagem literária fazendo uso da linguagem beligerante, sendo a sua autoria equivalente ao papel do soldado, o relato diário semelhante àquele da campanha militar, e os comentários/críticas/reflexões aos ataques e confrontos, ou seja, o cenário da obra é seu panorama da batalha:

¹⁷⁹ Posição que nos remete a uma das possibilidades levantadas por Haroche-Bouzinac do estudo das relações entre as correspondências e as obras, das quais as primeiras surgem como o *diário da obra*.

¹⁸⁰ Como já mencionamos no primeiro tópico do presente capítulo, a ausência de livros como um problema para a elaboração das impressões cotidianas pode ser respondida pelas referências históricas presentes em seu conteúdo. Elementos geográficos, fatos históricos dos países presentes no conflito, a história da região, etc. O livro possui essas informações que a caracterizam pelo tipo de erudição do autor.

¹⁸¹ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnolle Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁸² Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnolle Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Foram cinco mezes de monologos diarios onde haverá ingenuidades de elegia e ferroadas de cassununga. É também a minha expedição de guerra, com morteiros de bombas adverbias, baterias montadas de qualificativos com pennachos no capacete, as estativas de alguns foguetes a Congreve, desusados contra a cavallaria da chatice e imbecilidade, que galope nos meus arredores. A campanha durará pouco, será mais a simples sortida de uma patrulha, que tenha um poeta por capitão, que o desenvolvimento em atiradores de todo um batalhão de granadeiros. É o meio que tenho de me lembrar que fui soldado, trazendo embora na patrona a repugnancia de tudo quanto é “prompto, seu tenente”.¹⁸³

O historiador pernambucano, embora aponte ingenuidades do registro, define a *Quinzenas* como sua expedição de guerra, onde a literatura foi sua participação no conflito, no caso, enquanto manteve-se distante espacialmente das trincheiras, a posição em que se viu como autor equivaleu ao de soldado, ao menos, durante os cinco meses hospedados na zona rural francesa enquanto civil.

A reclusão na vida rural certamente marcou os projetos do autor. Sejam nos momentos que compreende sua posição em meio ao campo descrevendo o dia-a-dia e as práticas rurais, ou aqueles que reconhece as dificuldades do isolamento. A importância de Cuissy e da região aparece por outros aspectos ligados diretamente ao livro: pela sugestão de títulos – tal qual o subtítulo permanente; a referida data de conclusão coincidente ao fim de sua moradia no casarão; e, de maneira mais significativa, a representação do campo em relação a guerra, na qual a natureza ao seu redor é descrita na função central de fazer frente a batalha.

A vida rural, segundo Rangel – os trabalhadores do campo, os animais, o modo de sustento, a flora – não poderiam ser responsabilizados pelo conflito, cabendo a culpa às cidades por conta dos valores éticos e morais advindos de seus cidadãos. Se a *tradição* do campo – fazendo frente a *modernidade* da cidade – possui um dos papéis centrais na narrativa, Rangel menciona nas correspondências a respeito de um projeto nunca realizado por problemas financeiros, algo que completaria a tal dicotomia campo/cidade, relatando de forma semelhante a vida urbana sob o âmbito da guerra:

Ultimamente nada tenho feito. O meu projecto das “Quinzenas de Cidade e Guerra” para emparelhar-se as “de Campo e Guerra” evaporou-se com o roubo do meu procurador ahí, o malaventurado P. C. que me poz a chinha na barriga, augmentando-me os cuidados pela subsistencia e diminuindo assim os que applicasse a letras quaesquer.¹⁸⁴

¹⁸³ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escagnolle Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁸⁴ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escagnolle Taunay, Paris, 8 de novembro de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Aliado as sugestões de títulos e indicações de feitura, os diálogos com Taunay e Martim Francisco Ribeiro de Andrada demonstram igualmente a dúvida acerca da possibilidade da publicação. Em dezembro diz que: “Se publicar esse memorial da minha passagem nos palheiros e coltas de Cuissy darei o título de A ILHARGA DA GUERRA MAXIMA com o subtítulo (Jornal de um extranho). Não sei se me affoite á tal publicação”¹⁸⁵. Enquanto as conversas dos primeiros meses de 1915 apresentam a tomada da decisão, é justamente neste momento que as relações entre os intelectuais presentes no Brasil revelam o caráter de auxílio, mesmo à distância, na qual Rangel espera receber nas correspondências os primeiros comentários e opiniões a respeito da obra.

Alberto Rangel, em carta de abril enviada a Taunay, aproveita para atualizar o amigo sobre os trabalhos em andamento, como a obra da Marquesa de Santos, a nova edição de *Inferno Verde* e a mais recente *Quinzenas*. Sobre a última, comentou: “Com esta deve V. receber as Quinzenas de uma francophilia inseparavel e gralhas bem razoavel, inclusive um *journal* bem na cara... Em todo o caso ahi está o livresco, que Deus queira dê ao menos para as terriveis despesas com que veio ao mundo”¹⁸⁶. A citação aponta duas definições essenciais para compreender o diário sob sua própria perspectiva: primeiro ao assumir de partida tratar-se de um *journal*, e o segundo, pela posição que assume frente ao contexto de debates intelectuais do período em meio à ataques e defesas das nações envolvidas. Não, sem antes, salientar a preocupação com o futuro da recepção, principalmente pelo fator econômico que envolveu as economias do autor. Livro, aliás, que o próprio denomina tratar-se de uma “francophilia inseparável”, isto é, assumindo então a defesa do lado francês no conflito, posição que pode ser justificada por sua proximidade com a França, tanto no sentido de ser hóspede ou pela relação cultural, embora não tenha poupado de críticas elementos da nação, como o governo ou a cidade de Paris.

Associando a comparação acima delegada pelo próprio autor como um soldado, se a *Quinzenas* foi a sua expedição de guerra, o campo de batalhas está igualmente atrelado aos embates literários, ou seja, a publicação, as críticas e a aceitação. A preocupação com a recepção e as representações da obra são mencionadas em outro registro enviado a Martim Francisco de Andrada. A missiva que começa pelas lamentações do maior tempo de espera entre a troca de cartas (causado pelo perigo dos mares), relata a ansiedade da chegada da obra às livrarias

¹⁸⁵ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnolle Taunay, Cuissy, 5 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

¹⁸⁶ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnolle Taunay, Paris, 8 de abril de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

brasileiras. A apreensão do autor é justificada pelo conteúdo do livro, isto é, o cotidiano dos campos de Cuiçy no rolar do conflito mundial:

No fim d'este mês deve chegar ao Rio o meu livrinho *Quinzenas de Campo e Guerra*. Francophilismo e algumas esporadas a esmo, entre paisagens de fundo de quintal e boatos vindos do front... Não sei como aceitarão essas paginas de quem não aproveitou melhor o seu tempo de hospede no encantador cantinho de ceifas e lavradas, recortadas de vôo de perdizes e faisões. Que dirá pois mestre Ozorio, o gendarme da Critica nacional, com o seu bastão de marmello e caracaxá de pagé? Hade dizer que eu sou uma promessa ou então uma besta das malhadas, que isso de se impressionar com o trabalho dos campos e seus aspectos mais risonhos, numa Europa devastada e ensanguentada, é de um optimismo illogico e illusorio. E que sei mais? Se sair incolume dos dentes de rala d'esse mastim é que não sou assim tão facil de roer...¹⁸⁷

Uma última definição da *Quinzenas* é sugerida por Rangel ao comentar a preocupação quanto a crítica, ao questionar-se da escolha da tensão entre a natureza e a guerra, especialmente a presença do elemento do campo no conteúdo, propenso ao tratamento desproporcional frente a realidade triste e sangrenta dos campos de batalhas, algo que, inclusive, retrata igualmente a sua própria experiência no primeiro semestre da Grande Guerra. Quanto as vendas da obra, não é possível saber ao certo como ocorreu a recepção brasileira do livro na perspectiva de Rangel e nem quanto a expectativa específica ao parecer do “mestre Ozorio”¹⁸⁸ em razão da ausência de comentários nos diálogos.¹⁸⁹ As poucas evidências e a desapareção do tema nas missivas nos meses seguintes indicam a possibilidade do *journal* não ter tido reconhecimento, nem grandes vendas. As breves linhas relativas às *Quinzenas* na correspondência de Escragnolle Dória a Rangel em setembro de 1916, reforçam essa hipótese. Dória responde sobre a notícia do

¹⁸⁷ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 2 de abril de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

¹⁸⁸ Alberto Rangel não deixou mais informações sobre o “mestre Ozorio” nesta e em outras correspondências do acervo. Após uma breve pesquisa levantou-se a hipótese de tratar-se de Osório Duque-Estrada (Vassouras, RJ, 1870 – Rio de Janeiro, RJ, 1927), escritor, crítico literário, poeta brasileiro e autor da letra do “Hino Nacional Brasileiro”. No período da guerra, mais especificamente entre os anos de 1914 a 1917 possuía a coluna de crítica denominada “Registro Literário” no *Correio da Manhã* (RJ) e a mesma seção de nome semelhante no jornal *O Imparcial* (RJ) entre 1915 a 1917. A hipótese ganhou força quando foi encontrado uma crítica de Osório Duque-Estrada no *Correio da Manhã* em janeiro de 1914 sobre a conferência “Euclides da Cunha” realizada por Rangel. E, embora o historiador pernambucano não tenha comentado mais sobre o *mestre*, em 21 de junho de 1915, na seção do *Imparcial* foi feita a crítica sobre *Quinzenas de Campo e Guerra* ressaltando o talento do autor de estilo “nervoso e de pulso forte”, do qual destaco: “Por tudo se vê que o novo trabalho do sr. Alberto Rangel é um livro por muitos, título interessante e que reflecte bem os varios predicados de um bello espirito e as qualidades mais apreciaveis de um verdadeiro homem de letras”. DUQUE-ESTRADA, Osório. Registro Literário: *Quinzenas de campo e guerra* de Alberto Rangel. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1915.

¹⁸⁹ Foram encontradas menções existentes nos jornais da época, mas não é possível estabelecer nenhuma certeza a respeito da questão. Pode-se levar em conta ainda, dentro dessa tópica, que a obra não tenha tido a relevância esperada em vista dos trabalhos mais famosos de Rangel serem os trabalhos de *Dom Pedro I* e *a Marquesa de Santos* e o *Inferno Verde*. É importante ressaltar que estudar a recepção da obra não representa os objetivos do presente estudo. Levantar a questão a respeito da recepção da obra nos ajuda a refletir os temas e assuntos presentes nas correspondências, a maneira que Rangel descreveu ou se preocupou em comentar sobre a obra. Logo, cabe a nós um pequeno esforço para ressaltar os aspectos investigados no relato íntimo acerca da elaboração do texto.

pernambucano retornar mais uma vez ao campo: “Annuncia-me a sua partida para Cuissy, berço de suas Quinzenas consagradas pelo silencio da critica nacional, a sagração olympica, o bem Supremo, a economia de asneiras, a carestia das féculas do Parmentier”¹⁹⁰.

Para além dos indícios da recepção da obra no Brasil, a tal expedição de guerra, simbolizada pelas *Quinzenas*, e as correspondências que compõem o conjunto documental da presente pesquisa, apresentam os esforços de Alberto Rangel na sua composição de uma narrativa testemunhal. Por meio das correspondências foi observado a maneira que compreendeu seu próprio posicionamento diante dos debates intelectuais relativos a Grande Guerra, bem como algumas das motivações que o levaram a realização do *journal*, e, em particular, as projeções de títulos não escolhidos que indicam igualmente sua valorização ao aspecto de um registro que valorizava a sua perspectiva corrente diante dos campos de Cuissy. A compreensão dos acontecimentos históricos através do depoimento íntimo no diário e nas epístolas apresentaram uma dinâmica própria de sua narrativa por intermédio dos valores associados aos suportes dos quais, entre eles, captam o instante pelo registro cotidiano, garantido sobretudo pela autenticidade do momento, especialmente no diário. Tais princípios são observados ou ao menos associados ao gênero testemunhal, absorvendo as experiências do indivíduo diante da guerra e suas representações dos fatos no discurso, foco do próximo capítulo.

¹⁹⁰ Carta de Luís Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1916. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

CAPÍTULO 2

AS EXPERIÊNCIAS DIANTE DA CATÁSTROFE

A Primeira Guerra Mundial ficou marcada na história das guerras por introduzir novos elementos militares que resultaram no agravamento de seu grau de violência. O elevado número de mortos e feridos, principalmente de combatentes, as atrocidades cometidas a civis, as causalidades sentidas diretamente pelas populações, e a consequente expansão geográfica das batalhas, integram a lista dos fatores inéditos. O demasiado desenvolvimento tecnológico dos primeiros anos do século XX possibilitou às potências mundiais a utilização de inovações dos meios modernos e técnicos como novos armamentos e instrumentos de ataque: armas químicas como gases tóxicos, veículos como submarinos, tanques e aviões, e equipamentos, especialmente, armas de fogo e artilharia pesada mais potentes.

O emprego da ciência voltado à violência permite considerarmos a Grande Guerra como um *laboratório* do século XX.¹⁹¹ Antes voltados ao progresso universal, os homens das ciências assumiam a importante função de trabalhar agora para defender sua pátria.¹⁹² Os frutos seriam colhidos durante os quatro anos de conflito nos campos de batalhas com o aumento do número de mortos e feridos. Outra consequência foi o envolvimento de civis, não apenas pelo alistamento dos homens nos exércitos, mas também ao atingir os territórios povoados pelas mulheres, idosos e crianças que ficaram nos lares. A nova configuração das batalhas arrasava as terras e permitia que tanto tropas inimigas quanto as nacionais deixassem de respeitar as propriedades e seus cidadãos sendo registradas durante toda a guerra denúncias de atrocidades cometidas a população presente nas linhas de frente. Entre o perigo de abusos por soldados inimigos ou o medo constante da proximidade do *front*, muitas famílias optaram por abandonar tudo e tomar novos rumos. A guerra de 1914 difundiu o êxodo da fuga a níveis excepcionais dos quais cidadãos se tornam refugiados em segundo plano diante da situação,¹⁹³ infelizmente, um cenário recorrente nos anos e décadas posteriores chegando até os dias atuais.

O evento se caracterizou, sobretudo, pelas mobilizações. A princípio pelo levante nacional e a fuga dos civis presentes nas linhas da frente, enquanto num segundo momento pela movimentação das tropas na retomada dos soldados e cidadãos para suas casas com a assinatura do armistício. Entre preocupações e expectativas, a experiência de mulheres, idosos e crianças

¹⁹¹ BECKER, Annette. A Primeira Guerra Mundial, um laboratório para o século. In: CORREIA, Sílvia; MORELI, Alexandre (org.). *Tempos e espaços de violência: a Primeira Guerra Mundial, a desconstrução dos limites e o início de uma nova era*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 246.

¹⁹² Ibidem, p. 246.

¹⁹³ Ibidem, p. 251.

refugiadas se resumiram ao menos a dois principais cenários: a debandada imediata do início do conflito, cercado de uma esperança do retorno breve; e o enfrentamento de uma dura realidade que perdurou por anos após a não concretização dessa expectativa – em vista da guerra de trincheiras –, algo que os deixou em uma posição sensível, à beira do conflito: “[...] não estavam mais nem na frente nem na retaguarda, mas em outro lugar, em uma nova situação que os colocava à margem da guerra justamente porque eles estavam, desde os primeiros dias, desde os primeiros meses, no coração do turbilhão”¹⁹⁴.

Os refugiados representaram apenas uma parcela da população envolvida na triste realidade da Grande Guerra. Em um sentido mais amplo, de *guerra total*¹⁹⁵ – isto é, observar os efeitos para além das perspectivas tradicionais historiográficas, abrangendo igualmente o âmbito cultural e social – é possível afirmar que a guerra, de um modo geral, não atingiu somente àqueles envolvidos diretamente nas batalhas. A população distante do *front* suportou a falta de alimentos, a crise econômica e política, a miséria, o luto de familiares civis ou militares, o medo constante de bombardeamento aéreos nas capitais, entre perdas materiais e culturais, e a angústia da vitória ou o temor da derrota por um conflito que extrapolou as constantes expectativas de seu término. A partir desta ótica e da noção de *totalização*¹⁹⁶, nota-se aquilo que Stéphane Audoin-Rozeau e Annette Becker lançaram como questão central à época e aos novos historiadores: “como foi que militares e civis, na frente, perto da frente, longe da frente, aceitaram a guerra, aquela guerra, e durante tanto tempo?”¹⁹⁷. Grande parte dos homens que compunham a linha de frente das trincheiras eram civis e da mesma maneira demonstraram – especialmente pelas correspondências¹⁹⁸ – preocupações com a vida cívica suas e de seus familiares:

¹⁹⁴ Ibidem, p. 251.

¹⁹⁵ Para uma melhor compreensão do conceito de *guerra total* e *cultura de guerra* conferir o trabalho Sílvia Correia. CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)*. Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015.

¹⁹⁶ No artigo de Stéphane Audoin-Rouzeau e Annette Becker, as autoras trabalham com a noção de *totalização* justificada pela introdução dos novos elementos na história dos conflitos militares durante a Primeira Guerra Mundial, transpondo os limites dos níveis de violência da guerra, principalmente pela composição da grande maioria de civis nos batalhões do *front*, bem como a participação geral da população geral na conflagração. AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. Violência e consentimento: a “cultura de guerra” do primeiro conflito mundial. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (orgs.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 237-256.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 239.

¹⁹⁸ Vistas como um escape da brutalização e como modo de se manter vivo e menos distantes da vida cívica as correspondências foram de grande importância para os combatentes presentes nas trincheiras. CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Escrita de guerra como metáfora rememorativa da vida: uma análise das cartas dos soldados portugueses na Primeira Guerra Mundial. In: CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MARCELINO, Douglas Attila (orgs.). *Lugares e práticas historiográficas: escritas, museus, imagens e comemorações*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 207-222

Correspondências e licenças permitiam uma interpenetração das preocupações da frente da retaguarda, interpenetração muito mais importante do que dizem os testemunhos literários dos anos vinte e sobretudo dos anos trinta, fechados no mito da incomunicabilidade entre civis e soldados. Quanta correspondência rústica em que o reideiro mobilizado dá à mulher os últimos conselhos para a colheita que se fará sem ele e evoca as paisagens novas que descobre? Quantas cartas de amor que são ao mesmo tempo promessas de rogos e de coragem comum, na frente e na retaguarda? Todas as sociedades beligerantes foram atravessadas por uma série de fluxos que iam da frente à retaguarda e reciprocamente, munições e ternura, fervor e abastecimento, tenacidade e violência, amor e sofrimento, ferimento e reconforto. Para terminar na morte.¹⁹⁹

O resultado da mobilização total e do envolvimento de homens civis nos exércitos são representados pelos elevados números de baixas, entre mortos e feridos da Primeira Guerra Mundial. Aproximadamente 20 milhões de soldados participaram da guerra somente no ano de 1914 e cerca de 70 milhões estiveram no *front* ou na retaguarda ao seu fim. Lembrando ainda que a faixa etária dos combatentes esteve entre os 15 aos 49 anos, desta soma total 10 milhões morreram ou desapareceram e 20 milhões foram feridos fisicamente,²⁰⁰ pois, de acordo com Sílvia Correia, é preciso compreender as vítimas psicológicas do conflito, o que equivaleria a 50% dos combatentes.²⁰¹

O mapa das batalhas de 1914 a 1918 destaca a importância da França. Foi o principal território de disputas em terra (ao menos no lado ocidental) decorrente da invasão alemã nos primeiros meses de 1914.²⁰² O envolvimento da população merece ser destacado repetidamente tendo em vista a maneira como a Grande Guerra excedeu os limites da violência ocasionando o sofrimento da humanidade por todo o globo. Isto pode ser representado pelas circunstâncias da fatalidade: de causas comuns sentidas pelo mundo como a escassez de alimentos às mais específicas, limitadas as fronteiras das disputas, como as operações militares. Por efeito das consequências quantitativas ou pela análise subjetiva das causas geradas pela *guerra total* compreendemos a importância da questão formulada por Becker e Audoin-Rouzeau na tentativa

¹⁹⁹ Ibidem, p. 242-243.

²⁰⁰ Ao todo, segundo as estatísticas, contabiliza-se cerca de 20 milhões de mortos no período da guerra e nos anos posteriores, das quais metade são de militares e a outra metade de civis – embora os números apresentados fiquem entre 7 a 10 milhões aproximadamente. Em casos extremos a perda de vidas civis foi maior que as baixas de mortes de combatentes nas nações envolvidas no conflito. Tanto quanto a existência de casos como os da Rússia e da Itália das quais as mortes civis atingiram um elevado número ultrapassando a casa dos seis dígitos no país do leste europeu. Além do mais, não levamos em conta a proporção populacional por mortes de países com um menor número de habitantes.

²⁰¹ Apesar de tudo, como ressalta a historiadora, os dados referentes a Grande Guerra precisam ser observados com cautela, tendo em vista as adulterações que foram feitas pelos governos e por incorreções da contagem dos valores. CORREIA, Sílvia. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)*. Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015, p. 56-57.

²⁰² O número total de franceses mortos chegou a aproximadamente 1,7 milhões, das quais 300 mil foram de civis, sendo cerca de 4 milhões de baixas militares por ferimentos.

de investigar como os militares e civis de todos os lugares aceitaram a guerra e por tanto tempo.²⁰³

Mas afinal, o que esse contexto histórico próprio da Grande Guerra e dos seus impactos sobre a população nos aponta em relação a um intelectual brasileiro e nosso presente estudo? A história do conflito demonstra a importância de um olhar voltado ao grupo que não teve papel direto na guerra sendo apenas refém dos seus rumos e resultados. Compreendendo as distintas perspectivas do que foi a guerra para os não combatentes e para aqueles que tomaram parte nela vale ressaltar as experiências sofridas pela testemunha civil. Baseado nisso, o presente capítulo lança mão do registro testemunhal de uma delas, mais especificamente, de Alberto Rangel, procurando entender a perspectiva de um intelectual brasileiro e, ao mesmo tempo, experiente militar, presente em terras estrangeiras assistindo a Primeira Guerra Mundial e sofrendo, do início ao fim, com seus efeitos. Acima de tudo, o intuito é compreender que guerra foi essa testemunhada por ele: o que vivenciou e enfrentou na França? Quais foram suas experiências frente aos impactos? Quais temas fez questão de destacar e em qual momento?

Sem ignorar as temporalidades da conflagração, focaremos igualmente numa investigação própria das opções narrativas e literárias de Rangel para registrar suas experiências. Indagar “que guerra foi essa?” nos leva a pergunta “como narrou essa guerra?”, num esforço complementar ao do primeiro capítulo da presente dissertação. Para tanto, levaremos em conta os primeiros empenhos do autor no gênero testemunhal, as ferramentas linguísticas utilizadas, a relação entre assuntos considerados importantes por ele e observado por outros na época, como tratou os personagens e acontecimentos no relato, entre outros, destinando aqui um espaço maior para o registro testemunhal de maior dedicação, visto a ênfase exclusiva à Grande Guerra, a obra *Quinzenas de campo e guerra*.

A partir deste viés podemos prolongar a questão acima para o nosso estudo transpondo para um novo objeto da indagação, ou melhor, investigar como Alberto Rangel experienciou a guerra por todos os anos que ela perdurou. É preciso compreender que o questionamento lida com o fato da existência de intelectuais brasileiros que presenciaram a guerra entre os civis que viviam na Europa e justamente por isso experienciaram a Grande Guerra do mesmo modo que parte da população envolvida.

2.1 - Estrangeiros que observam

²⁰³ AUDOIN-ROUZEAU; BECKER, op. cit., p. 239.

A notícia de que resignou às castanholas de Vigo regozijou-me. Tinha medo que a borda do mar de Hespanha (salvo seja) lhe fizesse apertar as saudades e o despejasse do continente. Não vale a pena realmente deixar estas bandas de que Hindenburgo é o Grão Magarefe. Aqui ainda ha fogo e sangue, duas cousas igulamente [sic] preciosas e vivas; do outro lado só ha sarro do pito do Wenceslau, acororado no terraço do Cattete.²⁰⁴

A passagem acima aborda certas recomendações partidas de Alberto Rangel à Martim Francisco de Andrade. O que parece ser uma resposta a decisão do amigo em manter-se no Velho Continente, é feita uma comparação com a situação da região com a do Brasil naquele instante. Seria melhor a estada na terra onde há fogo e sangue do que a terra natal governada pelo presidente republicano Venceslau Brás. Evidentemente, a crítica parte em maior razão pela oposição política à república do que propriamente um desprezo pelo cenário europeu. Contudo, a comparação nos serve para lançarmos mão da questão que envolve justamente as posições dos estrangeiros ali presentes, tal qual dos distantes.

Embora a participação militar brasileira tenha sucedido de maneira superficial e ao fim da guerra, é certo afirmar que a atuação de brasileiros ocorrera desde seu início no âmbito intelectual e político. A exemplo do cenário letrado europeu onde esses homens passaram a utilizar o seu ofício, as ciências (especialmente a crítica para os historiadores), como uma ferramenta de guerra com o propósito de servir a pátria,²⁰⁵ replicando o combate nacional para o âmbito intelectual e científico,²⁰⁶ no Brasil, os intelectuais envolveram-se ativamente em disputas de caráter político opinando publicamente e defendendo lados do conflito a fim de conquistar a opinião pública,²⁰⁷ seja pelos Aliados ou pelos Impérios Centrais.²⁰⁸ Ao que se refere propriamente aos intelectuais brasileiros presentes na Europa e em nações envolvidas diretamente na Grande Guerra também é correto afirmar que Rangel não foi o único na posição de testemunha direta. Ainda que fisicamente distantes da terra natal, os discursos destes indivíduos apareciam constantemente na imprensa brasileira, como o caso do médico Henrique da Rocha Lima (1879-1956) que vivia na Alemanha e de lá escrevia para a coluna “Da Alemanha” no *Jornal do Commercio* (RJ).²⁰⁹ Rocha Lima baseou-se em sua experiência

²⁰⁴ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 30 de outubro de 1916. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

²⁰⁵ DUMOULIN, Olivier. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 180.

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 178.

²⁰⁷ COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

²⁰⁸ Entre os nomes de destaque que defendiam a França estava o de Afrânio Peixoto, Pandiá Calógeras, Tobias Monteiro, entre outros, enquanto que Dunshee de Abranches foi considerado um dos principais defensores da Alemanha. OLIVEIRA, op. cit., p. 119.

²⁰⁹ SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no *Jornal do Commercio*. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p. 635-671, set./dez. 2015.

longínqua no país bem como nas propagandas e notícias locais – das quais não chegavam mais à América – para defender a nação alemã das acusações de atrocidades cometidas à civis. Porém, tratando-se de um embate político e intelectual que privilegiava o grupo dos Aliados,²¹⁰ opiniões como de Rocha Lima foram menos frequentes contraposta aos comentários de brasileiros que saíram em defesa da Inglaterra e da França, principalmente.

A potência deste posicionamento pró Aliados no Brasil pode ser ilustrado pela criação, em março de 1915, da Liga Brasileira pelos Aliados. A liga foi idealizada e integrada por destacáveis nomes da sociedade e da literatura brasileira do início do século XX, tal como José Veríssimo (1857-1916), Graça Aranha (1868-1931) e Rui Barbosa (1849-1923). Na lista de participantes do grupo ao menos Graça Aranha e Eliseu Montarroyos (?-1944) residiram em Paris durante a guerra, tendo de lá enviado correspondências a jornais, publicado em colunas, realizado ensaios e ainda buscaram fortificar relações da Liga com a comunidade francesa.²¹¹ Todavia, este não seria o único método que a Liga utilizou para propagar discursos daqueles que viviam ou tiveram experiências no outro lado do Atlântico. Em eventos realizados com o intuito de propagar os ideais defendidos no círculo, pessoas próximas a integrantes eram convidadas a discursarem baseada em cargos exercidos, reconhecimento intelectual e experiência no conflito, onde, em vista de tais razões, eram anunciadas como testemunhas oculares e por isso profeririam uma narrativa recheada de autoridade.

Outro caso que merece atenção é o livro *A Grande Guerra: testemunhos brasileiros*²¹² de 1915. Semelhante ao propósito dos eventos e das propagandas da Liga Brasileira pelos Aliados, a obra sem autoria – e não publicada pela entidade – possuía o caráter de denunciar as atrocidades alemãs na guerra e contava com um conjunto de relatos de autores brasileiros – entre escritores, jornalistas, diplomatas e outros – residentes no Velho Continente. Por si, o conteúdo já revela a importância da testemunha em caráter daquilo que lhe traz a legitimidade, isto é, o lugar de onde fala.

Tanto quanto os convidados da liga, a presença ou o discurso daqueles que puderam observar com certa proximidade a Grande Guerra dispunham de autoridade quando comparados àqueles que acompanhavam o conflito à distância mediante os jornais e correspondências, tal qual os espectadores do Brasil. A importância da legitimidade do discurso da testemunha podia ser utilizada para ambos os lados e com intuitos semelhantes: dar crédito ou descreditar um

²¹⁰ COMPAGNON, op. cit.

²¹¹ PIRES, Livia Claro. *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p. 33.

²¹² A GRANDE GUERRA: testemunhos brasileiros. Paris: Société Générale d'Impression, 1915.

boato/acusação compreendendo sobretudo a construção de verdades acerca do evento. Por exemplo, é o que André Felipe Cândido da Silva demonstra ao observar que o argumento foi reproduzido no caso de Rocha Lima, pois além de situar-se na Alemanha – o que traz legitimidade ao seu discurso²¹³ e fez questão de ressaltar no título de sua coluna –, o médico brasileiro atentou-se em reforçar de onde vinham suas informações muitas advindas de “fontes seguras – amigos, colegas e conhecidos que haviam estado no front”²¹⁴ e pelo fato de ter dado assistência médica tratando os feridos no país.²¹⁵

Segundo Olivier Compagnon, a testemunha direta assume conjuntamente a função de construir um imaginário da carnificina da guerra europeia para os espectadores afastados da América Latina.²¹⁶ A pesquisa do historiador francês aponta que em comparação aos países vizinhos o público brasileiro não contou com tantas publicações dos relatos testemunhais de compatriotas e combatentes ainda que a literatura de testemunho tenha sido registrada a partir de traduções de testemunhas diretas estrangeiras.²¹⁷ Em outras palavras, embora fontes de caráter testemunhal foram uma parcela inferior no Brasil, evidenciando um menor interesse do público a tais obras, por sua vez a sua presença no campo editorial demonstra que ainda assim houve vontade e curiosidade de leituras do gênero nas décadas posteriores.

Em meio a difusão de obras testemunhais da Grande Guerra, uma delas norteou o espaço de representações de guerra na Argentina pouco após o término da conflagração uma vez que sua autoria trazia um combatente conterrâneo. O diário escrito por Juan B. Homet, soldado voluntário da Legião Estrangeira, embora visto como propaganda a favor da causa alemã – em razão do tom de denúncia das atrocidades e da violência presente na guerra pelo lado Aliado –, permeia igualmente um debate relevante para os estudos testemunhais representado pela noção de verdade ou de autenticidade. Não obstante tratar-se de um relato falso ou verdadeiro – porque isso não nega sua participação nas representações de guerra²¹⁸ – o autor insiste por intervenção de documentos anexos, como fotografias, registros e formulários dos exércitos que de fato a experiência narrada tenha ocorrido, procurando fundamentar e convencer o leitor acerca da legitimidade do relato. Em meio a tal esforço, saltam aos olhos as primeiras palavras dirigidas ao leitor, de cunho no mínimo inusual, pois referenciam a declaração de Juan B. Homet de

²¹³ SILVA, op. cit., p. 640-641.

²¹⁴ Ibidem, p. 641.

²¹⁵ Ibidem, p. 641,

²¹⁶ COMPAGNON, op. cit., p. 182-183.

²¹⁷ Ibidem, p. 184.

²¹⁸ Ibidem, p. 183-184.

ordem pública reforçadas pelo escrivão público de Buenos Aires, datado de março de 1918, que oficialmente atestaria a veracidade do testemunho:

..... que todo lo que dice en las narraciones, citas, episodios, documentaciones a que hace referencia en el libro “Diario de un Argentino - Soldado en la guerra actual”, es verdad, como se corrobora con documentos y fotografías y de ello es conocedor por haber tomado parte en la guerra europea en estos momentos en su carácter de soldado voluntario del ejército francés; que con el fin de dar mayor solemnidad a sus afirmaciones y prueba acabada de la sinceridad de ese libro "Diario de un Argentino - Soldado en la guerra actual", viene a otorgar esta declaración públicamente, pidiéndome a mí el autorizante le expida testimonio de este acto. Así lo dijo, otorgó, y leída que le fué, ratificó su contenido firmando en presencia de los testigos de conocimiento e instrumentales.....²¹⁹

De modo semelhante aos discursos da Liga Brasileira pelos Aliados, a obra testemunhal *A Grande Guerra: testemunhos brasileiros*, a coluna jornalística de Rocha Lima, entre tantos outros exemplos não mencionados, o testemunho reforçado pela comprovação e legitimidade possuíam, entre suas funções, o propósito de propagandear ou difundir relatos que pudessem tornar-se argumentos na defesa de uma nação ou lado. Não seria diferente no caso do diário de Homet.²²⁰

A afirmação de Homet pode ser situada em debate a partir de uma perspectiva mais ampla que problematiza a possibilidade de o discurso refletir fielmente a realidade ou não. Ademais, de modo algum negaríamos o sentimento de realização e nem a *sinceridade* do anúncio do combatente – um pressuposto da *escrita de si* e do testemunho. Entretanto, cabe a nós confrontá-lo tendo em mente aspectos importantes que permeiam a relação entre a narrativa e a experiência, sobretudo, de um diário de guerra. Novamente, vale ressaltar que a formulação de narrativas – particularmente íntimas como correspondências e diários – retratam a experiência do autor baseada nas emoções sentidas e por suas escolhas das quais precisamos pressupor que, por outro lado, houve ausências e silêncios, escolhas (ou melhor, experiências) que não foram selecionadas para compor a narrativa.²²¹

²¹⁹ Extracto de una declaración del autor del presente libro, don Juan B. Homet, ante el escribano público de esta Capital, don Oscar Valentín Piñero, de fecha Buenos Aires, Marzo de 1918. In: HOMET, Juan B. *Diário de um argentino - soldado en la guerra actual*. Quito: Imp. de El Ecuatoriano, 1918, n.p.

²²⁰ O discurso do ex-combatente fora apropriado pela propaganda alemã na Argentina muito provavelmente pela circunstância da *testemunha* e do *testemunho*: Homet, um jovem argentino que se voluntaria na Legião Estrangeira para defender a França quando, a partir da vivência nas tropas, enfrenta uma realidade crua e desmoralizante da guerra, principalmente rompendo com o que acreditava das qualidades civilizacionais francesas. Tudo isso somado aos esforços notórios da edição para comprovar a veracidade da presença e da experiência narrada por Homet da qual acentua limitar-se a relatar o que viu e apresentar os comentários que presenciou com a finalidade de abrir os olhos daqueles que defendem a guerra e ignoram a sua realidade tendo ao fim “me contento con haber reflejado fielmente la realidad”. HOMET, op. cit., n. p.; COMPAGNON, op. cit., 183.

²²¹ HORNE, John. Entre expérience et mémoire: les soldats français de la Grande Guerre. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, vol. 60, n. 5, 2005, p. 905.

À medida que sejam similares no suporte, o diário de guerra de Juan B. Homet e o *journal* de Rangel representam duas experiências distintas do entremeio de vivências possíveis decorrentes do conflito: enquanto o primeiro tornou-se combatente após migrar da Argentina direto para o campo de batalhas, o segundo assistiu o batalhar à distância na qualidade de civil e imigrante depois de partir do Brasil para Paris. A experiência do indivíduo diante das diferentes frentes da guerra revela nesse tipo de comparação os graus da brutalidade sentida por cada um, sendo evidente o maior contato do soldado com a realidade das trincheiras do que o civil mantido à distância das batalhas. No entanto, essa desigualdade de qualidades não impossibilitou que ambos tenham sofrido de inquietações e perturbações semelhantes advindas dos efeitos da Grande Guerra, bem como tenham observado de perto as desumanidades e a violência ainda que em níveis distintos e em defesa de causas distintas.

Do mesmo modo que Juan B. Homet, Rocha Lima, Graça Aranha, os correspondentes de guerra, e vários outros, Rangel fez parte da lista de indivíduos imigrantes da América Latina que estiveram localizados numa posição no mínimo singular comparada a tantos que observaram os efeitos da Primeira Guerra Mundial pela imprensa.

Tanto na *Quinzenas* quanto nas cartas, Rangel possui a especificidade de uma testemunha direta ao menos no caráter primordial de localização situando-se a beira do *front*. O depoimento testemunhal indica ainda uma série de similaridades quando posto lado a lado com outras publicações do período principalmente referente aos assuntos e temas abordados, sobretudo, ao apontar que Rangel tenha adotado uma opinião de um “francófilo”, ou seja, mais próxima daqueles que se posicionaram contra a Alemanha construindo uma imagem de seu povo e nação semelhantes ao de “bárbaros”. É correto afirmar que a aproximação com o país pode caracterizar – assim como de fato foi uma justificativa comum – intervenções a favor de nações no embate, embora a afinidade com a pátria francesa tenha sido mais difundida entre os intelectuais brasileiros dado a influência cultural presente na educação básica até o início do século XX.²²²

Ao passo que o comparecimento geográfico propiciava o contato com sentimentos coletivos da população, outras informações cotidianas, como o acesso a notícias pelo meio pessoal e pelas propagandas locais/nacionais, alimentavam novos argumentos ao debate e a percepção individual. Elas serviam para fundar ou embasar acusações contra os países inimigos

²²² A defesa ao lado francês durante o conflito mundial por grande parte da elite intelectual brasileira pode ser explicada pelo processo educacional observado desde a década de 1870 quando os filhos de famílias ricas são instruídos ao positivismo comtiano e ao cientificismo, cujos maiores modelos são vistos na Paris do período. As constantes viagens à capital francesa, tal como a permanência, demonstram acreditar que aquele lugar representava o “futuro da humanidade”. COMPAGNON, op. cit., p. 83.

ou, por outro lado, manifestações que preservavam ou defendiam a imagem da nação amiga. A guerra de informações ficou marcada em sua maior parte pela discussão a respeito das atrocidades acometidas por um exército, especialmente o da Alemanha.²²³ Ambas premissas soam coerentes entre as justificativas dos posicionamentos de Rangel, visto a educação recebida pelo pernambucano,²²⁴ bem como a afinidade procedente de seu contato com os franceses – embora isso não o tenha impedido de redigir críticas à propaganda francesa com o intuito de reforçar o aspecto cruel da guerra em si.

Entretanto, isto não impossibilitou de ressaltar a peculiaridade da *Quinzenas de campo e guerra* e as correspondências porque ambas denotam o testemunho de alguém que viveu diretamente a conflagração e trazem então o cotidiano de uma guerra a partir da perspectiva pessoal entre sentimentos e preocupações relatadas. É, em razão da sua proximidade geográfica que pôde sentir os efeitos diretos que a guerra gerou à população nacional, além de todas as mudanças sociais, políticas e culturais conforme as fases do conflito se alteravam. Nesse sentido, registrou os impactos observados e sofridos por ele, bem como dos outros que ouvia falar ou tinha contato. Assim como veremos a seguir, a partir da perspectiva individual pôde trazer novos elementos à representação de guerra, sem negar, sobretudo, as similaridades de temas relevantes presentes no debate intelectual brasileiro.

2.2 - Rangel: uma testemunha da retaguarda

Hontem estava passeiando com o filho e parei-me junto a um caminhão automovel. Curiosamente olhei para dentro d'esse carro pacifico e vulgar. Meu amigo: um carregamento de torpedos aerios com a sua carga capaz de levantar um quarteirão pelas raizes. E junto d'esse vulcão condensado em pacotes, brincava o meu pirralho querendo ajuntar terra. Tudo anda assim. Não se sabe mais onde se pisa, seu compadre...²²⁵

O fragmento acima, extraído da missiva escrita em 1917, relata uma experiência pessoal de Rangel e seu filho nas ruas de Paris daquele período. A tensão entre cotidiano e guerra na retaguarda é observada de maneira direta: o passeio com a criança ao lado do aparente “pacífico e vulgar” automóvel contrasta a realidade dos tempos de conflagração a partir da realização de

²²³ COMPAGNON, op. cit.; PROCHASSON, Christophe. Sur les atrocités allemandes: la guerre comme représentatio. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, vol. 58, n. 4, p. 879-894, 2003.

²²⁴ RANGEL, Alberto. *Águas Revessas (1871-1900)*, vol. 1 e 2. In: TONIN, Fabiana. *Águas Revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Originais depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; cópias depositadas no CEDAE/IEL/Unicamp: Campinas.

²²⁵ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 17 de novembro de 1917. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

seu carregamento, o “vulcão condensado em pacotes”. A sua conclusão – “tudo anda assim” – denota, sobretudo, o sentimento da vivência na capital francesa, se afastado do *front*, não tão distante de seus efeitos.

Rangel, como testemunha civil, registrou os impactos sentidos em seu âmbito pessoal através de notas diárias tanto do campo da região do rio Loire quanto da capital francesa. Não ignorou, apesar da distância, os acontecimentos das trincheiras tornando-os igualmente objeto de seu livro e assunto recorrente nas correspondências pelos quatro anos do conflito. À semelhança do efervescente debate intelectual, somado a sua localização, tratando-se de uma guerra com impactos longínquos e devastadores, não é mera presunção afirmar que diversas preocupações ganharam corpo na narrativa, das quais foram-se enfatizando momentos específicos do conflito, bem como as inquietações resultantes desse processo. Em outros termos, os inéditos impactos da guerra e suas transformações decorrentes de seu prolongamento originaram novas crises às populações e aos combatentes, algo que pode ser contemplado em todo o relato de Alberto Rangel nos quais são observados estágios de atenção à certos temores não antes experienciados, bem como anseios relatados no início da Grande Guerra que, posteriormente, deixam de ser relevantes.

Afinal, quais foram tais efeitos? Ao levarmos em conta as temporalidades da guerra sentidas pela população e combatentes,²²⁶ certas passagens são evidenciadas em valor do instante da escrita relacionada ao estágio da guerra, especialmente voltados às situações do caso francês.

Exemplo disso, episódios como a escassez de alimentos tornam-se frequentes no país a partir de 1916. A realidade contrasta, em contrapartida, à perspectiva de Alberto Rangel tomada anteriormente em 1914 na *Quinzenas*, quando ressaltou a força da mão de obra rural francesa que impedia o desabastecimento alimentício do país naquela altura. Em outubro desse ano, ao ressaltar as virtudes da classe afirmando prosseguir a lavragem das terras na nação “devastada no desenlace d’este drama”, em razão das “nobres essencias e manifestações da alma” dos trabalhadores e dos recursos técnicos providos pela “mecanica agricola de milenios” e, por consequência, poder fornecer em abundância e em poupança os alimentos justamente retiradas do campo de onde “a sua grandeza e força assentam inabalavelmente”²²⁷, não contava com a

²²⁶ WINTER, Jay. 1918 e a segunda Grande Guerra. In: CORREIA, Sílvia; MORELI, Alexandre (orgs.). *Tempos e espaços de violência: a Primeira Guerra Mundial, a desconstrução dos limites e o início de uma era*. Rio de Janeiro: Autografia: PPGHIS, 2019, p. 21-43; HORNE, John. Entre expérience et mémoire: les soldats français de la Grande Guerre. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, n. 5, 2005, p. 903-919.

²²⁷ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 176.

iminência consumada com os primeiros sinais da alta dos preços e da escassez de alimentos básicos no ano seguinte.

Em novembro de 1915, no retorno à capital após mais um retiro em Cuissy, cita pela primeira vez o impacto econômico e o início da crise de abastecimento no tempo em que a “vida está pela hora da morte”. A denúncia do período “grave, gravíssimo!” é justificada pelo encarecimento de mantimentos básicos do dia-a-dia onde a sopa “será mais insípida das aguadilhas”, prevendo pioras visto que a “economia pública dá signaes inequívocos de um aperto de fome”. Por fim, ressaltou as impressões deste novo efeito nos lares da nação: “A guerra prolonga-se em quaresma, que findando num dia na ressurreição da Fartura, do Bom Gosto e da Harmonia, poderia não calcar tanto nessa nota de jejum e larica”²²⁸.

Se ao fim do segundo ano da guerra surgem os primeiros indícios da miséria na capital francesa, o cenário alcança níveis críticos a partir de 1916 atingindo seu ápice nos anos posteriores, ainda que relatos de escassez de alimentos mantiveram-se comuns após o armistício, ou seja, uma demonstração das sequelas de uma Europa devastada pela guerra.

A destruição em massa, a inflação sobre a mercadoria e a desnutrição agravam o cotidiano dos civis. Assim como presumiu em 1915, o período de jejum se intensifica a ponto de se tornar destaque entre os assuntos nas correspondências a partir de 1917. Rangel escrevendo na terra do “Não Ha Nada Para Comer!”²²⁹, reforça a situação da capital francesa: “monstruoso”, a “capital da Penuria, a metrópole do Não tem Nada”²³⁰. Com tons de agonia diante das variadas crises, o historiador descreveu com mais clareza o que experienciava na Europa em guerra, terra em que sobram impostos e faltam gás, trigo, carvão e homens, onde alimentar-se seria a principal das preocupações:

Pariz esta' lindo, lindo.. e muito contente com os impostos que chovem como granizo em Abril. Há crise do carvão, do gaz, do trigo, e de homens. Até os pardaes estão em crise com a alimentação, pois tendo diminuído os cavallos do tráfego, em consequência a bosta tem se tornado rara. Em compensação há muito sangue, mas esse só em cabidella e não há cozinheiras que a preparem, está tudo fabricando alimento para as boccas dos canhões, que por enquanto são os únicos bem alimentados... V. desculpe este charabia, em se tratando de bóia até o estylo se resente... Comer, comer, comer é o único problema actual. E por fallar nisso, V. depois de muito se recommendar em meu nome e a serio

²²⁸ Carta de Alberto Rangel a Afonso d'Escragnoille Taunay, Paris, 8 de novembro de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 6.

²²⁹ Carta de Alberto Rangel a Martim Francisco de Andrada, Paris, 9 de maio de 1917. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 4.

²³⁰ Carta de Alberto Rangel a Martim Francisco de Andrada, Paris, 27 de outubro de 1918. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 4.

a todos os seus, dê infinitas saudades ao primeiro cacho de banana que encontrar, ao primeiro sacco de farinha com que esbarrar.²³¹

Com exceção dos canhões, os únicos bem alimentados em meio a conflagração, a constante busca pelas necessidades básicas à sobrevivência de 1917 faz eco a outro registro, de semelhante comparação a terra natal, quando o historiador revela o fracasso em sua caça por sal, produto, aliás, que “não falta nem nos nossos sertões do Baguassú!”²³². Contudo, se a frustração da busca soa comum ou coerente com o momento descrito, a data do registro revela um contexto inédito e relevante, um período sem canhões e sem sangue, redigida em novembro de 1919, isto é, mês que celebrava um ano do armistício.²³³

Rangel testemunhava o que seria o prolongamento dos efeitos iniciados nas trincheiras, mas multiplicados e alongados por todos os seguimentos da sociedade, rumo ao declínio sem precedentes. Os impactos do colapso resultam numa Europa devastada pela guerra cuja a escassez de alimentos se sobressaiu ao lado das operações militares como responsável pelo elevado número de óbitos.²³⁴ Outro agente agravante deste cenário atingiu o mundo no início de 1918 e perdurou pelos anos seguintes provocando milhões de mortes por todo o globo: a pandemia da *gripe espanhola* (ou a *gripe de 1918*). Embora não tenha sido um dano resultante da guerra, colaborou em peso para o número de óbitos em uma Europa já devastada pela fome, pela crise econômica, pela destruição, pelo luto e pelo medo e preocupação constante com as manobras militares.²³⁵

Principal componente da guerra, as operações militares marcaram presença desde seu primeiro dia. Considerada como a guerra moderna pelo aproveitamento dos avanços tecnológicos do início do século XX, tal qual a constante busca pelo progresso científico voltado a experimentos e armamentos a serem postos em prática no campo de batalha – isto é,

²³¹ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnoille Taunay, Paris, 13 de junho de 1917. Arquivo Permanente Museu Paulista/Fundo Museu Paulista (3ª entrada), pasta 295.

²³² Carta de Alberto Rangel a Martim Francisco de Andrada, Paris, 5 de novembro de 1919. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 4.

²³³ A continuidade dos impactos causados pelo conflito mundial lembra a unidade temporal sugerida por Annette Becker em que trata sua duração até a década de 1920 ou até a Segunda Guerra Mundial. BECKER, op. cit., 243.

²³⁴ Somente na França totalizam 300 mil civis mortos por tais circunstâncias, enquanto que casos como o de Portugal são destacados de maneira negativa dado que a escassez de mantimentos tenha feito mais vítimas civis do que combatentes, cerca de 82 mil civis comparado a aproximadamente 7 mil combatentes – sem contar 12 mil desaparecidos –, ou, ainda, o quadro italiano que aponta o equivalente a 589 mil civis mortos pela fome.

²³⁵ A fim de exemplificar brevemente a gravidade do vírus de 1918 observa-se que dos civis falecidos no território francês, além dos 300 mil mencionados acima, outros 200 mil foram em decorrência da pandemia enquanto que na Itália a somatória passou de um milhão de óbitos com mais de 432 mil vítimas da doença. Ressalto, posto que a gripe espanhola não tenha sido um desfecho da Grande Guerra, a sua aparição em janeiro de 1918 serviu como um agravante de um panorama catastrófico e sem precedentes até então, atingindo principalmente a sociedade que buscava superar e recuperar-se dos eventos iniciados em 1914.

aquilo que Becker denominou de o *laboratório*²³⁶ do século –, tais novidades foram empregadas desde as primeiras declarações de guerra e os primeiros embates proporcionando ameaças aos combatentes, aos cidadãos presentes nas fronteiras, e, conseqüentemente, àqueles presentes nas regiões de retaguarda, especialmente nas capitais das nações envolvidas – como Paris, Londres e Berlin.

Evidentemente, tratam-se de experiências dispares em razão dos diferentes níveis de violência enfrentada por cada grupo. Ainda assim, é correto afirmar que a realidade do *front* proporcionou um confronto excepcional com a terrível brutalidade, sobretudo aos que se encontravam ali. Mas, é igualmente certo dizer que apesar da distância os efeitos da guerra moderna foram experienciados pelos civis presentes na retaguarda.²³⁷ Isso pode ser explicado pelo prelúdio do novo campo de batalhas, ou melhor, a introdução de aviões no combate, permitindo não apenas a observação do território inimigo (modo priorizado nos primeiros meses), mas também no bombardeio em regiões populosas, onde as capitais Paris e Londres tornaram-se alvejadas pelo exército alemão.

A preocupação com este aspecto inaugural da Grande Guerra foi registrada pelo engenheiro nas *Quinzenas* nos primeiros dias quando chegam as notícias das batalhas sangrentas: “Annuncia-se uma enfiada sangrenta de batalhas nos valles, píncaros e planaltos da fronteira”²³⁸. O experiente militar pernambucano trata a “táctica moderna” das operações belicosas similar ao sentido de aleatoriedade e confusão, posposto pela crítica em que denuncia a presença dos “aeroplanos fulminivomos” pois “espiam, roncando, procellarias d’essa tempestade de fogo, defecando bombas explosivas, nos revoluteios ousados das grandes azas em paio”²³⁹.

Não demorou muito para que assistisse de perto a ação das novas armas quando em 30 de agosto um avião alemão solitário despejou 3 bombas em Paris junto com uma mensagem direcionada à população francesa. A ameaça não causou danos nem ferimentos aos cidadãos, mas representava uma “afronta à capital do mundo com o produto do seu proprio genio”²⁴⁰. A sua queixa com a atitude do aviador alemão referia-se menos às possibilidades de vítimas e mais ao medo de danos materiais históricos, em particular ao patrimônio cultural fixado nos

²³⁶ BECKER, op. cit., p. 246.

²³⁷ Vale ressaltar que a dicotomia comum entre frente e retaguarda é questionada por Becker em particular nos espaços ocupados pelo inimigo. O conhecido padrão onde os homens compõem as tropas enquanto as mulheres permanecem no lado doméstico deixam de ter sentido neste cenário pois a guerra exige tais fronteiras durante a ocupação quando o invasor toma para si as casas e os corpos das mulheres. Acontecimentos que foram alvo de denúncias e da raiva pública contra os alemães. Ibidem, p. 250.

²³⁸ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 32.

²³⁹ Ibidem, p. 32.

²⁴⁰ Ibidem, p. 61-62.

museus da “cidade das Maravilhas e Insignificancias”: “Depressa! Defendam o patrimonio humano. É preciso empalhar os marmores divinos e sepultal-os nas catacumbas do *faubourg* Saint Germain, para a ressurreição, um dia, na gloria imprescindível do triumpho dos Latinos”²⁴¹.

Alberto Rangel dedicou grande porção de seus comentários nas *Quinzenas* à guerra moderna, sobretudo, a respeito dos novos armamentos e seus impactos diretos e indiretos no *front* e na retaguarda. Ademais, naquilo que se refere aos aeroplanos, o primeiro episódio de bombardeio à Paris foi sucedido na obra por zombarias a outra máquina aérea considerada até então a principal ameaça de bombardeio da capital: o zeppelin. Sinônimo de “imobilidade, a demora e a enormidade”, foi considerado inofensivo muito mais pela sua incapacidade devido a sua rigidez, tamanho que “adoenta-os” e por sua não comprovada efetividade na guerra em que “não tiveram vida longa, nem metteram uma lança em Africa”²⁴², do que pela linha de defesa preparada pelo governo francês aos dirigíveis. O verdadeiro teste e a prova real da eficácia dos preparatórios defensivos parisienses contra os zeplins ocorrera na madrugada do dia 21 de março de 1915 quando ao menos quatro bombas atingiram regiões da cidade provocando incêndios e destruições de casas, registrando vítimas por ferimentos e morte.²⁴³

Testemunhando pela primeira vez as ações das “bexigas d’ar germânicas”, Rangel descreveu a Taunay sua experiência do ataque realizado acima de sua cabeça tendo os “monstros [...] fazendo ao mesmo tempo o favor de não a sujarem com as dejeções picricas de sua má digestão”²⁴⁴. Apesar do perigo mencionado, manteve o tom de sarcasmo e despreocupação semelhante ao utilizado no diário de 1914 ao relatar com trivialidade sua noite quando diz que se pôs a escuta no momento confirmando que “rolava ao longe a trovoadas” advindas das “procelárias” do Reich alemão, mas logo após, “voltei a cabeça para a parede e emendei o somno, que se havia partido com rebate [...]”²⁴⁵. Embora não referencie nas correspondências os danos causados deste evento, Rangel justificou a razão de seu tratamento em relação aos dirigíveis no mês seguinte respondendo o que parecia ser um temor de Taunay após o bombardeio de março, reforçando mais uma vez sua análise da ineficácia destas armas:

Os seus receios com a noticia da zeppelinagem sobre Paris são fructos de um coração á distancia, alborotado pelas apparencias d’essa espada de Damocles estuchada de hydrogenio. A nave abalonada do Guilherme é a bolha de sabão

²⁴¹ Ibidem, p. 62.

²⁴² Ibidem, p. 317.

²⁴³ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1914, p. 1; *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1914, p. 1.

²⁴⁴ Carta de Alberto Rangel a Afonso d’Escragnolle Taunay, Paris, 21 de março de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 6.

²⁴⁵ Carta de Alberto Rangel a Afonso d’Escragnolle Taunay, Paris, 21 de março de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 6.

de um bluff que jamais a historia viu igual. [...] só pretendo lá voltar este anno se esse aerostato for cousa seria, multiplicar-se e der realmente em arrazar tudo, transformando o arco do Triumpho num arco-da-velha. Por enquanto a baleia aerodynamica não passa de um brinquedo de borracha. Não creio que essa giga joga fluctuosa e fragilima venha a ser o que se espera. Como posto de observação ainda virá a prestar para alguma cousa, mas propriamente como arma de ataque, não va nisso. Não é que elle mesmo traz comsigo todos os riscos, cheio do explosivo que o sustenta e o faz tão susceptivel de verdadeiramente ir pelos ares? A massa enorme, molle feito um pudim de pão, facilita-lhe o alvo. A substancia que o transporta é o miolo de seus perigos.²⁴⁶

A crítica de Rangel ao aeróstato enfatiza uma análise do armamento em vista de sua eficácia, vulnerabilidade e dimensão, ressaltando a sua perspectiva diante do encontro com a máquina, o que faz soar a voz do experiente militar lembrando-nos de sua vivência em conflito em terras brasileiras.²⁴⁷

Esta parece ter sido uma das poucas experiências de bombardeios vivenciadas ou ao menos relatadas por Rangel enquanto esteve na França. Apesar da aparição de outras breves menções, fora apenas em 1920 que destacou novamente, por meio de uma narrativa carregada de apreensão, a presença dos dirigíveis nos céus de Paris. Situado num contexto estabelecido pela paz, pôde afastar-se das zombarias e do tom analítico e crítico antes utilizados, especialmente aos anseios possivelmente mencionados por Taunay, mas improvável a desassociação da imagem do aeróstato com a lembrança e o medo de uma nova conflagração:

Tive esta manhan uma visão de apocalypse: passou-me por cima da casa um zeppelin. Lindo, lindo! [...] Mas o transito d'essa machina germanica arripiou com a lembrança de ser possivel a volta dos annos da Aberração de 1914-1918 e os quaes confirmaram a possibilidade da navegação sinistra de taes monstruosidades aereas... Quando o bruto mergulhou no horizonte foi como se um pesadello se esvaisse com a nave.²⁴⁸

Ao que foi descrito nas correspondências e no diário referentes a sua experiência pessoal frente aos efeitos da Grande Guerra, outro elemento realçado pelo brasileiro denotou mais uma vez a preocupação com as operações militares inimigas, algo repetido no excerto acima a respeito da possibilidade de fuga da capital.

A hipótese da evasão deu-se, sobretudo, em um contexto na qual a guerra ainda ganhava forma e a invasão alemã em território francês superava as expectativas gradativamente, momento em que se encontrava em Cuissy. Diante deste cenário, a “calma e monotonia do viver

²⁴⁶ Carta de Alberto Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 25 de maio de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 6.

²⁴⁷ VIANNA, Hélio. Centenário de Alberto Rangel. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 294, 1971, p. 237-238; DUTRA, Firmo. O conde d'Eu visto por Alberto Rangel. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958.

²⁴⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 11 de agosto de 1920. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 6.

roceiro” transforma-se com a chegada das notícias da ocupação inimiga no oeste da França, indicando uma ameaça direta às regiões próximas a Paris, incluindo a própria capital. A informação de que a região acolhedora passa a ser incluída na zona de defesa militar da capital denota um sentimento de angústia do autor, agregado a consciência da sua peculiar situação de estrangeiro isolado compreendendo a chance de “excitar a bellicosidade de algum *offizier* e beberão [...]”²⁴⁹. O plano de fuga é rasurado no diário determinando os passos necessários para a segurança da família e do trabalho:

Ao primeiro signal, que será apparecer entre o Sena e o Yonne o schako de uhland ou hussardo em exploração, deixarei Cuissy. Um velocípede, a tempo, e será certa a escapada. Levarei ás costas os originaes do meu trabalho sobre D. Pedro I e a paulista Domitila. Suspenderei a papelada n’um sacco com correias aos hombros. Se o caolho de Natercia salvou da onda a sua fama de epico, salvo eu dos azares do mundo em guerra as insignificancias da relação da camareira espesinhada. Uns dez kilos de almoço, que embrulham uma groza de factos e documentos, e os quaes supportarei em mochila sobre o arcabouço de nephritico, precipitado na campanha de França, á mercê de estalajadeiros ínfimos e cubiçosos.²⁵⁰

A comparação com Luís de Camões apresenta-se à maneira de referenciar seus cuidados com o trabalho interrompido acerca da Marquesa de Santos na eventualidade de uma fuga. A pesquisa iniciada em 1913 – e principal razão da ida à Paris – é destacada em meio ao plano evasivo pelos esforços de resguardar a obra em andamento temendo sua perda, semelhante a lenda do autor d’*Os Lusíadas* na bravura de salvá-la de um naufrágio, ainda que em seu caso caberia protegê-la de algum “caçador bavaro ou guarda hessez” onde “se os deixasse no castello, riscariam um destino que não seria nem o prelo, nem a critica”²⁵¹. Embora nunca tenha ocorrido, a hipótese da retirada de Cuissy ou de Paris corrobora com uma realidade plausível e evidentemente considerada por ele. Quando diz poder ficar “á mercê de estalajadeiros ínfimos e cobiçosos” na condição de refugiado de guerra, Rangel baseia-se não apenas nas notícias advindas das zonas ocupadas, mas do próprio relato testemunhal daqueles que atravessam a região rumo ao outro extremo do país em busca de segurança.

Quanto a mobilização civil, é certo afirmar que fora extensa e tenha perdurado por todo o conflito. Compreender sua extensão requer mais do que resumir-se a quantidade de pessoas envolvidas, pois é preciso entender que a mobilização não atingiu apenas uma frente (a militar). É possível tratar a existência de múltiplas frentes em que os civis se viram impulsionados (ou obrigados) a se movimentarem, seja qual fosse a necessidade exigida dos tempos de guerra.

²⁴⁹ RANGEL, Alberto. *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 68.

²⁵⁰ Ibidem, p. 68-69.

²⁵¹ Ibidem, p. 69.

Essa cultura proporcionou, sobretudo, mobilizações voltadas ao trabalho braçal, como o de fornecimento de matérias e produtos, tal qual a imposição da migração. Assim, os civis, de forma geral, tiveram sua atuação baseada nos efeitos das batalhas, tanto trabalhando indiretamente para ela quanto como vítimas dela, entre aflições e o luto.²⁵²

Particularmente nas zonas de combate, houve maior apreensão de não-combatentes – homens não convocados, mulheres, crianças e idosos – estando mais vulneráveis à violência dos soldados inimigos. Uma realidade tornada comum apesar das inúmeras denúncias e críticas formuladas especialmente ao lado alemão. A alternativa seria o deslocamento – a pé, cavalo, carroça, trem ou qualquer outro meio possível – abandonando seus pertences, suas casas e cidades na procura por proteção vivendo com o temor da invasão e destruição de suas propriedades seja pelo soldado aliado ou inimigo.²⁵³ Instaurado desde os primeiros dias da invasão, criou-se uma expectativa que o fim da mobilização se realizasse com um breve findar da conflagração – expectativa, evidentemente, não atingida. O prolongamento do êxodo resultou numa série de consequências sociais em virtude da transição sofrida na qualidade destes grupos, de civis para refugiados, perante a sociedade e os governos nacionais:

Lá onde encontram refúgio, essas mulheres, esses homens, essas crianças, cristalizam as culturas de guerra em que elas têm de melhor e de pior. A solicitude dos primeiros meses, apoiada em um discurso patriótico de fraternidade, se transforma rapidamente, face à distensão do conflito, em rejeição. Os refugiados se tornam bocas inúteis a alimentar, aborrecimentos, incapazes, pobres; em resumo, estrangeiros.²⁵⁴

Annette Becker os situa não apenas às margens da historiografia da Primeira Guerra Mundial, mas igualmente às margens da sociedade em seu tempo. A relação entre refugiados e a sociedade a qual pertenciam apontam para distintas temporalidades referente ao tratamento da segunda com a primeira: a princípio houve disposição e auxílio; enquanto ao fim, restou o desprezo, tornando-os abandonados, nas “bocas inúteis” a serem alimentadas – de uma perspectiva governamental –, e, ao mesmo tempo, estrangeiros – de um modo geral –, sentido pejorativo que os desqualifica como cidadãos, encerrando assim, um vínculo de identidade nacional.

Se a análise da historiadora francesa procura assimilar um sentimento geral diante dos refugiados da Grande Guerra, seu diagnóstico faz concordância, ao menos em partes, com a observação direta de Rangel nos primeiros registros datados de setembro sobre a chegada dos refugiados de guerra advindos da fronteira com a Bélgica, zona ocupada pelos alemães no final

²⁵² BECKER, op. cit., p. 245.

²⁵³ Ibidem, p. 251.

²⁵⁴ Ibidem, p. 251.

do mês anterior: “São provavelmente as boccas inúteis que a defesa da praça trata de rejeitar de seus muros e barbetas para folgar as arrecadações de mantimentos e assim dilatar a resistencia com a diminuição de ventres sitiados”²⁵⁵.

Por coincidência do uso da expressão, os emigrados são tratados como as bocas inúteis, abrangendo aqui um senso de segurança, uma preocupação com sua proteção e abastecimento. Contudo, a concordância entre os autores se encerra aqui, pois, diferente da afirmação da historiadora contemporânea, o comentário de Rangel abarca em tom de crítica uma preocupação do ponto de vista governamental, uma perspectiva militar em vista das disputas fronteiriças, da qual a migração dos pacíficos aliviaria um obstáculo para o governo, isto é, o cuidado com essas pessoas nas zonas de guerra. A data do registro instiga mais ainda o debate proposto por Becker acerca das temporalidades relativas aos refugiados. Escrito na abertura de setembro, ao completar-se um mês de guerra, sua observação ecoa como indício de um certo desprezo precedente, ainda que de uma óptica distinta, daquele fornecida por Becker, onde a transformação de pacíficos para “bocas inúteis” – embora evidenciada na fala de Rangel – é constatada anteriormente ao de sua análise.

Deste modo, é notório os contrastes entre eles: de Rangel, como uma testemunha direta, tratando de uma perspectiva pessoal e crítica direcionada ao governo francês referente a um inédito efeito de massa (e problema) da guerra; ao estudo de Becker avaliando um processo decorrente de todo um panorama global, tanto geográfico e social, pela completa duração do evento. Portanto, as comparações possuem menos a função de provocar, de instigar uma discussão historiográfica, que embora válida e relevante não será motivo de foco do atual estudo, e mais um modo de exemplificar a existência de um efeito da Grande Guerra, analisado no presente e identificado no passado pela fonte.

Na obra, a primeira quinzena de setembro de 1914 é marcada pelo vasto número de comentários a respeito das famílias e grupos de pessoas que passavam pela região de Cuissy rumando ao oeste ou sul do país. Usualmente acompanhado pelas localidades originárias de cada – indiretamente traçando um mapa das zonas de combate e ocupação alemã –, e seguido pelo registro testemunhal indireto marcados pelo horror a que foram expostas. São “impressões horripilantes”²⁵⁶ das cenas de batalha e de cadáveres aos montes – consequências dos novos armamentos descritas/poetizadas por Rangel. A evasão iniciada às pressas pelo aviso e recomendação das tropas francesas trouxe ainda, além do testemunho da brutalidade, uma árdua trajetória carregada de adversidades:

²⁵⁵ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 63.

²⁵⁶ *Ibidem*, p. 63.

A preamar da invasão lançou sobre Cuissy um novo grupo de imigrantes. Vieram de villar ignoto e perdido nas Ardennes. Duas horas antes da chegada dos Prussianos receberam o avizo para deixar o buraco em que prosperavam, tirando pintos e batendo o creme. Ha entre elles uma velha de oitenta e quatro annos e um ferrador licenciado do exercito. Meteram-se n'um carrete e levaram oito dias para chegar ao remanso do Loire. Renunciaram irresignados aos gados, mobílias e tectos de boa paz, e tal foi a precipitação do exodo, que uma das mulheres lá deixou a fortuna de novecentos francos, tendo esquecido de tirar-os do lugar onde os enterrara. Sabiam que o inimigo derruia as habitações, fuzilava os fugitivos que podia alcançar e até abusava das moças, rouçando-as torpemente. Ladrões, incendiarios e estrupadores violavam a propria Guerra, que não admitte direitos mas consagra deveres extremados. Mulheres, menores e velhos lançavam-se pelas veredas conhecidas, sob o granizo de ferro e maillechort. Um corre-corre de terremoto, com trovões ao longe...²⁵⁷

Ao fugir das atrocidades era necessário renunciar a terra e os pertences sem a expectativa de um retorno isento de danos materiais. A guerra revela então seu aspecto de totalidade, o atributo universal que marca suas vítimas. A imigração obrigatória não enxerga fronteiras entre classes atingindo a como um todo. Exemplo disso, são as condições dos grupos mais abastados acostumados ao luxo e ao sono em seda, plumas e “leitos de opulentos”, agora forçados a dormirem no palheiro.²⁵⁸

Após a passagem de uma quantidade elevada de pessoas através da região, Alberto Rangel denota, a partir das inúmeras adversidades enfrentadas por eles, uma das qualidades do povo francês repetidamente ressaltada na obra e semelhante ao caráter dado pelos francófilos e aliadófilos presentes no Brasil. Inserida no atual panorama, apresenta-se como um indicativo de força e virtude nacional: a ordem e a civilização da população em meio a calamidade. Embora não negue a existência da desordem, deixa claro tratar-se de menores ocorrências ou longe das quais seriam supostas ao cenário, justificando o empenho organizacional da população através da estética feminina: “As mulheres conservam-se penteadas, mortas de vigília e fadiga. Cabellos desgrenhados bastariam a augmentar o sinistro da scena lamentável”²⁵⁹.

A razão maior da ordenação francesa em meio a catástrofe se justificaria especialmente a dois fatores interligados e que dizem respeito a uma questão histórica e cultural. Rangel argumenta que a superioridade e a aceitação dos franceses seriam decorrentes tanto pela recente experiência histórica de uma outra guerra, a Guerra Franco-Prussiana, vivida por uma parcela mais velha da população, tal qual por uma noção de desenvolvimento antropológico e social

²⁵⁷ Ibidem, p. 77-78.

²⁵⁸ Ibidem, p. 83.

²⁵⁹ Ibidem, p. 81.

em que a civilização francesa estaria em um determinado patamar superior às restantes, chamando-a, inclusive, de uma “civilização adulta”:

Contém-nos a superioridade e da razão evoluida, regulando-lhes a marcha de um destino, acceito por compreendido. Para muitas victimas o espectáculo é repetido. Por isso os velhos parecem mais insensíveis ao cataclysmo bisado. Essa gente é filha de civilização adulta. Tudo lhes é regulamentado por natureza. Medem-se-lhes as expansões no apice das crises. Comportam-se na alucinação, obedecendo ao código do bom tom.²⁶⁰

Não seria apenas na ordem social ou na organização pública frente a calamidade que a manifestação de um comportamento civilizacional exemplar, daquilo que lhes são “regulamentado por natureza”, seria tratada como evidência da qualidade da população e da cultura francesa. A questão civilizacional viria à tona novamente para enfatizar a força do trabalho braçal deste povo diante da catástrofe. Outra virtude relacionada a superação, ainda que diferente de uma situação de fuga, esse segundo modelo ressalta principalmente o esforço e a determinação daqueles que se mantiveram compromissados no trabalho de abastecimento da nação, apesar da perda de grande parte de sua força com a ausência dos homens convocados às trincheiras. Bem como o trânsito de refugiados, o testemunho de Rangel acerca da vida rural e dos esforços nos campos é destacado (ao menos no primeiro semestre da guerra) em virtude da sua localização privilegiada e consequente aproximação rotineira com essa atividade.

O reconhecimento de um novo problema a ser enfrentado teve origem logo após a declaração de guerra e a convocação dos homens capacitados para compor as linhas do exército. Na primeira entrada do diário são registradas a comoção local da despedida familiar pelo observador estrangeiro: “A nação levanta-se e sahe armada dentre os seus trigos maduros. [...] Amanhã faltarão nos lares dous terços de energia, pois que os homens os abandonam de uma assentada. Em compensação, crescerá a força nas linhas de batalha, alicerçando-se a Defesa [...]”²⁶¹. Da relação direta entre dois ambientes contrastantes e complementares – o lar e o campo de batalha –, nota-se o volume efetivo da ausência em um e ganho no outro na qual o vazio das casas “darão a idéa de que o sangue da nação se coagula nas malhas das cellulas, antes da sangria ao largo das fronteiras”²⁶².

Após a identificação inicial deste efeito negativo da guerra, o desenrolar da situação é retomado nas linhas das *Quinzenas de campo e guerra* em fins de outubro. Nos mesmos moldes da avaliação de caráter histórico e cultural relacionada a organização dos refugiados, este novo momento evidencia justamente outro tipo de ordem social, virtude novamente associada ao

²⁶⁰ Ibidem, p. 81.

²⁶¹ Ibidem, p. 3.

²⁶² Ibidem, p. 3.

povo francês e que, neste caso, resulta em uma solução, ou melhor, a superação – ao menos temporária – do problema apontado por Rangel. A organização do trabalho no campo é destacada como modelo exemplar em meio ao caos vivido nas fronteiras. A sua argumentação baseia-se particularmente num conjunto de fatores: os métodos e a tecnologia utilizados, a frequência de sua execução e o comprometimento dos trabalhadores restantes, foram o que permitiram a manutenção do sustento alimentar necessário para o país, tanto para a população em geral quanto para as tropas:

Prossegue a lavragem das terras. [...] Se fosse dado á indolencia e conservantismo do nosso caipira cultivar taes extensões, bem pouco faria a sua enxada de ronçaria e imperfeição. Todas as nobres essencias e manifestações da alma garantem aqui o trabalho da terra, servindo-se dos recursos multiplicadores produzidos por uma mecanica agricola de milenios. Consegue d'essa fôrma a nação, devastada no desenlace d'este drama em que se joga a sua sorte, preparar pacificamente as margens de sementeira, onde a sua grandeza e força assentam inabalavelmente, tornando possivel a abundancia e os recursos da poupança.²⁶³

Apoiado por esses motivos associados ao esforço do campo observado naquele momento, apontou que a lavragem garantiria a abundância e a poupança apesar do conturbado período. Por essa razão, a vida rural, entre os âmbitos sociais nacionais – e principal contraposição da vida urbana, representada pela capital Paris –, seria retratada como o espaço em que a “força” e a “grandeza” da nação estariam fundamentadas de modo inabalável. Ao ressaltar a importância tanto do trabalho no campo quanto de seus trabalhadores, Rangel associa diretamente o modo no qual o obstáculo teria sido superado por consequência dos esforços e dos atributos morais deste grupo, aos valores gerais de uma população, representando, então, a de toda a civilização nacional, enfatizando principalmente as suas “nobres essencias e manifestações da alma”. Ademais, o argumento é corroborado na comparação entre França e Brasil quando se volta ao “nosso caipira” acentuando sua incapacidade frente a hipótese de uma semelhante situação em razão do baixo nível técnico e sua imperfeição, em contraste evidente com o francês sempre descrito e associado com a utilização de termos positivos e preponderantes como “nobres”, “grandeza”, “força”, e “povo laborioso e preventivo”²⁶⁴.

É possível que a formação educacional, a aproximação cultural brasileira com a francesa nos fins do século XIX e início do XX,²⁶⁵ bem como a sua posição auto intitulada de “exilado”

²⁶³ Ibidem, p. 176.

²⁶⁴ Ibidem, p. 74.

²⁶⁵ Segundo Olivier Compagnon, a França passa por distintas representações para os grupos intelectuais brasileiros e argentinos. Entre elas, ela é associada sobretudo ao berço das liberdades e celebrada como a mãe das letras e das artes: “o culto à França é antes de tudo o culto a Paris, que sintetiza os dois precedentes e passa então pelo verdadeiro centro da civilização ocidental”. COMPAGNON, op. cit., p. 87-89.

– que ressalta não apenas seu deslocamento direto perante a sociedade europeia, mas igualmente seu isolamento da terra natal – no país estrangeiro justifiquem os fundamentos de Rangel ao reafirmar a importância da França e de seus trabalhadores como um modelo civilizacional. Além do mais, se pensarmos na escolha do suporte testemunhal e o público a quem pretendeu se dirigir o manifesto ecoa como uma lição ou uma provocação voltada aos leitores do Brasil. No testemunho direto da sua guerra naquele momento, isto é, os efeitos da Grande Guerra nos campos de Cuissy e as condições da vida rural como importante sustento para a França, Rangel destacou a moral, os princípios e os esforços dos indivíduos ali presentes: “O methodo e a constancia operam o milagre da continuidade no labor agricola. As qualidades do camponio balançam-se entre a avidez e a perseverança, fazendo face ao cataclysmo”²⁶⁶. Isso se deve, sobretudo, a àqueles que restaram, sendo as mulheres, as crianças e os aposentados que “formam o contingente das reservas para salvar as culturas e proseguil-as attentamente, preenchendo os vazios da conscrição”²⁶⁷.

Na *Quinzenas* dá destaque as personagens que se destacam por darem continuidade às atividades agrícolas como os idosos, as crianças, e, especialmente as mulheres que assumiam as tarefas anteriormente designadas aos homens dos lares, agora lançados as trincheiras como “a senhora que recebeu a ferramenta do marido e o substitue”²⁶⁸; ou “solidas creaturas, tostadas pelo estio, ou escalavradas pelo inverno, não se as vê de mãos abanando, pelas herdades, pitando dando á lingua ou deslendeando a filharada”²⁶⁹.

Contudo, este cenário de abundância e excesso transforma-se em uma realidade predominada pela inflação e o desabastecimento do país a partir de 1915 prosseguindo nos anos seguintes, inclusive, após o armistício. Rangel, por não se situar mais na região de Cuissy por um longo período não relatou mais os panoramas do campo do mesmo modo, porém, a tal experiência descrita em suas correspondências advindas da cidade de Paris denotou as dificuldades para se obter alimentos e a alta dos preços, ressaltando que a tal solução da força do trabalho no campo demonstrou-se de valor temporário, não conseguindo se sustentar pelos meses e anos seguintes.

Entre as observações diretas daquilo que viu de perto acerca dos efeitos da Grande Guerra coube um destacado espaço no testemunho não apenas as suas experiências pessoais e de sua família nas zonas rurais ou urbanas nos quatro anos da guerra e nos anos posteriores,

²⁶⁶ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 74.

²⁶⁷ Ibidem, p. 74.

²⁶⁸ Ibidem, p. 148.

²⁶⁹ Ibidem, p. 46-47.

mas igualmente a experiência dos outros, ainda que a partir de uma função de intermediário e analista ao mesmo tempo, a exemplo do que foi visto no caso dos refugiados e dos trabalhadores rurais, cujas anotações de suas ações, eventos, rotina, costumes foram seguidas de reflexões e análises de diferentes cunhos. É o que fez mais uma vez quando, ao repetir essa fórmula, destacou novamente os atributos civilizacionais da população francesa por intermédio da sua vivência. No entanto, distinguindo-se dos aspectos positivos ressaltados em outros momentos, nesse caso apontou para uma lacuna nas qualidades do cidadão francês, ainda que tal falha fosse uma consequência originada pelos efeitos da guerra na retaguarda.

O evento em questão traz as cenas presenciadas na estação de trem em Orleans na última dezena de setembro e soam como denúncia do momento vivido: após a chegada da locomotiva vinda do *front* e ocupada por inimigos rendidos – dos quais muitos feridos e sob péssimas condições –, um soldado mutilado e com sede acena a pedido de ajuda aos presentes sendo então atendido por uma senhora em meio à multidão. Sua atitude misericordiosa é seguida pela cena de ódio entre o restante da população ali presente, insatisfeita pelo tratamento dado ao inimigo:

Quando o trem partiu, abafado n'um silvo e jactos de vapor os gemidos dos passageiros, a senhora misericordiosa só faltou ser lynchada na plataforma. Os sentimentos incoerentes e ríspidos da multidão não perdoaram a magnanimidade do coração da mulher ante o animal sedento e decepado, que implorava uma simples gota d'água. Limpei os olhos e reforcei-os com as lentes de myope para lêr o nome da estação. Deveria me achar em Coblença ou Francfort. Li: - Orléans.²⁷⁰

A utilização das expressões “incoerentes” e “ríspidos” fazem frente com o que fora ressaltado anteriormente nos adjetivos positivos e preponderantes utilizados antes para caracterizar o povo francês. A surpresa do narrador deve-se tanto pelas atitudes atípicas da multidão no ataque à senhora quanto, especialmente, o local de todo este cenário, reforçando mais uma vez o seu espanto. Acostumado a tratar o alemão por sua cultura e povo como “bárbaro”, “animal” e incivilizado presumia-se a ocorrência habitual dessas atitudes em terras vizinhas. Esta, porém, é testemunhada no seu ambiente rotineiro na estação de Orleans. Rangel, pelos aspectos positivos que apresenta ao leitor sobre os cidadãos franceses – áduos trabalhadores, civilizados, educados e comportados –, demonstra-se surpreso em testemunhar as consequências da guerra pelos sentimentos adversos em relação ao tratamento ao inimigo.

Episódios do cotidiano de Cuissy ou de Paris foram registrados no diário e nas correspondências e parte deles, como vimos, foram acompanhados de análises e críticas sejam

²⁷⁰ Ibidem, p. 111.

de cunho social, militar, político e cultural. À maneira do debate intelectual do período utilizou-se dessas observações diretas para formular discursos pró França, ressaltando, sobretudo, o caráter de sua população, mas também simplesmente para registrar os acontecimentos históricos, na tarefa de preservar a memória do que foram seus dias diante da Grande Guerra, tornando-os públicos de uma maneira geral pelo diário ou íntima no diálogo epistolar. Por fim, expostas algumas de suas experiências diante dos impactos da guerra, como constitui essa narrativa, especialmente no *journal*, espaço pensado para este intuito? De qual modo buscou retratar a realidade vivida para a escrita ou quais representações se utilizou para tratar da guerra e suas vivências? Quais temas foram destaques e como tratou tais assuntos? Enfim, adentraremos a seguir a investigação do segundo elemento que compõe a relação entre a experiência e a narrativa, isto é, entender melhor certas escolhas discursivas presentes no relato de Alberto Rangel, destacando ao final três importantes temas enfatizados em seus registros: a guerra moderna; a disputa simbólica entre a “civilização” contra a “barbárie; e a tensão entre o campo e a guerra.

2.3 - “Dias históricos e sangrentos”: a guerra de Rangel

Nomeado diretor da Repartição de Terras, onde pouco se demorou, dali partiu rumo à sua profissão de engenheiro, para fazer dela uma realidade. Marchou para os altos rios a fazer demarcação e medição de seringais e foi no alto Juruá, num dia de junho de 1904, que o encontrei de descida do Juruá-mirim, roldo de febres e esgotado pelo trabalho selvagem através de igapós e florestas impenetráveis, que são o facies dessa Amazônia ainda misteriosa e maltratada. Dese encontro é depoimento, o último capítulo do “Inferno Verde” [...].²⁷¹

Porque é um livro barbaro. Barbaro, conforme o velho sentido classico: extranho. Por isto mesmo, todo construido de verdade, figura-se um acervo de phantasias. Vibra-lhe em cada folha um doloroso realismo, e parece engenhado por uma idealisação afogueadissima. Alberto Rangel tem a apparencia perfeita de um poeta, exuberante de mais para a disciplina do metro, ou da rima, e é um engenheiro addicto aos processos technicos mais frios e calculados. A realidade surprehenoedora entrou-lhe pelos olhos através da objectiva de um teodolytho. [...] E os seus poemas bracios escreveram-se nas derradeiras paginas das cadernetas dos levantamentos. [...] Porque o que ahi é phantastico e incomprehensivel, não é o autor, é a Amazonia...²⁷²

Os excertos acima destacam o trabalho de maior reconhecimento de Alberto Rangel e são escritos por dois de seus amigos cada um caracterizando um aspecto diferente da obra: o primeiro, formulado por Firmo Dutra, ressalta a sua experiência como um engenheiro de

²⁷¹ DUTRA, Firmo. O conde d'Eu visto por Alberto Rangel. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958.

²⁷² CUNHA, Euclides da. Preambulo. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: cenas e scenarios do Amazonas*. Tours: Arrault & Cia, 1927, p. VI-VII.

formação e a profissão exercida na prática ao encaminhar-se à Manaus em 1904 para medir determinadas terras,²⁷³ local onde sofrera terrível experiência pessoal, o que viria a ser fonte de inspiração principalmente para o último capítulo de *Inferno Verde*, trecho em que justifica o apelido da terra; o segundo foi escrito por Euclides da Cunha e retirado do prefácio do livro, nele, destacando então a maneira em que se utilizou de uma experiência real e a trouxe em palavras na ficção, salientando o desafio da inspiração da verdade, do cenário amazônico, com o fazer-se no fantástico da literatura composta.

Embora o conto amazônico não seja nosso objeto de estudo, vale ressaltar o contexto apontado por Firmo Dutra e a perspectiva crítica deste empreendimento literário por Euclides da Cunha: a transformação de uma experiência pessoal frente a uma realidade desafiante e trágica em uma narrativa publicada. Como fica evidente, um trabalho similar havia sido realizado anteriormente às *Quinzenas de campo e guerra* descartando seu caráter inaugural, com o projeto sido realizado oito anos antes em *Inferno Verde*. Entretanto, o que marca esses esforços é a preferência em distinguir as qualidades entre ambas as produções num relativo espaço curto de tempo, convertendo a primeira experiência num livro de contos, isto é, utilizando-se da ficção como um meio de traduzir a realidade, enquanto na segunda procurou transmitir os acontecimentos fazendo uso de uma narrativa fiel às descrições pessoais e instantâneas, tal qual um diário.

No entanto, nada disso impossibilita apontarmos as semelhanças entre as obras. Semelhanças que reforçam a importância dessa relação entre experiência e discurso na produção bibliográfica de Rangel, ao se demonstrar um esforço literário similar e predecessor entre suas publicações especialmente num período próximo, ressaltando ainda a sua escolha em testemunhar por dois gêneros alternativos. Nota-se igualmente o valor da sinceridade do escritor-narrador, anteriormente destacado como pressuposto metodológico na escrita de si e observado no diário e, aqui, trabalho valorizado nas palavras de Euclides da Cunha na ficção:

Alem disto, Alberto Rangel, é um assombrado deante daquellas scenas e scenarios: e, num impeto ensofregado de sinceridade, nao quiz reprimir os seus espantos, ou rectificar, com a mecanica frieza dos escreventes profissionaes, a sua vertigeme as rebeldias da sua tristeza exasperada. Fez bem; e fez um grande livro.²⁷⁴

Aludindo o excerto de Euclides da Cunha, em vista das novas cenas e cenários de 1914, como se portou o narrador sincero e assombrado? Valeu-se novamente dos espantos refletindo-

²⁷³ DUTRA, Firmo. O Mito do Inferno Verde. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1966.

²⁷⁴ CUNHA, Euclides da. Preambulo. In: RANGEL, Alberto. *Inferno Verde: scenas e scenarios do Amazonas*. Tours: Arrault & Cia, 1927, p. XIX.

os na descrição? Ou preservou os ânimos para elaborar uma narrativa através da mencionada frieza dos escritores profissionais? Se num primeiro momento do presente estudo nos atentamos especificamente para as experiências de Alberto Rangel frente aos efeitos da guerra, buscaremos agora investigar o modo no qual elas foram descritas, a relação entre o fato e a palavra, o ver e a escrita. Partindo do pressuposto que compreende distinções práticas entre a testemunha civil e o combatente, em razão dos graus de violência experimentado – e, conseqüentemente, diferentes experiências sentidas por uns do que pelos outros –, pode-se afirmar e entender disto a existência de variadas guerras dentro de uma única (tanto pela perspectiva singular quanto coletiva das categorias),²⁷⁵ possibilitando o questionamento em que coloca, afinal, qual foi essa guerra narrada por Rangel em seu diário e correspondências. Para tanto, é preciso pôr em foco os elementos que compõem a narrativa: os termos utilizados para representar a conflagração, indícios de seu posicionamento no texto, os vínculos entre suas opiniões e análises com sua trajetória de vida e profissional, o modo que tratou de enunciados valiosos para a época como a incorporação da modernidade técnica no combate mundial, entre outros.

Nos anos em que o escritor brasileiro testemunhou a Primeira Guerra Mundial diretamente da França utilizou de múltiplas definições que simbolizassem o evento, especialmente recorrendo a metáforas, soando como um meio linguístico razoável frente a uma insuficiência de palavras que pudessem representar o real. O estilo, embora muito recorrente tanto no período quanto nas décadas posteriores,²⁷⁶ fora motivo de críticas para leitores sistemáticos e categóricos que condenavam o excesso literário ao pintar-se imagens apocalípticas exageradas – e que rememoravam uma ficção anteriormente em voga – em contraste com fatos suficientemente terríveis.²⁷⁷

A extensão da armada e suas movimentações permitiram igualmente alterações que as acompanhassem por meio da perspectiva geral em seu desenvolvimento, seja pela introdução de novos adjetivos ou pela renovação de outros. A exemplo disso e em conjunto às manifestações do período, a transformação do frequente uso de associações com o fogo e a queima, do “incêndio” no continente dos primeiros meses para, em questão de pouco tempo,

²⁷⁵ Becker reforça a multiplicidade das frentes (militares e civis) e também das possíveis denominações da Primeira Guerra Mundial, alternadas com o período e a dimensão, feitas por Apollinaire, ressaltando, entre elas, a “guerra das Frentes”

²⁷⁶ COMPAGNON, op. cit., p. 169-170.

²⁷⁷ PROCHASSON, Christophe. Les mots pour le dire: Jean-Norton Cru, du témoignage à l’histoire. *Revue d’histoire moderne & contemporaine*, vol. 48, n. 4, 2001, p. 165.

ser abafado e virar uma “catástrofe”, uma “conflagração”, convertendo-se num evento sem precedentes históricos e imprevisível – nos seus rumos e na sua duração.²⁷⁸

Tanto nas correspondências quanto no diário podemos observar inúmeros termos, expressões, metáforas, adjetivos e advérbios empregues por um autor a essa altura reconhecido por um estilo de descrições minuciosas e inventivas, sobretudo, pela criação de palavras. A diversidade das representações pode ser observada desde as primeiras cartas onde relata “o apocalypse em ação” ou o “cahos do horror”,²⁷⁹ ou até mesmo na citação presente na contracapa de *Quinzenas* aludindo a sentença de Goethe no poema *Fausto* mencionando o “espírito maligno” e a “fornalha e os turbilhões de fumaça”²⁸⁰, bem como nas suas palavras inaugurais do texto, ao reforçar a imagem do incêndio que assola a Europa: “Enquanto lavrava o fogo nos quatro cantos da terra [...] nas vizinhanças de um dos focos do grande incendio de 1914”²⁸¹.

A imagem do incêndio e do apocalipse fora repetida inúmeras vezes por Rangel durante e após a guerra com notoriedade à primeira metáfora da qual utilizou-se de variações: “incendio do mundo”; “grande incendio de 1914”; o “vulcão”. Uma de suas marcas aqui e ao final de sua vida foi o emprego de associações voltadas aos conceitos religiosos e figurados, pois, como vimos nas palavras que abrem o presente estudo, no excerto retirado do texto de jornal de 1945 retratando a trajetória de fuga de outra guerra, fora um recurso explorado já demonstrado pelo título em si em que institui explicações/comparações bíblicas para a noção de uma guerra mundial associada ao gesto de um anjo infligindo sobre o mundo o esfumaçar gerado pelo turíbulo – objeto litúrgico cuja entre suas funções está a de propiciar as almas dos falecidos a subida ao céu. Desta relação tardia ao nosso recorte, proporcionou a interpretação do anjo que tornava o instrumento religioso jogando-lhe o carvão e incendiando o continente europeu, embora a escolha específica das figuras e a própria função do objeto soam igualmente razoáveis em vista do cenário de fatalidades. Ademais, também comparou diversas vezes a guerra a outras imagens litúrgicas como o apocalipse e o inferno.

²⁷⁸ É importante ressaltar aquilo que o historiador francês Olivier Compagnon afirmou acerca das representações sobre a guerra e pelas alterações dos termos utilizados: “Se a frequência de “guerra” e de “conflito” explica-se pela relativa neutralidade dos termos e não requer comentário particular, os primeiros meses de beligerância são marcados por uso maciço da metáfora do fogo: o “incêndio” — ou o “abrasamento” — foi provocado pela “fagulha” de Sarajevo, mas muitos pensam ainda que ele será extinto o quanto antes pela sabedoria dos homens, como na guerra austro-prussiana de 1866 ou na guerra franco-prussiana de 1870-1871. Antes mesmo do final de 1914, contudo, o registro semântico transforma-se sensivelmente: a Europa já não queima, mas é atingida por uma “conflagração”, uma “deflagração”, uma “catástrofe”, uma “grande tragédia” ou uma “grande cruzada” que parece não ter nenhum equivalente na história”. COMPAGNON, op. cit., p. 169-170.

²⁷⁹ Carta de Alberto Rangel a Afonso d'Escragnoille Taunay, Cuissy, 15 de agosto de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacotilha 3.

²⁸⁰ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. III.

²⁸¹ *Ibidem*, p. V.

Frente a dimensão em que se tomava o embate militar mundial, tratou-lhe por expressões que invocavam o sentido universal da tragédia: “guerra máxima”, “grã catastrophe”, “miseria universal”, “crise universal”, “Absurdo”, “Monstro da guerra”, “pesadelo”, “Fatal Catastrophe”, “Catastrophe das Catastrophes”. Vale ressaltar ainda tanto as comparações com a realidade sangrenta do *front* quanto a compreensão da importância histórica daquele tempo em termos como “carniçaria”, “matamourada europeia”, “temporal de sangue”, “peste”, e “dias historicos e sangrentos”.

O emprego de adjetivos não ficou limitado somente a busca pelo retrato sintético da guerra. Em diversos momentos o narrador-testemunha tratou de si e pela primeira pessoa, especialmente nos casos em que registrou as ações do seu cotidiano ou de seus sentidos – ouvir, ver, pensar e sentir –, tais como “ouço”²⁸², “atravesso”²⁸³, ou em “meu isolamento e condição de estrangeiro [...]”²⁸⁴. Ademais, bem como coloca-se na última sentença, o autor procurou qualificar-se baseado em especificidades pessoais, especialmente na posição de brasileiro vivendo em outro país, assim como o estrangeiro, o “forasteiro”²⁸⁵, o “exilado”²⁸⁶.

Desde os preparos para a mudança dos ares, dois meses antes, anunciou a sua ansiedade para “beber a taça do exílio”, afastar-se da terra natal e viver na Europa sem prazo fixo.²⁸⁷ Ainda que não seja certo as suas razões, esta posição foi ressaltada diversas vezes aos seus correspondentes, anos após a viagem, bem como no diário declarando a localização do narrador como o “extranho” presente em Cuissy. A escolha dos termos soa como uma forma de expressar seu deslocamento da sociedade europeia, possibilitando talvez, uma perspectiva distinta, mas também, uma forma de se aproximar ou relacionar com o Brasil, demonstrando em diversos momentos preocupações com o que se passava ali.²⁸⁸ Contudo, expressou também um testemunho que incluísse os outros ao testemunhar por eles, ainda que indiretamente, igualmente expondo diversos momentos em que a primeira pessoa afasta-se para dar espaço a terceira, colocando-se a distância daquilo, contudo ainda presente.

²⁸² Ibidem, p. 3.

²⁸³ Ibidem, p. 3.

²⁸⁴ Ibidem, p. 68.

²⁸⁵ Ibidem, p. VII.

²⁸⁶ Carta de Alberto do Rego Rangel a Pacheco Leão, Paris, 11 de maio de 1916. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacotilha 3.

²⁸⁷ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escagnolle Taunay, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1913. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

²⁸⁸ O assunto Brasil está presente frequentemente nas correspondências tanto no contexto da guerra quanto fora, sejam por temas políticos, sociais, econômicos e, em particular, profissional, a respeito dos trabalhos realizados nos Institutos aos quais pertencia. No diário aparece em diversos momentos em tons de comparação ou críticas, especialmente de personagens políticos e históricos.

Outro recurso da escrita e utilizado em numerosas ocasiões em ambos os suportes foram os usos das reticências. Segundo Fernando Nicolazzi, em sua análise acerca da obra de Euclides da Cunha (da qual pode nos servir em vista da próxima relação entre Cunha e Rangel, especialmente, em seus estilos), isso pode ser justificado pelo intuito de causar impacto, como uma ferramenta para dramatizar a cena “permitindo ao leitor o tempo necessário para se aperceber do fato e constatar a própria surpresa relatada”²⁸⁹.

2.3.1 – Os riscos da modernidade

Em vista do cenário sem precedentes dos anos de 1914 a 1918, o efeito discursivo ecoa como apropriado. Distinguindo-se de outros conflitos, a Primeira Guerra Mundial ficou conhecida como um espaço de experiência da violência, especialmente por aproveitar-se de um momento acentuado pelo progresso técnico e científico. Identificado como o *laboratório*²⁹⁰ do século XX, foi marcado pelo uso de cientistas e tecnologias pelas nações no ato de defesa e desenvolvimento militar nos campos de batalha.

Desta forma, o processo da modernidade, elemento que constitui a representação do progresso e da superação da tradição, identificado a essa altura como meio próspero para o futuro da sociedade,²⁹¹ ganha uma proporção simbólica contrária e muito negativa aos olhos de Alberto Rangel. O emprego dos meios mais modernos e industrializados foram observados nos armamentos – como a introdução de armas químicas –, nas táticas – com as trincheiras –, e por seu conjunto nas operações simultâneas e coordenadas entre elas, como, por exemplo, o uso dos aviões e das tropas. Todos os aspectos que representam a guerra moderna são comentados pelo autor que, neste âmbito, ressoam como a análise de um experiente militar – tendo o próprio sido marcado por feridas de batalha duas décadas antes. Resta, então, denunciar esses meios tecnológicos que justificam a responsabilidade da modernidade pela superação constante da dimensão do combate, e, conseqüentemente, pondo fim a dignidade da Humanidade:

Os combates não terão propriamente limites topologicos. Transbordarão pelas valladas, despencarão das cristas. Será uma zona geographica de sangue e armas e nunca o encontro sabio de linhas ordenadas n'uma só bacia ou ao longo de encosta unica. A tactica moderna é a confusão no enredo das ondas hertzianas e das visadas das nuvens, é o acaso na extensão, a fortuna no indefinido...²⁹²

²⁸⁹ NICOLAZZI, Fernando. O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009, p. 71.

²⁹⁰ BECKER, op. cit., p. 246.

²⁹¹ A imagem do progresso e civilização formulada no século XIX transformou-se na brutalidade e na crueldade. BECKER, op. cit., p. 257.

²⁹² RANGEL, Alberto. *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 32.

A culpa recai sobretudo ao homem das ciências, moderno e técnico, por introduzir essa tecnologia e gerar uma guerra sem precedentes resultando na perda de valores morais e universais como a dignidade e o respeito à humanidade. Um discurso que ganha corpo quando reforçado pelos exemplos de notícias, cenas e testemunhos das atrocidades cometidas, pelas mortes de civis, bem como a vivência sob esses efeitos – tal como a fome, a fuga, os anseios e o luto, ou, ainda, nas cenas cruéis das trincheiras.

Antes dos alemães, Rangel atribui a responsabilidade da guerra ao tal indivíduo “civilizado, chimico e philanthropo” que envenena o seu proprio meio”, um sinônimo de retrocesso por comparação, exercendo o mesmo papel que o selvagem na natureza, quando “o faz aos peixes, dissolvendo n'agua das lagoas o summo das tinguujadas”²⁹³. Entre as razões que explicam sua justificativa a respeito do papel da modernidade, Francisco Foot Hardman enxerga como fator determinante a posição de alguém que sente e sofre com uma ruptura de gerações, de um tempo que viveu e viu desaparecer para um novo decadente, trazida pela perspectiva do escritor pernambucano ao expor as suas sensações. A leitura das *Quinzenas* transmite a precisa impressão do significado diante do “fim catastrófico da experiência e o empobrecimento brusco, material e cultural, de toda uma geração”²⁹⁴. A perda dos valores reconhecidos e anteriores a guerra, advindos do século anterior reforçam a responsabilidade negativa dos novos tempos:

Curioso impropério contra os monarcas do antigo regime, este de Rangel, que irá tornar-se, ao longo da vida, depois da primeira juventude militar, positivista e republicana, bastante simpático à causa monarquista. Só se poderia entender, pois, a praga do narrador contra reis belicistas no interior de uma narrativa que é, do começo ao fim, uma viagem pela consciência do horror da guerra, pelo absurdo jogo diabólico, historicamente real, que a lógica perversa da modernidade desencadeou. Sua crítica, aí, é radical, não tem lado, personagem ou argumento a salvar. Lembrando conhecidas passagens de Nietzsche, em que o filósofo também nega qualquer complacência com a historiografia moderna e com a indústria cultural que tenham convertido a guerra num espetáculo de massa, o narrador de *Quinzenas* desqualifica a “literatura belatriz”, a “biblioteca do trágico”, enfim, a banalização sensacionalista e mercadológica feita a propósito da guerra.²⁹⁵

Concomitante aos efeitos colaterais da guerra moderna foi o novo modo de batalhar ao provocar uma inédita extensão e dimensão geográfica, atingindo grande parte do globo e, conseqüentemente, um elevado número de pessoas.²⁹⁶ A divulgação dos dados nos meses

²⁹³ Ibidem, p. 45-46.

²⁹⁴ HARDMAN, op. cit., p. 188.

²⁹⁵ Ibidem, p. 195.

²⁹⁶ A título de exemplificação dos números da guerra, Sílvia Correia apresenta dados entre 1914 a 1919: “A Grande Guerra foi um conflito marcante na determinação de novos formatos políticos e sociais, indissociáveis da

iniciais da conflagração expõem a primeira surpresa do historiador com a proporção atingida àquela altura: “[...] avalia-se em oitocentos e cinquenta e quatro milhões a população interessada diretamente no conflito europeu. Mais de metade da humanidade em causa. Diz, vê-se e não se acredita. De facto soçobramos na loucura generalizada”²⁹⁷. A proporção geográfica e política transformou-se dia após dia totalizando cada vez mais vítimas, devendo-se igualmente a adição de novos países expandindo as fronteiras iniciais, de um *momento europeu*²⁹⁸ para uma configuração a nível global. Neste sentido, Rangel enxerga o fator globalizante como autoria de uma nova responsável, a Inglaterra, distinguindo-se até mesmo das opiniões populares, em particular ao aliadófilos presentes no Brasil, ao incluí-la nesse aspecto de culpa: “A guerra abarca o mundo entraçando-se-lhe nos círculos máximos. Na Africa occidental e até nos mares da China trocam-se disparos pela mesma causa. A Inglaterra agravou o flagelo, universalizando o conflito”.²⁹⁹

Outro motivo de preocupação relativo as consequências deste novo modo de guerrear deveu-se ao temor dos danos culturais e materiais. O indivíduo moderno pouco se atenta a preservação das criações humanas – bem como de seus criadores, como artistas e intelectuais. Exemplos não faltam: o incêndio da Catedral de Reims, o bombardeio alemão às principais capitais mundiais, especialmente a francesa em razão de seu valor cultural e das obras presentes no Museu do Louvre.³⁰⁰ Neste caso, assemelhou-se neste sentido ao discurso propagado por aqueles situados na terra natal, em particular as opiniões que se dirigiam contra as atrocidades alemãs propagandeadas das quais ressaltavam os incêndios da Catedral de Reims e da biblioteca de Louvain,³⁰¹ além das denúncias ao desrespeito com a convenção de Haia, em comparação as nações aliadas que se recusavam a utilizar armamentos que desrespeitassem tais prescrições.³⁰²

mobilização total. Entre 1914 e 1919, cerca de 73 milhões de homens, entre os 15 e os 49 anos de idade, estiveram envolvidos num conflito de duração inesperada. Ao longo deste, cerca de 50% da população masculina que tivesse idade de embainhar armas foi mobilizada. Os números ultrapassaram sempre as iniciais projeções governamentais, cabendo as maiores taxas à Alemanha e à França, onde se atingem valores de 80% de população masculina naquela faixa etária, seguidos pela Áustria-Hungria, Grã-Bretanha, Sérvia e Turquia”. CORREIA, Sílvia. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)*. Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015, p. 56-57.

²⁹⁷ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 166.

²⁹⁸ COMPAGNON, op. cit., p. 41.

²⁹⁹ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 27.

³⁰⁰ *Ibidem*, p. 62.

³⁰¹ “Causa muita inquietação o espectro de uma destruição planando sobre a Cidade Luz no início do mês de setembro de 1914, quando o decurso desfavorável das operações militares põe à mercê dos canhões alemães as maravilhas arquitetônicas devidas a Luís XIV, ao barão Haussmann ou a Gustave Eiffel”. COMPAGNON, op. cit. p. 89.

³⁰² Conferir o discurso de Antônio dos Reis Carvalho em novembro de 1915. CARVALHO, Antônio dos Reis. *A guerra e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Bedeschi/Liga Brasileira pelos Aliados, 1915 apud COMPAGNON, op. cit., p. 77.

A importância dada aos patrimônios destruídos e a preocupação voltada à preservação de outros fora fundamental na disputa de opiniões do conflito como um todo. Da destruição dos patrimônios históricos franceses instaurou-se a polêmica entre os intelectuais europeus, em particular os locais e da Alemanha, constituindo uma guerra científica similar a das trincheiras, onde de um lado acusava-se os “bárbaros” e, do outro, defendia-se a eficácia da ciência alemã capaz de preservar, analisar e qualificar de modo correto o patrimônio cultural e artístico.³⁰³

Afora as obras de imenso valor cultural e histórico, coube a preocupação com os criadores contemporâneos. Denunciou o descuido com os intelectuais e artistas que perdiam as vidas nas trincheiras. Segundo o próprio intelectual brasileiro, são deles o papel de destaque para a cultura das nações e, por isso, mereciam proteção, ao menos, serem excluídos do levante nacional, pois coloca:

[...] no mesmo pé de aproveitamento, nas triturações da guerra, o acadêmico e o "pé espalhado", a cultura é a bruteza, a borra e a flôr. Ainda entre as nações de extenso desenvolvimento científico ou literário e artístico, o levantamento em massa nem tudo poderá destruir. Haverá muito para se perder um pouco. Mas, nos povos de pouco estudo e esmero de cultura, a conscrição geral é um sacrifício de abuso, porque empenha no total das forças nacionais a parte melhor, que por conseguinte corre o risco de desaparecer deixando o país victorioso, mas degolado de sua parte mais nobre.³⁰⁴

Embora defenda a importância do alistamento geral, já que é preciso defender a nação dos invasores, o literato mantém o tom da crítica ressaltando mais uma vez a importância dos artistas e pensadores do “paiz mais intellectual da terra” criticando os efeitos que a perda desses nomes pode causar:

A chamada geral é bella e é urgente, mas não é razoavel. Os nomes d'esses mortos protestam contra a lei da accumulção no mesmo sacco dos detentores do Pensamento nacional ou das suas melhores esperanças, confundidos com a vulgaridade espessa da maioria, conglomerada na grossa contribuição das almas levantadas a bem da intangibilidade do territorio patrio. Na contingencia da immolação por atacado o abominoso Moloch poderia pôr de lado alguns exemplares mais raros...³⁰⁵

Saltam aos olhos o discurso do escritor a essa gama de denúncias principalmente voltada ao elemento que melhor representaria os novos tempos daquele início de século. Nas últimas linhas do diário, ao final do primeiro semestre da Grande Guerra deixou sentimentos sobre um tempo passado e justaposto pela catástrofe: “[...] e prodigalisaram o ataque nocturno, o emprego da bayoneta e do telephone, tratou-se sobretudo de ligar as armas na tactica, de desenvolver os

³⁰³ DUMOULIN, op. cit., p. 183.

³⁰⁴ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 138-139.

³⁰⁵ Ibidem, p. 139.

abrigos e os disfarces, rodeando-se as operações estratégicas do maior segredo [...]. Para tanto esforço e tanto damno, será pouco o efeito”³⁰⁶. Hardman compreendeu neste discurso crítico de Rangel uma posição solitária frente a essa tensão entre modernidade e tradição resultando na ruptura da última:

A guerra não possui atenuantes. Nem, a causa da paz, adjetivos ou condicionais. Quinzenas de campo e guerra, livro totalmente esquecido, mesmo pela crítica que homenageou a prosa de Alberto Rangel, é também expressão de uma voz solitária à beira do abismo que separou, irreversivelmente, duas eras históricas. No final desse diário, tão rico na palavra confrontada com o século das guerras, a luz que vem do mundo, nessa manhã invernal de 31 de dezembro de 1914, apesar da aparente tranquilidade da vida no castelo, é necessariamente mortífera [...].³⁰⁷

2.3.2 - Ataques ao inimigo invasor

A palavra “atrocidade” é usada para descrever um ato de violência condenado pelos contemporâneos como uma violação da moralidade ou das leis e costumes da guerra; as vítimas são geralmente pessoas indefesas (não combatentes ou combatentes desarmados). A destruição de monumentos culturais e a devastação de propriedades além da necessidade militar também podem ser descritas como atrocidades. “Atrocidades” distinguem-se do termo legal “crimes de guerra”, usado pela primeira vez nesse sentido pelo jurista britânico Lassa Oppenheim (1858-1919) em 1906 para significar violações das leis de guerra. Ato que constituía “atrocidades” eram muitas vezes “crimes de guerra”, mas a perspectiva é diferente: o termo reflete sua construção cultural.³⁰⁸

A citação acima introduz possivelmente uma das principais controvérsias relativas a Grande Guerra, principalmente ao ser incorporada no âmbito social e cultural de se guerrear, utilizada como discurso de propaganda em defesa ou ataque ao inimigo e destaque nos embates políticos de opiniões. A violência realizada por uma tropa de soldados dirigida a civis indefesos ou a materiais culturais e/ou particulares define sucintamente o significado de “atrocidades”, ainda que a expressão designe igualmente os crimes de guerra e, como bem colocado, com uma perspectiva distinta carregada de uma construção cultural. Esta última refere-se justamente ao momento que o termo ganhou força no cenário entre 1914 e 1918, sendo utilizada especialmente para tratar dos atos violentos cometidos por alemães aos civis belgas e franceses durante a invasão no primeiro mês do conflito e noticiado pela imprensa aliada nos seus primeiros dias.

³⁰⁶ Ibidem, p. 324-325.

³⁰⁷ HARDMAN, op. cit., p. 197.

³⁰⁸ Tradução nossa da citação original. KRAMER, Alan. Atrocities. 1914-1918-online. *International Encyclopedia of the First World War*, 2017, p. 2. Disponível em: <https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/atrocities>. Acesso em: 15 dez. 2020.

Embora tenha sido uma realidade,³⁰⁹ ainda que não exclusiva ao caso alemão,³¹⁰ sua existência foi transformada em instrumento num cenário de disputas políticas internacionais funcionando mediante ataques à imagem inimiga com a criação de propagandas, boatos e notícias por parte da imprensa aliada, gerando assim uma confusão de informações, frente à uma busca constante em desacreditar essa campanha por outro lado. A guerra traz, nesse sentido, um panorama global para este novo campo de batalhas: o da informação e propaganda, relacionado então, a problematização da verdade.

Agregado ao valor informativo, as notícias possuíam a intenção de fornecer argumentos ao debate seja a favor ou contra um determinado grupo – especialmente na esfera nacional pois o ódio ao inimigo seria um dos aspectos unificadores³¹¹. O discurso voltava-se, sobretudo, aos países neutros como forma de motivar sua entrada no conflito, processo semelhante ao ocorrido no Brasil até 1917 quando o governo decide abandonar a neutralidade oficializando sua participação. À semelhança das manifestações pró aliados, Rangel, embora contrário a guerra em si, expressou diversos argumentos e opiniões contrários a Alemanha, possivelmente justificado pela localização de sua estadia e sua proximidade. Tanto as correspondências quanto o *journal* denotam isso, sem antes ressaltar sua crítica a ação de guerrear.

O diário por si contém passagens de um discurso neutro, classificado por Foot Hardman como um “belo manifesto pacifista”³¹². Antes de assumir a posição de “francófilo” mencionada nas cartas, Rangel se pôs como alguém que denuncia frequentemente os crimes de guerra e as tragédias humanas cometidas, do primeiro ao seu último dia. Das cartas do período, agosto de 1914 a novembro de 1918, bem como aquelas dos anos posteriores aparecem manifestações do que foi experienciar tal evento traumatizante.

Nas *Quinzenas de campo e guerra* a indignação com o povo/soldado alemão é retratada por ofensas – o recorrente “boche” comum à época, entre outras ofensas – ou por passagens que justificam a “barbárie” dos cidadãos, atrelado ao tipo de discurso do momento.³¹³ Isso pode

³⁰⁹ Os valores das execuções propositas pelo exército alemão a civis franceses e belgas chegam a 5.521 na Bélgica e 906 na França, maioritariamente por vítimas homens com idade militar, mas também de mulheres e crianças. Ainda que, por outro lado, Prochasson trabalhe com outros números para cada caso os dígitos são aproximados, ademais, por incluir outras vítimas de “incidentes menores” a soma resulta no mesmo valor de 6.427 pessoas. PROCHASSON, 2003, op. cit., p. 884; KRAMER, op. cit., p. 3.

³¹⁰ PROCHASSON, 2003, op. cit.; KRAMER, op. cit.

³¹¹ PROCHASSON, 2003, op. cit., p. 881.

³¹² HARDMAN, op. cit., p. 193.

³¹³ Sobre os discursos a respeito da “civilização contra a barbárie”, conferir a dissertação de Livia Claro Peres, intitulada *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*, a dissertação de Carlos Roberto de Melo Almeida denominada *A Grande Guerra (1914-1918) e os boletins semanais de Júlio Mesquita*, e a supracitada obra de Compagnon, *O Adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*.

ser observado quando registrou sua preocupação com uma possível invasão alemã em Cuissy sabendo da reputação do inimigo naquela altura e reconhecendo a sua posição de “isolamento e condição de estrangeiro” podendo “excitar a bellicosidade de algum *offizier* e beerrão [...]”³¹⁴ alemão. O tratamento por “bárbaros” ou “selvagens” – em contraste com o francês “civilizado” – teria o intuito de excluir o alemão da própria ordem da humanidade, extrapolando os limites do sentido de inimigo, algo que fora expressado sobretudo na associação com as atrocidades.³¹⁵ O exemplo negativo foi reproduzido igualmente no cenário em que as atrocidades alemãs atingiam os patrimônios culturais – ainda mais prejudicial para a reputação da Alemanha tratada como uma nação culta³¹⁶ –, tal quando chegam as notícias do incêndio da catedral de Reims, seguido por um extenso lamento e crítica por parte do autor em relação a “raça de destruição”^{317 318}.

Os rumos tomados pelo conflito eram preocupações constantes de Alberto Rangel, em especial os movimentos de duelo entre as nações francesa e alemã. Da preocupação com as tropas inimigas próximas a Paris até a reversão desse quadro com a França forçando o recuo dos alemães, sua perspectiva toma aspectos mais positivos e esperançosos exaltando as táticas francesas, enaltecendo as tropas, e criticando a estratégia militar dos “professores da Devastação”: “A Victoria é uma questão de medida. A sua megalomania acaba de o comprometer n’essa invasão de França por fas ou por nefas [...]”³¹⁹. As vitórias da França seriam justificadas como um merecimento por representar a civilização numa luta contra a barbárie: “Joffre! arma as tuas arapucas e doma os teus nervos de victorioso! [...] Aproveitar-se-ha amanhã as lavouras com o sangue dos audaciosos e despropositados açambarcadores [...]. Sirva o barbaro de estrabo á cultura bem composta dos povos tranquillos e harmoniosos...”³²⁰.

Bárbaros, porém, provenientes de uma tradição ligada a indústria, moderna e disciplinada, algo que para o autor não remete necessariamente a aspectos positivos, ainda que em determinados momentos tenha aludido elogios a sua tática refletida por tais valores – mesmas razões que também foram transformadas na justificativa de suas derrotas

³¹⁴ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 68.

³¹⁵ PROCHASSON, 2003, op. cit., p. 886.

³¹⁶ KRAMER, op. cit., p. 3.

³¹⁷ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 106.

³¹⁸ O incêndio à Catedral de Reims após a destruição da biblioteca de Louvain marca o momento em que se constitui o cenário dos embates intelectuais europeus, seguido de manifestos contra os alemães, em razão da comoção sentida por artistas, pensadores e cientistas a perda do monumento símbolo e patrimônio da civilização ocidental. DUMOULIN, op. cit., p. 178.

³¹⁹ Ibidem, p. 92.

³²⁰ Ibidem, p. 94.

posteriormente –, predominou a ofensa na qual os soldados alemães, ou “os peões da Obediencia”, morrem mostrando as mesmas qualidades pelo quais são conhecidos:

A campanha actual é a grande demonstração do pouco valor d'esses methodos automaticos [...]. A Alemanha vae pagar o seu materialismo militar, a pretensão de dynamisar, nomenclaturar, analysar e de desfiar de dentro de paradigmas a moralidade humana nos relampagos da energia, nas descargas da vontade, com a presumpção de amarrar a victoria de seu *Armeelastzug* e pôr a gloria n'um “carroção” algebrico. Os seus soldados cahem no rigor do uniforme, que não se lhes desmantela. São a imagem da tactica dentro da qual vão cahindo impotentes, mas correctos, os soldados do Kaiser.³²¹

Os argumentos utilizados perpassam inclusive pelo humor das tropas. As que tratam a realidade da guerra bem humoradas possuem o mérito da vitória, valores associados especialmente ao exército francês, das quais são divulgados pela imprensa as diversas sátiras criadas no dia a dia do *front* como forma de superar as dificuldades das trincheiras: “Quando o ar é carregado de ameaças e pesa no globo a tristeza de sua maior catástrofe, é natural tambem que a Pilheria se desforre de tanto abalo, abrindo os espíritos inquietos e sujeitos á submergirem-se os brilhos e desdes da alacridade incoercível”³²².

É interessante notar em outro trecho a importância que Rangel sugere a respeito da “moral” e da “ética” do indivíduo alemão. O manifesto contra a Alemanha ressalta diversos aspectos civilizacionais e históricos utilizados aqui como principais motivos da ameaça gerada e como razão para defender a nação hospedeira:

A coalizão da Humanidade pacifica contra a petulancia militarista e confederada dos Germanos começa a ganhar terreno. No planalto champanhez e no valle do Marne começou a varrição dos bandos invasivos que reproduziam o cyclo dos Hunos e Vandalos, em pleno seculo dos prodigios da Mecanica e dos milagres da Mutualidade. A insolencia de uma nação cujo espirito de rapina já Tacito denunciou, cuja intellectualidade se refina na espessa metaphysica d'esse Anaxagora de farda que é Emmanuel Kant e cuja preponderancia activa se deslinda nas industrias e miunças da Necrotechnia, recebe as meiras respostas do genio puro das raças do Idealismo e da Sociabilidade. Levaram essa barbaria ás recuadas, para fóra do terreno ganho n'um transbordamento formigante e previsto, as alas dos Namorados da Civilização. Fóra essa matilha de profissionaes da Guerra, bando negro e innumeravel das conquistas com bruteza, nação de monopolios da Força e dos alcaides da Manufatura, indigna de assentar na Europa, a dous passos de Haya, de Paris e Roma!³²³

Não fora apenas durante a guerra que o escritor brasileiro se manifestou por expressões pejorativas direcionadas a Alemanha, principalmente ao seu povo, como os recorrentes “hunos”, “boches” e “bárbaros”. Dois anos após o armistício o historiador anuncia a viagem

³²¹ Ibidem, p. 122-123.

³²² Ibidem, p. 39.

³²³ Ibidem, p. 87-88.

para o país ao amigo Taunay em tom de provocação e aludindo a ausência das tropas brasileiras na Europa: “Agora que é que o Brasil na guerra vae ser um facto”³²⁴. Ansioso pela ida, demonstra vontade para conhecer como a derrota pode “melhorar uma raça”. As correspondências seguintes mantêm o tom relatando as impressões da visita ao país. Parecido com a crítica feita nas *Quinzenas*, o autor parece reforçar o problema da moral e da história alemã:

Quanta impressão interessante da Bocheslandia! Que fenômeno curioso o d’esse povo vencido! Senti envolver-me a vaga pejada de náfragos na onda do mesmo orgulho. Essa raça de gigantes e cupins, no arraso da derrota, crê ainda no seu destino de império e de força! Não renunciaram ao culto kaiseriano; não esquecem e não desesperam. No hotel de Moguncia, em que me hospedei, lá estavam penduradas as gravuras de Bismarck e de Guilherme e o quadro representando a entrega de Napoleão III. Á porta passavam as patrulhas dos senegaleses de ocupação!³²⁵

O comentário de sua percepção desta realidade posterior do povo vencido e ainda crente de sua força e império faz contraste a uma previsão realizada nos fins de 1914, quando se falava nos termos da rendição da Alemanha, algo que se realizaria apenas três anos mais tarde. De acordo com ele, seria necessário que a proposta de paz impusesse a destruição do poder militar germana uma vez que a sua não realização seria “deter o sangue apenas por algum tempo”, isto é, acreditando no ressurgimento de uma nova ameaça no futuro, na qual o país voltaria “á sanha de sua nevrose e mais odienta e mais forte, por cevar na revindicta os violentos e loucos sonhos de dominio”³²⁶.

O medo dos alemães advindo do início do conflito suscitou uma opinião que se tornou comum ainda no período referente a presença das comunidades ao sul do Brasil. A opinião da mídia e as informações que chegavam do outro lado do Atlântico inflaram as ameaças às aos grupos de descendentes diretos. Personagens políticos como Lauro Müller (1863-1926) sofreram diversos ataques verbais,³²⁷ das quais Rangel fez parte, ademais rendendo uma réplica do jornalista Carlos Maul no jornal *O Paiz* (RJ):

Desse autor caba de ser publicado um volume: *Quinzenas de campo e guerra*. São mais de duzentas páginas de apologia lyrica aos exercitos alliados contra a Germania. [...] O que não é tolerável é que um homem de talento como S. S.

³²⁴ Carta de Alberto Rangel a Afonso Taunay, Paris, 24 de abril de 1920. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

³²⁵ Carta de Alberto Rangel a Afonso Taunay, Paris, 8 de maio de 1920. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

³²⁶ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 284.

³²⁷ COMPAGNON, op. cit.

se deixe levar pela cegueira sentimental a ponto de fazer do Sr. Schmidt o bode expiatório de todos os desmandos dos seus antecessores.³²⁸

Para o “exilado”, a definição do conflito determinaria também o futuro do Brasil, pois a vitória dos alemães inflaria a “dóse de insolência dos milhares de Teutos que se recusam, calculada e abertamente, á incorporação na mestiçagem nacional [...]”³²⁹ possibilitando a expansão das colônias e suas práticas. Na afirmação, a imagem de Lauro Muller e Felipe Schmidt (1860-1930), ambos políticos brasileiros e de famílias alemãs, são vistos como representantes desse movimento de injúria à nação brasileira na incumbência de acobertar “os passes de estrangeiros insubmissos e relapsos ao gênio do povo candido que os acolhe”. Sua proposta seria a inclusão num tratado hipotético da vitória dos Aliados de uma cláusula que obrigasse os alemães presentes ao sul a adotarem uma série de medidas que os aproximassem culturalmente da nação brasileira, como, por exemplo a recitação “pela manhã em jejum uma estancia de Camões”³³⁰.

O tema, aliás, foi motivo de debate na imprensa brasileira. É preciso levar em conta a participação de diversos outros personagens conhecidos do universo das letras que tomaram partido de um lado do conflito nas colunas de jornais. Nomes como, Júlio de Mesquita (1862-1927), Graça Aranha (1868-1931), Rui Barbosa (1849-1923), José Veríssimo (1856-1916), entre outros³³¹, constantemente deixavam suas opiniões acerca do conflito, seja para atacar os alemães, que representavam a barbárie, ou defender a entrada do Brasil no conflito ao lado da França e Inglaterra – que aconteceria em abril de 1917 – demonstrando a vantagem moral destes povos neste cenário³³². Ainda em 1915, funda-se no Brasil a Liga Brasileira pelos Aliados, tendo como presidente o então senador Rui Barbosa. A Liga durou até o fim do conflito e desde seu início defendeu veementemente os países pertencentes a *Tríplice Entente*.

A aproximação cultural com a França e Inglaterra gerou um predomínio das opiniões a favor destes países. Entretanto, o Brasil contava com um grande número de imigrantes alemães o que causava não só acaloradas discussões, mas ameaças às colônias presentes no país. Entre aqueles que defenderam o papel da Alemanha está o médico Henrique da Rocha Lima que vivia

³²⁸ MAUL, Carlos. Os alemães no Brazil. Um livro do Sr. Alberto Rangel e os Srs. Lauro Müller e Felipe Schmidt. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1915.

³²⁹ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 82.

³³⁰ Ibidem, p. 83.

³³¹ Pedro Lessa (1859-1921), Antônio Azeredo (1861-1936), Manoel Bomfim (1868-1932), são alguns destes outros nomes, dos quais participaram da Liga Brasileira pelos Aliados. Cf. PIRES, Livia Claro. *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

³³² PROCHASSON, 2003, op. cit., p. 889.

na Alemanha e atuava como colaborador do *Jornal do Commercio*, com uma coluna onde criticava as falsas notícias que se espalhavam a respeito da “barbárie” alemã, e as acusações de que a Alemanha seria a causadora da guerra, apontando a Inglaterra como responsável pelo conflito. Rocha Lima, como André Felipe Cândido da Silva³³³ demonstra em seu artigo sobre o respeitado médico, não teve intuito de sustentar a vitória do país germânico para os brasileiros, mas sim, rebater a propaganda que pudesse prejudicar a imagem da cultura e da população alemã.

2.3.3 - A tensão *campo* e *guerra* das *Quinzenas*

Por fim, um dos elementos discursivos presentes no testemunho de Rangel, principalmente no diário, foi o modo que introduziu e adotou a relação apresentada no título da obra, a tensão entre o *campo* – tanto no sentido de localização, mas, preferencialmente simbolizando a natureza – e a *guerra*. Sejam pelo jogo frequente na obra representado pelo estilo de uma mudança repentina de assuntos – todavia, proposital – entre ambos ambientes, seja pela associação direta dos valores de cada um simbolizando uma contraposição. Arquitetar a obra por meio dessa tensão revelou, para Hardman, ainda que uma relação historicamente sem resolução, “por outro lado, literariamente fértil, porque fornecendo à trama ficcional que se propaga nessas contaminações discursivas o elo trágico e o andamento dramático que dão ligadura a toda a narrativa”³³⁴.

O recurso utilizado por Rangel serviu para incorporar um sentido universal de natureza ao espaço geográfico do campo a qual se situava e referenciou. Isso permitiu associar através da comparação crítica entre tais âmbitos os diversos integrantes que compõem esse universo material que dispensa a dependência das atividades humanas: animais, plantas, o clima, os corpos celestiais e o sistema exterior à terra, etc. O exemplo desta associação pode ser observado na comparação do animal selvagem ao homem, designando o valor de selvagem ao último distanciando-o da sua razão, valor que o qualifica como superior baseado no seu currículo das ciências e da arte, e assim, aproximando-o, neste caso, aos lobos:

Durante a batalha de Augustowo os lobos sobrevieram, atirando-se a mortos e feridos, tendo sido preciso repellar a bala taes intrusos. Os animaes selvagens vendo os lobos do progresso e da liberdade desvairados no assassinio acharam-se auctorizados a imital-os e a participar ao menos nas sobras da carniça. Não será commoda aos combatentes a concurrencia dos ferozes mamiferos, completando a obra dos homens no arrancar pedaços á carne dos mortos e semi mortos. Féras de quatro patas tendes o mais indiscutível direito

³³³ SILVA, op. cit.

³³⁴ HARDMAN, op. cit., p. 189.

á essa colaboração na carnagem dos colegas. Os creadores da transcendencia da sciencia, das maravilhas da arte e dos embelecios da religião, usurpam os dons da vossa natureza.³³⁵

A imagem criada pelo autor deixa evidente a forma que se utilizou de ferramentas literárias, como metáforas e comparações, ao lado do elemento crítico pessoal, algo repetido constantemente em seu discurso implementando os elementos naturais, como a fauna, a flora, componentes do universo, atrelada ao “cataclysmo”. A relação entre os elementos escolhidos para intitular a obra, o campo e a guerra, apresenta-se, entre outros modos, pelo seguimento que a natureza – representada seja pela vida rural, pelo trabalho das colheitas, pela vida selvagem, pelos elementos do universo – segue seu rumo apesar do “grande incendio” que o homem cria. São elementos de guerra e cotidiano que se mesclam até mesmo quando Rangel descreve o meio ambiente ao seu redor, resultando numa tensão entre o ambiente e as ações do homem. Entre os momentos mais evidentes, a tensão entre o campo e guerra é representada pela forma que descreve os casos nos quais os elementos naturais mantêm seu sentido independente das atrocidades humanas, esta última introduzida aqui pela expressão “Absurdo”, que remete ao sentimento de uma expectativa superada pela realidade do conflito:

Entramos na nona quinzena do Absurdo. Vivemos quatro mezes entre os muros de um hospício em fogo. E os dias nascem e morrem com todos os hábitos virtuaes da marcha heliocêntrica. Não ha astros de sulco sangrento e fórmias aterrorizantes, o sol não estoura e se as estrelas tem a cor das bandeiras francezas é que os seus observatórios as vêem encastoadas na decomposição da luz branca, passada nas lentes ou prismas de lunetas improprias.³³⁶

Se o mundo natural mantém seu funcionamento apesar das atitudes humanas, são suas atrocidades que causam um mal a ela e a si mesmo: “Perdizes piavam entre as rosas silvestres dos vallados. Bate meia noite em todos os quadrantes do mundo. É a hora universal. [...]. A terra está effectivamente doente nos seus vasos nervo motores e nada marcha senão a desordem dos genios do Mal”³³⁷. A preocupação com o mundo, aliás, é ressaltada e repetida a Taunay, na qual o homem transforma o mundo no “incêndio”: “Ha muito mais tempo que isso se esgoelam as vulcaneas baterias e a terra toda é chama, sangue, buraco, estrondo e barriga a tinir, mas a breamar desrebuçada da Miseria e Crueldade humana não encheu a sua conta”³³⁸.

Quinzenas de campo e guerra está recheada de passagens que julgam a modernidade pela sua face cruel à humanidade, mas, ainda assim, o elemento natural se sobressai como

³³⁵ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 157.

³³⁶ Ibidem, p. 259.

³³⁷ Ibidem, p. 43.

³³⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escagnolle Taunay, Cuissy, 1 de outubro de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

aquela capaz de defrontar a guerra, sem perder sua potência e seu andamento em meio à confusão humana apresenta-se como um exemplo a ser seguido. Como já foi demonstrado, a obra contempla a natureza a partir da narrativa pessoal da região de Cuissy bem como seu caráter universal. A cada nova entrada do diário a tensão existente da relação título é representada por ao menos três traços evidentes: a independência existente entre o comportamento do meio universal e as ações do homem, simbolizado por dois modelos discursivos, sendo o primeiro pelo recurso descritivo e literário e o segundo pela exposição direta das palavras do autor relacionado, sobretudo, às análises apresentadas acerca da estrutura do *diário* e a aparente ruptura de assuntos entre um parágrafo e outro muitas vezes formulando a impressão de cenas paralelas; as passagens em que a natureza foi simbolizada por aqueles que a compõem e definem, pela menção aos animais, pelos elementos universais, pela flora, com a função de exemplo para o homem, uma presença que se propõe a ensinar – tal qual mencionamos acima; e, por último, pelo recurso narrativo exposto pela linguagem beligerante utilizada pelo autor para descrever as ações do campo, associando assim, a descrição do cotidiano ao de uma literatura de guerra.

O primeiro traço pode ser exemplificado pelas mudanças de assuntos durante a leitura da obra. Por exemplo, na entrada do terceiro dia de outubro o relato inicia-se pela descrição do campo, àquilo que está sendo observado pelo diarista dando espaço nas linhas seguintes para comentar sobre as novas armas nos campos de batalhas:

3. – N'um pasto prene de carrapichos, “dentes de leão” e cardos acanthoides pulam coelhos gozando férias. Nuvens de pardas esvoaçam nos salgueiros, no pilhapilha do emprego. Rompem-se as nevoas [...], exercitando o pulso do alto da soberba torre azul dos seus paços...
O obuzeiro que apareceu utilizado pelos alemães e que tem ajudado a demolir tantas cidadelas, de Lipege a Longwy, não é uma arma, é um expoente ethnico.³³⁹

Se o caso acima demonstra a tensão apresentada por uma maneira em que o campo e a guerra aparecem separados entre si – ao menos por essa mudança repentina entre os parágrafos –, em outras o autor faz questão de compará-las diretamente, como o exemplo do primeiro dia do mês de dezembro supracitado.³⁴⁰ A fauna segue seu rumo sem se importar com o combate, representada então pelas andorinhas que “não parecem ligar a mínima importancia às turbulencias humanas, desde as imagens democratonas e parlamentarescas do orador brasileiro às violencias dos indigestos de cerveja e de choucroute para com o hospede e valetudinário”³⁴¹.

³³⁹ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 128.

³⁴⁰ “Entramos na nona quinzena do Absurdo. Vivemos quatro mezes entre os muros de um hospício em fogo. E os dias nascem e morrem com todos os hábitos virtuaes da marcha heliocêntrica.” Ibidem, p. 259.

³⁴¹ Ibidem, p. 20.

Mais do que a sua independência, a cultura do campo demonstra-se, naturalmente, aversa ao conflito. O seguimento descritivo sobre os pássaros que sobrevoam a região apresenta uma comparação que sugere outro significado à crítica de Rangel ao incêndio de 1914, a natureza na função de modelo e referência aos homens. A disciplina existente no meio ambiente é feliz porque desconhece das qualidades humanas como as revoltas contra o senso comum e a “doce beberagem do patriotismo” das quais “o super macacão humano se enfeita de mulambos e comboiando canudos mortíferos e uma carga de pitombas, põe-se a correr atrás do outro para o trucidadas a ferro frio”³⁴².

O terceiro traço indica a articulação entre campo e conflagração através da descrição de Rangel, ao escolher termos voltados ao campo militar e uma linguagem beligerante para narrar uma guerra que não existe no cenário cotidiano. *Poetizando* aquilo que vê, o autor aproxima o embate pela forma que descreve as imagens da natureza relacionando com o contexto das batalhas distantes, reafirmando a importância da tensão que intitula a obra. Seja pela confusão apresentada ao leitor utilizando-se dos termos “sangue” e “fogo”, potencializados pela experiência mundial de 1914: “Sangue e fogo a léste ! Não é a guerra, é o dia, que accende ao nascente a forja, para as luminárias de uma noite a mais”³⁴³. Ou, seja no caso em que descreve as ventanias da região, um embate entre a imagem mitológica grega de Bóreas – incluindo, até mesmo, a preposição *von* comum na língua alemã – contra as árvores de Cuissy: “*Von* Bóreas apareceu bem cedo á frente dos esquadrões volantes que commanda [...]. A cavallhada invencível rompeu o espaço a galharia do parque, tentando penetrar a todo custo na habitação silenciosa”³⁴⁴.

Esse embate é representado por outra divergência: o campo, a *tradição*, a natureza; e a cidade, o *moderno*, o homem técnico e industrial. Seja por causa da natureza, pela vida campesina, pelas virtudes de seus habitantes, Rangel julgou a inocência rural para reafirmar a culpa das cidades sob o conflito no início da obra, dicotomia que foi repetida durante todo o relato. O espaço urbano alimenta “a ninhada dos agentes da energia e da fadiga para a rixa entre os indivíduos, [...] os conflictos das nações e as desavenças das raças”. Por outro lado, fazendo frente a cidade, o campo oferece o foco naquilo que realmente importa, como o trato com os animais, o valor à vida, a busca por alimento: “O campo dispensa a oratória e o jornal [...] o boi é mais prestativo que as polidezas e oppotunismos do senhor Deschanel [...]”³⁴⁵.

³⁴² Ibidem, p. 21.

³⁴³ Ibidem, p. 12.

³⁴⁴ Ibidem, p. 85.

³⁴⁵ Ibidem, p. 11.

A dicotomia título da obra entre campo e cidade reflete o intuito de Rangel em valorizar os princípios do campo a favor de um discurso seu contrário a guerra. Lembrando novamente do projeto “Quinzenas de Cidade e Guerra” mencionado em correspondência enviada a Taunay e idealizada, aparentemente, nos mesmos moldes do registro de Cuissy porém, registrando a vida cotidiana na cidade de Paris infelizmente nunca fora realizado para nos aprofundarmos precisamente no embate introduzido pelo autor. Ainda assim, o intuito de seu projeto não realizado reafirma a importância de sua provocação, julgando valores e qualidades distintas a cada âmbito dos quais testemunhou o evento.

Do registro rural observamos o início do depoimento testemunhal, das primeiras palavras e impressões sobre sua posição de civil estrangeiro presente em um país atingido fortemente pela conflagração, continuado pelas correspondências dos meses e anos posteriores. A trajetória pessoal de Rangel frente aos efeitos da Grande Guerra demonstrou quais foram os principais impactos sofridos por ele e sua família, aquilo que sofreu e experienciou no tempo que esteve ali e, sobretudo, como transpôs a realidade vivenciada para o registro literário. Os assuntos que destacou, a forma que se posicionou, o desafio das dificuldades diárias, as ferramentas literárias utilizadas apontam parte da questão inicial “qual guerra Rangel viveu?”. A partir desse primeiro olhar para a experiência da testemunha civil e seu registro, adentraremos a seguir, no desenvolvimento deste debate, analisando e compreendendo questões acerca do gênero testemunhal e, mais especificamente, da narrativa testemunhal formulada por Alberto Rangel.

CAPÍTULO 3

FRONTEIRAS DO TESTEMUNHO NA GRANDE GUERRA

[...] no entanto, porque esta necessidade de “escrever a guerra” não era, por um longo caminho, a prerrogativa do escritor profissional – respondendo como a um impulso, às vezes nascido de um senso de obrigação por parte dos verdadeiros combatentes de testemunhar em nome de todos: “toi qui écris la vie que menous nous, au moins ne cache rien”.³⁴⁶

A afirmação acima, formulada por Nathalie Aubert, retrata aquilo que a autora afirma tratar-se de uma necessidade de “escrever a guerra”, momento que fora marcado pelo crescente número de registros textuais e de publicações de caráter testemunhal daqueles que estiveram de fato em combate. Acompanhada pela duração do evento, a necessidade do registro vinha como uma resposta a um estímulo, um impulso sentido pela obrigação de se testemunhar em nome dos outros. Mas, o que isto significa? O que seria essa obrigação ou necessidade de registrar a experiência do evento, ou ainda, qual a importância do testemunho do verdadeiro combatente e somente ele poderia fazê-lo? Por fim, de qual modo esses fatores impactaram a relação direta entre o ver e o narrar, isto é, as representações da guerra naquele período?

É correto afirmar que a Grande Guerra foi tema ou objeto de narrativas ficcionais ou não a partir de 1914 devido à sua dimensão global e violenta estendendo-se às décadas seguintes ao menos até o estouro da Segunda Guerra Mundial quando este espaço editorial foi substituído pelo conflito de 1939. E, embora não tenha introduzido a intenção do testemunho na história,³⁴⁷ é certo afirmar igualmente que os anos de 1914 a 1918 originaram um movimento de massa nesse sentido não mais restrito apenas aos escritores profissionais, como bem ressaltados por Aubert, mas por aqueles que sentiram a obrigação de registrar, sejam eles quem forem.³⁴⁸ Christophe Prochasson corrobora com Aubert ao afirmar que a Grande Guerra promoveu então uma prática originada da consciência aguda de um período considerado como inteiramente excepcional. Justamente por seu caráter inédito e sem precedentes, a tentativa de transmitir sua experiência teria gerado dificuldades e obstáculos em vista de uma incerteza na fronteira entre o verdadeiro e o falso.³⁴⁹ Acima de tudo, ambos autores reforçam a importância das opções tomadas pelas testemunhas em relação ao gênero literário utilizadas por elas. Ao buscar-se

³⁴⁶ Todas as citações em língua estrangeira serão substituídas por uma versão de tradução livre e nossa. AUBERT, Nathalie. “We have nothing better than testimony”: History and memory in French war narratives. *Journal of European Studies*, vol. 45, n. 4, 2015, p. 288.

³⁴⁷ HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

³⁴⁸ PROCHASSON, Christophe. Los intelectuales franceses y la Gran Guerra. Las nuevas formas del compromiso. *Ayer*, vol. 91, 2013, p. 54.

³⁴⁹ *Ibidem*, p. 54.

ressignificar a realidade na narrativa prevaleceu entre as edições os romances, as memórias, ensaios, autobiografias, os diários, ou seja, textos de qualidade híbrida em sua maioria.³⁵⁰

Esse olhar dos autores para o verdadeiro combatente, a intenção de escrita e o processo de massificação editorial daquele período, denota uma análise cujo intuito é justificar os fatores que levaram a essa constante procura em testemunhar a guerra, respondido, de uma maneira geral, pela qualidade inaudita do evento, principalmente na França – embora essa mobilização editorial não seja exclusiva ali. Exemplo disso, ao menos em parte, foram os processos sul americanos supracitados anteriormente para tratar dos casos brasileiros e, ainda que breve, na Argentina, quando tratou-se da participação direta e a presença de brasileiros, especialmente dos intelectuais, na Europa e como essa presença resultou em valores ou significados singulares aos seus testemunhos.³⁵¹

Mais do que o próprio gesto intuitivo em dizer o que se viu, ouviu e sentiu, tanto o soldado Homet quanto os intelectuais brasileiros utilizaram-se de seus registros para manifestarem um discurso a favor de um determinado viés político ou ideológico, tal qual, em prol de algum lado do conflito mundial, lembrando sua inserção num período fortemente marcado pelas disputas da verdade, ao menos em sua busca, cerceado por repletas acusações e falsas denúncias. Parte da conjectura proposta por Prochasson a respeito das complexidades na delimitação da fronteira entre a veracidade e a mentira frente ao momento excepcional pode ser pensada como uma possível razão para a origem deste novo âmbito de disputa em que a testemunha e seu depoimento são vistos como uma de suas ferramentas. Mas, para tanto, antes de se tornar uma evidência ou manifesto era necessário comprovar sua credibilidade como testemunha, isto é, provar sua presença no acontecimento, confirmando sua vivência, sua observação dos fatos, e assim, poder ter seu depoimento legitimado, lhe concedendo uma noção de autenticidade e consequentemente um compromisso com a fidelidade dos fatos.

A credibilidade da testemunha foi posta no cerne da questão em razão daquilo que lhe confere legitimidade, ou seja, baseada em sua real experiência ou não e de acordo com a relação entre sua distância pessoal ao do acontecimento. Sua relevância chega a tal ponto que o testemunho “traz consigo a possível transgressão do juramento, em que o testemunho

³⁵⁰ AUBERT, op. cit., p. 288.

³⁵¹ Para tanto, tratamos dos casos do médico Henrique da Rocha Lima situado na Alemanha, da Liga Brasileira pelos Aliados, organização formada por diversos nomes importantes das letras e do saber no Brasil com destaque para aqueles que experienciaram a guerra em território dos aliados, bem como a publicação *A Grande Guerra: testemunhos brasileiros* caracterizada pelo relato de escritores, diplomatas, jornalistas, observando diretamente do outro lado do Atlântico, e por final, entre outros casos além de nosso objeto, o do argentino Juan B. Homet, combatente pela Legião Estrangeira onde formulou um diário de sua experiência.

impreciso, ou a falta de testemunho, é equiparado a perjúrio”³⁵². Embora as discussões atuais introduzam a possibilidade em compreender-se os valores de todas as narrativas, sejam, ficcional ou real, como uma representação da guerra, é preciso levar em conta a qualidade da testemunha direta e seu relato especialmente para aquele momento.

Logo, antes de adentrarmos em uma análise voltada a posição de Alberto Rangel nesta categoria de observador direto, precisamos compreender primeiro a definição de testemunho nas primeiras décadas do século XX, momento do seu registro, especialmente naquilo que concerne às qualidades que fundamentam a noção. Para tanto, é preciso das perspectivas espaciais e historiográficas que circundam o nosso objeto e, em vista disso, soam como necessárias para a reflexão de nosso caso. A princípio é preciso olhar para o campo de estudos na França, particularmente por ter sido um dos países mais atingidos e, conseqüentemente, ter trazido um elevado número de narrativas de combatentes e civis, bem como de estudos historiográficos posteriores e, coincidentemente, por ter sido o local da estadia de Rangel na Primeira Guerra Mundial – fator que proporcionou seu acesso com maior facilidade a esse universo de narrativas formuladas no país; e, em segundo lugar, para além de seus referenciais franceses e contemporâneos, o âmbito deste tema no Brasil, se não naquele período especificamente – em razão de seu distanciamento geográfico e da breve experiência militar da nação brasileira na guerra –, nos anos e décadas anteriores que são justificadas pelo leque de referências no decurso de sua formação como intelectual, baseadas no conhecimento histórico brasileiro de conflitos militares e das narrativas do gênero formuladas a partir deles.

Afinal, o que podemos compreender por uma noção de *testemunha*? Se buscarmos sua definição hoje encontraremos com facilidade significados que a colocam como uma pessoa que descreve um evento ou acontecimento que viu ou ouviu, explicações associadas diretamente ao seu sentido jurídico, comumente relacionado as testemunhas de crimes, ou até mesmo de espectadores dos fatos excepcionais do dia a dia. Especialmente nas últimas décadas a testemunha é vista como uma portadora da memória, num mundo onde ela é reconhecida e procurada. Essencialmente, a testemunha é uma sobrevivente.³⁵³ Uma figura que dispensa a presença do intermediário que a auxilie no processo de transferência dos episódios assistidos para o fazer-se escrito e compreendido, tal como fora a função do historiador. Ela é uma imagem, um rosto, uma voz e uma presença.³⁵⁴

³⁵² AUBERT, op. cit., p. 288.

³⁵³ HARTOG, op. cit., p. 204.

³⁵⁴ Ibidem, p. 209.

Essa definição engloba uma noção de nosso tempo, sobretudo, uma noção construída nas últimas décadas após a inclusão de um amplo debate a respeito de sua ressignificação posterior eventos do Holocausto. No entanto, e quanto aos anos precedentes a esse evento? Se houve de fato uma redefinição de sentido, quem era a testemunha nos primeiros anos do século XX, em particular, durante e após a Grande Guerra? Quem são aqueles que poderiam ser considerados e ter seu discurso validado? O que qualificaria o gesto de testemunhar? A presença? A visão? A audição? Quanto a narrativa, quais destas manifestações eram aceitas e quais não eram? E por quê? Como representar a experiência do real no universo discursivo e quais os meios utilizados para tal iniciativa? Por fim, quais características englobam todo este processo?

Tais questões procuram abarcar de modo geral o tema, e para solucioná-las buscaremos então refletir sobre a noção de presença e verdade, elementos interligados que justificam a importância entre eles, a diferença entre o testemunho do combatente e do civil na retaguarda, as complexidades acerca da representação do real na narrativa, a escolha dos gêneros literários como maneira de exposição, e a relação entre a testemunha e a história. Para tanto, lançamos mão do campo historiográfico francês do qual, apesar das inúmeras possibilidades, nos utilizaremos do caso notório de Jean Norton Cru, em vista de seus esforços em registrar e qualificar um amplo número de testemunhos da Primeira Guerra Mundial destacado pelos critérios utilizados no período seguinte ao conflito e dos quais nos servem, visando, posteriormente, semelhanças e distinções de tais princípios ao relato de Alberto Rangel, sobretudo, relativos ao universo de representações da guerra naquele momento.

3.1 - Representações do testemunho na Grande Guerra

Embora a narrativa testemunhal de eventos e guerras não tenha sido algo inédito na história, pode-se afirmar que anteriormente à Grande Guerra a questão do testemunho nunca havia atingido a dimensão social alcançada a partir de 1914.³⁵⁵ As causas que proporcionaram essa mudança são associadas, principalmente, ao cenário de incerteza e disputas políticas e militares das quais foram postas em questão a responsabilidade da origem da conflagração bem como das informações divulgadas relativas as atrocidades cometidas pelos alemães sobre civis franceses e belgas durante a invasão. Ambos debates foram lançados logo no primeiro mês da guerra e consequentemente instauraram uma nova esfera em que informações e propagandas

³⁵⁵ PROCHASSON, Christophe. Les mots pour le dire: Jean-Norton Cru, du témoignage à l'histoire. *Revue d'histoire moderne & contemporaine*, vol. 48, n. 4, 2001, p. 161.

seriam pensadas e incorporadas nas estratégias militares e políticas e, em razão disso, transformando então a qualidade do testemunho como necessária e imperativa.³⁵⁶ Se no campo de informações a disputa se resume ao encontro e compromisso com a verdade, ou seja, estar em acordo a realidade e os acontecimentos, pressupõe-se a presença de sua oposição neste jogo, na qual a denúncia da mentira tornou-se uma das prioridades no período e fundamental de se combater, especialmente utilizando-se do caráter incontestável do testemunho a serviço de seu interesse como prova ou instrumento.³⁵⁷ Portanto, era necessário compreender melhor a qualidade de uma testemunha que não pudesse ser questionada e, assim, definir regras para que fosse estabelecido um *bom* testemunho.³⁵⁸

A discussão sobre as normas e os modelos ideais para atingir esse *status* iniciaram-se com os esforços críticos dos historiadores de profissão amparados por uma ciência já existente (a psicologia do testemunho) e realizados no decorrer da guerra pela revista francesa *Revue Historique*, mais especificamente a partir de 1915 no espaço dedicado à “Histoire de la Guerre”.³⁵⁹ Exemplo de uma publicação concebida no decurso do conflito, os esforços da compilação e crítica dos testemunhos mantiveram-se após o seu findar, por exemplo, com a extensa edição de relatos por Jean Vic em seu *La littérature de guerre: Manuel méthodique et critique des publications de langue française (août 1914-novembre 1918)*.³⁶⁰

Contudo, o caso mais notório e talvez mais controverso surgiu quinze anos após o estourar do conflito com a publicação da obra *Témoins* do ex-combatente Jean Norton Cru (1879-1949). Embora o esforço de reunir e categorizar os testemunhos a fim de estabelecer quais destes seriam os modelos ideais não tenha sido incomum, o destaque de seu livro deveu-se sobretudo à sua experiência militar (logo, por ser uma testemunha da Grande Guerra), a sua rigidez crítica e metodológica comparado aos outros empreendimentos e ao distanciamento temporal que permitiu analisar uma elevada quantidade de registros, por exemplo, o oposto dos trabalhos publicados pela *Revue Historique* que desempenhavam uma avaliação de impressões diárias, presentes ao seu tempo e formulada por historiadores que não vivenciaram o campo de batalhas.

A relevância de Norton Cru ultrapassa o *status* de representativo de um período naquilo que se trata por categorias de um *bom* testemunho, tendo em vista o modo que abordou os

³⁵⁶ Ibidem, p. 161-162.

³⁵⁷ Ibidem, p. 162.

³⁵⁸ Ibidem, p. 162.

³⁵⁹ *Revue Historique*, Paris, t. 120, nov./dez.1915.

³⁶⁰ VIC, Jean. *La littérature de guerre. Manuel méthodique et critique des publications de langue française (août 1914-novembre 1916)*. Paris: Payot & Cie, 1918, 2 vols.

limites de tal crítica histórica, colocando-o no posto do “mais adequado para dar conta dos limites extremos a que pode estender a crítica ao relato proposto por uma testemunha”³⁶¹.

Outra característica significativa em *Témoins* foi o cuidado de seu autor em conceder à narrativa testemunhal a qualidade de documento histórico,³⁶² buscando afastar-se do modelo historiográfico tradicional – militar e político – no qual destacava-se uma perspectiva geral e objetiva dos movimentos, das estratégias e do ponto de vista dos altos escalões, dessa forma, priorizando assim o registro daqueles que se expõem e compõem as linhas da frente como os soldados e combatentes de menores patentes.³⁶³ A provável razão para relevante esforço teria sido sua própria experiência como combatente pela França tendo participado de importantes batalhas entre outubro de 1914 a janeiro de 1917,³⁶⁴ quando esteve ligado ao exército e, sobretudo, por sua carreira no momento da mobilização como professor de literatura francesa³⁶⁵.

Certo, entretanto, foram os estímulos que o fizeram se lançar em tal empenho quando a vida na trincheira resultou em uma quebra de expectativa ou na percepção de viver uma ilusão vendida pela propaganda e pelo discurso contemporâneo da realidade da guerra que o levou a uma revolta: “[...] ele descobre que a guerra tem um rosto diferente daquele que lhe é apresentado pelas obras literárias que o nutriu e que o enganaram. Mas também não se assemelha ao que dizem os jornais ou às primeiras obras que pretendem descrevê-lo”³⁶⁶. Para se combater a ilusão e a falsa imagem vendida pela propaganda era preciso, na concepção de Norton Cru, *testemunhar*, isto é, denunciar as mentiras e as narrativas irreais recheadas de

³⁶¹ PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 163.

³⁶² GUILLON, Jean-Marie. Jean Norton Cru, littérature et témoignages de la Première Guerre mondiale. *Cahiers d'Études Germaniques*, v. 66, 2014, p. 188.

³⁶³ Ibidem, p. 188. Vale notar que esforços semelhantes já haviam sido realizados no Brasil durante o século XIX com a literatura de guerra voltada aos conflitos externos e internos como a Guerra do Paraguai e a Guerra de Canudos, especialmente pelo relato produzido por Alfredo Taunay no primeiro caso e Euclides da Cunha no segundo. Cf. AMORIM, Gabriel Barbosa da Silva. “*Obras primas de nossa literatura militar*”: expectativas e recepções às narrativas de guerra de Alfredo Taunay e Euclides da Cunha. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2022.

³⁶⁴ Ibidem, p. 190.

³⁶⁵ Algo que indica também uma certa proximidade e conhecimento prévio dos assuntos relacionados ao testemunho e do campo de História profissional embora não o pertencesse.

³⁶⁶ Ibidem, p. 190.

falsidades e inexatidões que decoravam e disfarçavam a realidade e,³⁶⁷ assim, trazer à tona a verdadeira guerra ao leitor para não serem enganados como fora anteriormente.³⁶⁸

Para atingir seu objetivo elaborou um volume extenso composto por uma seleção com cerca de trezentas publicações sobre a guerra dividindo em cinco categorias – memórias, reflexões, correspondências, jornais/diários (*journaux*) e romances –, classificando entre os textos e seus autores os mais e os menos confiáveis utilizando-se como fundamento a sua participação no evento focando nos casos de pessoas atuantes e que viveram o evento, distinguindo dos espectadores, ou seja, excluindo aqueles que não estiveram nas trincheiras, bem como os homens que ocuparam os cargos superiores na hierarquia militar, com o argumento de estarem distantes da linha do front, logo, transformando-os em testemunhas ou observadores que não pudessem ser fidedignos à realidade.³⁶⁹

Sou subjetivo apenas na medida em que, como testemunha, julgo testemunhos. Quem seria mais capaz de fazer uma primeira seleção dos relatos dos combatentes do que um de seus irmãos de armas, desde que seja honesto e paciente em suas pesquisas? Como poderia um não combatente agora ou no futuro fazer certas críticas que encontrará aqui e que só podem estabelecer que certos testemunhos são duvidosos? Os pequenos fatos significativos das trincheiras constituem um domínio fechado, conhecido apenas por quem viveu a vida de soldado. No tribunal e em qualquer outro lugar, não se pode ser juiz e parte. Mas se não excluirmos o nosso sujeito desta regra, devemos renunciar a qualquer estudo sério dos testemunhos pessoais dos combatentes e resignar-nos a ignorar a guerra como foi para aqueles que foram os atores-testemunhas, isto é, a guerra no que há de mais íntimo, mais concreto, mais humano, mais essencialmente observável.³⁷⁰

A passagem acima de *Témoins* ressalta um problema de suma importância colocado por seu autor por modo de um tom de justificativa, especialmente, quando questiona a sua responsabilidade como aquele capaz de tratar e selecionar os testemunhos dos combatentes. A pergunta retórica faz determinar a solução do problema justificando tratar-se de um “irmão de arma” e, por isso, estaria habilitado para essa incumbência. A questão seguinte nos traz ainda o

³⁶⁷ A noção de verdade relacionava-se sobretudo a dicotomia entre veracidade e falsidade, quando a primeira era associada diretamente aos fatos, a aquilo que aconteceu no plano real: “Aqui está a verdade, o real, e esta verdade, esta realidade, em vez de me deprimir, me fortalece”. LAVISSE, Ernest. Préface. In: GENEVOIX, Maurice. *Sous Verdun, août-octobre 1914*. Paris: Hachette, 1916, p. XV apud PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 171. É possível compreender isso melhor com a análise de Prochasson sobre *Témoins* e a importância dos fatos comprovados acima dos excessos que possam causar dúvidas relativas à experiência: “Ancorar a história da guerra com base em fatos comprovados e verossímeis. Qualquer excesso, ultrapassando as fronteiras sábias de um relato verídico, ainda que este traduzisse uma experiência realmente vivida, introduziria as sementes devastadoras da dúvida. PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 166.

³⁶⁸ Ibidem, p. 192.

³⁶⁹ Ibidem, p. 192.

³⁷⁰ CRU, Jean-Norton. *Témoins. Essai d'analyse et de critique des souvenirs de combattants édités en français de 1915 à 1928*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 1993, p. VII-VIII apud PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 174-175.

complemento de seu argumento, na qual, por meio de uma provocação, alega não ser possível aos outros, isto é, as pessoas que não estiveram presentes nas trincheiras serem qualificadas da mesma responsabilidade em eleger os testemunhos da Grande Guerra, visto que tais observadores não vivenciaram o mesmo que os atores, não sentiram a guerra em seu mais íntimo ou real.

Reconhecer-se como um “irmão de arma” dos soldados franceses gerou um sentimento de superioridade em razão de sua posição de veterano do conflito e conhecedor da realidade das batalhas, o que o levou a se utilizar disso como uma qualificação ou uma autoridade no tratamento com os relatos de guerra.³⁷¹ Inclusive, isso seria utilizado por Norton Cru não apenas como uma afirmação de sua credibilidade, mas a sua experiência seria utilizada com o objetivo de classificar os testemunhos baseado no modo em que a realidade da guerra seria retratada na narrativa, isto é, a noção de veracidade passaria primeiramente pela confirmação da presença do soldado testemunha e, para além disso, da certificação de um relato plausível de acordo com a própria experiência de Norton Cru.

Sua proposta para o critério de verdade, para os acontecimentos críveis da guerra, foi fundada a partir de sua perspectiva, daquilo que conheceu da guerra e daquilo que sofreu na linha de frente. Dessa forma, expandiu os limites de possibilidades da sua experiência para todos os campos de batalha, a fim de estabelecer uma unidade dos testemunhos, ainda que isso significasse deixar de lado as singularidades e diferenças que os relatos individuais proporcionam.³⁷² Por trás das diversidades pessoais o autor enxerga na guerra e busca nela um sentimento comum fundamentada em uma experiência não de dias diferentes, mas de uma repetição monótona e similar de dias agitados, das mesmas ansiedades e preocupações.³⁷³ A justificativa do ex-combatente ultrapassava ainda a sua impressão imposta de uma realidade da guerra, pois argumentava que a razão para busca de uma unidade de testemunho, de um padrão comum da experiência dos soldados, seria o modo seguro ou ideal de se qualificar um *bom* testemunho, aquele que seria inquestionável. Para tanto, ao se enfrentar uma realidade complexa e excepcional era indicado priorizar aquilo que fosse habitual e possível de ser reconhecido por outros, facilitando a sua credibilidade e sua solidez como relato.³⁷⁴

Outros meios de validação do relato testemunhal privilegiaram uma crítica interna dos textos, ou melhor, as normas referentes às características literárias, como a representação do

³⁷¹ PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 170.

³⁷² Ibidem, p. 173.

³⁷³ Ibidem, p. 175.

³⁷⁴ Ibidem, p. 166.

real na narrativa, os excessos, os limites, os efeitos permitidos ou não e alguns de seus métodos de classificação.³⁷⁵ Para Jean Norton Cru a narrativa não deveria incluir excessos literários focando apenas na história que pudesse ser comprovada e constituída por fatos, pois o acréscimo de excessos, ainda que vivenciados na prática, afastariam o testemunho de um lugar seguro,³⁷⁶ espaço almejado que não permitiria questionamentos: “um bom testemunho é, portanto, uma narrativa precisa, que não ofusca a menor parte da informação que é capaz de transmitir. Correndo o risco de ser enfraquecido em sua totalidade”³⁷⁷. Assim, enfrentar a relação entre a linguagem e o plano do real, entre a narrativa e o factual, seria ao mesmo tempo um esforço de combinar suas semelhanças, um trabalho em conjunto daquilo que seria admissível em ambos os planos, isto é, formular um testemunho em que as palavras devem combinar com os eventos e não se opor a eles.³⁷⁸

A partir de um método comparatista entre os livros de guerra pôde observar e determinar os estilos de cada autor no campo literário. Aqueles que se utilizavam do chamado “excesso” ou de efeitos literários para compor sua publicação seriam denunciados com a justificativa que tais elementos levam ao afastamento da precisão. A estética do testemunho deveria ser tratada com muito cuidado a fim de não comprometer o testemunho. Excessos como a descrição de uma cena de maneira exagerada observadas principalmente nos casos dos quais pintou-se a guerra como o próprio apocalipse ou o sinônimo de horror – imagens que ajudariam a banalizar o terror uma vez que o campo literário estaria saturado desse tipo de figura causando menos um efeito de impacto e sim de um elemento ficcional³⁷⁹ –, ou o apelo por histórias tradicionais como as do herói, estariam condenados. Saiu em defesa por uma estética da medida, um espaço de equilíbrio, na qual os efeitos fossem utilizados de modo balanceado a fim de transformar a narrativa como uma representação do plano factual. Assim, o problema não estava necessariamente nos elementos estéticos literários como ferramenta descritiva e composta na obra, mas sim o abuso de seu uso, condenando acima de tudo os excessos presentes nela.

³⁷⁵ O método defendido por ele perpassa justamente ser necessário antes de qualquer coisa a identificação do autor, conhecendo tudo que for possível sobre a testemunha – após confirmar tratar-se de um soldado de baixa patente que esteve na linha de frente e assim a sua validade como testemunha for autorizada –, seja por sua experiência da guerra, sua patente, unidade, ou seja, aquilo que envolve o presente do relato, mas sem excluir, quando possível, o lado pessoal, constituído por datas de nascimentos, sua profissão e estudos, bem como seus familiares. O processo ainda conta com diversas outras classificações como a relação profissional e pessoal da testemunha é realizada uma ordenação hierárquica baseada nos regimentos e divisões, no momento da guerra e batalhas participadas, bem como o processo editorial por meio do período da publicação e outros elementos circundantes.

³⁷⁶ Ibidem, p. 166.

³⁷⁷ Ibidem, p. 167.

³⁷⁸ Ibidem, p. 167.

³⁷⁹ LACOSTE Charlotte. L'invention d'un genre littéraire: Témoins de Jean Norton Cru. *Texto!*, vol. XII, n. 3, jul. 2007, p. 14.

Para além das formas do conteúdo, a estética e o estilo literário, Norton Cru investigou e classificou cada obra baseado em seu gênero textual, dividindo-os em cinco: diários (*journal*), cartas, memórias, reflexões e romances. Entre eles, o primeiro foi considerado o mais confiável dos gêneros valorizado por suas características de organização e datação, fator que permitiria a comparação do registro com os fatos verificando sua credibilidade e, ademais, pela proximidade que o testemunho possui com a feitura do diário, isto é, uma descrição cotidiana da qual o narrador não conhece ou consegue imaginar seu fim ou conclusão.³⁸⁰

Lembrando algumas reflexões levantadas por Lejeune no primeiro capítulo de nosso estudo, o *journal*, ao lado das correspondências, constituíram para o testemunho uma fonte e um suporte distintos naquilo que diz respeito a um documento passível de ser confrontado e ao mesmo tempo apresentar uma honestidade frente ao evento. A razão disso deriva do tempo da escrita, possibilitado pela proximidade entre a ação/vivência e a escrita reafirmando então a “verdade do momento” por meio das impressões do dia a dia, especialmente quando comparado aos outros três gêneros – especialmente as memórias e reflexões, embora inclua o romance como pouco confiável –, ou seja, relatos formulados num longo intervalo de tempo entre evento e registro podendo assim despertar incongruências factuais. De acordo com Norton Cru, diferente da história que vence ao esperar, pois possibilita a revisão e a correção da matéria, a testemunha pode pôr tudo a perder com o passar do tempo.³⁸¹

É justamente sobre a relação entre a testemunha e a história que o ex-combatente desempenhou papel importante em decorrência da sua principal motivação para manter-se firme com a rigidez crítica que dispôs o seu trabalho. Embora não seja o único a formular tal empreendimento, esse professor de literatura e testemunha da Grande Guerra, ainda que não fosse historiador de profissão, estava preocupado com a história a ser redigida no futuro porque acreditava ser necessário um trabalho classificatório prévio das fontes de acordo com sua confiabilidade, sobretudo, realizado por alguém qualificado como ele, um conhecedor do campo e simultaneamente uma testemunha do evento:

Com sua ambição humana, ética e científica, Cru quer ser o intermediário que dará as chaves da compreensão para aqueles que não viveram a guerra e que, no entanto, tentarão responder por ela. Ele pretende servir à história e dar-lhe material “limpo”, purificado de sua escória, e as ferramentas que lhe permitirão separar o verdadeiro e o falso. Sua abordagem oscila, com seus limites óbvios, entre uma posição de historiador, que vai além dos mitos, redescobrimdo a realidade da guerra para além dos enfeites retóricos e da propaganda, e a posição, nele dominante, da testemunha, segura de sua

³⁸⁰ Ibidem, p. 13.

³⁸¹ CRU, Jean-Norton. *Témoins*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 1993, p. 61 apud PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 177.

verdade e duvidando daqueles que não viveram os acontecimentos será capaz de compreendê-los: “não podemos esperar que o historiador desvende este caos”. Como resultado, como *a priori* desconfiamos da capacidade de quem vai escrever a história, é preciso garantir a própria transmissão da verdade. Toda a questão do “dever de lembrar” que o movimento de veteranos ainda hoje se especializa está aí contida.³⁸²

O vínculo entre as categorias possibilitou aspectos proveitosos advindo de cada uma, evidentemente cada um à sua medida, da testemunha como agente de credibilidade e a sobriedade no enfrentamento dos fatos por parte do historiador. Mas, para além disso, sobraram ressalvas advindas desse elo. O trabalho foi recebido por diversas críticas justamente naquilo que procurou valorizar não apenas pela metodologia utilizada, mas por essa abordagem que limitava os esforços de historiadores ou estudiosos não testemunhas. Entre outros fatores, foi julgado por sua rigidez crítica que resultou na exclusão e desclassificação de obras até então enaltecidas por outros analistas, pelos defeitos apontados no processo de categorização dos gêneros, ou ainda, por essa perspectiva objetiva em representar a realidade da guerra excluindo as experiências individuais e priorizando uma unidade do testemunho, elementos recorrentes e comuns em meio à confusão e catástrofe do acontecimento.

A polêmica que cercou a obra *Témoins* estende-se do momento de sua publicação até os dias de hoje da qual permanece sendo objeto de estudos e debates da historiografia recorrente. Para Guillon, críticas decorrentes do processo das renovações historiográficas que nos chegam até hoje, acerca tanto do campo literário quanto dos estudos sobre o testemunho, possibilitam definir os métodos de Norton Cru como problemáticos, principalmente por sua abordagem empiricista:

É construído à luz de uma verdade mensurável, a da experiência de guerra dos combatentes. Ele quer ser um censor implacável e é rápido em desqualificar histórias por razões que não têm fundamento histórico. O testemunho que ele leva em consideração está na imagem do soldado que ele prefere, um soldado ideal, que corresponde a critérios de qualidade e, até mesmo, de educação. Como tem sido frequentemente apontado, *Témoins* é a “narrativa codificada de sua própria experiência”.³⁸³

Para além da recepção negativa, ou, no mínimo, polêmica, e dos problemas apontados pelo campo acerca do seu trabalho, além, é claro, das configurações que a análise em relação ao testemunho sofre principalmente após a Segunda Guerra Mundial, vale ressaltar mais uma vez a importância de *Témoins* como um marco historiográfico especialmente pelo modo que trouxe visibilidade a fontes até então consideradas de pouco destaque.³⁸⁴ De acordo com

³⁸² GUILLON, op. cit., p. 195.

³⁸³ Ibidem, p. 192.

³⁸⁴ Ibidem, p. 195.

Charlotte Lacoste, outras razões levaram a considerar seu trabalho como uma referência para o debate. Com base em uma investigação acerca do testemunho a partir da ótica literária, a autora nos traz uma importante reflexão: se é certo a existência de depoimentos pertencentes aos sobreviventes a respeito da terrível experiência pessoal na Grande Guerra, tal qual discussões e estudos que envolveram suas publicações, por que então a historiografia privilegiou o papel do testemunho/ da testemunha apenas a partir da Segunda Guerra Mundial? A explicação deve-se principalmente pela alteração conceitual que o conceito sofreria após 1945 com uma mudança em seu sentido e definição.³⁸⁵

Enquanto a maior incógnita dos sobreviventes pós Segunda Guerra fora lidar com a representação do inenarrável,³⁸⁶ os ex-combatentes foram obrigados a encarar uma realidade pré-existente e universal da guerra, ainda que potencializada pelo horror, o que levou a enfrentarem primeiramente um outro mistério levantado por Norton Cru: partindo da consideração de que a Grande Guerra não se diferenciou das outras, por que então o horror desse evento nunca havia sido relatado por outros sobreviventes?³⁸⁷ Ecoa de maneira surpreendente e misteriosa a insuficiência de relatos produzidos por soldados que pudessem servir de aviso aos daquele momento, pois embora existissem não tomaram a devida proporção. Dessa forma, compreender os acontecimentos históricos tornava-se um desafio maior pelos obstáculos antecedentes e novos impostos aos soldados.

Assim, os sobreviventes precisariam enfrentar, antes de mais nada, a imprensa – que buscava vender estórias de lendas e heróis –, os historiadores – por confiar a história do conflito nos documentos oficiais e na narrativa tradicional das batalhas –, bem como por soldados – que publicavam obras de mesmo cunho dos jornais e de seus referenciais, isto é, a narrativa recheada dos elementos que ressaltavam a coragem, o mito, as aventuras, as lendas e os heróis – neste contexto de disputa pela verdade.³⁸⁸ Como então quebrar com essa história da guerra épica?

Além dos principais fatores de sua crítica, uma das principais razões que dificultavam o espaço às narrativas de gênero testemunhal seria o próprio gosto do leitor por obras de romances que valorizassem esse aspecto fabuloso e ficcional: “A verdade parece decididamente inaudível

³⁸⁵ LACOSTE, op. cit., p. 1.

³⁸⁶ Representar o real passa por um amplo debate na historiografia e em outros campos de estudo a partir do que fora realizado nos relatos da experiência dos sobreviventes do Holocausto. Desta percepção foi expandido a gama de discussões sobre a relação narrativa e realidade, em particular, diante de eventos traumáticos. Sobre o tema, conferir, entre outros: HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: _____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 203-228; SELIGMANN-SILVA, Mário (Org.). *História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003; SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). *Escritas da Violência, vol. I: o testemunho*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

³⁸⁷ LACOSTE, op. cit., p. 3.

³⁸⁸ Ibidem, p. 3.

ou, dito de outra forma, ainda não há público para o testemunho”³⁸⁹. Acreditava-se então ser crucial uma mudança no interesse do público afastando-os do romance, que proporcionava uma versão irreal da guerra embora muito aceita e vista como a realidade, e aproximá-los da verdade simples por intervenção de um trabalho de crítica literária,³⁹⁰ formulando assim um cenário de disputa entre as fronteiras da ficção e do não ficcional na literatura.³⁹¹

Segundo Lacoste, propor a história da guerra através dos gêneros que privilegiam o plano factual e a verdade contada de maneira simples seria então, de acordo com Norton Cru, algo não realizado até então, porque se tal esforço seria difícil de escrever/dizer, ser ouvido seria uma tarefa de semelhante complexidade.³⁹² Para dizer era preciso enfrentar obstáculos como a seleção das palavras corretas que pudessem representar o real e, ainda assim, lidar com o medo de que seu testemunho não fosse aceito ou acreditado. Mais do que isso, testemunhar deste modo era enfrentar o incerto, era explorar um campo desconhecido já que não existiam modelos ou referências até 1914, e os modelos conhecidos, como bem foi dito, retratavam uma outra guerra.³⁹³ Esta narrativa distinguia-se em sua perspectiva não retratando mais os movimentos das batalhas, os avanços e os recuos das linhas, mas sim expressavam a visão pessoal, contavam o evento do seu ponto de vista, daquilo que viu, sentiu e experimentou.³⁹⁴

3.2 - Ver, ouvir, poetizar e razoar: testemunhar por Alberto Rangel

Afinal, do que nos vale uma reflexão a respeito de uma obra formulada em 1929 por um ex-combatente francês? Por que associar uma obra redigida e publicada uma década após o armistício a outra produzida contemporaneamente aos acontecimentos da guerra como o testemunho de Alberto Rangel? Nos afastamos de Rangel por um momento porque observamos, após tratar especificamente de parte de suas experiências no segundo capítulo, a presença de um debate que instiga a nossa investigação naquilo que analisaremos a respeito das possíveis representações do testemunho da época e propriamente a de Rangel. O caso de Norton Cru não seria o único apropriado para este cenário. Como salientamos, o debate foi amplo e outros modelos nos poderiam servir, mas a escolha do caso Norton Cru deve-se particularmente à sua notoriedade e, sobretudo, à definição de critérios, normas para estabelecer um modelo de bom

³⁸⁹ Ibidem, p. 5.

³⁹⁰ Ibidem, p. 6.

³⁹¹ Ibidem, p. 7.

³⁹² Ibidem, p. 8.

³⁹³ Ibidem, p. 8.

³⁹⁴ Ibidem, p. 9.

testemunho. Definições estas que podem nos ajudar a compreender uma possível concepção de narrativa testemunhal do período e, a partir deste ponto, procurar interpretar as características presentes no discurso de Rangel.

Nesse sentido, algumas questões se colocam: após apresentar essa possível representação e/ou definição de testemunho, quais conclusões podemos tirar a respeito da narrativa testemunhal desse brasileiro que interrompeu seu trabalho histórico para relatar a sua vivência pessoal da guerra? Como se colocou na narrativa e como a utilizou para representar a realidade? O que a sua posição de estrangeiro civil pode nos indicar? O que a escolha dos suportes, do meio para fazê-lo, nos dizem nestes termos?

N'este registo de vadiagem e melancolia, vendo de longe a carniçaria e de perto o vôo dos tordos, a noticia exacta hombreia com o boato mais destampado. Não se poderia espoar a verdade, no confuso bater do que chegava á porta, nas noticias impressas e nas vozes de alarmados, em taes oras de apuros e de confusões.

O depoimento testemunhal é feito nas cercas de um jardim, dando sobre terras varridas no temporal de sangue. Razoa-se por instantes, d'outras se assignala o que se ouve e se poetisa o que se vê, para aumentar com imagens dioramicas o refugio estreito que hospedava o desterrado.³⁹⁵

Datado do dia 1º de janeiro de 1915, o prefácio intitulado “Na Anteporta” sinaliza o conteúdo presente na narrativa e de início lança mão de questões centrais de seu relato indicando ao leitor menos uma motivação da feitura da obra e, sim, uma apresentação do contexto em que seu autor estava inserido e na sequência de ações que o levaram à escrita, no sentido de uma justificativa em que revela a sua localização aonde foi forçado à interrupção e, de seu novo asilo, assistir a conflagração. Mas as justificativas não se encerram por aí. Conforme uma correlação e, possivelmente, uma causalidade de sua situação, coube ainda justificar e alertar ao público aquilo que se pode esperar da obra ao que se refere a composição da narrativa relativa à qualidade do testemunho ali presente.

Lembrando tanto a abertura de Juan B. Homet quanto o vínculo entre verdade e presença (no acontecimento) no debate de Jean Norton Cru e no quadro jornalístico brasileiro, não surpreende o esforço do autor em explicar a confusão vivida em meio as informações verossímeis ou falsas. Frente a toda agitação da ocasião, o boato inconcebível das declarações de guerra resumia, em realidade, um fato. Logo, neste amontoado de notícias o trabalho de seleção da verdade, daquilo que pode ser comprovado, dificilmente seria realizável. A solução para o “depoimento testemunhal” feito “nas cercas de um jardim” seria então, além deste

³⁹⁵ RANGEL, Alberto. Na anteporta. In: _____. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estranho em Cuissey sobre o Loire, França. Tours: E. Arrault et Cie, 1915, p. V e VI.*

primeiro aviso, descrever o que se razoa, ouve e vê. A frase, inclusive, soa familiar a colocação do ex-combatente francês sobre a importância da verdade simples e pessoal no testemunho, se atendo a descrição clara daquilo que viu, sentiu, pensou e experimentou.³⁹⁶

Rangel nos propõe então uma perspectiva curiosa acerca do vínculo entre a presença (símbolo de autoridade) em relação a noção de verdade.³⁹⁷ Embora estivesse numa situação privilegiada quanto a localização, assim como outros intelectuais se colocaram, isso não significou o contato direto com a verdade, mas sim, propôs a demonstração de sua realidade, um contexto conturbado pela confusão de informações verídicas ou não, isto é, evidenciando um problema nas fronteiras entre presença e verdade. Sua apresentação dita um rumo em que a escrita do diário possui momentos e passagens que se diferenciam por caráter. A narrativa ora se debruça em comentários e críticas do autor, na qual “razoa-se por instantes” discorrendo sobre determinados temas; ora, prioriza uma descrição com aquilo que se escuta em seu meio, das notícias e boatos que vêm do *front*, onde “se assignala o que se ouve”; e, por fim, “se poetisa o que se vê”, procurando versar aquilo que observa, não apenas no sentido de uma testemunha ocular direta, confiando o sentido da visão da guerra que observa, ou seja, vendo de perto os efeitos da guerra no campo – representado pela imagem dos tordos no excerto –, mas similarmemente, utilizando-se da literatura para descrever o que vê das trincheiras ao longe, como o bem faz ao tratar ou representar o batalhar por recursos literários, por exemplo, com os termos “inferno”³⁹⁸, ou, mais especificamente, “vendo de longe a carniçaria” em contraposição ao que está perto.

A frase do prefácio apresenta então três elementos constitutivos da narrativa – *razoar*; *assignalar* o que se *ouve*; e *poetisar* aquilo que se *vê* – e possui o objetivo de criar imagens próximas da sua realidade vivida durante os cinco primeiros meses da guerra. A escolha dos termos por Rangel ganha um significado maior quando refletimos sobre o papel assumido pelo autor em cada uma delas. Cada um dos aspectos manifesta possibilidades enquanto características: de testemunha direta comentando aquilo que observa e escuta do cotidiano – seja do campo ou das trincheiras –, de literato por *poetisar* os acontecimentos e, por fim, daquilo que lembra o ofício do historiador, selecionando assuntos, argumentando, pesquisando, e deixando sua perspectiva, resultando ao final de tudo uma versão do evento.

³⁹⁶ LACOSTE, op. cit., p. 9.

³⁹⁷ Uma relação, da qual, é necessário tomar cuidado para não as confundir estabelecendo uma separação entre veracidade e a confiabilidade. HARTOG, op. cit., p. 227.

³⁹⁸ Embora o termo seja repetido frequentemente na obra, vale notar seu uso neste momento do texto tanto a partir da sentença “[...] nas vizinhanças de um dos focos do grande incendio de 1914”; quanto na citação de Fausto ao lado do título presente na contracapa da versão. RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. V.

Essa narrativa aparentemente dividida entre funções do autor não representa a realidade da obra, e, na verdade, soa mais complexa do que parece. As qualidades ou ao menos seus elementos característicos em grande parte misturam-se constantemente em uma única entrada do diário ou correspondência. Exemplo disso é recorrer à abertura de *Quinzenas de campo e guerra*,³⁹⁹ data em que abre o diário (1º de agosto de 1914): evidenciando sua posição em primeira pessoa na descrição – “*noto o aspecto de deserto*” e “*regresso do passeio*”⁴⁰⁰ – o relato se inicia com uma imagem da atuação da natureza e o passeio do narrador pelas ruas de Cuissy, descrevendo aquilo que observa.

O parágrafo seguinte avança com uma explicação ao leitor pelo sentimento exposto anteriormente – o “sinistro insuperável”⁴⁰¹ – e utilizado conjuntamente para introduzir o contexto em que denuncia as consequências cruéis da guerra no âmbito domiciliar francês. Assim, a narrativa se condensa da seguinte maneira conforme as proporções mencionadas em sua apresentação: do seu olhar *poetisa* a natureza com seu estilo e recursos literários, progredindo com a fórmula para as cenas seguintes, da paisagem à presença humana, para então *razoar* sobre as tragédias do conflito criticando o batalhar, e, por fim, encerrando a entrada e sua descrição com aquilo que *ouve*: “Ouço ao longe os sons do tambor e toques alarmantes de sinos”⁴⁰².

A preferência pelo emprego deste procedimento descritivo baseado na perspectiva pessoal não significou que Rangel abdicaria de um posicionamento que confrontasse a verdade e denunciasse as mentiras. A distinção do brasileiro civil para os esforços aqui atribuídos a LBA, aos trabalhos históricos e/ou críticos franceses de Jean Vic, da *Revue Historique*, e de Norton Cru, entre outros, é determinado, principalmente, pelo empenho e pelo objetivo máximo que os últimos tiveram em rastrear e eleger apenas as fontes que fossem fidedignas por meio de categorizações. A posição de Rangel observada na narrativa do diário e das correspondências não caracteriza tal esforço ainda que não o exclua, pois, embora não tenha sido seu principal propósito – e sim, narrar suas impressões cotidianas, quaisquer elas fossem –, o autor elaborou de maneira sutil observações que acompanharam a revelação de notícias em seu dia-a-dia, muitas das vezes indicando a procedência de informações ou boatos, e, em alguns casos, confrontando sua veracidade.

³⁹⁹ O trecho em questão foi citado nas primeiras páginas do presente estudo. Cf. RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 1-2.

⁴⁰⁰ Ibidem, p. 1.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 1.

⁴⁰² Ibidem, p. 3.

Comprometido com as impressões diárias, seria difícil de nossa parte estabelecer normas e critérios utilizados por ele, a não ser apontar alguns dos momentos que sintetizam os esforços do autor neste sentido. O maior volume de comentários que seguem esse discurso é formulado quando o mesmo busca apresentar ao leitor novas informações que chegam ao seu entorno: “Diz-se terem sido incendiados [...]”⁴⁰³; “Um camponio diz ter visto a bateria [...]”⁴⁰⁴; “Corre o boato [...]”⁴⁰⁵; ou até mesmo como definiu a obra em questão “[...] entre paisagens de fundo de quintal e boatos vindos do front...”⁴⁰⁶. Em algumas destas ocasiões problematizou o perigo das notícias falsas ao comentar sobre o pânico gerado por uma delas, ainda que evidentemente tratasse de uma mentira:

Noticias de derrotas na campanha limburgueza e lorena enluctam Cuissy. Um horticultor assarapantado falla n'uma invasão improvavel de alemães pela Hespanha e da derrota da frota ingleza nas costas da Suissa! O panico aggrava-se na falta de conhecimentos geographicos ao lado da practica da poda, aporques e transplantes.⁴⁰⁷

Aproveitou ainda para denunciar os transtornos causados pela confusão desta rede de informações que vinham da imprensa, dos comunicados oficiais, de boatos vindos da retaguarda e do *front*, e das invenções geradas, neste caso, de “noticias que correm pelos cafés e esquinas de Paris” e que chegam a Cuissy: “São informes e disparatadas, no gosto de mexeriqueiros e desocupados, n'uma cidade febril, que boceja, sem theatros e sem omnibus, sem luz e sem parlamento”⁴⁰⁸. No entanto, não fora somente de queixas acerca das falsidades que enfrentou durante o cotidiano de sua estadia na França. Também pôde observar e descrever os comunicados frequentes que testemunhou como civil a respeito da triste realidade da guerra: “O filho do ferrador morreu ás unhas do inimigo e no circulo retrahido e aldeano isso poz mais lucto, que todas as desgraças sommadas por esse mundo afóra. Noticias semelhantes começam a correr de lar em lar, provocando as lagrimas de monte a monte”⁴⁰⁹.

Ainda que não tenha vivido a realidade da guerra representada pela vivência dos soldados no âmbito da trincheira, limitando-se apenas ao registro direto dos efeitos da guerra como um todo especialmente daquilo que atingia os civis presentes na retaguarda, isso não significou um completo afastamento com as fronteiras das batalhas por conta das informações que chegavam pela imprensa, pelos comunicados oficiais, mas, especialmente, pelas

⁴⁰³ Ibidem, p. 4.

⁴⁰⁴ Ibidem, p. 46.

⁴⁰⁵ Ibidem, p. 79.

⁴⁰⁶ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 2 de abril de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

⁴⁰⁷ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 47.

⁴⁰⁸ Ibidem, p. 106.

⁴⁰⁹ Ibidem, p. 56-57.

correspondências de amigos e familiares de combatentes. Pôde assim tratar de uma impressão própria da vivência do *front* baseado em tais notícias, como quando menciona: “Lê-se o seguinte trecho, n'uma série de impressões vividas ao longo dos entrincheiramentos [...]”⁴¹⁰; ou ainda com a ajuda das correspondências e boatos que circulavam tal qual citamos há pouco sobre as menções de suas origens.

A confusão do “que chegava á porta” referida na abertura de *Quinzenas* refletiria um esforço constante de Rangel em realizar uma investigação por trás das notícias diárias em busca dos fatos. Longe de realizarmos uma comparação precisa de funções ou nos debruçarmos sobre elas, podemos recorrer ao que François Hartog afirma a respeito da autópsia de Tucídides a fim de compreender melhor um pouco a função da crítica e da investigação para a história, isto é, lançar uma provocação ao debate. A figura do enunciador onisciente pretende legitimar um espaço de relato voltado ao respaldo da autópsia, valorizando a história de um tempo presente, sobretudo, em conjunto da crítica das testemunhas e da memória, sendo assim uma maneira de “recusar ou silenciar as testemunhas: os olhos do historiador, portanto, contra o ouvido das testemunhas”⁴¹¹.

A análise minuciosa das informações foi representada particularmente pelos casos das notícias advindas ou pelos meios oficiais ou pela imprensa francesa, lembrando a motivação inicial de Norton Cru para a publicação *Témoins* em combater a divulgação irreal promovida pela propaganda. Vale ressaltar neste momento que, discordante da intenção acusatória das mentiras conforme a supracitada obra, Rangel denota, com efeito, menos uma falsidade e invenção partida da imprensa e sim uma omissão com a verdade ou um disfarce da realidade: “As gazetas regorgitam de noticias pouco interessantes. Parecem disfarçar as victorias alemães, como sejam a tomada de Liége, a retomada de Mulhouse [...]”⁴¹². Enfrentar a imprensa nacional neste caso equivaleria criticar as suas atitudes e o seu comportamento perante as derrotas constantes: “Os jornaes recommendam silencio e paciencia. Estão agora de um sizo perfeito as agencias francezas da chocarrice mundial. É que as cousas não vão correndo bem”⁴¹³.

A sua crítica em relação a confusão gerada pelos meios oficiais demonstra-se de maneira mais profunda ao explicar ao seu público a sua alternativa para lidar com tal situação, isto é, o trabalho de averiguação dos jornais:

Os jornaes não se mostram muito claros. São antes folhas de subterfugios e abstinencias, boletins de Pollichinello, comissario junto aos exercitos da quintupla alliança. Indicam mais do que pretendem, sabendo-se lêr nas

⁴¹⁰ Ibidem, p. 168.

⁴¹¹ HARTOG, op. cit., p. 216.

⁴¹² RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 22.

⁴¹³ Ibidem, p. 57.

entrelinhas das noticias informes ou contradictorias. Os artigos principaes sao vasilhos, n'elles zabumba um patriotismo redundante e barato. Por vezes uma linha ao fim da quarta columna elucida mais que toda a pagina. Exigem do leitor argucias de policia ingleza, habilidades de jogador de puzzle. As gazetas de enigmas e de charadas sao impressas com tinta rosea e escriptas por diplomatas em disponibilidade e nacionalistas de ultima hora, agachados sob o tacão das botas dos Estados-Maiores.⁴¹⁴

Rangel evidencia então o que aparenta ser parte da origem dessa confusão de informações que chegavam aos civis, explicado senão por uma mentira, uma omissão com toda a realidade da guerra em vista das derrotas francesas. É certo que reclamações do tipo se tornaram menos frequentes após a reviravolta aliada quando ocorrem vitórias importantes e uma consequente exaltação da nação pela imprensa. Deste modo, vale reforçar novamente os limites realçados pelo autor nas linhas inaugurais da obra, não valendo-se do esforço em espoar a verdade, ou seja, ter o intuito de mensurá-la concentrando seu foco somente no comprometimento em descrever as impressões rotineiras. É possível afirmar que a razão central de seu esforço perpassa, sobretudo, pelos mesmos motivos que o levaram a indicar os tais métodos para formular a narrativa, isto é, dizer aquilo que ouviu, viu, sentiu e pensou, preocupando-se menos com o esforço de categorizar informações baseadas em seu caráter verídico ou não. Ou melhor, motivos anteriormente colocados pela própria escolha do meio narrativo em que se propôs testemunhar diretamente os efeitos da guerra em sua vida: a experiência representada pela perspectiva pessoal por dois suportes – o *journal* e as correspondências – reconhecidos pelo caráter íntimo e subjetivo, bem como pela presunção da *sinceridade* do autor.

Esta associação entre a *escrita de si* e o testemunho, seja na identidade dos suportes narrativos e parte de suas qualidades *a priori*, ressaltam a valorização norteadas por Jean Norton Cru acerca dos diários e correspondências no topo de sua hierarquização dos gêneros testemunhais. Mais do que a possibilidade de confrontar fatos com a descrição pelo seu caráter datal, ambos são considerados confiáveis por serem escritas à luz do momento escapando então da possibilidade de uma escrita futura e distante dos fatos caindo em truques da memória e informações inexatas. Deste modo, partindo de tais pressupostos podemos assim compreender melhor não apenas os caminhos possíveis, mas sim a opção textual de Alberto Rangel, especialmente pelo caráter de *Quinzenas de campo e guerra*, acerca do seu testemunho realizado durante os acontecimentos.

⁴¹⁴ Ibidem, p. 77.

Registrar por meio da concepção individual está longe de sugerir necessariamente um testemunho elaborado somente pelas experiências pessoais da testemunha – bem como analisou Aubert ao aludir as intenções dos combatentes de relatar em nome de todos.⁴¹⁵ Para além do registro da vivência e dos pensamentos, o ato da visão e audição permitem ao narrador abrir espaço e dar voz para os outros a fim de revelar experiências das quais não viveu,⁴¹⁶ mas que, ainda assim, são relevantes o suficiente para serem reportadas. A fim de acrescentar a este debate a importância dos sentidos, especialmente da audição, podemos observar aquilo que Hartog coloca a respeito das concepções antigas do fiador (o *histor*), da proximidade com a testemunha em que mais do que a visão, precisa ter ouvidos para encerrar disputas de dois lados,⁴¹⁷ ou até mesmo a testemunha não ocular (o *martus*) convocada por sua habilidade de ouvir e preservar na memória.⁴¹⁸

O caso mais próximo verificado nos textos de Rangel em relação a ação de testemunhar por outras testemunhas, em pequena semelhança a função do *martus* de ouvir e guardar na memória, pode ser localizado no momento de migração dos refugiados civis. Ao situar-se em Cuissy, longe das fronteiras militares, pôde trazer à cena as terríveis impressões de outros habitantes que foram obrigados a abandonarem tudo em busca de segurança, registrando indiretamente as suas experiências na realidade da guerra e apresentando-as ao leitor distante do Brasil:

A família de refugiados que se acoitou n'uma das casas vizinhas de Cuissy, despencou de Esternay, com um par de cobertas por unica bagagem. Foram os proprios officiaes francezes que lhes aconselharam a fuga. – Temos os alemães nos calcanhares, raspem-se! disseram elles aos sobresaltados em meio da noite provinciana. Partiram ás tres da madrugada pelos caminhos atravancados de rebanhos, de comboios, de soldados e baterias. Chegaram a ouvir o canhoneio. Contam horrores.⁴¹⁹

A posição entre Rangel e outros neste caso denota ainda outro aspecto controverso em relação ao papel do testemunho da qual aludimos acima e que fora aprofundado pelo campo historiográfico nas décadas seguintes. Quem são aqueles que vivenciaram a realidade da

⁴¹⁵ AUBERT, op. cit., p. 288.

⁴¹⁶ A relevância daquilo que foi escutado pelo autor deve ser ressaltada em vista do que o próprio concluiu nas últimas páginas do diário quando retrata ao leitor a vivência do “viver roceiro” apontando tudo aquilo que o casarão de Cuissy sofreu naqueles meses, não passando de uma guerra que apenas chegaram aos seus ouvidos: “A casa de campo manteve-se tranquilla durante os cinco mezes da chacina universal. Foi-lhe a pendula esquifada um coração lento e lento... As heras placam-se-lhe perennemente verdes nos muros aventalhados. Ella nada sentiu de anormal ao pé de si, nas terras de grangeio, só lhe tendo chegado aos ouvidos, por ouvir dizer, a borrasca das nações mais ajuizadas da terra. Quantas não lhe invejarão a sorte, basílicas sumptuosas e humilimos colmados! RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 324.

⁴¹⁷ HARTOG, op. cit., p. 213.

⁴¹⁸ Ibidem, p. 213.

⁴¹⁹ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 75.

guerra? Adiantando parcialmente a resposta, os combatentes seriam os únicos admissíveis a testemunharem uma noção mais próxima da realidade (tratada como a verdade dos fatos), ou como anteriormente colocado, a serem as *boas* testemunhas? A essa altura temos uma resposta evidente pelo exame das normas e critérios formulados em *Témoins*, bem como, a partir de outros exemplos supracitados relativos ao debate das primeiras décadas do século XX. A boa testemunha, no âmbito literário, seria formada exclusivamente por aqueles que estiveram nas trincheiras, ademais, por combatentes de patentes menores e que estiveram de fato em alguma batalha.

Essa perspectiva inicial de certo exclui a figura de civis e igualmente dos refugiados, o que exclui também a autoridade de Alberto Rangel em vista de sua ausência nos campos de batalha, bem como, a sua posição de civil e estrangeiro. Sem nos anteciparmos em relação aos critérios posteriores deste período e o debate acerca das definições de testemunho que apontam novas possibilidades fundamentadas igualmente na habilidade da representação da experiência, compreendemos aqui – e em concordância à discussão – as distinções que essas categorias (civil e soldado) implicam no caráter testemunhal, ressaltando tratar-se de guerras distintas, não no sentido de haver mais de um evento ou uma outra Grande Guerra, mas no entendimento de que houve um conjunto de experiências sofridas em decorrência do mesmo acontecimento, isto é, diferentes realidades vivenciadas do conflito. Com base nesta comparação e em algumas das vivências e dificuldades sofridas por Alberto Rangel e relatadas por ele, pode-se afirmar que o seu testemunho apresenta uma coleção de efeitos da Grande Guerra como a fome, o campo, a preocupação com os rumos militares, o medo, a crise econômica e política europeia, logo, cenas observadas e sentidas por aqueles presentes na retaguarda do país francês – lembrando novamente da abertura de *Quinzenas*: “vendo de longe a carniçaria e de perto o vôo dos tordos”⁴²⁰.

Apesar dos contrastes, é possível observar ainda semelhanças de experiências por ambas categorias especialmente referentes a fatores gerais e nacionais como, por exemplo, os sentimentos coletivos referente as expectativas perante a conflagração representado por diferentes temporalidades na duração da guerra,⁴²¹ tanto quanto as decepções associadas a tais expectativas – isto é, uma tensão entre a guerra imaginada e a vivida⁴²² –, constatado particularmente na imprevisibilidade da longevidade do conflito. A surpresa relativa à sua

⁴²⁰ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. V.

⁴²¹ HORNE, John. Entre expérience et mémoire: les soldats français de la Grande Guerre. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, vol. 60, n. 5, p. 903-919, 2005.

⁴²² Ibidem, p. 906.

extensão deveu-se, sobretudo, a moderna forma de batalhar com as inovações de armamentos e estratégias gerando condições mais mortais do que fora aguardado tanto por civis quanto por combatentes.⁴²³

Neste sentido, notamos que entre 1914 e 1918 Rangel faz insinuações de mesma espécie modificando sua percepção acerca desta expectativa com o passar do tempo. O parecer inicial indicado por “a Humanidade custará a se repor d'este cahos. A sangria não durará muito, meia duzia de batalhas formidaveis [...] exgotarão a terra. A fome será o architecto desesperado e esqualido da paz e o Kaiser [...]”⁴²⁴ transforma-se em questão de dias e meses. Entre críticas aos surgimentos frequentes de vaticínios predominantes nas frases de jornais e de civis em determinados momentos,⁴²⁵ mudanças de perspectivas na sua visão de militar – “A Victoria é uma questão de medida”⁴²⁶ –, bem como os primeiros entendimentos de um novo modo de batalhar, para ao fim de 1914 concluir com uma mudança drástica: “A guerra prosegue com todo o geito de não acabar mais. Onde está tudo o que me ensinaram em materia de militança, por exemplo, que o tiro-rapido criava o problema insolúvel do aprovisionamento das tropas em munição no campo de batalha etc etc?”⁴²⁷.

A duração da guerra fora, como era de se esperar, um assunto recorrente para aqueles que a viveram. O tema foi repetido diversas vezes nos anos seguintes imbuído de opiniões pessimistas em sua maioria destacado por um sentimento originado, inclusive, nas linhas de frente: “Carta de um amigo que é cabo-interprete nos Dardanellos falla em guerra para dez annos. O que durou a guerra de Troia! Ainda por Helena era uma razão; mas por Guilherme e a sua Kultura, valha-nos Deus!”⁴²⁸. Entre momentos de desesperança e exaustão deste futuro incerto quando ao perguntar sobre o fim da guerra responde na sequência ser “um desfolhar de hypotheses inuteis com o sangue a raiz do pensamento humano. Crise dos vaticinios, a juntar a dos lacticinios, etc”⁴²⁹. E, quando retomado, até mesmo no momento em que seu encerramento se aproximava em julho de 1918, afirmou que a guerra “continua o milagre das adaptações”⁴³⁰, ainda que as notícias que chegavam da frente enfim indicavam o fim próximo.

⁴²³ Ibidem, p. 906.

⁴²⁴ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 23.

⁴²⁵ Ibidem, p. 54.

⁴²⁶ Ibidem, p. 92.

⁴²⁷ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnoille Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 6.

⁴²⁸ Carta de Alberto do Rego Rangel a Pacheco Leão, Cuissy, 12 de agosto de 1915. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacotilha 3.

⁴²⁹ Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Cuissy, 5 de agosto de 1916. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacotilha 4.

⁴³⁰ Carta de Alberto do Rego Rangel a João Lúcio de Azevedo, St. Jean de Monts, 25 de julho de 1918. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacotilha 3.

Ressaltando novamente a comparação entre civis e soldados, as fronteiras estabelecidas por ambas as categorias nos limites dos testemunhos são delimitadas pelo conjunto de vivências singulares a sua classe, tal como fora ressaltado por Norton Cru a respeito da representatividade da guerra no gênero testemunhal. Dessa forma, de maneira resumida, é possível afirmar que as implicações de um problema ou o desprestígio de um depoimento remete a ultrapassar as supracitadas barreiras como, por exemplo, quando Alberto Rangel descreve uma realidade que não é a sua, especialmente sobre a vida nas trincheiras, observado em menor parte nos comentários em que indiretamente traz à cena informações que chegavam em suas mãos:

Chegam cartas de Orléans dizendo que os regimentos, que por alli passam, seguem para a fronteira com alegre confiança. “Até Berlim!” gritam e os acompanha, em idas e vindas ao embarque, o calunga que imita o imperador Guilherme, embuchado de maravalhas e enformado em trapos.⁴³¹

Com maior frequência foram os casos em que produziu imagens da guerra pintando cenários dos terríveis acontecimentos baseando-se apenas nos conhecimentos e materiais dos quais teve contato, e utilizando-se de estilos literários para tal:

O Aisne havia se tornado um podridero. Já ninguém suportava as exalações horríveis dos cadáveres de que a agua da chuva apressava a decomposição e carreava no sacco das trincheiras a sanie profusa que empestava os ocupantes. Parecer-lhes-ia ridiculo, e, sobretudo desagradavel, terem de tapar o nariz para se abraçar á Victoria.⁴³²

Ou, por fim, colocando-se na mesma posição de um soldado, não no sentido de ser propriamente um militar como prova sua formação, mas de um combatente do conflito mundial ainda que num contexto comparativo do plano factual e do plano literário referente aos seus esforços como autor de *Quinzenas de campo e guerra*, quando em correspondência enviada a Taunay afirma ser esse o meio “que tenho de me lembrar que fui soldado [...]”⁴³³. Embora a comparação de Rangel ecoe como provocativa em vista das distintas experiências suas e dos verdadeiros combatentes, inserido no devido campo intelectual, a frase e a comparação ao soldado soam plausíveis especialmente em razão daquilo que a área de estudos franceses e alemães passavam naquele instante. O estourar da guerra inflou o desejo e a necessidade dos cientistas em participarem da disputa por via das suas conhecidas armas da crítica,⁴³⁴ acreditando ser preciso converter as suas obras em tribunas à glória da pátria.⁴³⁵ O combate nacional ganha mais uma frente pelo combate intelectual e científico onde “do campo de batalha ao terreno da ciência, as

⁴³¹ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 14.

⁴³² Ibidem, p. 87.

⁴³³ Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d’Escragnoille Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914. Fundo Alberto do Rego Rangel – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

⁴³⁴ DUMOULIN, op. cit., p. 180.

⁴³⁵ Ibidem, p. 178.

mesmas virtudes viris seriam mobilizadas, as armas da ciência e da guerra se identificam e os papéis atribuídos se confundem”⁴³⁶.

Quanto a Rangel, a mesma comparação com o combatente valeria então pelas descrições por vezes confundidas com a imagem do especialista, o militar – inclusive, lembrando a sua participação na Revolta da Armada –, partindo de uma linguagem subjetiva e cotidiana direcionada para um espaço voltado a análise bélica: “Os alemães fortificam-se a tudo e a mais ao norte do Aisne. A campanha deixará de ser um conjunto de movimento precipitados em campo raso e cujo exito dependeria das melhores iniciativas e do melhor armamento, para ser a immobilidade improvisada a todo custo.”⁴³⁷

3.3 – Experiências na literatura brasileira: a guerra do amigo Euclides da Cunha

Neste momento, podemos novamente tomar emprestado uma das questões levantada por Jean Norton Cru, aqui a respeito da ausência de referências ou fórmulas narrativas precedentes para o testemunho neste cenário de 1914. O problema apresentado no contexto literário francês pode ser reproduzido para o caso brasileiro? Se os franceses lidaram com uma ruptura entre uma narrativa produzida nas guerras predecessoras de sua história com a catástrofe atual, então, o que foi elaborado no Brasil até meados da segunda década do século XX pode indicar a respeito desses elementos presentes em seu relato?

A fim de responder essa breve provocação compreendemos dentro deste universo de leituras plausíveis a presença de relatos e obras que tratam principalmente de conflitos nacionais, especialmente um interno, a Guerra de Canudos, em caráter não apenas da proximidade temporal, mas sobretudo da proximidade entre Rangel e o autor de um dos mais significativos relatos acerca de tal evento,⁴³⁸ Euclides da Cunha. Essa escolha deve-se, em particular, pela relação de amizade e profissional que o autor de *Os Sertões* tinha com Alberto Rangel, o que indica, evidentemente, o conhecimento de sua obra por parte do segundo. Em vista disso, observamos sucintamente alguns dos elementos presentes no livro do escritor fluminense associado ao debate construído até aqui como, por exemplo, a noção de presença e

⁴³⁶ Ibidem, p. 183.

⁴³⁷ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 101.

⁴³⁸ Cf. AMORIM, Gabriel Barbosa da Silva. “*Obras primas de nossa literatura militar*”: expectativas e recepções às narrativas de guerra de Alfredo Taunay e Euclides da Cunha. 2022. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2022.

⁴³⁸ Ibidem, p. 190.

verdade, a importância do olhar, a credibilidade da testemunha, a figura do narrador, e, por fim, as relações possíveis de se representar o real.

De acordo com Nathália Nogueira, Euclides da Cunha reforçou em sua obra o entendimento sobre a autoridade da testemunha baseada em sua localização, principalmente ao se defender de possíveis críticas quando definiu que a sua observação direta garantiria a credibilidade de suas palavras das quais não poderiam ser desacreditadas ainda que algumas notícias soassem ilógicas, reforçando principalmente sua presença no registro, por meio do “eu vi”, por exemplo, a fim de comprovar seu discurso.⁴³⁹ A intenção do autor, fundamentada por critérios, seria valorizar a observação e a partir dela reproduzir fielmente a realidade seja ela qual fosse: “Sejamos simples copistas. Reproduzamos, intactas, todas as impressões, verdadeiras ou ilusórias [...]”⁴⁴⁰. A frase, inclusive, assemelha-se às linhas iniciais do preâmbulo de *Quinzenas* a respeito da confusão da verdade e o relato das impressões cotidianas. A distinção para os autores neste caso estaria insinuada pela inspiração da história formulada por Tucídides mencionada por Cunha e não por Rangel, como uma forma de fundamentar a relevância da visão (ou a autópsia) e a presença (a fim de validar) como recursos essenciais para o conhecimento histórico.⁴⁴¹ A própria experiência do autor revelava a valorização dada entre estar lá, presenciar o acontecimento e ver com seus olhos como fonte de validação ao relato: “este recado de Euclides sugeria sua própria superação: por ter estado lá e experienciar, a perseverança lhe recompensava com a iluminação da verdade”⁴⁴².

Vivenciar a realidade dos sertões e de todos seus cenários traz a cena uma semelhante percepção ao que tratamos acima a respeito dos indicativos da insuficiência que a narrativa sente para representar, ao menos, naquela concepção, de forma fidedigna a realidade dos conflitos militares, dos horrores da guerra. Euclides da Cunha expõe argumentos similares em que expunha a escassez de representações diante da singularidade dos eventos que observava na qual nada daquilo que havia sido produzido anteriormente – como os relatos de viajantes, trabalhos científicos e históricos, relatórios, mapas, entre outros – sobre a terra “dava conta de quão ímpar era a tela sertaneja”⁴⁴³, inclusive a literatura, “com toda sua pujança”⁴⁴⁴.

⁴³⁹ NOGUEIRA, Nathália Sanglard de Almeida. Sobre o olhar, o testemunho e a experiência de Euclides da Cunha nos sertões baianos. *ARS HISTORICA*, v. 6, 2013, p. 129.

⁴⁴⁰ CUNHA, Euclides da. *Os sertões*: (campanha de Canudos). São Paulo: Ateliê Editorial, 2001, p. 205 apud NOGUEIRA, op. cit., p. 130.

⁴⁴¹ NOGUEIRA, op. cit., p. 130-131.

⁴⁴² Ibidem, p. 132.

⁴⁴³ Ibidem, p. 132.

⁴⁴⁴ Ibidem, p. 132.

Apegar-se ao olhar seria uma maneira segura de enfrentar o obstáculo relativo a uma insuficiência literária para representar a singularidade dos eventos que vivenciava, especificamente, os sertões. Nem os depoimentos dos viajantes, nem os trabalhos científicos e históricos ou qualquer fonte ou leitura acerca da região retratava ou cumpria com a realidade daquele cenário, causando ao autor um sentimento de “uma dose de desencanto e frustração perante a insuficiência das categorias em voga para assimilar aquelas terras remotas”⁴⁴⁵.

A posição de “observador-viajante” permitiria igualmente duas funções essenciais e concomitantes de Cunha durante a obra: vivenciar possibilitaria assegurar o que viu enquanto a própria realização da visão concede espaço a sua problematização, definindo então uma relação do autor seja em primeira pessoa ou em terceira pessoa.⁴⁴⁶ Ademais, vale ressaltar o modo em que se utilizou, ainda que de maneira crítica, à luz da *autópsia*, a visão de terceiros dedicando um espaço às testemunhas do evento como, por exemplo, os soldados, categorizando-os em testemunhos críveis de maior ou menor qualidade,⁴⁴⁷ legitimando ainda a sua apropriação por meio de sua seleção e seu papel autorizado de “narrador-sincero”.⁴⁴⁸ Os critérios de seus registros passavam pela percepção dos quais transmitiam considerações em vista da qualidade e da identidade do relator.⁴⁴⁹

A categorização separava-os de acordo com aquilo que poderia atestar validade, critérios que colocavam alguns como verossímeis e outros como “tendenciosos e delirantes”, das quais, segundo Nogueira, foram associados os primeiros aos seus pares enquanto o segundo principalmente aos sertanejos.⁴⁵⁰ Para a autora, esta seleção de olhares das testemunhas e a própria valorização do observar como elemento fundamental da narrativa denotam marcas da historiografia brasileira no século XIX: “Os procedimentos que valorizavam o olhar, o interpelar o presente e o sopesar dos testemunhos, os quais inspiraram sua prática e espelhavam as lições de Tucídides, dialogavam com a tradição historiográfica oitocentista brasileira”⁴⁵¹.

Para Nicolazzi, essa relação dupla de qualidades presentes na posição do autor entre o observador e o viajante explicam, especialmente pela figura do primeiro, a maneira que pode se portar diante da sua narrativa:

Sem esta justaposição de personagens, ou pelo menos sem que ela seja constante, ao narrador é possível situar com precisão o lugar ocupado na cena

⁴⁴⁵ Ibidem, p. 132.

⁴⁴⁶ NICOLAZZI, Fernando. O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, 2009, p. 68.

⁴⁴⁷ Ibidem, p. 79.

⁴⁴⁸ Ibidem, p. 79.

⁴⁴⁹ NOGUEIRA, op. cit., p. 134.

⁴⁵⁰ Ibidem, p. 134.

⁴⁵¹ Ibidem, p. 137.

pelo viajante que observa, em alguns casos ele próprio assumindo tal tarefa; sobretudo, ao primeiro é dada a possibilidade de narrar inclusive o ato mesmo da observação, informando ao leitor seus infortúnios e seus sucessos, mas sempre colocando o narrador numa posição de resguardo: não como aquele que viu, mas sim como aquele que soube avaliar as muitas e diversas visões, escolhendo dentre elas as mais condizentes com seu intuito, qual seja, representar verdadeiramente o real.⁴⁵²

Assim, a valorização do olhar no esforço de Euclides da Cunha – seja o seu ou dos outros, categorizando-os ainda assim –, amparado pela premissa da presença física da testemunha no evento, bem como a representação correlata do real na narrativa através da descrição fiel e verídica do plano factual e a sua justificativa ao apego dos fatores imbuídos na observação como uma maneira de enfrentar uma ausência de referências narrativas reforçam, sobretudo, um conceito e os elementos situados anteriormente no debate sobre o testemunho presentes no contexto de Alberto Rangel.

Contudo, se o escritor pernambucano não deixou evidenciado ou, ao menos, não se debruçou na afirmação sobre seus critérios ou fundamentos utilizados em sua narrativa, diferentemente do amigo Euclides da Cunha, expressou-se a respeito de uma “biblioteca do trágico” em construção nos primeiros meses da Grande Guerra que perduraria pelos anos seguintes ao seu fim. Rangel fez uma crítica ao cenário literário que usufruía da catástrofe para vender – citando os romances, o teatro, novelas e poemas que retratavam o “sangue recolhido dos campos de batalhas”, sem negar uma perspectiva admissível destas, na qual seria então “apurado nas composições mais ou menos verossímeis da imaginativa dos autores”⁴⁵³. Sem esquecer das publicações de caráter testemunhal, Rangel trata distintamente outras que se aproveitarão dos dramas reais para contar com o emprego do estilo:

Registrar-se-hão os horrores acontecidos, segundo depoimentos testemunhaes e escogitar-se-hão outros, de procedencia meramente subjectiva, do mero folhetim á brochura compacta. As scenas pavorosas do sitio, as ruinarias, as traições, as covardias, as dedicações, as agonias, os desmonoramentos da riqueza, os processos da espionagem, a sorte dos prisioneiros, as surpresas das batalhas o passadio nas trincheiras, os combates nos ares, na agua e nas galerias subterraneas, as pilherias dos conscriptos, as fadigas, molestias e ardis, tudo isso virá á tona ensopado e guizado nos molhos do Estylo, atulhado em pratos de encadernação diversa e servidos á mesa das livrarias d'este e outro hemispherio.⁴⁵⁴

Aludindo a previsões dos ajustes financeiros após cinco anos do encerramento do conflito o autor questiona outro prognóstico, quando enfim a guerra teria seu fim, não apenas

⁴⁵² NICOLAZZI, op. cit., p. 75.

⁴⁵³ RANGEL, *Quinzenas de campo e guerra...*, op. cit., p. 164.

⁴⁵⁴ Ibidem, p. 164.

no aspecto militar, mas igualmente cultural e memorial relacionado ao papel dessa literatura bélica e seu fim: “Quando enfim se esquecerá o drama que nos constrange e espanta? Não se deve contar com as letras para tal propósito”⁴⁵⁵.

3.4 - À confusão da verdade: literato, historiador ou testemunha?

A testemunha e o historiador? Segundo parece, o problema está resolvido há muito tempo: do ponto de vista prático e epistemológico. A testemunha não é um historiador, e o historiador – se ele pode ser, em caso de necessidade, uma testemunha – não deve assumir tal função; e sobretudo ele só é capaz de começar a tornar-se historiador ao manter-se à distância da testemunha (qualquer testemunha, incluindo ele mesmo). Assim, ser testemunha nunca foi uma condição suficiente, nem sequer uma condição necessária, para ser historiador. Mas tal constatação já nos tinha sido ensinada por Tucídides. A própria autópsia (o fato de ver por si mesmo) deveria passar, previamente, pelo filtro da crítica. Se, agora, nos deslocamos do historiador para sua narrativa, a questão torna-se a seguinte: de que modo narrar como se eu tivesse visto (para fazer ver ao leitor) o que não vi, nem podia ter visto? Velhas questões que não deixaram de acompanhar a história e sua evidência.⁴⁵⁶

A provocação inicial de François Hartog por meio da indagação “A testemunha e o historiador?” reflete um problema presente há muito, referente especialmente a posição do indivíduo perante o acontecimento, isto é, a dubiedade de se colocar como uma testemunha e/ou um historiador. Para o historiador francês a solução é clara, fundamentada pela prática e pela epistemologia, a testemunha não é o historiador e se o historiador puder ser uma testemunha, deve negar. A fim de nos aprofundarmos nesta provocação levantada por Hartog e tardiamente voltar a ela relacionando-a ao nosso objeto, façamos um balanço de apontamentos a respeito da posição do testemunho antes de adentrarmos propriamente nesta relação/problema com a função historiador ao lado da testemunha.

Antes de nos aprofundarmos nesta questão, vale ressaltar, até mesmo como uma pequena comparação a posição de Norton Cru, a maneira que os historiadores franceses se posicionaram ou agiram perante a Grande Guerra, sem nos excedermos aos seguintes casos posteriormente, em vista do nosso foco traçado. O sentimento de necessidade em denunciar o inimigo a todo custo acreditando ser preciso transformar suas produções em “tribunas à glória da pátria”⁴⁵⁷, os cientistas e, em particular, os historiadores se utilizaram da escrita patriótica

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 165.

⁴⁵⁶ HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 203.

⁴⁵⁷ DUMOULIN, op. cit., p. 178.

no lugar do combate.⁴⁵⁸ As ferramentas já conhecidas eram utilizadas para a nova função, servir à nação contra o invasor, não significando mais “servir secretamente à glória da pátria celebrando as virtudes universais da verdade, mas de, pelo serviço à pátria, preparar o triunfo da verdade universal”⁴⁵⁹. Entre as possíveis operações de sua realização, ao menos três atributos eram associados ao papel do historiador observado pela investigação das analogias da história com intuito de celebrar a causa nacional, pelo deslocamento de controvérsias para a área de estudos e, por fim, pela realização da história imediata.⁴⁶⁰ Entretanto, seu papel social não demonstrou-se problemático à primeira vista por esta geração em que as três funções (professor, cientista e cidadão da nação) harmonizavam sem problemas.⁴⁶¹

Quanto a relação/problema supracitada, a primeira associação possível de ser realizada é a rememoração do debate relativo à pessoa e ao trabalho de Jean Norton Cru justamente por sua posição de testemunha e de historiador (ainda que não profissional). Entre as suas justificativas que valorizavam seu estudo, Norton Cru argumentou estar numa posição peculiar e que o distingue perante outros, particularmente os historiadores que se aventuraram nos mesmos esforços da catalogação por intermédio de normas a fim de alcançar um “bom” testemunho da Primeira Guerra Mundial. Com intuito de servir à história um material limpo para trabalhar,⁴⁶² a qualidade da testemunha permitia trazer à tona uma realidade apenas compreendida por seus pares, por aqueles que viveram as trincheiras permitindo, assim, a seleção fiel de testemunhos verdadeiros, enquanto que a postura de historiador possibilitava ir além dos mitos enxergando a guerra além dos discursos de propaganda da atualidade.⁴⁶³ Outra representação dessa dualidade de funções exercidas simultaneamente, coloca a testemunha como alguém envolvido emocionalmente ao evento, ao passo que o historiador ainda que presente assistiria distanciado apoiando-se a razão e a utilização de critérios e sistemas.⁴⁶⁴ No sentido de uma realidade que deve ser testemunhada para ser compreendida, para os historiadores que não foram para os campos de batalha sobraram apenas o conhecimento indireto do acontecimento.⁴⁶⁵

Nota-se aqui os parênteses colocados acima relativo à função de historiador de Norton Cru permitindo assim uma indagação. Tratando-se de uma relação não profissional com o

⁴⁵⁸ Ibidem, p. 180.

⁴⁵⁹ Ibidem, p. 180.

⁴⁶⁰ Ibidem, p. 181.

⁴⁶¹ Dumoulin compreende, com sua análise crítica, que essa relação de papéis contraditórios justificado pelo serviço ao país “corroem por dentro a estátua do historiador ideal”. Ibidem, p. 202.

⁴⁶² GUILLON, op. cit., p. 193.

⁴⁶³ Ibidem, 193.

⁴⁶⁴ PROCHASSON, 2001, op. cit., p. 173.

⁴⁶⁵ Ibidem, p. 174.

campo historiográfico, pois não era reconhecido seu vínculo pela comunidade acadêmica da época, sua posição como historiador e, conseqüentemente seu trabalho, podem ser questionados e criticados.⁴⁶⁶ Entretanto, segundo Christophe Prochasson, isso não impede o reconhecimento de seu papel no auxílio que possuiu na construção de uma historiografia da Primeira Guerra Mundial – especialmente pela aceitação do gênero testemunhal no caráter documental. Embora os esforços empregues em *Témoins* não tenham significado uma coesão na historiografia relativos aos seus conceitos, muito pelo contrário, ainda assim é correto afirmar que a obra marcou um ambiente de debates, especialmente se ressaltarmos os trabalhos de Marc Bloch e sua preocupação sobre as notícias falsas reconhecendo valores e critérios distintos de Norton Cru.⁴⁶⁷

É de se esperar que com as transformações do passar das décadas e das alterações sofridas tanto na esfera historiográfica da Grande Guerra quanto a do testemunho surgissem algum tipo de superação e críticas a respeito das normas e critérios utilizados nesta obra. Evidência disso, pôs-se que do ponto de vista da atualidade e dos estudos da análise testemunhal e da crítica literária, os seus métodos são categorizados como positivistas e obsoletos – na qual o autor fundamenta-se na lógica de que Norton Cru desqualificou testemunhos por razões que não possuem fundamento histórico, além do fato dessa busca constante por um ideal de testemunha ou, no seu caso, do soldado.⁴⁶⁸ Mas, acima de tudo, uma das principais explicações que levaram a mudança de tratamento no debate relativo ao gênero foram os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, principalmente a perseguição e o massacre de judeus em campos de concentração. Tais eventos trouxeram consigo uma nova definição de testemunho e seu papel posterior a segunda metade do século, um modelo observado especialmente nos casos dos relatos de Primo Levi e outros sobreviventes:

[...] como gênero literário, o testemunho é um documento que contém o relato verídico, em prosa e na primeira pessoa, do sofrimento físico e mental sofrido por um sobrevivente que assume o papel de testemunha e descreve, de forma clara e sóbria, o que viu, ouviu e sentiu ou pensou contato com a morte e sob as torturas que o homem lhe infligiu, para que as futuras gerações, mais bem educadas sejam poupadas.⁴⁶⁹

Depor possui o intuito de ser compreendido e esperar que a experiência do sobrevivente não seja repetida.⁴⁷⁰ Testemunhar exigiria a sinceridade absoluta e se aproximaria de uma

⁴⁶⁶ Ibidem, p. 174.

⁴⁶⁷ BLOCH, Marc. *La guerra e le false notizie. Ricordi (1914-1915) e riflessioni (1921)*. Roma: Donzelli Editore, 2004.

⁴⁶⁸ GUILLON, op. cit., p. 191.

⁴⁶⁹ LACOSTE, op. cit., p. 1-2.

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 9.

confissão. Não apenas no seu nome, mas principalmente em nome dos outros, daqueles que realmente viveram (e morreram) nessa realidade:

Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram - são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção.⁴⁷¹

Os apontamentos de Primo Levi problematizam ainda uma questão levantada anteriormente na qual se colocava em dúvida quem seriam as pessoas capazes de testemunhar, ou melhor, qualificadas ao depoimento.⁴⁷² Uma das soluções formuladas previamente nas primeiras décadas alterou-se a tal ponto que Primo Levi, sobrevivente do campo de concentração, indaga quem foram aqueles que realmente testemunharam o evento partindo do pressuposto que o depoimento fiel dos fatos seria quase inatingível, pois aqueles que viveram toda sua experiência foram justamente aqueles que não sobreviveram: “A demolição levada a cabo, a obra consumada, ninguém a narrou, assim como ninguém jamais voltou para contar sua morte. Os que submergiram, ainda que tivessem papel e tinta, não teriam testemunhado, porque sua morte começara antes da morte corporal”⁴⁷³.

A questão testemunhal atinge novas indagações frente ao papel do observador e do evento colocando em xeque os apontamentos anteriores que se apegavam, sobretudo, a uma concepção tradicional e que a partir de então estariam abaladas. Concepção da qual, como bem observamos, lançava mão dos gêneros tradicionais de literatura tal qual a historiografia historicista dos oitocentos. O ponto de virada fora caracterizado pelo abandono dessa procura insistente por um discurso que pudesse compreender toda cadeia de eventos do plano factual idealizado por essa visão histórica, passando a preocupar-se mais propriamente na possibilidade de representar a catástrofe na narrativa, um objetivo considerado inatingível primeiro pela deficiência do universo linguístico e discursivo capaz de incorporar os elementos da realidade, isto é, a existência de um distanciamento entre narrativa (representação) e evento (catástrofe); e, segundo, pela própria totalidade de um acontecimento e uma violência, como a *Shoah*, que

⁴⁷¹ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2ª ed. São Paulo: Paz e terra, 2004, p. 72.

⁴⁷² Giorgio Agamben apoia-se especialmente neste trecho de Levi para construir sua reflexão sobre a estrutura do testemunho e suas defasagens. AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

⁴⁷³ LEVI, op. cit., p. 73.

foge dos limites da compreensão humana. Por exemplo, é aquilo que Levi deixa por escrito em seu relato:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos.⁴⁷⁴

É evidente a posição privilegiada da literatura do testemunho, especialmente por narrar a experiência do sobrevivente. Porém, o mais importante seria então, como fazer-se compreender por aqueles que não vivenciaram aquilo? Isso levou a debates sobre a inclusão de novas ferramentas literárias ou artísticas dantes ignoradas, como a ficção, desqualificadas por suas características especialmente por sua aproximação ao mundo irreal, mais do que do real. A exemplo disso, o ensaio e o artigo de Seligmann-Silva soam como uma provocação que alimenta as discussões tratando não apenas de representações fictícias que foram bem aceitas e compreendidas por sobreviventes ou não, bem como a narrativa formulada por não sobreviventes, mas que atingiam, de alguma maneira, uma representação da realidade de melhor entendimento.

Mas, afinal, se nosso objeto se delimita sobretudo na Primeira Guerra Mundial e nas questões do testemunho nesse recorte por que avançamos temporalmente para tratar de discussões posteriores que chegam ao nosso presente? Primeiro, a resposta a esta indagação tem o intuito de demonstrar as diferentes concepções que o debate testemunhal sofreu não apenas no período, mas igualmente como fora tratado posteriormente com transformações conceituais. Depois, tais apontamentos nos valem para pensarmos uma questão ainda presente e de importante valor e que servem para refletirmos a respeito da narrativa testemunhal formulada por Alberto Rangel da Grande Guerra que vivenciou na França. E, para além disso, pensarmos justamente em sua posição entre funções, no momento em que o autor se destacava por seu trabalho literário e ficcional (entretanto inspirado em sua experiência), o *Inferno Verde*, e que se formava e aprofundava-se cada vez mais ao ofício de historiador, compromisso firmado com a publicação da obra histórica *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos* em 1916. Sem negar ainda o importante cenário de sua educação em História, marcado por um evento catastrófico

⁴⁷⁴ LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 24-25.

que observou de perto e, assim, vinculou-se a função de testemunha ao registrar sua experiência por um diário e pelas correspondências.

Rememorando o excerto e a provocação realizada por François Hartog sobre a testemunha e o historiador e sua pergunta final a respeito da composição da narrativa do historiador em descrever ao leitor como se tivesse estado lá, e após passarmos pela maneira que Alberto Rangel testemunhou em seu relato ou ao menos compôs o discurso, questionamos agora alguns de seus valores no papel de historiador naquele período, ainda que seja necessário recorrer a outros que auxiliem na resposta de tal empreendimento.

Um dos primeiros elementos que saltam aos olhos e foi ressaltado no primeiro capítulo foi o cuidado de Rangel em relatar as dificuldades de se escrever o diário *Quinzenas de campo e guerra* em Cuissy, pois ali faltariam as obras e estudos necessários. A ausência de livros como um obstáculo neste momento seria respondida pela erudição do autor, mas, sobretudo, pela forma com a qual apropriou a história no diário utilizando-se de referências históricas, seja por elementos geográficos, fatos relacionados aos países em guerra, a história regional de sua localização, entre outras razões. Esse apego por fontes e documentos foi algo notório em sua produção especialmente no mesmo contexto quando publicou a sua primeira obra histórica *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*, estudo elogiado por Capistrano de Abreu especialmente pelo cuidado com a documentação: “[...] o livro saiu com documentação forte e sólida; dificilmente se encontraria trabalho nacional lançado em alicerces tão profundos e seguros [...]”⁴⁷⁵.

A atenção aos documentos e fontes para compor a obra histórica temendo o esquecimento e o abandono de fato foi relacionada a escola histórica de Leopoldo von Ranke nas linhas iniciais do livro:

Contar o que houve, no estreito mas probo objetivo da História, segundo o conceitarraz de mestre Leopoldo Ranke, é em suma a pretensão de quem se resolveu a arrancar das meias palavras e subentendidos e das alusões molestas e francas, na publicidade de impressos, na reserva de papéis de Estado, e de escritos privados, alguns elementos para o estudo do primeiro monarca e o entalhe do perfil da brasileira [...]. O esquecimento, a gente contratador de ruínas, dá-se ao luxo de muitas vezes transformar de todo as vítimas de seu bioco. Paredes de granito, tronqueiras de cabiúna, pode ser que se as não reconheçam com o tempo, senão depois de as ter desembaraçado do espessor das ervas que as encoifem. São os colaboradores do Abandono, artistas de metamorfoses, quando não de deteriorações...⁴⁷⁶

⁴⁷⁵ ABREU, Capistrano. Um livro sobre a Marquesa de Santos. *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*. 2ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976, p. 98.

⁴⁷⁶ RANGEL, Alberto. *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos*: a vista de cartas íntimas e de outros documentos públicos e particulares. Paris: Arrault, 1928, p. XII-XIII.

A defesa pela busca documental da história do Brasil também foi motivo de argumentos em que critica a falta de esforços deste rumo e que se não houve mudanças “jamais nos historiaremos”, pois deste modo ficariam sempre presos as ficções, onde “prolongar-nos-emos através da humanidade com boatos”⁴⁷⁷. Com intuito de reconstituir um pouco da verdade a esta “terra aliás sempre infensa às descobertas da Verdade”⁴⁷⁸, o historiador pernambucano estabelece a importância da presença das testemunhas na história, mas, principalmente – tal como aponta a *autópsia* de Tucídides indicando que até mesmo o olhar requer o filtro da crítica – era necessário colocá-las perante o tribunal da revisão para serem novamente julgados: “A História não sendo o Estyge, irremediável, ou dois réus, os numerosos cúmplices e as próprias testemunhas não de ser trazidos, sob a égide de tais sentimentos, à barra de um tribunal de revisão”⁴⁷⁹.

Após a primeira publicação de caráter histórico o escritor não seguiu apenas nos mesmos moldes em sua bibliografia alterando gêneros, sejam de ficção, memórias, e retomando à História em outros. Exemplo disso foi a edição seguinte *Quando o Brasil Amanhecia*, de 1919, tratado como uma literatura histórica, uma fantasia com presença da verdade. Escrita nos anos de 1917 e 1918, “raladas no arrocho da penúria e nas inquietudes da esperança” durante os anos da Grande Guerra fora um incentivo a formulação dos contos: “meio de passar o tempo de insociabilidade [...] tracejaram-se e bordaram-se no bastidor da História pátria estas páginas de petulante e desconcertada inventiva”⁴⁸⁰. A ficção seria então sua escapatória do mundo, o modo de fugir brevemente da realidade: “A ficção fez da realidade dos annaes um casulo para o ameno capricho de rompel-o de vez em quando”⁴⁸¹.

A maneira de escrever história destacada pelo tratamento com os documentos surge novamente em ao menos dois momentos de sua vida. Com as publicações *Textos e pretextos*, de 1926, isto é, dez anos após o livro do relacionamento do primeiro imperador com a Marquesa de Santos e, na obra *No Rolar do Tempo* escrito ao fim de sua vida. A primeira apresenta novamente uma colocação ao historicismo embora, desta vez, abra um espaço para as críticas formuladas à escola realçando mais uma vez uma aproximação para compor as linhas e buscar a verdade: “Para dar base á discussão dos casos e dos tempos, será indispensavel anteriormente restabelecer as occurencias dos episodios nas suas peripecias diversas, mantendo-as nas

⁴⁷⁷ Ibidem, p. XIV.

⁴⁷⁸ RANGEL, *Águas Revessas*, vol. 1, op. cit., p. 365.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. XVIII.

⁴⁸⁰ RANGEL, *Quando o Brasil amanhecia (fantasia e passado)*. Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1919, p. XVII.

⁴⁸¹ Ibidem, p. XVII-XVIII.

paragens seguras do Real ou pelo menos nas suas adjacências mais abordáveis...”⁴⁸². Diferente da obra de 1916 não colocou a função crítica ao lado do historicismo, mas reafirmou a importância da História para se “contar precisamente” e, mais do que isso, a busca por testemunhas que digam a verdade: “na referencia a datas certas e testemunhas verazes ou fidedignas distingue-se a Historia das historias de Trancoso...”⁴⁸³. Por fim, em 1937, novamente evidenciou o valor dos documentos na História uma vez que estes serviriam para apoiar os fatos antigos.⁴⁸⁴

Afinal, ao que tudo indica, a abordagem historiográfica de Alberto Rangel denota uma procura constante pela verdade do acontecimento histórico, passível de ser alcançado por intermédio dos documentos, bem como realizou e ressaltou nas obras supracitadas resultados de suas pesquisas na Europa. Mas, e frente ao evento histórico vivendo o presente dos “dias históricos e sangrentos? Se colocou como uma testemunha ou como um historiador? Ou, além disso, em vista de seu trabalho mais conhecido, posicionou-se como um literato que traz a realidade por meio da ficção? Diante do que foi exposto a respeito de nossas fontes, a solução de Rangel foi apontar uma confusão de verdades durante a Grande Guerra e, com isso, apegar-se as anotações fiéis das impressões cotidianas e subjetivas: narrar a realidade através das sensações, seja ver e ouvir, mas sem negar, sobretudo, o valor do poetizar e do razoar, isto é, as marcas de seu estilo literário ao mesmo tempo de sua preocupação analítica e crítica vinculada ao papel de historiador.

⁴⁸² RANGEL, Alberto. *Textos e pretextos: incidentes da chronica brasileira à luz de documentos conservados na Europa*. Tours: Typographia de Arrault e Comp, 1926, p. 1.

⁴⁸³ Ibidem, p. 2.

⁴⁸⁴ RANGEL, *No rolar do tempo...*, op. cit., p. 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionar a perspectiva de um indivíduo em relação a um evento histórico foi o fio condutor do presente trabalho, especialmente, quando tratamos de um caso característico como o de Alberto Rangel, um intelectual brasileiro em fase de formação como historiador e que, por acaso, é obrigado a interromper sua pesquisa histórica para dar atenção a um dos principais acontecimentos do século XX, a Primeira Guerra Mundial. Em meio ao violento cenário do conflito buscou refugiar-se junto de sua família num local afastado da capital francesa a fim de se proteger. De lá, entre as diversas possibilidades de tarefas cotidianas, optou por registrar os episódios históricos lançando-se a escrita de uma obra cujo caráter ressaltava não apenas os fatos que marcariam as páginas da história, mas igualmente as cenas do seu dia a dia, enfatizando a compreensão e a vivência própria diante de tudo que se passava.

A pergunta guia “como Rangel narrou a guerra?” proporcionou múltiplos desdobramentos traduzidos tanto em novas questões quanto debates. A fim de compreender e delimitar caminhos viáveis, o primeiro passo foi investigar o “como” da pergunta ao voltarmos nosso olhar diretamente para uma interpretação da parte prática de seu gesto, isto é, o material escolhido pelo escritor pernambucano. Diante do desafio do registro optou pelo diário e pelas correspondências enviadas aos amigos para documentar o evento, suportes textuais que englobam o atual universo da *escrita de si* e que permitem, em razão de suas qualidades, uma narrativa de caráter livre – sem regras formais impositivas de sua feitura, com exceção apenas do comprometimento com a produção diária através dos registros/entradas –, o que facilitou abordar temas cotidianos de sua escolha sejam eles a guerra ou fatos rotineiros, dar espaço ao *eu* da escrita valorizando a óptica do indivíduo e sua personalidade, espaço que utilizou não apenas para expor seus sentidos e sentimentos, mas igualmente para produzir argumentos e discussões, função associada ao intelectual e historiador.

A trajetória profissional de Alberto Rangel até o ano de 1914, momento em que escreve a obra *Quinzenas de campo e guerra*, denota uma variedade de composições literárias realizadas anteriormente, publicadas ou em andamento, como a pesquisa histórica interrompida, com destaque para seu trabalho ficcional *Inferno Verde* o qual lhe garantiu reconhecimento no mundo das letras do início do século XX. A sua experiência profissional como escritor reforça a dimensão de suas preferências ao aventurar-se em narrativas de semelhantes gêneros dos quais valorizam o papel do indivíduo distinguindo-se dos esforços já conhecidos, como a ficção, a crítica, todos ligados ao Brasil de alguma forma. Por outro lado, o percurso de sua vida demonstra relações existentes entre os aspectos da trajetória vivida até a Grande Guerra com

parte de suas revelações no diário e nas cartas, tais quais as opiniões de âmbito militar e político justificadas por sua formação militar e, ao mesmo tempo, defensor da monarquia brasileira.

Mesmo à distância da terra natal ao mudar-se definitivamente para França manteve contato com os amigos. Nomes como os de Afonso Taunay, Capistrano de Abreu, José Félix Pacheco, Francisco Venâncio Filho, João Lúcio de Azevedo, Antônio Pacheco Leão, Martim Francisco Ribeiro de Andrada (neto), dentre outros que compõem a lista daqueles que Rangel tratou sobre o evento histórico de alguma maneira e modo similar ao *journal* pontuando livremente o tema “guerra”, neste caso em diálogo com um *outro* presente, fora, é claro, os demais que integram a sua rede de sociabilidade, mas que não são mencionados na presente pesquisa em razão dos recortes delimitados. A relação epistolar entre o autor e os distantes apresentaram igualmente preocupações/opiniões similares e distintas da obra, ademais, expôs o processo de sua feitura desde a divulgação do projeto iniciado em agosto de 1914, aos primeiros resultados e pareceres, as dificuldades de sua realização, os esboços de títulos, as inquietações relativas à publicação e possível recepção, e, inclusive, um parecer posterior do próprio escritor.

As cartas reforçam a noção inicial de Rangel acerca da dimensão do conflito no momento de sua origem quando decide tomar as notas das impressões cotidianas de Cuissy. A localização do refúgio foi fundamental como proposta para a tensão que intitula a obra entre o campo que observava e a guerra ao seu redor. A natureza, representada pelo primeiro, simbolizava o aspecto universal que circunda a vida demonstrando-se maior e independente das ações humanas, sobretudo, a crueldade exposta pela conflagração. Em sua própria leitura reconheceu os esforços desempenhados na publicação de 1915 enxergando neles o trabalho de uma corajosa oração, uma ocasião que se fez soldado, se não do front, das letras.

Embora não tenha sido possível afirmar por meio de suas correspondências qual fora a recepção do público brasileiro, tanto a obra quanto as cartas retratam uma perspectiva de cunho subjetivo e característico à vivência e à visão de um civil longe das batalhas, porém, próximo de seus efeitos. A presença no país estrangeiro proporcionou um contato singular diante dos acontecimentos, sentidos por outros brasileiros de mesma posição sejam ali ou em outras nações envolvidas no conflito. Observar e sentir os impactos diretos da conflagração e situar-se na região e na cultura de cada lugar foram elementos considerados fundamentais entre aqueles que debatiam publicamente no cenário intelectual brasileiro. Nesse sentido, as testemunhas possuíam valor destacado especialmente como fontes ou evidências para as alegações formadas nesta disputa política sejam a favor ou contra determinados grupos de nações participantes.

Nota-se isto nos comentários de Rangel, os quais seguiram o posicionamento daqueles que defendiam a França diante das ameaças da Alemanha e foram justificados possivelmente pela sua proximidade geográfica, cultural e educacional. Os argumentos explícitos pró franceses foram muitas vezes similares ao daqueles presentes no Brasil, sobretudo, nas associações de cunho ofensivo aos invasores e as denúncias de crueldades realizadas por eles. Entretanto, antes mesmo de assumir em próprias palavras o discurso *francófilo* da obra, assistindo a dimensão sem precedentes que rumava o conflito, Alberto Rangel condenou frequentemente a guerra, como cultura e conduta, denunciando acima de tudo o próprio ato de guerrear.

A violência foi um dos principais alvos de suas críticas ressaltando constantemente os terríveis cenários das trincheiras que chegavam aos seus ouvidos. Ademais, observou de perto as consequências das brutalidades em episódios do dia a dia como a situação dos refugiados que atravessavam Cuissy. Mas, além de ouvir e ver, a proximidade dos fatos proporcionaram à testemunha civil e estrangeira a sentir diretamente seus principais efeitos: daqueles que registrou no conjunto documental destacam-se a procura por alimentos, a situação econômica precária da Europa, os anseios e preocupações com a invasão, o ataque aéreo por bombardeios à capital francesa, e, por que não, os frutos maléficos de uma nova geração daquele mundo, papel atribuído à modernidade.

A partir de suas experiências diante do evento elaborou a sua própria versão da Grande Guerra através do relato pessoal. Concedeu valores e múltiplos significados ao conflito, trabalhando diversas ferramentas literárias que pudessem dar ao máximo a representação que buscava para retratar a Grande Guerra. Esses esforços narrativos observados principalmente em *Quinzenas de campo e guerra* foram associados a outra produção anterior de sua carreira em que revela aspectos similares a ela. A obra *Inferno Verde* fora fruto de inspiração de sua vivência em terras amazônicas proporcionando um capítulo que associava diretamente um dos episódios pessoais a uma narrativa testemunhal em formato de conto literário. Assim, o empenho de 1914 não foi um projeto inaugural cuja proposta relaciona diretamente a realidade com o conteúdo do texto, algo próximo ao depoimento testemunhal, e sim, realizado anteriormente em 1908.

Entre os comentários e reflexões formulados pelo historiador pernambucano no livro e nas epístolas desde o ponto de partida da conflagração aos anos do pós-guerra destacou-se a análise proveniente de sua estadia nos campos franceses estampada nos dois elementos presentes no nome do diário. Com objetivo de expor a relação existente de sua realidade, entre a vida rural de Cuissy e o contexto das batalhas, criou uma tensão entre o *campo* e a *guerra*

frequentemente observado na narrativa. Esta associação foi desenvolvida por ao menos três maneiras e que de todas as formas manifestam o discurso de Rangel contra a guerra e a favor da paz, esta, caracterizada pelo papel do campo/natureza, como elemento universal, diante da guerra.

Em meio ao amplo cenário de edições produzidas a respeito da guerra e de cunho testemunhal, durante e após os acontecimentos, compreendemos a necessidade de se olhar para esse universo de narrativas e entender melhor o testemunho de Rangel. Questionar seu testemunho passa, sobretudo, a qualidade da própria testemunha, saber quem pode incorporar ou não seu papel. Para tanto, observamos alguns casos notórios de trabalhos contemporâneos ao evento que evidenciavam normas ou fundamentos que respondessem a esse problema e, associando ao depoimento testemunhal de Rangel, pudemos entender no universo de possíveis representações da guerra, tanto aproximações quanto distanciamentos daquilo que foi pensado e proposto no diário e nas cartas com o que se defendia naquela altura.

Dentre as distinções restou a sua categoria de civil, inválida para uma linha de raciocínio que colocava como testemunha válida apenas os combatentes e de patentes menores, isto é, aqueles que de fato vivenciaram a realidade das trincheiras. Contudo, como pudemos ver, isso não impossibilitou tratar seu relato como um testemunho, pois ainda que fosse possivelmente tratada como inválida para uma perspectiva teórica, ainda que por meio de nosso exercício comparativo, não significou sua ausência do que foi a Grande Guerra, mas sim, a experiência de efeitos diferentes dos soldados devido a sua posição de civil expondo assim a perspectiva pessoal do que viu dela, registrando a sua versão do que foi a sua guerra. Mais do que isso, é necessário valorizar cada registro porque fazem parte de uma gama de retratos, um universo de possíveis representações desse episódio marcante da primeira metade do século XX.

As aproximações entre algumas das noções primordiais do testemunho revelaram a importância do modo como Rangel tratou a exposição de seus sentidos como parte integrante do seu depoimento. Ao mencionar aquilo que viu e ouviu deu valor não apenas a sua posição e aos fatos que assistia, mas igualmente ao dos outros que se tornavam presentes através de suas palavras. Ademais, agregou ao depoimento traços pessoais advindos da carreira de literato e historiador poetizando suas observações ao leitor pelo estilo descritivo empregado e, também, razoando em diversos instantes, expondo histórias, argumentos e reflexões.

Ao abrir a série de questionamentos relacionadas ao papel do testemunho, foi preciso pontuar um vínculo implícito entre as categorias assumidas por Alberto Rangel enquanto testemunha e, ao mesmo tempo, historiador. Se a solução para o problema dessa combinação seria o distanciamento entre elas para o narrador tomando para si o cargo de apenas uma por

razões conceituais, a resposta de Rangel foi apegar-se aos valores de ambas categorias, ao compor uma narrativa tratando a si como um observador direto transpondo sua realidade por meio de seus sentidos sem negar a importância dos documentos e da busca pela verdade e, acima disso, elaborando análises críticas dos acontecimentos, um atributo do historiador.

Assim, as múltiplas dimensões que englobam um estudo sobre a perspectiva de Alberto Rangel acerca da Primeira Guerra Mundial revelaram esforços que pudessem compreender diferentes seguimentos, desde uma narrativa sobre si ao testemunho do autor, esforços que denotam uma intenção de, acima de tudo, preservar a memória pessoal e coletiva dos acontecimentos históricos. Esse empenho de Rangel lembra, principalmente, as palavras ditas à Venâncio Filho após concluir o primeiro volume de suas memórias declarando seus motivos: a proximidade dos seus últimos anos de vida e, sobretudo, sua vontade de oferecer um testemunho aos processos de sua geração ressaltando as tristezas que experienciou e, além de tudo, oferecer algo ao Brasil futuro.

FONTES

Obras

RANGEL, Alberto. *Quinzenas de campo e guerra: Journal de um estranho em Cuissy sobre o Loire*, França. Tours: E. Arrault et Cie, 1915.

_____. *Águas Reversas (1871-1900)*, vol. 1 e 2. In: TONIN, Fabiana. *Águas Reversas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Originais depositados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro; cópias depositadas no CEDAE/IEL/Unicamp: Campinas.

Correspondências enviadas

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 26 de junho de 1914 – *Arquivo Nacional*, Fundo Alberto do Rego Rangel, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 15 de agosto de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 15 de setembro de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 3 de outubro de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 5 de dezembro de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 10 de dezembro de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 11 de janeiro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 21 de janeiro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 15 de fevereiro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 21 de março de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 8 de abril de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 12 de abril de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 17 de abril de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 25 de abril de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, 30 de junho de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 2 de agosto de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 5 de agosto de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 12 de agosto de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 15 de setembro 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 19 de setembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Cuissy, 1 de outubro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 14 de outubro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 8 de novembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 18 de novembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 12 de dezembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 14 de abril de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 7 de julho de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 1 de setembro de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 20 de setembro de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 1 de março de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 20 de março de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 31 de maio de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 8 de junho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 26 de junho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, 28 de junho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 25 de julho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 7 de agosto de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 22 de agosto de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, St. Jean de Monts, 27 de agosto de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Saint Jean de Monts, 18 de setembro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 10 de outubro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 11 de outubro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 19 de outubro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 13 de dezembro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 29 de dezembro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 12 de fevereiro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 15 de março de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 9 de julho de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 14 de setembro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 4 de outubro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 23 de dezembro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 3 de abril de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 21 de abril de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 24 de abril de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 8 de maio de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 23 de julho de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 25 de julho de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 31 de julho de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 11 de agosto de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 22 de agosto de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 21 de outubro de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 17 de novembro de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 17 de novembro de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 19 de fevereiro de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 21 de abril de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 5 de maio de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 13 de abril de 1922 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, 1923 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 6.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Cuissy, 12 de agosto de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Cuissy, 20 de setembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Paris, 11 de maio de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Paris, 24 de julho de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Eu, 20 de julho de 1925 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Antônio Pacheco Leão, Londres, 17 de abril de 1927 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Capistrano de Abreu, Paris, 12 de novembro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Edgar Roquette-Pinto, Paris, 12 de setembro de 1923 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Cuissy, 10 de setembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 17 de novembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 1 de março de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Cuissy, 17 de setembro de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 10 de maio de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, La Guerche de Bretagne, 4 de maio de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 11 de novembro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 11 de dezembro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Paris, 15 de novembro de 1922 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Francisco Venâncio Filho, Nova Friburgo, 15 de novembro de 1944 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 5.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Gastão Cruls, Paris, 10 de maio de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Gastão Cruls, Paris, St. Jean de Monts, 08 de junho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a João Lúcio de Azevedo, St. Jean de Monts, 25 de julho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a José Felix Alves Pacheco, 23 de janeiro de 1924 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a José Leopoldo de Bulhões Jardim, Paris, 19 de maio de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Cuissy, 29 de outubro de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Cuissy, 30 de novembro de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 2 de abril de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 30 de outubro de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Cuissy, 5 de agosto de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 9 de maio de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 14 de maio de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 25 de maio de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 16 de junho de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 15 de agosto de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 17 de novembro de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 24 de abril de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 20 de abril de 1917 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 27 de outubro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 18 de outubro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 06 de fevereiro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, La Guerche de Bretagne, 30 de abril de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, St. Jean de Monts, 08 de junho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, St. Jean de Monts, 26 de junho de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, St. Jean de Monts, 10 de agosto de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 12 de janeiro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 26 de janeiro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 29 de março de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, abril de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 30 de maio de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 8 de junho de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 14 de setembro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 5 de novembro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 24 de dezembro de 1919 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 5 de setembro de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 25 de fevereiro de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 15 de outubro de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 25 de dezembro de 1920 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 25 de janeiro de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 22 de fevereiro de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 18 de março de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 14 de abril de 1921 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 15 de novembro de 1922 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 28 de abril de 1922 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Paris, 25 de maio de 1922 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 1 de outubro de 1923 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 1 de janeiro de 1923 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Londres, 1 de fevereiro de 1924 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 15 de janeiro de 1924 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Martim Francisco Ribeiro de Andrada, 1925 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 4.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Severiano Nunes Cardoso de Rezende, 15 de novembro de 1923 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Severiano Nunes Cardoso de Rezende, 1935 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Tobias do Rego Monteiro, Paris, 23 de setembro de 1923 – *Arquivo Nacional*, caixa 12, pacote 3.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 13 de junho de 1917. *Arquivo Permanente Museu Paulista/Fundo Museu Paulista* (3ª entrada), pasta 295.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 19 de novembro de 1918. *Arquivo Permanente Museu Paulista/Fundo Museu Paulista* (3ª entrada), pasta 295.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, 1920. *Arquivo Permanente Museu Paulista/Fundo Museu Paulista* (3ª entrada), pasta 295.

Carta de Alberto do Rego Rangel a Afonso d'Escragnolle Taunay, Paris, 10 de fevereiro de 1920. *Arquivo Permanente Museu Paulista/Fundo Museu Paulista* (3ª entrada), pasta 295.

Correspondências recebidas

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1914 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 3 de março de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 7 de março de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 31 de março de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 2 de abril de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1915 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1916 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Luis Gastão d'Escragnolle Dória a Alberto do Rego Rangel, Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1918 – *Arquivo Nacional*, caixa 13, pacote 7.

Carta de Washington Luís a Alberto Rangel, Nice, 28 de dezembro de 1935 – *Arquivo Nacional*, Fundo Alberto do Rego Rangel, caixa 13, pacote 2.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Capistrano de. *Correspondência de Capistrano de Abreu*, vol. 3. Organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1956.

_____. Um livro sobre a Marquesa de Santos. *Ensaio e Estudos (Crítica e História)*. 2ª série, 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1976.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

ALMEIDA, Carlos Roberto de Melo. *A Grande Guerra (1914-1918) e os boletins semanais de Júlio Mesquita*. 2017. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

ANDRADE, Romulo de Paula. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta: Getúlio Vargas e a revista "Cultura Política" redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum*, Belém, v. 5, n. 2, p. 453-468, maio-ago. 2010.

ANHEZINI, Karina. Correspondência e escrita da história na trajetória intelectual de Afonso Taunay. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 32, p. 51-70, 2003.

_____. Desnudar a historiografia na Primeira República: Alberto Rangel e Afonso Taunay na construção da Marquesa de Santos. In: BENTIVOGLIO, Júlio; NASCIMENTO, Bruno César (Org.). *Escrever História: historiadores e historiografia brasileira nos séculos XIX e XX*. 1 ed. Vitória: Editora Milfontes, 2017, p. 189-205.

_____. *Um metódico à brasileira: A História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 85-94.

ARMANI, Carlos Henrique. O front como experiência da temporalidade: crise da civilização, falência representacional e alteridade. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 32, p. 87-101, 2006.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 21, p. 9-34, 1998.

AUBERT, Nathalie. “‘We have nothing better than testimony:’ History and memory in French war narratives.” *Journal of European Studies*, vol. 45, n. 4, p. 287-300, 2015.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane; BECKER, Annette. Violência e consentimento: a “cultura de guerra” do primeiro conflito mundial. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 237-256.

BECKER, Annette. A Primeira Guerra Mundial, um laboratório para o século. In: CORREIA, Sílvia; MORELI, Alexandre (org.). *Tempos e espaços de violência: a Primeira Guerra Mundial, a desconstrução dos limites e o início de uma nova era*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019, p. 243-260.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

_____. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BRUM, Cristiano Enrique de. A missão médica brasileira na Primeira Guerra Mundial através de relatos e memórias de seus participantes. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 42-60, jan./jun. 2015.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, p. 43-58, 1998.

CARVALHO, Ronald de. Alberto Rangel, novelista da crônica brasileira. In: _____. *Estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: N. Aguilar; Brasília: INL, 1976.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

COMPAGNON, Olivier. *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

COPPES JR. Gerson Ribeiro. “*Um problema histórico-geográfico*”: Emergências de um saber geográfico no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Uma geografia para e das bandeiras. (1894-1954). 2021. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2021.

CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 650-673, jul./dez. 2014.

_____. Escrita de guerra como metáfora rememorativa da vida: uma análise das cartas dos soldados portugueses na Primeira Guerra Mundial. In: CALDEIRA, Ana Paula Sampaio; MARCELINO, Douglas Attila (orgs.). *Lugares e práticas historiográficas: escritas, museus, imagens e comemorações*. Curitiba: Editora CRV, 2021, p. 207-222.

_____. *Entre heróis e mortos: políticas da memória da I Guerra Mundial em Portugal (1918-1933)*. Rio de Janeiro: 7 letras: FAPERJ, 2015.

DIAZ, Brigitte. Carta e diário no século XIX: influências e confluências. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, abr. - jun. 2014, p. 235.

_____. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2016.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

_____. “O tempo refletido”. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 5, n. 1, 2001, p. 81-86.

DUMOULIN, Olivier. *O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DUQUE-ESTRADA, Osório. Registro Literário: Quinzenas de campo e guerra de Alberto Rangel. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1915.

DUTRA, Firmo. O Mito do Inferno Verde. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 29 de maio de 1966.

_____. O conde d'Eu visto por Alberto Rangel. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1958.

ERMACORA, Matteo. Civilian Morale. 1914-1918-online. *International Encyclopedia of the First World War*, p. 1-21, 2015.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. Postais do inferno: o mito do passado e as ruínas do presente em Alberto Rangel. In: CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 221-227.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Nova Vega, 2012, p. 129-160.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 21, p. 59-87, 1998.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001, p. 85-94.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 21, p. 121-127, 1998.

_____. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONTIJO, Rebeca. *O velho vaqueano Capistrano de Abreu (1853-1927): memória, historiografia e escrita de si*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

GRIECO, Agrippino. Alberto Rangel. In: _____. *Gente nova do Brasil – veteranos e alguns mortos*. São Paulo: José Olympio, 1948, p. 398-412.

_____. História e biografia. In: _____. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933, p. 180-192.

GUILLON, Jean-Marie. Jean Norton Cru, littérature et témoignages de la Première Guerre mondiale. *Cahiers d'Études Germaniques*, v. 66, p. 187-196, 2014.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Da Escola Palatina ao Silogeu*: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007.

HARDMAN, Francisco Foot. Visões de guerra: o Brasil na crise da civilização, In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra (Org.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998, p. 185-186.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *Escritas epistolares*. São Paulo: Edusp, 2016.

HARTOG, François. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOMET, Juan B. *Diário de um argentino - soldado en la guerra actual*. Quito: Imp. de El Ecuatoriano, 1918.

HORNE, John. Entre expérience et mémoire: les soldats français de la Grande Guerre. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, vol. 60, n. 5, p. 903-919, 2005.

KRAMER, Alan. Atrocities. 1914-1918-online. *International Encyclopedia of the First World War*, p. 1-20, 2017.

LACOSTE Charlotte. L'invention d'un genre littéraire: Témoins de Jean Norton Cru. *Texto!*, vol. XII, n. 3, p. 1-17, jul. 2007.

LEANDRO, Rafael Voigt. *Alberto Rangel e seu projeto literário para a Amazônia*. 2011. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

_____. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. 2ª ed. Trad. de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e terra, 2004.

LIMA, Alceu Amoroso. No limiar do Brasil. In: _____. *Primeiros Estudos: contribuição à história do modernismo literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1948, p. 233-237.

LOPES, Jorge Domingues. As dimensões da humanidade em “Inferno verde”, de Alberto Rangel. *Revista MOARA*, Belém, nº 20, p. 103-113, jul./dez. 2003.

LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MALATIAN, Teresa. A construção do convencimento: Júlio Mesquita e os Boletins de Guerra do jornal O Estado de S. Paulo (1914-1918). *Patrimônio e Memória*, São Paulo, Unesp, v. 9, n. 2, p. 205-219, jul.- dez, 2013.

_____. Cartas: Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 195-221.

MAUL, Carlos. Os alemães no Brasil. Um livro do Sr. Alberto Rangel e os Srs. Lauro Müller e Felipe Schmidt. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1915.

MEYER, Augusto. Ficção e Realidade. In: _____. *Preto e Branco*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1956, p. 141-146.

MORAES, Péricles. *Intérpretes da Amazônia*. Manaus: Valer, 2001.

MURARI, Luciana. *Natureza e cultura no Brasil: 1870 a 1922*. São Paulo: Alameda, 2009.

_____. *Tudo o mais é paisagem: representações da natureza na cultura brasileira*. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973.

NICOLAZZI, Fernando. O narrador e o viajante: notas sobre a retórica do olhar em *Os sertões*. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 2, p. 67-85, 2009.

NOGUEIRA, Nathália Sanglard de Almeida. Sobre o olhar, o testemunho e a experiência de Euclides da Cunha nos sertões baianos. *ARS HISTORICA*, v. 6, p. 128-147, ago./ dez. 2013.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.

OLIVEIRA, Maria da Glória. *Crítica, método e escrita da história em João Capistrano de Abreu (1853-1927)*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PAIVA, Marco Aurelio Coelho de. *O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel*. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 13, n. 26, p. 332-362, jan./abr. 2011.

PEREGRINO Jr. O Regionalismo na Ficção. Grupo Nortista. In: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil – Vol. II*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1955-59.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Cinquenta anos de literatura*. MEC: Rio de Janeiro, 1952.

PIRES, Livia Claro. *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PROCHASSON, Christophe. “Atenção: Verdade!” Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 21, p. 105-119, 1998.

_____. Les mots pour le dire: Jean-Norton Cru, du témoignage à l’histoire. *Revue d’histoire moderne & contemporaine*, vol. 48, n. 4, 2001.

_____. Los intelectuales franceses y la Gran Guerra. Las nuevas formas del compromiso. La Gran Guerra de los intelectuales: España em Europa, *Ayer*, 91, p. 33-62, 2013.

_____. Sur les atrocités allemandes: la guerre comme représentatio. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, vol. 58, n. 4, p. 879-894, 2003.

QUEIROZ, José Francisco da Silva. Amazônia: Inferno Verde Ou Paraíso Perdido? Cenário e território na literatura escrita por Alberto Rangel e Euclides da Cunha. *NOVA REVISTA AMAZÔNICA*, v. 03, p. 11-32, 2017.

_____. *Amazônia: um inferno inventado*. In: XIV Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2015, Belém. XIV ABRALIC Anais Eletrônicos. Belém: Universidade Federal do Pará, 2015. v. 1. p. 631-642.

RANGEL, Alberto. Aspectos gerais do Brasil. *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXXVI, parte I, 1913, p. 453-518.

_____. *Dom Pedro I e a Marquesa de Santos: a vista de cartas intimas e de outros documentos públicos e particulares*. Paris: Arrault, 1928.

_____. Fóra da Forma. *A Federação: Orgão do Partido Republicano Federal*, Amazonas, 5 de outubro de 1900.

_____. *Inferno Verde: scenas e escenarios do Amazonas*. Tours: Arrault & Cia, 1927.

_____. *No rolar do tempo (opiniões e testemunhos respigados no Arquivo do Orsay – Paris)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.

_____. O anjo e o turíbulo. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 31 de março e 07 de abril de 1946.

_____. Os sertões brasileiros. Conferências nacionalistas da Biblioteca Nacional em 17 de junho de 1913. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional.

_____. Pedro I e a Marqueza de Santos (excerpto). *RIHGB*, Rio de Janeiro, tomo LXXVI, parte I, 1913, p. 3-19.

_____. *Rumos e perspectivas (discursos e conferências)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

REMARQUE, Erich Maria. *Nada de novo no front*. Trad. de Helen Humjanek. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RIDEL, Charles. Propaganda at Home (France). 1914-1918-online. *International Encyclopedia of the First World War*, p. 1-15, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

_____. O local do testemunho. *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.

SELIGMANN-SILVA, Mário (Org.). *História, memória e literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). *Escritas da Violência, vol. I: o testemunho*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

SILVA, Allison Marcos Leão da. *Representações da natureza na ficção amazonense*. 2008. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.

SILVA, André Felipe Cândido da. Nas trincheiras do front intelectual. Henrique da Rocha Lima e a Primeira Guerra Mundial no Jornal do Commercio. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 31, n. 57, p. 635-671, set./dez. 2015.-

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antônio (Org.). *Grandes Nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

_____. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas, SP: Papirus, 2002.

SIMAS, L. G. Elucidário de Inferno Verde, de Alberto Rangel. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, ano XVI, n. CXXVII, set. 1949, p. 127-230.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, Réne (Org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-270.

_____. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 259-279.

TIN, Emerson. *Monteiro Lobato e o “Grande Opilado”*: cartas a Alberto Rangel. Anais XI Congresso Internacional da ABRALIC, São Paulo, 2008.

TONIN, Fabiana Bigaton. *Águas revessas: confluências da memória, literatura e história nas memórias inéditas de Alberto Rangel*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. (Org.). *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV/FAPERJ, 2013.

VIANNA, Hélio. Centenário de Alberto Rangel. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 294, p. 237-254, 1971.

_____. Historiadores Brasileiros - Alberto Rangel. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 de junho de 1958.

WINTER, Jay. 1918 e a segunda Grande Guerra. In: CORREIA, Sílvia; MORELI, Alexandre (orgs.). *Tempos e espaços de violência: a Primeira Guerra Mundial, a desconstrução dos limites e o início de uma era*. Rio de Janeiro: Autografia: PPGHIS, 2019, p. 21-43.